Padres Népticos

FILOCALIA

VOLUME V

SIMEÃO O NOVO TEÓLOGO
A
GREGÓRIO O SINAÍTA

Tradução do grego
Jacques TOURAILLE
Abbaye de BELLEFONTAINE
Sob supervisão do
Pe. Boris BOBRINSKOY

Tradução
Luis KEHL

M M X I I

A todos os mestres,
para retribuir e para transmitir.

AMARRA TEU BARQUINHO
NO NAVIO DE TEUS PAIS.

SIMEÃO O NOVO TEÓLOGO

CAPÍTULOS PRÁTICOS E TEOLÓGICOS

Simeão o Novo Teólogo

Nosso santo Padre Simeão, pela graça da Teologia que lhe foi dada por Deus, foi chamado de Novo Teólogo. Ele viveu sob o reinado de Constantino Porfirogeneta, ao redor do ano mil. Ele foi discípulo de Simeão dito o Piedoso. Levado por ele aos combates da ascese, ele alcançou tamanha altura de virtude e de impassibilidade, tornando-se assim digno de uma tal graça divina, que é quase impossível transmitir aquilo que nos confiou por intermédio da Escritura e que sua biografia relata amplamente, como nenhuma outra desdobrada sobre inúmeras frentes. Pois ele recebeu, por assim dizer, todo o poder do Consolador. Tornado vaso de seu esplendor, ele foi uma fonte de teologia, um lugar de iluminação divina, uma moradia deliciosa dos mistérios indizíveis onde habitam, numa palavra, a sabedoria espiritual e o conhecimento de Deus. Iluminado por este conhecimento, ele compôs escritos de todos os tipos, fortemente confiáveis, em verso e prosa, dentre os quais escolhemos e inserimos neste livro os textos a seguir e alguns que foram traduzidos em linguagem mais simples no final desta obra, que virão em auxílio de muitos. Pois eles poderão fazer um bem imenso aos leitores.

*

Um milênio depois de são João o Teólogo, com a secreta e espantosa convicção do testemunho visual e místico, são Simeão o Novo Teólogo afirma que, no coração crucificado do criado, Deus é um corpo de luz inacessível e perceptível, e que este corpo de Cristo, por pura graça, é também o nosso. Mensagem crucial, que, depois da “implosão” hesiquiasta dos séculos XIII e XIV, secretamente irrigou até os nossos dias o coração do abismo histórico no qual afundou

profeticamente a civilização bizantina. Mas em primeiro lugar, mensagem de toda uma vida dedicada ao amor da beleza última.

Nascido em 949 na Ásia Menor, Simeão foi enviado com a idade de onze anos a Constantinopla, para fazer aí seus estudos e servir no ambiente da Corte imperial. Durante toda a sua juventude e até a idade de vinte e sete anos ele foi um homem "do mundo". Mas ele havia conhecido no mosteiro de Stoudios, em Constantinopla, um velho monge, Simeão o Piedoso, que se tornou seu pai espiritual, e ele acabou por viver invisivelmente ligado a este monge e fecundado por seu exemplo. Foi durante este período, e em plena Constantinopla, que ele teve a dupla experiência – fundamental – das beatitudes da teofania luminosa e das angústias da solidão moral em Deus. Tornando-se monge, primeiro no mosteiro de Stoudios onde encontrara Simeão o Piedoso, depois no mosteiro de São Mamas, do qual foi higoumeno de 980 a 1009 e enfim no mosteiro de Santa Marina em Palukiton, às margens do Bósforo, onde permaneceu até sua morte em 1022, ele viveu sempre o amor louco por Deus e pregou suas consequências evangélicas. Pois este penitente, este asceta, este místico, este poeta, era também um apóstolo, um construtor, um reformador dedicado a transmitir aos demais e a permitir aos outros, tanto dentro dos limites da vida monástica como além destes limites, alcançar as graças que ele mesmo recebera, mas que não queria nem poderia impor. Seu apostolado, ou sua catequese, não fazia senão preparar o caminho, dar sentido à ascese, abrir para a obediência, deplorar o pecado, pedir a libertação do mal. Ao final, só importava o selo do Espírito Santo: o amor à beleza, a imagem de Deus encarnada no pai espiritual. A lição é precisa e imensa: estamos no coração da mensagem filocálica

A Filocalia grega nos fornece sob o nome de Simeão o Novo Teólogo uma coletânea composta, bastante limitada mas significativa: 153 capítulos (número "triangular" que lembra os 153 peixes da pesca milagrosa após a ressurreição de Cristo).

Recentemente foram realizadas pesquisas sobre estes "capítulos". Em especial, o hieromonge russo Hilarion (Alfeev), ao preparar uma tese de doutorado em Oxford sobre a obra espiritual de Simeão o Piedoso, tende a demonstrar que os capítulos 121 a 152 (e não apenas os capítulos 127 a 152 como pensava Hausherr) pertencem a este e entram no escopo de seu *Discurso Ascético*; dele seriam também os capítulos 119 e 120, que não fazem parte do *Discurso*.

Quanto ao capítulo 153, ele foi tirado da *Vida de são Simeão o Novo Teólogo*, composta por seu discípulo Nicetas Stethatos. Os últimos capítulos são como um manual de moral prática para uso por monges cenobitas, e testemunham desta sabedoria que permite viver com toda humildade e com toda paz na fronteira entre a solidão e a vida comunitária. Assim, a mensagem de Simeão o Novo Teólogo – esta abertura profética, escancarada sobre o advento do Outro – pode se enraizar e se provar na estrita e justa necessidade das relações humanas.

A coletânea termina no capítulo 153 com a lembrança e o apelo desta abertura. Mas desde antes os 118 capítulos "práticos e teológicos" de próprio punho de Simeão, já deram o tom: somente um amor louco pode ao mesmo tempo separar e unir na vida eterna o século presente e o século futuro. Quem ama o outro a ponto de renunciar a si mesmo, à sua própria vontade, à sua própria alma, morre para o mundo inteiro: diante de si, ao seu redor e em si próprio ele não tem senão o Deus vivo. Tal amor aqui se assemelha à luz que criou o mundo, e ele conduz para além do mundo. Pois daí em diante, o olho do intelecto, diz Simeão, não vê em tudo senão a luz. E o próprio homem, conforme ele afirma no fio tenso dos anacoretas, se torna como luz. Mas paradoxalmente – e este paradoxo é sua profecia e sua modernidade – Simeão retoma o

testemunho mais estreito dos anacoretas para fazê-lo seu no coração da vida comunitária, onde as falsificações e as alterações do amor perfuram os olhos, se podemos nos exprimir assim. Daí vem, nestes capítulos, a denúncia constante de toda vaidade e de toda mentira, e esta exigência total da mais estrita ascese. Mas o Reino de Deus é como um casamento prometido. A ascese não tem aqui outro sentido que o de ser uma garantia de amor: ela significa a fidelidade absoluta do homem. Ela é inteiramente absorvida pelo amor louco por Deus, que é em si sua própria via e sua própria porta. Só uma coisa é necessária, e esta é a mensagem de Simeão: manter a chama.

DE NOSSO SANTO PADRE SIMEÃO O NOVO TEÓLOGO

CAPÍTULOS PRÁTICOS E TEOLÓGICOS

1. A fé consiste em morrer por Cristo e por seus mandamentos; é acreditar que esta morte é uma fonte de vida; é considerar a pobreza como uma riqueza, a baixeza e a humilhação como uma verdadeira glória e uma honraria real; é acreditar que se tem tudo quando não se possui nada[1]; e acima de tudo, é possuir a insondável riqueza do conhecimento de Cristo[2] e ver todas as coisas visíveis como fumaça ou lama.

2. A fé em Cristo consiste não apenas em desprezar os prazeres desta vida, mas, na medida em que o queira Deus e até que ele nos visite, também aguentar e suportar pacientemente toda provação que nos aconteça e nos mergulha na tristeza, na aflição e na infelicidade. Pois foi dito: “Eu tive paciência, esperei pelo Senhor e ele se voltou para mim[3]”.

3. Aqueles que de alguma forma preferem seus pais aos mandamentos de Deus não têm fé em Cristo[4]. Em todo caso, ele serão julgados por sua própria consciência, caso tenham uma consciência viva de sua infidelidade. Pois esta é a marca dos fiéis: jamais transgredir em nada os mandamentos de nosso grande Deus e

---

[1] Cf. II *Coríntios* 6: 10.
[2] Cf. *Efésios* 3: 8.
[3] *Salmo* 39 (40): 2.
[4] Cf. *Mateus* 10: 37.

Salvador Jesus Cristo[5].

4. A fé em Cristo, verdadeiro Deus, engendra o desejo pelo bem e o temor do castigo. O desejo pelo melhor e o temor do castigo fazem com que sejam observados os mandamentos, e esta guarda ensina aos homens sua própria fraqueza. O conhecimento de nossa fraqueza engendra a lembrança da morte. E quem chega a viver com esta lembrança se esforçará por tentar saber o que lhe acontecerá quando deixar e partir desta vida. Ora, quem se dedica sem cessar a conhecer as coisas do século futuro deve antes de tudo se liberar das coisas do século presente. Pois quem permanece passionalmente ligado a estas não conseguirá obter o perfeito conhecimento daquelas. Mas se a economia de Deus lhe permite experimentar as primeiras e se ele não abandona rapidamente aquilo pelo quê e a quê ele se encontra ligado passionalmente, se ele não se aplica por inteiro a este conhecimento, aceitando não pensar em nada senão nele, mesmo a ciência que ele imagina ter lhe será tirada[6].

5. A renúncia ao mundo e a anacorese total, que objetivam nos tornar estrangeiros a todas as coisas desta vida, aos costumes, às opiniões e às pessoas, e que nos levam a negar o corpo e a vontade, se tornam em pouco tempo, para quem fez esta renúncia com ardor, a fonte de um grande benefício.

6. Você que foge do mundo, acima de tudo guarde-se de dar à sua alma a consolação de fazer nele sua morada, ainda que todos os seus pais, parentes e amigos tentem constrangê-lo ao contrário. Isto é o que o demônio lhes sugere para extinguir o fervor do seu coração. Pois mesmo que eles não entravem completamente a resolução, em todo caso eles a tornarão mais débil e fraca.

[5] Cf. *Tito* 2: 13.
[6] Cf. *Lucas* 19: 26.

7. Quando, diante de todos os encantos desta vida você se mantém firma e não se deixa prender, então os demônios, sugerindo aos seus próximos uma suposta compaixão, os fazem chorar e se lamentar diante dos seus olhos, por sua causa. Você saberá o quanto isto é verdade quando, perseverando sem se dobrar a estes ataques, verá de repente os outros se inflamarem com furor e ódio contra você, afastando-se de você como se fosse um inimigo e se recusando a voltar a vê-lo.

8. Quando você vir seus pais, irmãos e amigos aflitos por sua causa, ria-se do demônio que, com suas mentiras, suscita estas coisas contra você. Afaste-se com temor e pressa e ore com fervor a Deus, a fim de alcançar o mais breve possível o porto de um bom pai espiritual, que conceda o repouso à sua alma fatigada e exausta[7]. Pois o oceano desta vida está repleto de causas de perigo e de extrema perdição.

9. Quem quer odiar o mundo deve amar a Deus do fundo da alma e se lembrar sempre dele. Nada como este amor e esta lembrança para nos fazer abandonar todas as coisas com alegria e nos desviarmos delas como se fossem lixo[8].

10. Não vá, por boas ou más intenções [ou: por boas razões que seriam na verdade maus pretextos] se ligar ao mundo, por pouco que seja. Quando for chamado, obedeça prontamente. Nada agrada mais a Deus do que esta prontidão. Pois mais vale uma obediência rápida feita com pobreza, do que uma lentidão feita na abundância de bens.

11. Se o mundo passa e passa tudo o que existe no mundo[9], e se

[7] Cf. *Mateus* 11: 28.
[8] Cf. *Filipenses* 3: 8.
[9] Cf. I *Coríntios* 7: 31.

Deus [único eterno] é incorruptível e imortal, alegrem-se, vocês que por ele deixaram as coisas corruptíveis. Não apenas as riquezas e os bens são corruptíveis, mas ainda todo prazer e fruição ligados ao pecado são também corrupção. Somente os mandamentos de Deus são luz e vida, e são assim chamados por todos.

12. Se você recebeu a chama, irmão, se por causa disto correu para um mosteiro ou para junto de um pai espiritual, ainda que este ou os irmãos que lá estarão se exercitando com você lhe aconselharem a tomar banho, a se alimentar bem ou tomar outros cuidados corporais para seu alívio, não aceite, mas prepare-se sempre para o jejum, a vida dura, a temperança mais extrema. Entretanto, obedeça se seu pai no Senhor lhe ordenar tomar algo para seu conforto, obedeça-o mesmo não fazendo nisto sua própria vontade. Na falta disto, suporte com alegria aquilo que você mesmo se determinou fazer pelo bem de sua alma. Observando esta regra, você será sempre como um homem temperante, que jejua e que renunciou em tudo à própria vontade. Mais ainda: você manterá inextinguível a chama que existe em seu coração e que o obriga a desprezar todas as coisas.

13. Quando os demônios ativaram todos os recursos que estavam em seu poder e não conseguiram reverter o objetivo assinalado por Deus para nós, nem nos impedir de alcançá-lo, eles penetram naqueles que mascaram a piedade e por meio deles se esforçam por criar obstáculos aos ascetas. Primeiro, como se fossem movidos pelo amor ou pela compaixão, eles os exortam a dar repouso a seus corpos para que estes não se enfraqueçam e para que, segundo eles, o asceta não caia na acídia. Depois convidam para conversas inúteis que tomam e desperdiçam todo o dia. Se alguém vendo os monges ferventes, tenta imitá-los, eles se afastam e riem de sua perdição. Se um não se submeter aos seus discursos, mas permanecer estranho a todos, recolhido e reservado, eles farão tudo, usarão de todos os recursos até conseguirem expulsá-lo do mosteiro. Pois a vanglória desprezada não suporta ver diante de si a humildade honrada.

14. O vaidoso engasga ao ver o humilde verter lágrimas e delas receber um duplo benefício: pelas lágrimas, o humilde atrai sobre si a piedade de Deus e, mesmo sem querer, leva os homens a louvá-lo.

15. Uma vez que você se entregou inteiramente ao seu pai espiritual, saiba que você se tornou um estranho a tudo o que você possuía exteriormente, vale dizer, aos afazeres e às riquezas dos homens. Sem seu pai espiritual não tente fazer nada, não se ocupe de nada entre os homens. Não peça a ele que lhe deixe seja lá o que for, pequeno ou grande, se ele espontaneamente não lhe ordenar tomá-la, ou se ele próprio não lha entregar de suas mãos.

16. Sem seu pai espiritual, não faça esmolas dos bens que você trouxe consigo. Também não aceite que sem ele alguém receba destes bens por um intermediário. É melhor ser pobre e estrangeiro e ter esta reputação do que distribuir riquezas e dar aos pobres, quando se pretende entrar para um mosteiro. É próprio de uma fé pura remeter tudo à vontade do pai espiritual, como se fossem as próprias mãos de Deus.

17. Não peça para beber água, ainda que a sede queime, enquanto seu pai espiritual não o convidar. Reprima-se e violente-se em todas as coisas, dissuadindo seu desejo dizendo-lhe: “Se Deus quiser!”. Se você for digno de beber, Deus o revelará a seu pai de um modo ou de outro, e este lhe dirá: “Beba!”. Então você beberá com a consciência pura, mesmo que a hora de beber chegue extemporaneamente.

18. Alguém que adquiriu a experiência e o benefício espiritual e possuía uma fé a toda prova disse, tomando a Deus por testemunho da verdade: “Eu pus em mim o pensamento de jamais pedir a meu pai para comer ou beber, ou de tomar qualquer coisa na sua ausência,

enquanto Deus não o inspirasse a me ordenar estas coisas". E ele acrescentava: "Agindo assim, jamais faltei ao meu objetivo".

19. Quem adquiriu uma clara confiança em seu pai em Deus, quando este quer alguma coisa é como se o próprio Cristo a quisesse. Quando está com ele ou o segue, crê firmemente estar com Cristo e seguir a Cristo. Este homem jamais desejará conversar com outra pessoa, e não trocará nada por sua lembrança e seu amor. Pois o que pode existir de maior ou de mais vantajoso, nesta vida como na vida futura, do que estar com Cristo? O que pode haver de mais belo e mais doce do que a sua visão? E se somos dignos de estarmos e conversarmos com ele, neste entretenimento estaremos a caminho da vida eterna.

20. Aquele que por sua virtude ama aos que o ultrajam, ou o detestam, que o prejudicam ou o despojam, e que ora por eles[10], logo faz grande progressos. Pois esta atitude, assumida com um coração consciente mergulha o pensamento no abismo da humildade e na fonte das lágrimas, onde ele banha as três partes da alma. Ele eleva o intelecto até o céu da impassibilidade e o torna capaz de contemplar. Pela doçura que este homem experimenta lá em cima, ele o faz considerar como lixo todas as coisas da vida presente[11]. E já não será com o mesmo prazer, nem com a mesma frequência, que ele se aproximará de comidas e bebidas.

21. Não devemos simplesmente nos abster de más ações. O asceta deve também de dedicar a se liberar dos pensamentos e das reflexões contrárias, e sempre se ligar a considerações espirituais que ajudam as almas, a fim de permanecer sem nenhuma preocupação a respeito das coisas desta vida.

[10] Cf. *Mateus* 5: 44.
[11] Cf. *Filipenses* 3: 8.

22. Do mesmo modo como alguém que desnudou todo o corpo mas mantém os olhos cobertos por um véu que não pode erguer ou retirar não poderá ver a luz apenas por estar nu no resto do corpo, também aquele que desprezou todas as coisas e todas as riquezas, e que se despojou até das paixões, se não livrar os olhos da alma das lembranças desta vida e dos maus pensamentos, jamais conseguirá ver a luz inteligível, Jesus Cristo, nosso Senhor e Deus.

23. Os pensamentos terrestres e os cuidados com esta vida são para a reflexão e o intelecto como um véu colocado sobre os olhos, no caso, os olhos da alma. Enquanto permanecer aí, não seremos capazes de ver. Somente quando a lembrança da morte o retirar é que veremos claramente a verdadeira luz, que ilumina todos os homens e que provém do mundo[12] do alto.

24. O cego de nascença não poderá conceber nem acreditar naquilo que aqui está escrito. Mas quem algum dia viu testemunhará que o que foi dito é verdadeiro.

25. Quem enxerga com os olhos sensíveis sabe quando é noite e quando é dia. Mas o cego ignora uma e outra coisa. Da mesma forma, quem recebeu a visão espiritual, que vê através dos olhos do intelecto, que contempla a verdadeira luz, se por negligência retornar à antiga cegueira e ficar privado desta luz, terá consciência desta privação e saberá de onde ela lhe vem. Mas quem é cego de nascença não sabe nada dessas coisas, nem efetivamente, nem por experiência, salvo se tiver ouvido falar sobre aquilo que nunca viu e, com isto, aprender. Ele contará aos outros o que escutou, mas nem ele, nem os que o escutarem, saberão de que coisas estão falando.

[12] Cf. *João* 1: 9.

26. É impossível encher a carne de alimentos até a saciedade e ao mesmo tempo desfrutar da divina doçura do intelecto. Pois quanto mais cuidarmos do ventre, mais privaremos o corpo de tal doçura. Mas na medida em que tratarmos duramente o corpo[13] nos encheremos do alimento e da consolação espirituais.

27. Deixemos tudo o que existe sobre a terra. Não apenas a riqueza, o ouro e outros bens desta vida, mas expulsemos de nossas almas o próprio desejo por estas coisas. Detestemos não apenas os prazeres do corpo, mas também seus movimentos irracionais. Esforcemo-nos por mortificar o corpo com penas, pois é por meio dele que agem e acontecem as coisas relativas à concupiscência. Enquanto o corpo estiver vivo, nossa alma estará morta: dificilmente ela seguirá os mandamentos de Deus, se é que os seguirá seja do modo que for.

28. Assim como a chama do fogo se eleva sempre para cima, e tanto mais na medida em que você colocar mais lenha para queimar, também o coração vaidoso será incapaz de se tornar humilde. Pois quanto mais você lhe disser coisas para ajudá-lo, mais ele se elevará. Se repreendido ou chamado à atenção, ele se oporá com violência; mas louvado ou encorajado, ele se inchará desmesuradamente.

29. O homem habituado à contradição é para si mesmo uma espada de dois gumes. Sem o saber, ele destrói sua alma e a torna estranha à vida eterna.

30. O homem que contradiz é semelhante a alguém que se atira voluntariamente aos inimigos opostos ao rei. Pois a contradição é uma armadilha, que tem como isca a justificação por meio da qual, iludidos, nos atiramos ao anzol do pecado. A pobre alma fica presa pela língua e pela garganta aos espíritos do mal. Ela é erguida até as alturas do orgulho ou mergulhada no caos do abismo do pecado, e se vê condenada junto com aqueles que foram precipitados do céu.

31. Quem foi desprezado ou ultrajado e que experimenta em seu coração um duro sofrimento, saiba por este indício que ainda traz em seu seio a antiga serpente. Se ele permanecer em silêncio ou se responder com humildade, ele enfraquecerá e esgotará a serpente. Mas se replicar com azedume ou se falar com arrogância, dará à serpente força para despejar seu veneno no coração e ferir cruelmente o que existe dentro dele. A partir daí, fortalecendo-se dia após dia, a serpente devoradora o impedirá de se reerguer para o bem e engolirá o vigor de sua pobre alma. Deste momento em diante, o homem viverá para o pecado, e estará totalmente morto para a justiça[14].

32. Se você quiser renunciar ao mundo e aprender a viver segundo o Evangelho, não se confie a um mestre sem experiência ou passional. Senão, em lugar da vida evangélica, você será instruído na vida diabólica. Pois os ensinamentos dos bonés mestres são bons. E os dos maus, são maus. E quando as sementes são más, maus serão também os frutos.

33. Em orações e lágrimas suplique a Deus para que lhe envie um guia impassível e santo. Mas examine você mesmo as divinas Escrituras[15] e em especial os escritos práticos dos santos Padres, a fim de que, comparando-o com o que lhe ensina e com o que faz seu mestre e seu superior, você possa ver e aprender suas lições como em um espelho, recolher e reter em seus pensamentos o que concorda com as divinas Escrituras, ao mesmo tempo em que distingue e rejeita o que é bastardo e alterado, para nunca se

[13] Cf. I *Coríntios* 9: 27.

[14] Cf. *Romanos* 6: 11.

[15] Cf. *João* 5: 39.

perder[16]. Saiba que hoje em dia existem muitos enganadores e falsos mestres[17].

34. Qualquer um que, se enxergar, se arvora em conduzir os outros, é um enganador. Ele conduz ao abismo da perdição os que o seguem, conforme as palavras do Senhor: "Se um cego conduz a outro, ambos cairão na vala[18]".

35. Aquele que é cego diante do Um estará também inteiramente cego diante de tudo. Mas quem vê o Um está em estado de contemplar o todo. Ele se abstém de contemplar o todo, mas entra na contemplação do todo. Mas ele está fora daquilo que contempla. Assim sendo, quando ele está no Um, ele vê o todo, e quando ele está no todo, ele não vê nada dele. Quem olha o Um vê a si próprio e vê tudo e todos através do Um. Oculto no Um, ele já não vê nada de tudo o que está no mundo.

36. Não passa de sangue e carne, aquele que, no homem dotado de razão e inteligência, não se revestiu, sentindo-a e conhecendo-a, da imagem do celeste, da imagem de nosso Senhor Jesus Cristo, homem e Deus. Será impossível para ele receber pelas palavras a sensação da glória espiritual, tanto quanto não podem conhecer a luz do sol pelas palavras aqueles que são cegos de nascença.

37. Quem ouve, quem vê, quem sente assim compreende o que eu digo. Pois este já traz em si a imagem do celeste[19] e alcançou o estado de homem perfeito na plenitude de Cristo[20]. A partir daí ele pé capaz de conduzir com sucesso o rebanho de Cristo pelo caminho dos mandamentos de Deus[21]. Mas é evidente que quem não compreendeu isto e não chegou a este ponto tampouco terá clareza e sanidade nos sentidos de sua alma[22]. Para este, será sempre melhor ser conduzido do que conduzir, expondo-se ao perigo.

38. Quem vê a seu mestre e guia como o próprio Deus não pode contradizê-lo. Mas se ele pensa e diz que pode fazer ambas as coisas, saiba que está perdido. Pois ele ignora como se comportam diante de Deus os homens de Deus.

39. Quem acredita que sua vida e sua morte estão nas mãos do seu pastor, não pode jamais contradizer. É a ignorância destas coisas que engendra a contradição, a qual provoca a morte inteligível, a morte eterna.

40. Antes de receber a sentença, o culpado tem a possibilidade, para sua defesa, de dizer ao tribunal aquilo que fez. Mas depois da exposição dos fatos e da sentença do juiz ele já não poderá replicar ao carrasco, seja longamente, seja com brevidade.

41. Antes de se apresentar diante deste tribunal e de revelar o fundo de seu coração, talvez ainda seja permitido ao monge contradizer, seja por ignorância, seja por imaginar que é capaz de ocultar aquilo que traz em si. Mas depois da revelação de seus pensamentos e de sua confissão sincera, já não mais lhe será permitido, até a morte, contradizer aquele que, diante de Deus, é seu juiz e seu mestre. Pois desde que ele entrou neste tribunal e pôs a nu os segredos de seu coração[23], o monge é imediatamente persuadido de que é digno de mil mortes, por pouco conhecimento que tenha. Mas ele crê que por

[16] Cf. *Tiago* 1: 23.
[17] Cf. *Mateus* 24: 5-24.
[18] *Mateus* 15: 14.
[19] Cf. I *Coríntios* 15: 49.
[20] Cf. *Efésios* 4: 13.
[21] Cf. *Salmo* 118 (119): 32.
[22] Cf. *Hebreus* 5: 14.
[23] Cf. I *Coríntios* 14: 25.

sua obediência e sua humildade ele saberá como viver este mistério, e se libertará de toda pena e de todo castigo.

42. Instruído, chamado às falas ou repreendido, aquele que reflete sobre as coisas e as guarda sem apagá-las não terá jamais a revolta em seu coração. Pois quem cai nestes males, ou seja, na contradição e no desafio contra seu pai espiritual e mestre, será piedosamente precipitado desta vida para a trampa[24] e a garganta do inferno. Ali ele se tornará a moradia de Satanás e de todos os poderes impuros, como um filho indócil, infiel, um filho da perdição.

43. Eu o exorto, filho da obediência, a refletir continuamente sobre estas coisas, a lutar ardentemente para não cair nos males do inferno que mencionei acima, e a orar com fervor a Deus a cada dia, dizendo-lhe: "Deus e Senhor do universo, que tem poder sobre todo sopro e toda alma, único que pode me curar, escute a prece do infeliz que sou eu. Pela vinda do seu Espírito Santo faça com que morra e desapareça o dragão que se esconde em mim. Torne-me digno, a mim que sou pobre e desprovido de qualquer virtude, de cair em lágrimas aos pés de meu santo pai. E conduza sua santa alma à compaixão, para que ele tenha piedade de mim. Senhor, dê ao meu coração a humildade e os pensamentos que convêm ao pecador que promete se arrepender em sua presença, e não abandone jamais a alma que de uma vez por todas se votou e confessou a você, que o escolheu e preferiu ao mundo inteiro. Senhor, você sabe o quanto eu quero ser salvo, ainda que meus maus hábitos sejam obstáculos para mim. Pois a você, Mestre, tudo é possível dentre o que é impossível ao homem[25]".

44. Aqueles que, com temor e tremor, colocaram o belo fundamento da fé e da esperança na moradia da piedade, que, sobre a pedra da obediência aos pais espirituais, firmaram seus pés, que escutam como se viesse da boca de Deus as ordens que lhes transmitem seus pais, e que, sem hesitar, constroem assim, na humildade de suas almas e sobre o fundamento da obediência, estes conduzem com sucesso a obra do bem. Eles levam a bom termo esta grande e primeira obra: renunciar a si mesmos. Pois cumprir a vontade de outro e não a sua obriga não apenas a renunciar à própria alma, mas sobretudo morrer para o mundo inteiro.

45. Quem contradiz a seu mestre faz a alegria dos demônios. Mas os anjos admiram aquele que se humilha até a morte. Pois este homem faz a obra de Deus[26] tornando-se semelhante ao Filho de Deus, que levou a obediência até a morte, e morte de cruz[27].

46. Quando são frequentes e intempestivas, as aflições que ferem o coração entenebrecem a reflexão do intelecto. Elas apagam da alma a prece pura, a humildade e a compunção. Elas afadigam o coração e o fazem se tornar duro e insensível como nunca. É assim que os demônios se empenham em desencorajar os espirituais.

47. Quando estas coisas acontecem, monge, e no entanto você descobrir em sua alma um tal ardor e um tal desejo de perfeição que o façam querer cumprir todos os mandamentos de Deus, e não cair nem pecar – ainda que por uma palavra vã[28] –, bem como não estar em dívida com os antigos santos na ordem da ação, do conhecimento e da contemplação, mas se achar entravado por aquele que semeia a erva daninha[29] do desencorajamento e não lhe permite alcançar tal altura de santidade, insuflando em você pensamentos de desespero

[24] Cf. *Provérbios* 9: 18.
[25] Cf. *Lucas* 18: 27.
[26] Cf. *João* 6: 28.
[27] Cf. *Filipenses* 2: 8.
[28] Cf. *Mateus* 12: 36.
[29] Cf. *Mateus* 13: 25.

dizendo-lhe: "É impossível, no meio deste mundo, ser salvo e guardar sem falta todos os mandamentos de Deus", então, só e sentado a um canto, recolha-se, concentre seu pensamento e dê um bom conselho à sua alma, dizendo-lhe: "Por que está tão triste, alma minha? E por que me perturba assim? Espere em Deus, por que eu o louvarei[30]. A salvação de minha face não está em minhas obras, mas em meu Deus. Que, de fato, será justificado pelas obras da Lei[31]? Nenhum ser vivo será justificado diante de Deus[32]. Pela fé em meu Deus, espero que sua inefável misericórdia me salve gratuitamente. Retire-se de mim, Satanás! Eu adoro ao Senhor meu Deus[33] e o sirvo desde minha juventude, a ele que pode me salvar apenas com sua piedade. Afaste-se de mim. Deus, que me fez à sua imagem e semelhança[34], abolirá seu poder".

48. Deus não nos pede nada, a nós homens, senão que não pequemos, só isto e nada mais. Isto não é obra da Lei, mas da guarda constante da imagem e da dignidade do alto. Por nossa natureza em pé nesta imagem e nesta dignidade e vestindo a túnica branca do Espírito, permaneceremos em Deus e ele em nós[35], chamados de filhos de Deus por adoção, marcados pelo sinal da luz do conhecimento de Deus[36].

49. A acídia e a pesandez do corpo que, através da preguiça e da negligência, atingem a alma, afastam-na da regra habitual, entenebrecem e desencorajam a reflexão. A partir daí, os pensamentos de desleixo e de blasfêmia submergem o coração. Quem é tentado pelo demônio da acídia já não consegue sequer se dirigir ao lugar habitual da oração, mas apenas se deixa levar, e permite que lhe cheguem pensamentos tolos contra o Criador do universo. Assim, se você perceber a causa e souber de onde vêm estas coisas, entre sem tardança no lugar de oração e, prosternado diante de Deus que ama os homens, ore com gemidos do coração, com dor e lágrimas, peça para ser aliviado do peso da acídia e dos maus pensamentos; à custa de bater e perseverar, lhe será concedido libertar-se rapidamente.

50. Quem alcançou a pureza do coração venceu a covardia. Quem ainda está se purificando, ora derruba a covardia, ora é derrubado por ela. Mas quem absolutamente não combate, ou se tornou por completo insensível, até por ser amigo das paixões e dos demônios, além de estar doente de vaidade está enfermo de presunção, pois crê ser grande coisa quando na realidade nada é[37]; ou é escravo da covardia, submisso a ela, tremendo como uma criança com medo diante daquilo que não é razão para medo[38], e nem razão para covardia para os que temem ao Senhor.

51. Quem teme o Senhor não teme as agressões dos demônios, nem seus ataques impotentes e menos ainda as ameaças dos homens sem valor. Como se fosse uma chama ou um fogo ardente, percorrendo noite e dia lugares inacessíveis e sem luz, ele expulsa os demônios que fogem dele para não serem queimados pelo raio flamejante, o raio do fogo divino que se desprende dele.

52. Quem caminha no temor de Deus não teme viver entre homens sem valor, por que traz em si este temor a Deus e veste a armadura invencível da fé, que lhe dá força para poder fazer tudo, mesmo as

[30] *Salmo* 41 (42): 6.
[31] Cf. *Romanos* 3: 20 e *Gálatas* 2: 16.
[32] *Salmo* 142 (143): 2.
[33] Cf. *Mateus* 4: 10.
[34] Cf. *Gênesis* 1: 26-27.
[35] Cf. I *João* 4: 13.
[36] Cf. *Salmo* 4: 7.
[37] Cf. *Gálatas* 6: 3.
[38] Cf. *Salmo* 13 (14): 5.

coisas que parecem impossíveis à maioria. Ele caminha como um gigante entre macacos ou como um leão bravio no meio de cães e raposas: ele se confia ao Senhor. Pela firmeza de sua resolução ele enche de terror os vagabundos e aterroriza seus corações, pois traz como uma barra de ferro[39] a palavra que dá a sabedoria.

53. Não apenas o hesiquiasta, ou aquele que está submetido a um pai, mas também o higoumeno, o que está à frente de numerosos irmãos, e o encarregado de algum ofício, devem permanecer sem preocupações, ou seja, devem ser livres e incontestavelmente desembaraçados de todos os negócios desta vida. Pois se nos preocupamos transgredimos a ordem de Deus, que disse: "Não se preocupem com relação àquilo que irão comer ou beber, ou com que se vestirão. Tudo isto são preocupações dos pagãos[40]". E também: "Guardem seus corações, e não se tornem pesados com o deboche, a embriaguez e os cuidados com esta vida[41]".

54. Aquele cujo pensamento se preocupa com os afazeres desta vida não é livre. Pois ele é retido e sujeitado por tal preocupação, quer se inquiete por si, quer por outros. Mas quem é livre, desembaraçado dos negócios desta vida, não se preocupará com estas coisas mundanas, nem por si, nem pelos demais, ainda que seja um bispo, um diácono ou um higoumeno. Entretanto, jamais ele negligenciará ou menosprezará nenhum homem, por simples e pequeno que seja[42]. Fazendo tudo e trabalhando todo o tempo para agradar a Deus, ele permanecerá em todas as coisas e em toda sua vida desembaraçado de preocupações.

55. Não destrua sua casa querendo edificar a do próximo. Avalie o quanto a obra é penosa e difícil, para evita que, depois de havê-la começado, você não destrua a sua casa e ainda seja incapaz de edificar a do próximo.

56. Se você não adquiriu uma perfeita indiferença em relação aos negócios e aos bens desta vida, não tome afazeres para si a fim de não acabar preso a eles. Ao invés de receber a recompensa por seu serviço, você será condenado como ladrão e sacrílego. Mas se a ordem do seu superior o obrigar a tanto, aja como quem maneja um fogo ardente. Refreando por meio da confissão e do arrependimento o ímpeto de seu pensamento, você se manterá são e salvo graças às orações de seu superior.

57. Quem ainda não se tornou impassível sequer imagina que exista uma impassibilidade. Ele não consegue crer que sobre a terra possa haver semelhante coisa. De fato, como alguém que, para começar, não renunciou a si mesmo[43] nem se ofereceu para derramar seu sangue por esta vida verdadeiramente bem-aventurada, poderá imaginar que alguém outro tenha feito tais coisas a fim de adquirir a impassibilidade? Da mesma forma, quem acha que possui o Espírito Santo quando na realidade não possui nada, jamais acredita quando ouve que as energias do Espírito Santo se revelam naqueles que o possuem verdadeiramente. Ele não crê que possa existir alguém desta geração que, como os apóstolos de Cristo e os santos de antigamente, receba a energia e o movimento do Espírito divino, ou sua visão, de maneira consciente e sensível. Com efeito, cada qual, seja na ordem das virtudes, seja na dos vícios, julga as coisas do próximo de acordo com seu próprio estado.

58. Uma coisa é a impassibilidade da alma, outra a impassibilidade do corpo. A primeira santifica também o corpo por seu próprio

[39] Cf. *Salmo* 2: 9
[40] *Mateus* 6: 25.31.32.
[41] *Lucas* 21: 34.
[42] Cf. *Mateus* 18: 10.
[43] Cf. *Mateus* 16: 24.

flamejamento e pela efusão da luz do Espírito. A segunda, sozinha, não pode por si só ajudar em nada aquele que a possui.

59. Do mesmo modo como alguém que foi elevado pelo rei de um estado de extrema pobreza à riqueza, que dele recebeu uma dignidade gloriosa e que foi por ele vestido com ricas vestimentas, que foi convidado a permanecer em pé diante dele, olha para este rei com enorme afeição e o ama acima de tudo como seu benfeitor, considera com atenção as vestes com as quais foi trajado, reconhece sua dignidade e a riqueza que lhe foi concedida, também o monge que verdadeiramente se retirou do mundo e das coisas que estão no mundo e se dirigiu para Cristo, que se sentiu chamado e que, pela prática dos mandamentos se elevou às alturas da contemplação espiritual, vê sem erro possível o próprio Deus e considera com toda atenção a transformação que se deu em si. Pois ele não cessa de ver a graça do Espírito envolvendo-o com sua luz, esta graça que é chamada de vestimenta e púrpura real, e que na verdade é o próprio Cristo, o Senhor, tão verdadeiro quanto dele se revestem aqueles que nele creem[44].

60. Muitos leem as divinas Escrituras. Outros ouvem a leitura. Mas são pouco numerosos os que conseguem saber corretamente o sentido e a ideia daquilo que leem. Pois aquilo que as divinas Escrituras dizem, às vezes parece impossível ao leitor, às vezes parece pouco digno de fé. Às vezes os que leem as alegorizam de qualquer jeito: atribuem ao tempo futuro o que é dito das coisas do tempo presente, e entendem as coisas futuras como fatos passados ou como eventos cotidianos. Desta forma, não há neles julgamento correto, nem verdadeiro discernimento das coisas divinas e humanas.

61. Nós, os fiéis, devemos ver a todos os fiéis como se fossem um único homem, considerando que cada um é Cristo, e, por amor a ele, devemos nos colocar num estado tal que estejamos prontos a dar por ele nossa própria vida[45]. Pois jamais devemos dizer ou pensar que quem quer que seja é mau, mas devemos ver todos os homens como bons, como já dissemos. Ainda que você veja alguém atormentado por paixões, não deteste seu irmão, mas as paixões que lhe fazem guerra. Ainda que ele esteja tiranizado por concupiscências e alucinações, seja ainda mais compassivo, para que não seja você também provado[46], exposto como está às mudanças da matéria que se modifica com tanta facilidade.

62. Se alguém se encontra alterado pela hipocrisia, ou se é culpado por suas obras, ou se foi ferido rapidamente por uma simples paixão, ou se se tornou deficiente por negligência, não será contado entre os perfeitos. Será rejeitado como um homem inútil que não foi testado, a fim de que nos momentos de tensão ele não leve à ruptura do elo da corrente e não provoque a divisão naquilo que não é para ser dividido nem leve aflição de um lado e de outro. Os que vão à frente sofrerão por se verem separados daqueles que os seguem, e estes sofrerão por serem separados dos que os precedem.

63. Assim como extinguimos a chama de uma fornalha ardente se atirarmos pó e poeira sobre a flama, também os cuidados desta vida e toda ligação às coisas inferiores, por pequenas que sejam, destroem o fervor que acaba de ser aceso no coração.

64. Quem traz em si o temor da morte não sente gosto por nenhum alimento, nenhuma bebida, nenhum enfeite. Não sente prazer em comer pão nem em beber água. Este homem não dará ao corpo senão o estritamente necessário, o que basta para viver. Ele renunciará a

[44] Cf. *Gálatas* 3: 27.

[45] Cf. *João* 15: 13-14.

[46] Cf. *Gálatas* 6: 1.

toda vontade própria, e será o servidos de todos discernindo aquilo que lhe é ordenado.

65. Quem se entregou como um servidor a seus pai em Deus por temor ao castigo, mesmo que isto lhe tenha sido ordenado, não escolherá nada que alivie suas penas ou desfaça o nó do temor. Ele não escutará aos que, por amizade, por diversão ou imperativamente o empurram a isto. Ele preferirá tudo o que aumenta o temor, quererá o que estreita o nó, amará aquilo que fortifica a quem o atormenta. Ele permanecerá diante de tudo isto como alguém que não espera ser libertado jamais. Pois a esperança da libertação torna a pena mais leve, mas não traz nenhum benefício para quem se arrepende com fervor.

66. O temor do castigo e os esforço que ele engendra são úteis a todo homem que começa a viver segundo Deus. Quem imagina poder começar sem este esforço e sem esta ligação não apenas coloca sobre a areia o fundamento[47] de suas ações, como ainda pretende construir uma morada nos ares, sem fundação alguma, o que é impossível. De fato, é este esforço que produz logo toda alegria. É esta ligação que destrói os entraves de todos os pecados e de todas as paixões. Agora, aquele que atormenta dá não mais a morte, mas a vida eterna.

67. Aquele que não quiser se evadir nem fugir do esforço suscitado pelo temor do castigo eterno, mas que o siga de todo seu coração e ainda aperte ainda mais os elos deste temor, avançará cada vez mais depressa e isto o levará a comparecer diante da face do Rei dos reis. Uma vez que ele perceba, ainda que obscuramente, a glória do Rei, então cairão os liames, o temor que o atormenta fugirá para longe, toda pena que havia em seu coração[48] se transformará em alegria e começará a jorrar a fonte que derramará de maneira sensível lágrimas como um rio transbordante, enquanto em seu intelecto surgirá a serenidade, a doçura, uma suavidade inefável e também a coragem e a liberdade para correr sem entraves para a mais completa obediência aos mandamentos de Deus[49]. Tal coisa ainda é impossível aos noviços: ela é própria dos que se elevaram em seu progresso até o meio do caminho. Quanto aos que chegaram à perfeição, esta fonte se torna luz, quando seu coração é subitamente mudado e transformado.

68. Quem possui dentro de si a luz do Santíssimo Espírito, é como se não conseguisse suportar vê-la; ele cai com o rosto por terra, chama e chora, no paroxismo do temor, a tal ponto transtornado por ver e sentir uma coisa que ultrapassa a natureza, a razão e o entendimento. Ele se torna como alguém cujas entranhas foram incendiadas por um fogo abrasador. Incapaz de suportar a queimação da chama[50] ele fica fora de si e não consegue se dominar e é inundado por lágrimas transbordantes que o refrescam. Ele atiça cada vez mais o fogo de seu desejo e cada vez mais lágrimas correm. Banhado nesta torrente ele próprio brilha com uma luz mais vívida. Depois de inteiramente inflamado ele se torna como que uma luz e então se cumpre o que foi dito: “Deus unido aos deuses e dos deuses conhecido”, ao menos na medida em que ele Deus já se encontra unido àqueles que foram abrasados e se revelou aos que o conheceram.

69. Antes da tristeza e das lágrimas, que ninguém nos engane com palavras vãs[51], e não nos percamos por nós mesmos. Não existe em nós arrependimento, nem autorreprovação verdadeira, nem temor a Deus em nossos corações, nem acusamos a nós mesmos, nem nossa

[47] Cf. *Mateus* 7: 26.
[48] Cf. *João* 16: 20.
[49] Cf. *Salmo* 118 (119): 32.
[50] Cf. *Jeremias* 20: 9.
[51] Cf. *Efésios* 5: 6.

alma tomou consciência do Julgamento futuro e dos tormentos eternos. Pois, se tivéssemos acusado a nós próprios, se houvéssemos adquirido estas virtudes e se vivêssemos nelas, teríamos logo vertido lágrimas em abundância. Sem elas é impossível que nosso coração endurecido amoleça, e que nossa alma possa adquirir a humildade espiritual. Nós mesmos somos incapazes de nos tornarmos humildes. Quem não chegou a esse ponto, não poderá se unir ao Espírito Santo. E quem não se encontrar unido a ele por intermédio da purificação também não poderá alcançar a contemplação e o conhecimento de Deus, nem será digno de ser secretamente instruído nas virtudes da humildade.

70. Aqueles que imitam a virtude e se apresentam com a tonsura[52] do hábito monástico, embora não tenham alcançado o homem interior[53], mas estejam ainda cheios de toda iniquidade, inveja[54], ciúmes, prazeres infectos, são, entretanto, honrados como se fossem impassíveis e como santos pela maioria dos que não possuem o olho da alma suficientemente purificado e que não conseguem reconhece-los por seus frutos[55]. Quanto aos que levam suas vidas na piedade e na virtude, na simplicidade de seus corações[56], e que são realmente santos, muitas vezes são erroneamente considerados como todos os homens, são deixados de lado, não recebem outra coisa que o desprezo e não considerados menos do que nada.

71. Aqueles costumam considerar como mestre espiritual algum falador cheio de ostentação. Mas quem se cala e toma cuidado com palavras vãs[57] em sua opinião não passa de um homem inculto, incapaz de se expressar.

72. Os vaidosos, doentes do orgulho do diabo, evitam como se fosse vaidoso e orgulhoso aquele que fala no Espírito Santo. Pois suas palavras os agridem, mais do que lhes causam compunção. Mas eles colocam nas nuvens e acolhem de bom grado quem, falando por si ou graças a lições humanas, sabem ornar as frases e os enganam sobre sua salvação. Assim é que nenhum de tais homens será capaz de discernir ou perceber a realidade na qual se encontra.

73. "Bem-aventurados, disse Deus, os de coração puro, por que estes verão a Deus[58]". Ora, o coração puro não consiste numa virtude, nem em duas, nem em dez que podem ser cumpridas, mas no conjunto de todas as virtudes, por assim dizer reunidas como se fossem uma só e cumpridas até o fim. Mesmo assim, elas são incapazes por si sós de tornar o coração puro sem a ação e a presença do Espírito Santo. Assim como o ferreiro exerce seu ofício graças aos seus utensílios, mas não pode realizar nenhum trabalho sem a ação do fogo, também o homem realiza sua obra servindo-se das virtudes como ferramentas, mas sem a presença do fogo espiritual estas ferramentas nada podem e permanecem inúteis, incapazes de purificar as manchas e a purulência da alma.

74. Através do batismo divino recebemos a remissão das faltas, somos libertos na antiga maldição[59] e nos tornamos santificados pela vinda do Espírito Santo. Mas a graça perfeita, segundo a promessa: "Eu habitarei e caminharei com eles[60]" – esta não é recebida neste momento. Pois ela é concedida aos que creem firmemente e que o demonstram por meio de suas obras. Depois do batismo, se nos

[52] Cf. *Mateus* 7: 15.
[53] Cf. *Romanos* 7: 22.
[54] Cf. *Romanos* 1: 29.
[55] Cf. *Mateus* 7: 20
[56] Cf. *Atos* 2: 46.
[57] Cf. *Mateus* 12: 36.

[58] *Mateus* 5: 8.
[59] Cf. *Gálatas* 3: 13.
[60] II *Coríntios* 6: 16.

deixarmos levar por ações más e infames, perderemos completamente a santificação. Mas por meio do arrependimento, da confissão, das lágrimas, recebemos em proporção primeiro a remissão das faltas e depois a santificação da graça do alto.

75. É por meio do arrependimento que são lavadas as manchas das ações infames. Depois poderemos participar do Espírito Santo, não simplesmente, mas segundo a fé, a disposição, a humildade dos que se arrependerem de toda sua alma, e também depois de havermos recebido do pai que responde por nós a completa absolvição das faltas. É por isso que é bom nos arrependermos diariamente, por causa do mandamento que nos foi dado: "Arrependam-se, por que o Reino dos céus está próximo[61]". Isto significa que nossa tarefa é sem limite.

76. A graça do Santíssimo Espírito é dada como garantia[62] às almas que desposam a Cristo. Assim como, sem uma garantia, a mulher não terá nenhuma certeza de que se unirá a seu esposo, também a alma não tem certeza alguma de estar por toda a eternidade com seu Mestre e seu Deus, nem de se unir a ele mística e inefavelmente, nem de desfrutar de sua beleza inacessível, se não receber a garantia de sua graça e não a trouxer consigo de maneira consciente.

77. E do mesmo modo como a garantia não é certa a menos que o contrato escrito traga a assinatura de testemunhas dignas de fé, também a iluminação da graça não será certa enquanto não forem cumpridos os mandamentos ou adquiridas as virtudes. Aquilo que as testemunhas representam num contrato a prática dos mandamentos e as virtudes representam em relação à garantia espiritual. Com efeito, é por intermédio destas coisas que aqueles que deverão ser salvos recebem a total posse da garantia.

78. Por assim dizer, o contrato é primeiramente escrito pela prática dos mandamentos, depois selado e assinado pelas virtudes. Então Cristo, o esposo, dá à alma, a esposa, o anel, ou seja, a garantia do Espírito[63].

79. Assim como a noiva, antes das bodas, não recebe senão a garantia do noivo, e deve aguardar até o casamento para receber o dote combinado e os dons prometidos, também a Igreja dos fiéis e a alma de cada um de nós – a esposa – não recebe inicialmente de Cristo – o esposo – mais do que a garantia do Espírito[64]. Ela espera até a partida deste mundo para receber os bens eternos e o Reino dos céus, plenamente assegurado pela garantia que estes bens lhe mostram como que num espelho[65], confirmando-lhe o que foi combinado com seu Mestre e Deus.

80. Se o noivo é retido numa viagem[66] ou fica preso por outros negócios ele posterga a celebração das bodas, e se a noiva irritada duvida de seu amor e rasga ou apaga o contrato que os une, ela perde imediatamente as esperanças que depositara no noivo. O mesmo acontece com a alma. Com efeito, quando um asceta diz: "Até quando deverei sofrer?", quando ele desleixa dos esforços, negligencia os mandamentos e abandona o arrependimento contínuo, é como se rasgasse ou apagasse o contrato. Logo ele perde a própria garantia e a esperança em Deus.

81. Se a noiva dedica a outro o amor devido ao noivo a quem está prometida, e se se deita com este outro aberta ou secretamente, não

[61] *Mateus* 3: 2.
[62] Cf. II *Coríntios* 1: 22; *Efésios* 1: 14.
[63] Cf. II *Coríntios* 1: 22.
[64] Id.
[65] Cf. I *Coríntios* 13: 12.
[66] Cf. *Mateus* 25: 5.

apenas não receberá nada do que lhe foi prometido pelo noivo como ainda incorre merecidamente no castigo e na condenação da lei. O mesmo acontece conosco. Se alguém, aberta ou secretamente, deseja e dedica a outro ser o amor devido a Cristo, seu noivo, e se seu coração se deixa prender por este ser, ele se tornará abominável e odioso aos olhos do noivo e indigno de se unir a ele. Pois está dito: "Eu amo aos que me amam[67]".

82. Existem sinais como os descritos para cada um compreender se recebeu de Cristo, do esposo e mestre, a garantia do Espírito[68]. Se a recebeu, que se dedique em conservá-la. Se ainda não foi considerado digno de recebê-la, que se esforce por obtê-la logo por meio de obras e ações boas e pelo mais fervoroso arrependimento, e que guarde e pratique os mandamentos e adquira as virtudes.

83. Assim como o teto de uma casa repousa sobre fundações como o restante do edifício, e que as fundações são escavadas para suportar o teto – esta é sua necessidade e sua utilidade –, assim como o teto não pode se sustentar sem fundações nem estas produzem benefício algum à vida nem prestam o menor serviço sem ele, também a graça do Espírito é mantida pela prática dos mandamentos e as obras dos mandamentos são colocadas como fundação graças ao dom de Deus. Nem a graça do Espírito permanece em nós sem a prática dos mandamentos, nem a obra dos mandamentos é útil e proveitosa sem a graça de Deus.

84. Assim como uma casa sem teto, assim deixada pela negligência do construtor, não somente é inútil como ainda expõe ao ridículo aquele que a construiu, também quem que coloca as fundações da prática dos mandamentos e ergue as paredes das mais altas virtudes é imperfeito e despertará a piedade dos perfeitos se não receber na contemplação e no conhecimento da alma a graça do Espírito Santo. Esta graça lhe faltará por um destes dois motivos: ou ele negligenciou o arrependimento, ou, recuando diante da colheita das virtudes como se diante de uma matéria infinita, ele relaxou alguma das que parecem menores, mas que são necessárias para completar a morada das virtudes, pois, sem estas, ela não poderá ser coberta pela graça do Espírito.

85. Se o Filho de Deus e Deus desceu sobre a terra para nos reconciliar por meio de si com seu próprio Pai, a nós que éramos seus inimigos[69], e para nos unir a si mesmo de modo consciente por intermédio de seu Espírito Santo e consubstancial, que outra graça poderá obter aquele que perde esta graça? Certamente, o Filho não se reconciliará com ele nem se unirá a ele pela comunhão do Espírito.

86. Quem participa do Espírito Santo está livre dos desejos e dos prazeres passionais, mas não das necessidades corporais da natureza. Liberto dos laços da concupiscência passional e unido à glória e à doçura imortais, ele se esforça sem cessar por estar nas alturas e por conduzir sua vida a Deus, sem se subtrair, ainda que por um instante, a esta contemplação e às suas delícias inesgotáveis. Mas, entravado pelo corpo e pela corrupção ele é por isso atraído para baixo, amarrado e levado às coisas da terra. Penso que ele experimenta então tanta dor quanto a alma do pecador quando se separa do corpo.

87. Do mesmo modo que para alguém que ama o corpo e a vida, que ama o prazer e o mundo, separar-se disto é a morte, para quem ama a pureza e ama a Deus, que ama a imaterialidade e a virtude, a morte consiste em separar-se disto, ainda que por um instante em

[67] *Provérbios* 8: 17.
[68] Cf. II *Coríntios* 1: 22.
[69] Cf. *Romanos* 5: 10.

pensamento. Se quem vê a luz sensível fecha os olhos ou os tem cobertos por alguém logo se sente oprimido e aflito e não consegue suportar sentir-se cegado – e mais ainda se estivesse na expectativa de contemplar coisas necessárias e maravilhosas –, quanto mais quem é iluminado pelo Espírito Santo, que vê em realidade e em espírito, dormindo ou acordado, os bens que o olho não viu, que o ouvido não escutou e que não subiram ao coração do homem[70], estes bens para o qual voltam os olhares e desejam os próprios anjos[71], se sentirá oprimido e aflito se for arrancado por alguém desta contemplação. Parecer-lhe-á morrer e sentir-se-á rejeitado da vida eterna.

88. Muitos chamam de bem-aventurada a vida eremítica, outros a vida comum ou cenobita. Outros louvam o fato de dirigir o povo, exortar, ensinar e fundar Igrejas. Diversos homens nutrem seus corpos e suas almas destas obras. Quanto a mim, não saberia apontar uma preferência por qualquer destas coisas, nem declarar que tal ou qual gênero de vida é digno de louvor ou de censura. Quaisquer que sejam as obras e as ações, a vida por Deus e segundo Deus é a mais bem-aventurada.

89. A vida humana é feita da diversidade das ciências e das artes, e cada qual trabalha em sua própria obra e traz sua contribuição. É assim que os homens vivem, comunicando uns com os outros e atendendo às necessidades naturais do corpo. Podemos ver o mesmo nas coisas espirituais. Um busca uma virtude, outro outra. Este segue a vida por um caminho, aquele por outro. Mas para todos estes caminhos convergem para um mesmo objetivo.

90. O objetivo de todos os que levam sua vida segundo Deus é de agradar a Cristo nosso Deus, obter a reconciliação com o Pai pela comunhão do Espírito e assim alcançar a própria salvação. Pois esta é a salvação de toda alma e de todos os homens. Se este objetivo não é atingido todo esforço foi vão, todo trabalho, todo caminho vida afora que não conduziu à finalidade última aquele que o percorreu.

91. Quem deixou o mundo inteiro e partiu para a montanha da hesíquia, e que de lá escreveu ostensivamente àqueles que ficaram no mundo, abençoando a uns, elogiando e louvando a outros, lembra o homem que se separou de uma mulher prostituída, mal vestida, desonesta, e se foi para um país distante para esquecê-la, apenas para adiante, esquecendo-se de por que se retirara, escrever para os que gravitavam por assim dizer ao redor da prostituta sujando-se com ela, abençoando-os. Mesmo que não seja em seu corpo, no mínimo em seu coração e em seu intelecto ele partilha das intenções passionais destes homens, pois ele aprova que se unam à prostituta.

92. Na mesma medida em que aqueles que vivem no mundo e que mantêm seus corações puros de todo desejo mau são bem-aventurados e dignos de louvor, merecem a censura e a reprovação os que habitam nas montanhas e nas cavernas[72] mas procuram os louvores e os elogios dos homens. Diante de Deus, que sonda nossos corações[73], eles serão como adúlteros. Pois quem deseja que sua vida, seu nome e sua conduta sejam louvados pelo mundo, se prostitui longe de Deus[74], como outrora o fez o povo judeu, como disse Davi[75].

93. Aquele que, pela firmeza de sua fé em Deus, renunciou ao mundo e ao que existe no mundo, acredita que o Senhor é

[70] Cf. I *Coríntios* 2: 9.
[71] Cf. I *Pedro* 1: 12.
[72] Cf. *Hebreus* 11: 38.
[73] Cf. *Romanos* 8: 27.
[74] Cf. *Oséias* 4: 12.
[75] Cf. *Salmo* 105 (106): 39.

compassivo e misericordioso[76] e que recebe aos que a ele vão por meio do arrependimento. Sabendo que é pela desonra que Deus honra aos seus servidores, que ele os enriquece com a pobreza, os glorifica com os ultrajes e as humilhações e que pela morte ele os estabelece na comunhão e na herança da vida eterna, este homem percorre o caminho como o cervo sedento corre para a fonte imortal[77], e ganha as alturas como se subisse pela escada sobre a qual sobem e descem os anjos em socorro daqueles que se elevam. Deus está no cume[78], aguardando nossa boa vontade e os esforços que fazemos na medida do nosso possível, não por gostar de nos ver penar, mas por que, em seu amor pelo homem, ele quer nos dar as recompensas como coisas a nós devidas.

94. Deus não permite sucumbir àqueles que se dirigem resolutamente a ele. Se os vê em dificuldades, os assiste e auxilia. Ele estende desde o alto sua mão poderosa e os faz subir até si. Ele os assiste de modo visível e invisível, consciente e inconsciente, até que, depois de ter galgado todos os degraus da escada, eles se aproximem, inteiramente unidos a ele, esquecidos de todas as coisas terrestres, vivendo com ele nas alturas, se no corpo e fora do corpo não sei[79], mas partilhando sua existência e usufruindo dos bens inefáveis.

95. É justo que acima de tudo coloquemos nosso pescoço sob o jugo dos mandamentos de Cristo, sem resistir nem recuar, que andemos reta e ardentemente por esta via até a morte e que façamos de nós mesmos o Paraíso de Deus verdadeiramente renovado, até que, com o Pai, o Filho, por intermédio do Espírito Santo, entre e habite em nós. Então, quando o tivermos por inteiro em nós, como nosso anfitrião e mestre, aqueles dentre nós a quem ele der uma ordem ou confiar um ofício, qualquer que seja, o assumirá e cumprirá de todo coração, como ele próprio desejou. Mas não é permitido buscar tal ofício antes do tempo, nem aceitar recebê-lo das mãos dos homens. Devemos perseverar nos mandamentos de nosso Mestre e nosso Deus, e aguardar suas ordens.

96. Se, depois de haver assumido um ofício nos haveres de Deus e nele nos distinguirmos, recebermos do Espírito ordem de passar a outro serviço, a outra tarefa, a outra obra, não recusemos. Pois Deus não quer, nem que permaneçamos sem fazer nada, nem que fiquemos até o fim na mesma tarefa com a qual começamos, mas que façamos progresso e estejamos sempre em movimento a fim de alcançarmos o melhor, ou seja, que sigamos a vontade de Deus e não a nossa.

97. Quem se aplica em fazer morrer a própria vontade deve cumprir a vontade de Deus, fazer penetrar em si mesmo esta vontade de Deus em lugar da sua, plantá-la e enxertá-la em seu coração, e ainda observar se o que foi plantado criou raízes em profundidade, se o que foi enxertado cicatrizou, uniu-se à árvore e se tornou uno com ela, e se tudo cresce, floresce e dá frutos bons e doces. Assim este homem já não reconhecerá em si nem a terra que recebeu a semente, nem a raiz na qual foi enxertada esta planta incompreensível e inefável que traz em si a vida.

98. A quem recusa sua própria vontade por temor a Deus, de uma maneira por assim dizer inconsciente e sem que se saiba como Deus concede sua própria vontade e a mantém indelével em seu coração, abrindo os olhos de sua reflexão para que ele a reconheça, e lhe concedendo a força para cumpri-la. É a graça do Espírito Santo que

---

[76] Cf. *Salmo* 102 (103): 8.
[77] Cf. *Salmo* 41 (42): 2.
[78] Cf. *Gênesis* 28: 12-13.
[79] Cf. II *Coríntios* 12: 2-3.

age aqui, e nada se pode fazer sem ela[80].

99. Se você recebeu o perdão de todos os pecados, seja pela confissão, seja revestindo-se do santo hábito angélico[81], quanto amor, quanta ação de graças, quanta humildade não engendrará em você tal perdão? Você merecia mil castigos; e agora, não apenas você se livrou deles, como ainda foi considerado digno da filiação, da glória do Reino dos céus. Considerando estas coisas em sua reflexão e nelas pensando todo o tempo, esteja pronto, prepare-se desde já para não ultrajar aquele que o criou, que o honrou, que perdoou seus milhares de faltas. Em todas as suas obras glorifique-o e honre-o, a fim de que em troca ele próprio o glorifique, a você a quem ele glorificou mais do que a toda a criação visível, e para que ele o chame de verdadeiro amigo.

100. Na mesma medida em que a alma é mais preciosa do que o corpo, o homem dotado de razão é mais elevado do que o resto do mundo inteiro. Considerando a imensidade das criaturas que estão no mundo, homem, não pense que por causa disto elas sejam mais preciosas do que você. Contemplando a graça que lhe foi concedida e reconhecendo a dignidade de sua alma dotada de intelecto e de razão, celebre a Deus que o honrou mais do que todo o universo visível.

101. Examinemos o modo como glorificamos a Deus. Ele não pode ser glorificado por nós diferentemente do que o foi pelo Filho. Pois as vias pelas quais o Filho glorificou a seu Pai[82] são as mesmas pelas quais o Pai glorificou o Filho. Sigamo-las portanto, com fervor, a fim de glorificarmos por meio delas aquele que aceitou ser chamado nosso Pai nos céus[83], para que sejamos glorificados por ele com a glória que o Filho possuía diante dela antes que o mundo existisse[84]. Estas vias são a cruz, ou seja, a morte para o mundo inteiro, as aflições, as tentações e os demais sofrimentos de Cristo. Se suportarmos estas coisas com paciência imitaremos os sofrimentos de Cristo. E por meio delas glorificaremos nosso Pai e nosso Deus, como seus filhos pela graça e como co-herdeiros de Cristo[85].

102. A alma que ainda não se liberou perfeita e conscientemente da ligação com as coisas visíveis e do pendor que sente por elas não pode suportar sem dor as aflições que lhe chegam e os ultrajes que vêm dos demônios e dos homens. Ela permanece ligada por causa de seu pendor pelas coisas humanas. Perder dinheiro a fere como uma mordida, sentir-se privada dos bens a atormenta e as feridas em seu corpo a fazem sofrer em demasia.

103. Se alguém arrancou sua alma dos laços e do desejo das coisas sensíveis e a uniu a Deus, não apenas desprezará o dinheiro e os bens que o cercam e, como se estas coisas pertencessem a outros e a estranhos, não sofrerá com sua falta, como também suportará as aflições do corpo com alegria e ação de graças como convém. Pois ele verá continuamente, segundo o Apóstolo divino, o homem exterior fenecer e o homem interior se renovar dia após dia[86]. De nenhum outro modo é possível suportar com alegria os sofrimentos que aguentamos por Deus. Pois é preciso ter um conhecimento perfeito e uma sabedoria espiritual para tanto. Quem está privado destas coisas não cessa de caminhar nas trevas[87] do desespero e da

---

[80] Cf. *João* 1: 3 e 15: 5.
[81] O hábito monástico.
[82] Cf. *João* 17: 4.
[83] Cf. *Mateus* 6: 9.
[84] Cf. *João* 17: 5.
[85] Cf. *Romanos* 8: 17.
[86] Cf. II *Coríntios* 4: 16.
[87] Cf. *João* 12: 35.

ignorância, incapaz de ver a luz da paciência e da consolação[88].

104. Todo homem que parece erudito por se dedicar à ciência matemática jamais será digno de se debruçar[89] sobre os mistérios de Deus e enxerga-los, enquanto não aceitar ser humilhado, enquanto não se tornar louco[90], rejeitando tanto a presunção quanto o conhecimento que possui. Quem age desta maneira e com a fé firme acompanha os verdadeiros sábios nas coisas divinas, é por eles guiado e com eles penetra na cidade do Deus vivo[91]. Conduzido e iluminado pelo Espírito divino[92], ele vê e aprende o que nenhum homem jamais pode ver ou aprender[93]. Por que então ele é ensinado por Deus[94].

105. Os discípulos dos homens eruditos deste século tomam por loucos aqueles que são ensinados por Deus[95]. Na verdade são eles os loucos, reduzidos à impotência pela sabedoria profana que se tornou patética, esta sabedoria que Deus converteu em loucura[96], segundo o Apóstolo divino, esta sabedoria voz teológica sabia ser terrestre, material, demoníaca[97], cheia de disputa e de invejas. Pois estes homens que estão fora da luz divina, que são incapazes de ver as maravilhas que ela ilumina, consideram como perdidos os que permanecem na luz e que enxergam e ensinam o que nela existe, sendo que os perdidos são eles próprios, que jamais provaram dos bens inefáveis de Deus.

[88] Cf. *Romanos* 15: 5.
[89] Cf. I *Pedro* 1: 12.
[90] Cf. I *Coríntios* 3: 18.
[91] Cf. *Hebreus* 12: 22.
[92] Cf. *João* 16: 3.
[93] Cf. I *Timóteo* 6: 16.
[94] Cf. *João* 6: 45.
[95] *Id.*
[96] Cf. I *Coríntios* 1: 20.
[97] Cf. *Tiago* 3: 15.

106. Existem ainda, e mesmo agora, vivendo no meio de nós, homens impassíveis e santos, seres repletos da luz de Deus. Eles fizeram a tal ponto morrer seus membros a toda impureza e toda concupiscência sobre a terra[98], que, não apenas jamais pensarão nem farão mal algum por si mesmos, como ainda, se arrastados a isto por alguém, não sofrerão a menor modificação em sua impassibilidade. Eles sabem, com efeito, que são estes homens – ainda que tivessem eles a ciência das palavras divinas que leem e cantam todo dia – que lhes aconselham relaxar e não acreditam nos mestres que ensinam as coisas de Deus na sabedoria do Espírito. Ora, estes, se tivessem adquirido um conhecimento perfeito da divina Escritura, acreditariam nos bens que Deus disse que nos concederá. Mas, por presunção e negligência, eles acabam por não participar de nenhum destes bens. E, por não acreditarem nos que receberam o ensinamento de tais bens, eles os caluniam.

107. Aqueles que estão repletos da graça de Deus e que alcançaram a perfeição pelo conhecimento e pela sabedoria do alto não tentam se aproximar nem ver os homens do mundo senão para beneficiá-los com a lembrança dos mandamentos de Deus e pela benevolência, se a estes for possível ouvir, compreender e se deixar convencer. Pois os que não são conduzidos pelo Espírito de Deus[99] caminham nas trevas e não sabem aonde vão[100], nem em quais mandamentos devem progredir, nem contra quais obstáculos avançam. Talvez algum dia, regressando da presunção em que estão mergulhados, possam receber o verdadeiro ensinamento do Espírito Santo, e, ouvindo sem falsificação nem alteração a vontade de Deus, se arrependam e cumpram finalmente com esta vontade, podendo assim participar de

[98] Cf. *Colossenses* 3: 5.
[99] Cf. *Romanos* 8: 14.
[100] Cf. *João* 12: 35.

alguns dons espirituais. E, se os perfeitos não conseguem levar a tais homens este benefício, chorando pelo endurecimento de seus corações eles regressam às suas celas e oram noite e dia por sua salvação. Esta é a única aflição que sofrem aqueles que estão todo o tempo com Deus e que transbordam de todos os seus bens.

108. Qual é o objetivo da encarnação de Deus o Verbo, proclamado em toda a divina Escritura, que nos foi dado conhecer pela leitura, mas que não reconhecemos, senão certamente nos dar a comungar o que pertence a ele depois que ele tenha partilhado o que é nosso? Pois o Filho de Deus se tornou Filho do homem para fazer de nós, os homens, filhos de Deus, elevando por meio da graça a nossa raça até aquilo que ele próprio é por natureza, enfim, engendrando-nos a partir do alto[101] no Espírito Santo e nos permitindo entrar rapidamente no Reino dos céus[102], ou melhor, permitindo-nos tê-lo em nós[103]. Assim sendo, não é em esperança que entramos no Reino, mas desfrutamos dele e proclamamos: "Nossa vida é oculta com Cristo em Deus[104]".

109. O batismo não suprime nosso livre arbítrio nem nossa livre escolha. Mas ele nos concede a liberdade para que não mais sejamos submetidos, ainda que contra nossa vontade, à tirania do diabo. Depois do batismo, está em nosso poder ou bem deliberadamente perseverar nos mandamentos de Cristo nosso Mestre e nosso Deus, em quem fomos batizados[105], e caminharmos sobre a via de seus preceitos, ou nos desviarmos deste caminho reto e retornarmos ao diabo por nossas más ações, nosso adversário e nosso inimigo.

[101] Cf. *João* 3: 3-7.
[102] Cf. *João* 3: 5.
[103] Cf. *Lucas* 17: 21.
[104] *Colossenses* 3: 3.
[105] Cf. *Gálatas* 3: 27.

110. Aqueles que, depois do santo batismo, cedem às vontades do maligno e fazem o que ele aconselha, se separam da santa matriz do batismo, como disse Davi[106]. Pois nenhum de nós pode se tornar outra coisa do que é ou sair da natureza segundo a qual foi criado. Mas, criado bom por Deus (pois Deus nada fez de ruim), o homem, imutável em sua natureza tal como esta foi criada e imutável em sua essência, faz de si mesmo o que escolher e quiser, para o bem e para o mal. Sirva ao bem ou ao mal, a espada não muda sua natureza, e permanece de ferro. O mesmo acontece com o homem. Como foi dito, ele faz acontecer e faz o que bem entender, mas sem jamais sair de sua natureza.

111. Sentir piedade de um único ser não salva, mas desprezar um só ser envia para a fornalha[107]. "Tive fome e tive sede[108]", evidentemente não foi dito uma única vez. Estas palavras não significam "tal dia", mas se estendem a toda a vida. Alimentar a Cristo, dar-lhe de beber, vesti-lo e tudo o que se segue, nosso Senhor e nosso Deus não declarou receber de seus servidores estas coisas uma vez, mas para sempre e em todos.

112. Aquele que deu esmola a cem, mas que, ainda podendo dar a outros e oferecer-lhes o que comer e beber, despacha a quem lhe pede e implora, será julgado por Cristo por não tê-lo alimentado. Pois o próprio Cristo está em todos eles, ele que é por nós alimentado em cada um destes pequenos.

113. Aquele que hoje dá a todos tudo de que necessita o corpo, mas que amanhã, podendo fazê-lo, negligencia de seus irmãos e os deixa para morrer de fome, sede ou frio, este homem não viu que era

[106] Cf. *Salmo* 57 (58): 4.
[107] Cf. *Mateus* 18: 10.
[108] *Mateus* 25: 35.

Cristo quem morria e desprezou aquele que disse: "Na medida em que fizerem isto a um destes pequeninos, a mim o terão feito[109]".

114. Se Cristo aceitou tomar o rosto de cada pobre e se fez semelhante a todo pobre, foi para que nenhum dos que nele creem se eleve acima de seu irmão, mas que cada qual, vendo a seu irmão e a seu próximo como seu Deus, considere a si mesmo como o menor de todos, a si e não ao seu irmão, que é como se fosse seu Criador, e que o acolha e honre como se Deus fosse, e se despoje de tudo o que possui para servi-lo, como Cristo nosso Deus verteu todo seu sangue por nossa salvação.

115. Quem recebeu a ordem de considerar o próximo como a si mesmo[110] deve considerá-lo assim não por um dia ou dois, mas por toda a existência. A quem foi prescrito dar a quem pedir[111] deve agir assim durante toda sua vida. E quem quiser que os demais lhe façam o bem que deseja[112] deve exigir de si fazer este mesmo bem a eles.

116. Portanto, aquele que considera o próximo como a si mesmo[113] não suporta possuir mais do que ele. Se tiver e se não partilhar com abundância até se tornar pobre também e parecido com os que lhe são próximos, não terá cumprido o mandamento do Mestre. Como também não o cumpre aquele que dá a todos que lhe pedem, mas recusa a um apenas, enquanto possui ainda um óbolo ou um pedaço de pão; ou aquele que não faz ao próximo o que gostaria que este lhe fizesse[114]. Assim, aquele que alimentou, deu de beber e vestiu a todos os pobres, mesmo os mais pequeninos, e que tudo fez por eles, mas que desprezou a um apenas e o negligenciou, considere a si mesmo como o homem que desprezou a Cristo Deus faminto e sedento[115].

117. Talvez essas coisas pareçam difíceis para estas pessoas. Parecer-lhes-á razoável dizer: "Quem poderá fazer tudo isso, cuidar e alimentar todos os homens sem negligenciar absolutamente nenhum dentre eles?". Que então escutem a Paulo, que disse textualmente: "Pois o amor de Cristo nos pressiona quando pensamos nisto: se um só morreu por nós, então estamos todos mortos[116]".

118. Assim como os mandamentos gerais contêm em si todos os mandamentos particulares, também as virtudes gerais englobam em si as virtudes particulares. Aquele que vendeu tudo o que tinha[117] e distribuiu aos pobres e que de um só golpe se tornou indigente, cumpriu de uma vez tudo o que exigem os mandamentos particulares. Ele já não precisa dar a quem pede, nem se afastar de quem vem lhe pedir emprestado[118]. Também aquele que ora todo o tempo[119] encerrou a tudo nesta prece. Ele já não tem necessidade de louvar o Senhor sete vezes por dia[120], no por do sol, pela manhã e ao meio-dia[121], por que já cumpriu tudo o que a regra nos manda orar e cantar nos momentos e nas horas determinadas. Também alguém que tenha recebido em si conscientemente de Deus, que dá o conhecimento aos homens[122], este percorreu toda a Sagrada Escritura

---

[109] *Mateus* 25: 40.
[110] Cf. *Levítico* 19: 18.
[111] Cf. *Mateus* 5: 42.
[112] Cf. *Mateus* 7: 12.
[113] Cf. *Levítico* 19: 18.
[114] Cf. *Mateus* 7: 12.
[115] Cf. *Mateus* 25: 45.
[116] II *Coríntios* 5: 14.
[117] Cf. *Mateus* 19: 21.
[118] Cf. *Mateus* 5: 42.
[119] Cf. I *Tessalonicenses* 5: 17.
[120] Cf. *Salmo* 118 (119): 164.
[121] Cf. *Salmo* 54 (55): 18.
[122] Cf. *Salmo* 93 (94): 10.

e colheu todos os frutos da leitura: ele já não terá necessidade da leitura de livros. Como poderia precisar, ele que desfruta continuamente da companhia e da conversa com Deus, que inspirou os homens que escreveram as divinas Escrituras, ele que foi pelo próprio Deus iniciado nos arcanos dos mistérios ocultos? Este será para os outros como que um livro inspirado por Deus, que traz em si, escrito pelo próprio dedo de Deus[123], os novos e os antigos mistérios[124]. Pois ele cumpriu tudo, e na perfeição original, em Deus, e repousa de todas as suas obras.

119. O corrimento seminal durante o sono tem habitualmente muitas razões. Ele pode advir da gulodice, da vanglória, da inveja dos demônios. Mas também pode nascer de um excesso de vigília, quando, por temor de experimentar tal coisa, o corpo relaxa durante o sono. Ou ainda, aquele que, por causa da divina Liturgia, se é padre, ou por causa da comunhão, se liga a estes pensamentos, por tanto temer a coisa em seu leito – e a experimenta assim que adormece. Também isto provém da inveja dos demônios. Outra coisa que acontece: alguém viu um belo rosto durante o dia, depois o imagina em espírito e vai dormir com pensamentos prostituídos; incapaz de expulsá-los em seu relaxamento, ele tomba durante o sono, e às vezes acordado em seu leito. Outra: alguns negligentes da minha espécie estão sentados conversando sobre coisas que excitam as paixões, quer o façam com paixão ou não; depois, deitados, eles trazem estas coisas de volta ao intelecto, e adormecem unindo-se a elas durante o sono. É provável que no decurso desta conversa, cada qual tenha recebido do outro algo prejudicial. É por isso que devemos sempre vigiar e meditar sobre o que disse o Profeta: "Eu tive constantemente o Senhor diante de meus olhos, e por isso ele permanece à minha direita para que eu não caia[125]". E devemos fechar os ouvidos a tudo o q eu diz respeito à paixão. Muitos, recém-saídos da oração, foram empurrados aos movimentos da carne. É isto que mostramos no capítulo sobre a oração.

120. Irmão, quando você debutar na vida monástica, vigie para plantar em si as mais belas virtudes, a fim de ser útil à comunidade e para que ao final você seja magnificado pelo Senhor. Não tome nenhuma liberdade com o higoumeno, como já dissemos. Não procure honrarias junto a ele. Não faça amizade com os que estão à sua frente. Não circule ao redor de suas celas, sabendo que, com isto, não apenas a vanglória começará a tomar raízes em você, como também o superior se desagradará de você. Como? Compreenda, é assim. Sente-se em sua cela, onde quer que seja, e em paz. Não fuja de quem vier conversar com você, por causa da piedade. Se você o encontrar com a permissão de seu pai espiritual, ele não o prejudicará, mesmo se for pouco piedoso. E se você achar que isto não é bom para você, siga o caminho que lhe fizer bem.

121. Você precisa manter continuamente em si o temor a Deus e examinar a si mesmo todos os dias para saber o que você faz de bem ou de mal. Depois você deve esquecer o que fez de bom, para não cair na paixão da vanglória. Confessando suas faltas e orando ardentemente, chore pelo que fez de mal. Examine a si próprio assim. Ao cair do dia, diga a si mesmo: como, com a graça de Deus, eu passe este dia? Terei eu condenado, injuriado, escandalizado alguém? Terei eu contemplado um rosto com paixão? Em meu ofício, terei desobedecido a que me dirige? Será que negligenciei meu ofício? Ou fiquei irritado com alguém? Será que, durante a assembleia litúrgica, deixei meu intelecto passear por pensamentos inúteis? Ou, sob o peso da irresponsabilidade, terei abandonado a

[123] Cf. *Êxodo* 31: 18.
[124] Cf. *Mateus* 13: 52.
[125] *Salmo* 15 (16): 8.

igreja e o serviço divino? Se, em todas estas coisas, você não teve nenhuma culpa (o que é impossível, pois ninguém está puro e sem mácula, mesmo que por um só dia na vida[126], e ninguém pode se glorificar por possuir um coração casto[127]), então clame a Deus vertendo muitas lágrimas: "Senhor, perdoe os pecados que cometi em atos e palavras, com conhecimento e por ignorância". Pois cometemos muitas faltas[128] sem sabê-lo.

122. Devemos a cada dia confiar todos os nossos pensamentos ao pai espiritual; aquilo que ele disser deve ser recebido com plena segurança, como se fosse da boca de Deus. Não se deve falar dessas coisas a outros, declarando, por exemplo: "Eu perguntei a meu pai tal ou tal coisa, e ele me respondeu assim e assim. Terá sido uma boa resposta? Que devo fazer para me cuidar?". Estas palavras estão cheias de desconfiança em relação ao pai e prejudicam a alma. Normalmente, este tipo de coisa acontece aos noviços.

123. É preciso que cada um de nós veja como santos a todos os que vivem na comunidade, e que nos consideremos cada qual como o único pecador e o último. Pois todos serão salvos, e só nós seremos castigados neste dia. Quem pensa nisto durante a assembleia litúrgica não deixe de verter lágrimas abrasadoras na compunção de seu coração, sem levar em conta outros que, vendo-o, possam se escandalizar ou rir-se. Mas se você perceber que, ao se expor assim, você se deixa levar pela vanglória, saia da igreja e vá chorar em segredo, retornando o mais depressa possível à sua cela. Sobretudo aos noviços esta atitude é boa, em especial durante o hexassalmo, as leituras do katisma, as leituras litúrgicas da Bíblia e a divina Liturgia. Vigie para nunca condenar ninguém. Diga para si mesmo: os que me veem gemendo assim, compreendendo que sou um grande pecador, rezam pela minha salvação. Em todo caso, se você pensar sempre nisso e se o fizer sem descanso, extrairá daí um grande benefício, atrairá a graça de Deus e participará da beatitude divina.

124. Não entre na cela de ninguém, salvo na do higoumeno, e, mesmo nesta, raramente. Se você quiser interrogá-lo a respeito de algum pensamento, faça-o na igreja. Depois da assembleia litúrgica retire-se rapidamente para a sua cela, depois vá fazer seu ofício. Depois das orações das horas faça uma metania diante do trono do higoumeno, peça sua benção e logo, baixando a cabeça e em silêncio, retire-se para sua cela. Mais vale um trisságio dito com atenção ao se deitar do que velar por quatro horas em conversas inúteis. Numa palavra: onde estiver a compunção e a tristeza espiritual, ali estará a iluminação divina. E quando esta vem habitar em nós afastam-se a acídia e as enfermidades.

125. Não sinta afeição especial por nada nem ninguém, sobretudo por um noviço, mesmo que lhe pareça que ele leva uma vida excelente, e mais ainda se ele lhe desperta alguma suspeita. Sem este cuidado você poderá ser levado da afeição espiritual à paixão, e cair em inúteis aflições. Isto acontece principalmente aos ascetas. Mas a humildade e a oração contínua o ensinarão. Não é agora o momento de detalhar estas coisas. Basta compreender que elas existem.

126. Você deve considerar como estranhos a todos os irmãos da comunidade, e mais ainda as pessoas que você conheceu no mundo. Você deve amar a todos os homens de maneira igual, e ver como santos os que conduzem o bom combate da piedade. Quanto aos negligentes, como eu, você deve rezar por eles continuamente. Entretanto, como dissemos acima, considere a todos os outros como santos e apresse-se a se purificar das paixões pela tristeza, a fim de que, recebendo da graça a luz que lhe permitirá ver a todos os

---

[126] Cf. *Jó* 14: 4.
[127] Cf. *Provérbios* 20: 9.
[128] Cf. *Tiago* 3: 2.

homens de maneira igual, você alcance igualmente a beatitude dos corações puros[129].

127. Considere, irmão, que aquilo que se chama de perfeita anacorese fora do mundo consiste em morrer completamente para as próprias vontades, depois cessar de ser atraído pelos pais, próximos e amigos até renunciar completamente a eles.

128. Depois você deve se despojar de todos os seus bens e distribuí-los aos indigentes, segundo Aquele que disse: "Venda tudo o que tem e dê o dinheiro aos pobres[130]". E esqueça todos os rostos amados de modo particular, tanto corporal como espiritualmente.

129. Tudo o que está oculto em seu coração, desde a infância até agora, confesse-o ao seu pai espiritual ou ao higoumeno, como se fosse ao próprio Deus que sonda os corações e os rins[131], pois você sabe que João batizava com um batismo de arrependimento[132] e que todos iam a ele confessar seus pecados[133]. A alma recebe disto uma grande alegria e a consciência se sente aliviada, segundo as palavras do Profeta: "Diga primeiro seus pecados, a fim de ser justificado[134]".

130. Você deve ter esta certeza no espírito: depois de sua entrada na comunidade monástica, todos os seus parentes e amigos estarão mortos. Você deve considerar que seus únicos Pai e Mãe são Deus e seu superior, e jamais pedir aos seus que satisfaçam as necessidades do seu corpo. Se eles, de moto próprio, lhe enviarem qualquer coisa, receba-a, ore por sua solicitude e entregue-a à hotelaria ou à enfermaria, com toda humildade. Pois você não se deve considerar entre os perfeitos, mas entre os menores.

131. Você deve fazer com humildade tudo o que for bom, dirigindo-se em espírito Àquele que disse: "Quando vocês tiverem feito tudo, digam: somos servidores inúteis, pois fizemos o que deveríamos ter feito[135]".

132. Se você está em conflito com alguém, ainda que pela sugestão de um pensamento, evite tomar a comunhão até se reconciliar com ele pelo arrependimento. Também isto você terá que aprender por meio da oração.

133. É preciso estar pronto a cada dia para acolher toda aflição, compreender que as aflições resgatam numerosas dívidas, e dar graças ao Santo Deus. É por meio destas coisas que se adquire uma certeza que ninguém pode confundir, conforme o grande Apóstolo: "Pois a aflição engendra a paciência; a paciência engendra a experiência; a experiência engendra a esperança; e a esperança nunca decepciona[136]". Com efeito, "aquilo que o olho não viu, que o ouvido não escutou, o que não subiu ao coração do homem[137]", estas coisas, segundo a promessa infalível, serão dadas aos que, com a ajuda da graça, mostraram paciência em meio às aflições. Pois sem a graça, nada pode ser conduzido com sucesso.

134. Não mantenha afazeres na sua cela, nem mesmo uma agulha. Nada senão um lençol, uma coberta, uma manta e suas roupas. Se possível, nenhum calçado. Tudo isto já foi dito. Compreenda quem puder.

---

[129] Cf. *Mateus* 5: 8.
[130] *Mateus* 19: 21.
[131] Cf. *Salmo* 7: 9.
[132] Cf. *Atos* 19: 4.
[133] Cf. *Mateus* 3: 6.
[134] *Isaías* 43: 26.
[135] *Lucas* 17: 10.
[136] *Romanos* 5: 3-5.
[137] I *Coríntios* 2: 9.

135. De resto, você não deve pedir coisa alguma ao higoumeno, ainda que lhe pareça útil, fora das que lhe foram prescritas. Mesmo estas, não as pegue enquanto ele próprio não as der, depois de havê-lo chamado. E nunca obedeça ao pensamento que lhe sugere trocar alguma das coisas que lhe foram fornecidas. Receba-as tais como vierem às suas mãos, com gratidão, como se viessem de Deus, e trabalhe com elas. Não saia à procura de outras. Quando suas roupas estiverem sujas, lave-as, duas vezes ao ano. Como um pobre e um estrangeiro, com toda humildade, peça uma roupa emprestada a um irmão enquanto espera a sua, lavada, secar ao sol. Depois devolva a roupa emprestada, agradecendo. Faça o mesmo com o manto, ou com qualquer outra peça.

136. Na medida de suas forças, não tente diminuir sua pena quando cumpre um ofício. Você deve perseverar na prece com compunção e atenção, chorando sempre. E não ponha ideias na sua cabeça: "Hoje estou indisposto devido à fadiga do corpo, então reduzirei alguma coisa das orações". Pois eu lhe digo que se alguém se esforça para cumprir seu ofício mas se priva da oração está sofrendo uma grande perda. Esta é a verdade.

137. Você deve chegar antes de todos às assembleias eclesiais e sair por último, salvo em caso de grande necessidade. Sobretudo nas matinas e na Liturgia.

138. Você deve se submeter totalmente ao seu higoumeno, de quem recebeu a tonsura, e fazer sem refletir, até a morte, o que ele ordenar, mesmo que isto lhe pareça impossível. Pois nisto você estará imitando Aquele que obedeceu até a morte, e morte de cruz[138]. Você não deve desobedecer, não apenas ao higoumeno, mas a toda a fraternidade e ao responsável pelos ofícios. Se aquilo que lhe for ordenado ultrapassar suas forças, faça uma metania e peça para ser dispensado. E se isto lhe for recusado, faça uma violência consigo mesmo, lembrando que o Reino dos céus pertence aos que se fazem violência, e que são estes que o conquistam[139].

139. É preciso rolar aos pés de toda a fraternidade, com o coração quebrantado, como um homem sem aparência, desconhecido, que é menos do que nada. Quem se conduz assim nesta vida, ouso dizê-lo, receberá o dom da visão profética e predirá muitas coisas com a ajuda da graça. Este homem também chorará pelas faltas dos outros. Ele estará separado das paixões materiais, pois o amor espiritual a Deus o impedirá de cair nelas. De resto, predizer não tem nada de espantoso: muitas vezes isto provém dos demônios. Mas existem aqueles que podem. Porém, se alguém começa a receber confissões, talvez acabe se privando destas coisas, ocupado que está em examinar os pensamentos de outros. Se, com muita humildade, ele deixar de fazer isto – ou seja, de falar e ouvir – ele se restabelecerá em seu primeiro estado. Mas somente Deus tem o conhecimento destas coisas. Quanto a mim, sinto-me impedido pelo temor e não ouso dizer nada.

140. É preciso ter o intelecto constantemente voltado para Deus, dormindo ou acordado, comendo ou falando, trabalhando com as mãos ou fazendo qualquer outra coisa. É o que mandam as palavras proféticas: "Eu tive sempre o Senhor diante dos meus olhos[140]". Considere que você é mais pecador do que qualquer homem. Se você conservar isto por tempo suficiente na sua memória, uma luz que não vem de parte alguma começará a brilhar em seu pensamento. Quanto mais você a buscar, com grande atenção e sem

---

[138] Cf. *Filipenses* 2: 8.

[139] Cf. *Mateus* 11: 12.

[140] *Salmo* 15 (16): 8.

se deixar distrair, esforçando-se muito e com muitas lágrimas, mais ela lhe parecerá viva. Ora, se ela lhe aparecer, você a amará; se você a amar, ela o purificará; e se ela o purificar, irá torná-lo semelhante a Deus, iluminando-o e ensinando-o a discernir o bem e o mal. Mas é preciso muito esforço, meu irmão, para que, com a ajuda de Deus, esta luz venha enfim a habitar totalmente em sua alma, para que ela o ilumine como a lua que ilumina as trevas da noite. É preciso também que você esteja atento ao que lhe sugerem seus pensamentos, a vanglória e a presunção, e não condenar a quem você vê fazendo algo errado. Pois, vendo a alma liberta das paixões e das tentações pela graça que habita nela e por este estado de paz, os demônios colocam estas coisas no seu caminho. Mas o socorro vem de Deus. Mas que você se mantenha constantemente de luto, sem jamais se saciar de lágrimas. Vigie para não ser afetado nem pelo excesso de alegria nem pelo excesso de compunção. Cuide também para não considerar que estas coisas provêm de seu próprio esforço e não da graça de Deus. Cuidado para que elas não lhe sejam tiradas, por que então você as buscará exaustivamente pela oração e não as encontrará, e saberá quantos dons perdeu. Senhor, que jamais sejam privados de sua graça. Porém, irmão, se isto lhe acontecer, atire diante de Deus sua fraqueza, depois se levante, estenda as mãos e ore assim: "Senhor, tenha piedade de mim que sou pecador, fraco e infeliz, envie-me sua graça, não permita que eu seja tentado além das minhas forças[141]. Veja, Senhor, a que ponto de desencorajamento e a que pensamentos me conduziram meus numerosos pecados. Senhor, ainda que eu quisesse considerar que fui privado de seu consolo por causa dos demônios e da presunção, não consigo. Eu sei que aqueles que cumpriram ardentemente sua vontade se opõem a eles. Mas eu, que a cada dia faço as vontades do demônio, como poderia ser tentado por eles? Na verdade, sou tentado por meus próprios pecados. Agora, meu Senhor, Senhor, se esta é sua vontade e se isto é bom para mim, que venha novamente sobre seu servidor sua graça, para que, vendo-a, eu me regozije, cheio de compunção e gemidos, iluminado por este esplendor sempre luminoso, protegido da imundície dos pensamentos impuros, de toda coisa má, de tudo o que eu possa fazer de falso a cada dia, consciente ou inconscientemente, e depois receba a plenitude da confiança em meu Deus, Senhor, quando a cada dia os demônios e os homens oprimem com aflições seu servidor e quando minha própria vontade se quebra, enfim, que eu considere ainda, Senhor, os bens que aguardam aqueles que o amam[142]. Pois você disse, Senhor: 'Quem pedir, receberá, quem buscar, encontrará, e a quem bater, ser-lhe-á aberto'[143]". Enfim, irmão, persevere pedindo ainda tudo o que Deus lhe inspirar, sem se deixar levar pela acídia. E o bom Deus não o abandonará[144].

141. Permaneça até o fim na cela que você recebeu do superior no início. Mas, se você se sentir perturbado pensando na decrepitude ou na sua precariedade, faça uma metania diante do superior e diga-lhe com toda humildade. Se ele o escutar, regozije-se; senão dê graças da mesma maneira, lembrando-se de seu Mestre, que não tinha onde repousar a cabeça[145]. Pois se você importunar seu superior duas, três, quatro vezes, nascerá daí a impertinência, daí a desconfiança e por fim o desprezo. Se você quiser levar uma vida calma e reclusa, jamais reclame coisa alguma ao higoumeno para confortar seu corpo. Pois não é isto que você prometeu a princípio, mas sim ser desprezado e desdenhado por todos, segundo o mandamento do Senhor, e a tudo suportar corajosamente. Assim, se você quiser preservar sua confiança e seu amor para com o higoumeno e considera-lo como um santo, lembre-se destas três coisas: nada reclamar para seu conforto, não tomar nenhuma liberdade em

[141] Cf. I *Coríntios* 10: 13.

[142] Cf. I *Coríntios* 2: 9.
[143] *Mateus* 7: 8.
[144] Cf. *Gênesis* 28: 15.
[145] Cf. *Mateus* 8: 20.

relação a ele e não ficar muito tempo junto a ele, como fazem alguns que, pensam eles, recebem seus cuidados; este comportamento, embora humano, carece de firmeza. Mas não é condenável contar-lhe todos os pensamentos que lhe ocorram. Se você observar estas coisas, você atravessará sem tempestades o mar desta vida, e considerará como santo seu pai espiritual, seja ele quem for. Se, tendo ido à igreja consultar seu pai a propósito de algum pensamento você encontrar junto a ele outro monge que chegou antes para tratar do mesmo assunto ou de outro, e se, por causa deste monge, o pai o ignorar por um momento, não fique contrariado nem tenha nenhum pensamento hostil. Mantenha-se de parte, as mãos postas, até que ele termine a conversa e o chame. Esta é uma atitude que os pais têm para conosco, às vezes inadvertidamente, para nos testar e nos afastar dos pecados.

142. É preciso jejuar durante as três Quaresmas, duplamente durante a grande, salvo nas grandes festas e fora sábados e domingos. Durante as duas outras Quaresmas deve-se jejuar simplesmente. Nos outros dias do ano deve-se comer uma vez por dia, salvo nos sábados, domingos e nos dias de festas, mas nunca até a saciedade.

143. Esforce-se para ser um modelo útil a toda a fraternidade com toda virtude, com humildade e doçura, compaixão e obediência até nas menores coisas, ausente de cólera e de paixão, na pobreza e na compunção, na inocência e na discrição, na simplicidade do comportamento e na reserva para com todos os homens, na visita aos doentes e no consolo aos aflitos. Não se desvie de nenhum dos que precisam de sua ajuda sob pretexto de estar com Deus: pois o amor vale mais do que a prece. Esforce-se por ser compassivo para com todos, livre de vanglória e discreto. Tente jamais ser peremptório, jamais reclamar ao superior nem a ninguém que tenha um cargo, honre a todos os padres, esteja atento durante as suas orações, rejeite a afetação, ame a todos e não procure, por vaidade, perscrutar e sondar as Escrituras. É a oração dita em meio às lágrimas e a iluminação que lhe virá da graça que lhe ensinarão estas coisas. Se você for interrogado a respeito de alguma coisa do que devemos fazer, ensine as ações divinas – aquilo que a graça lhe disser que diga – com muita humildade, a partir de sua vida, como se se tratasse da vida de outro, sem nenhuma vaidade, quem quer que seja que pediu sua ajuda. E não dê as costas a quem lhe pedir que o assista a respeito de um pensamento, mas tome sobre si suas faltas, quaisquer que sejam, chorando e orando por ele. Este é um sinal de amor e de total compaixão. Não afaste que vem a você, não pense que lhe será prejudicial ouvir tais coisas. Porém, para não prejudicar aos demais, estas conversas devem se dar num lugar longe dos olhares, mesmo que você, não sendo mais do que um homem, venha a ser assaltado por algum pensamento. Por que se a graça lhe conceder, você não se deixará prender por este pensamento. De fato, nos é prescrito buscar não o nosso bem, mas o bem dos outros, para que eles sejam salvos[146]. Como dissemos, você deve manter uma vida pacífica e pobre. Então você considerará a si mesmo como submetido à ação da graça, quando se vir como o mais pecador dos homens. Não posso lhe dizer como isto acontecerá, mas Deus sabe.

144. Durante as vigílias noturnas você deve ler por duas horas e orar por duas horas, com compunção e lágrimas, dizer o cânon que escolher e, se você quiser, os doze salmos, o Amômos[147] e a oração de santo Eustrate[148]. Isto nas noites longas. Nas noites curtas faça um ofício mais curto, conforme a força que Deus lhe der. Sem ele, com efeito, é impossível alcançar qualquer bem, como disse o Profeta: "Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor[149]". E o próprio

---

[146] Cf. I *Coríntios* 10: 24. 33.
[147] O homem íntegro; designa o *Salmo* 118 (119).
[148] Esta oração se encontra no ofício bizantino da meia-noite de sábado.
[149] *Salmo* 36 (37): 23.

Senhor disse: “Sem mim vocês nada podem[150]”. Jamais comungue sem derramar lágrimas.

145. Você deve comer de tudo o que lhe for proposto e beber vinho moderadamente, sem murmurar. Mas se estiver enfermo e vivendo à parte, coma alguns legumes crus com azeite. Se um dos irmãos lhe enviar qualquer coisa para comer, receba-a com gratidão e humildade, como um estrangeiro. Seja como for, receba-a. O que restar envie a outro irmão pobre e piedoso. Se um padre o chamar para uma consolação[151], tome tudo o que lhe for oferecido, mas sempre pouco, segundo o mandamento que manda manter a temperança. Quando se levantar, depois de fazer uma metania como faria um estrangeiro ou um pobre, exprima sua gratidão e diga: “Padre santo, que Deus o recompense”. E guarde-se de contar aos outros, mesmo que isto posse vir a ser útil.

146. Se vier a você um irmão que foi repreendido pelo superior, pelo ecônomo ou por qualquer outro, console-o assim: “Irmão, acredite que isto lhe aconteceu para prová-lo. Também eu conheci essa humilhação em outras circunstâncias e, em minha fraqueza, fiquei triste. Mas depois que tive certeza de que essas coisas só aconteceram para me testar, passei a suportá-las com gratidão. Faça o mesmo, e você se regozijará com tais aflições”. Se ele próprio começar a fazer reprimendas ferinas, não se afaste, mas console-o como a graça lhe permitir. Numerosos são os discernimentos. E na medida em que você compreender o estado de seu irmão e seus pensamentos, reencontre-o e não o deixe partir sem tê-lo confortado.

147. Se você demorar a visitar um irmão enfermo, avise-o: “Creia-me, santo pai, soube hoje de sua doença e peço seu perdão”. Depois, quando for vê-lo, faça uma metania diante dele, espere que ele lhe dê a sua bênção e diga: “Como Deus o socorreu, santo pai?”. Sentado, com as mãos postas, permaneça calado. Mas, se houver outros que vieram visitar o doente, cuide para não conversar, nem sobre as Santas Escrituras, nem sobre as ciências da natureza, não coloque nenhuma questão a fim de não se tornar presa da aflição. Pois é isto que, na maior parte das vezes, acontece aos irmãos mais simples.

148. Se lhe ocorrer de tomar refeição com irmãos piedosos, aceite os alimentos que lhe forem apresentados, sejam quais forem, sem fazer diferença. Se você recebeu do pai espiritual ordem para não comer peixe ou outro alimento e estas coisas lhe forem oferecidas e se quem lhe deu a ordem não estiver longe, procure-o para obter sua licença para comer estes alimentos. Se ele não estiver próximo ou se você souber que ele não lhe dará aprovação, e se você não quiser escandalizar seus irmãos, depois da refeição conte a ele o que aconteceu e peça seu perdão. Mas se você quiser evitar tanto uma como outra coisa, o melhor é não comer com os irmãos. Pois então seu benefício será duplo: você escapará do demônio da vanglória e evitará para os irmãos o escândalo e a aflição. Enfim, se lhe oferecerem alimentos mais ricos, mantenha a regra. Diante de tais alimentos, o melhor é tomar um pouco de tudo. Faça o mesmo se alguém o convidar, conforme recomendou o Apóstolo: “É preciso comer de tudo o que for oferecido, sem colocar questão alguma por motivo de consciência[152]”.

149. Se no momento em que você faz suas orações em sua cela alguém bater à porta, abra. Sente-se, fale com humildade. Talvez você possa concorrer para o bem de quem o procurou. Se ele se acha oprimido por uma aflição, tente confortá-lo por palavras ou ações. Quando ele partir, feche a porta, retome e termine sua oração. Pois

[150] *João* 15: 5.
[151] Um antepasto.
[152] I *Coríntios* 10: 25.

cuidar dos que vêm é uma obra semelhante à reconciliação. Porém, se vier um homem do mundo você não deve agir assim, mas falar-lhe apenas depois de terminada sua oração.

150. Se ao orar você sentir certo medo, seja por que ouviu um ruído, seja por que brilhou algo semelhante a uma luz, seja por que aconteceu algo do gênero, não se perturbe. Antes persevere com mais ardor ainda na prece. Pois às vezes acontece, vindo dos demônios, uma agitação, um arrepio, uma vertigem, para que você relaxe e negligencie a oração, e para que, caindo em seu poder, você se torne daí por diante cativo deles. Mas se ao terminar a prece brilhar sobre você outra luz da qual lhe é impossível expressar em palavras, se sua alma se enche de alegria, se você deseja o melhor, se derrama lágrimas compungidas, saiba que se trata de uma visita de Deus e de um auxílio[153]. Se você permanecer longo tempo neste estado, por não lhe acontecer mais nada, embora suas lágrimas o oprimam, mantenha cativo seu intelecto em qualquer trabalho manual para se sentir humilhado. Tome cuidado para não desleixar a oração por causa do medo que lhe causam os inimigos. Assim como uma criança atemorizada por espantalhos deixa de temer quando se refugia nos braços da mãe ou do pai, também você, se correr para Deus por meio da oração, escapará ao temor que lhe infligem os seus inimigos.

151. Se quando você se encontra sentado em sua cela um irmão vem interroga-lo a respeito de um combate de sua carne, não o despache. Cheio de compunção ajude-o com aquilo que a graça de Deus e sua própria experiência lhe permitirem dizer e só então despeça-o. Quando ele sair, faça uma metania diante dele e diga: "Creia-me, irmão, eu espero que o amor de Deus afastará de você este combate, desde que você não ceda nem relaxe". Depois de sua partida, de pé, recorde seu combate e, elevando as mãos para Deus, chorando e gemendo, peça por seu irmão dizendo: "Senhor Deus, que não deseja a morte do pecador[154], faça como só você sabe, e do modo que for melhor para este irmão". E Deus, que sabe a confiança que o irmão depositou em você, que conhece sua compaixão por amor e a oração sincera por ele, aliviará seu combate.

152. Todas estas coisas, irmão, convêm à compunção. É preciso conduzi-las com o coração quebrantado[155], paciência e ação de graças. Elas são verdadeiras fontes de lágrimas que purificam das paixões e abrem o Reino dos céus. Pois o Reino dos céus é dos que se fazem violência, e são os que se violentam que o ganham[156]. Se você chegar até aí você estará completamente desembaraçado do modo como vivia antigamente, e talvez até das sugestões do pensamento. As trevas se retiram naturalmente diante da luz, e a sombra diante do sol. Pois se alguém negligencia estas coisas no início, relaxando o pensamento, se ocupando com o que é supérfluo, ficará privado da graça. Então, caindo sob as paixões do mal, conhecerá sua própria fraqueza, cheio de terror. Mas, por outro lado, é preciso que quem chegou a realizar tais coisas não considere tê-las feito por seu próprio esforço, mas pela graça de Deus. É preciso começar pela autopurificação, conforme aquele que disse: "Você deve primeiro se purificar, para depois se encontrar com o Puro". De fato, quando o intelecto foi purificado por meio de muitas lágrimas e acolhe o esplendor da luz divina, esta luz que nem todo o mundo é capaz de atenuar, quando ele a recebe, ele permanece em espírito com prazer nos bens do século futuro.

153. Um dia perguntaram a este santo e bem-aventurado Simeão que

---

[153] Cf. *Salmo* 21 (22): 19; 88 (89): 18.

[154] Cf. *Ezequiel* 18: 23.

[155] Cf. *Salmo* 50 (51): 19.

[156] Cf. *Mateus* 11: 12.

tipo de homem deveria ser um sacerdote. Ele respondeu: "Eu não sou digno de ser sacerdote. Mas quem é aquele que irá celebrar o culto divino, isto eu sei com certeza. Primeiro ele deve ser casto, não apenas no corpo, mas também na alma. Por outro lado, ele deve estar desembaraçado de todo pecado. Em segundo lugar ele deve ser humilde, tanto em seu comportamento exterior como nas atitudes interiores de sua alma. Depois, quando ele estiver diante do santo altar, ele deverá enxergar sem a menor dúvida por meio dos olhos do intelecto a Divindade, e pelos olhos sensíveis os santos dons expostos. Mais ainda, ele deve ter em si conscientemente, habitando em seu próprio coração, Aquele que está invisivelmente presente nos dons, a fim de poder oferecer as demandas com segurança e, falando como um amigo a outro[157], dizer: Pai nosso que está no céu, santificado seja o seu nome[158], e esta oração significará que ele possui em si, junto com o Pai e o Espírito Santo, Aquele que por natureza é em verdade o Filho de Deus. Eu já vi sacerdotes assim. Perdoem-me, pais e irmãos".

Como se falasse de outra pessoa, escondendo-se e fugindo da glória dos homens, mas forçado por seu amor aos homens, ele se desvelou e disse: "De um monge e sacerdote que se confiou a mim como a um amigo, eu ouvi o seguinte: 'Eu jamais celebrei a Liturgia sem ver o Espírito Santo, como o vi chegar sobre mim quando o metropolita me consagrou dizendo a oração de ordenação sacerdotal com o eucológio[159] sobre minha pobre cabeça'. Quando eu lhe perguntei como ele vira o Espírito Santo, e sob que forma, ele me disse: 'Simples e sem forma. Mas ele era como que uma luz. No começo, eu me espantei de ver o que jamais contemplara e me perguntei o que poderia ser aquilo. Mas então ouvi uma voz que me dizia secretamente: É assim que eu visito todos os profetas e os apóstolos, os eleitos e os santos de Deus até hoje. Pois eu sou o Santo Espírito de Deus'." A ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

---

[157] Cf. *Êxodo* 33: 11.
[158] *Mateus* 6: 9.
[159] Livro que contém as orações ditas durante as liturgias dos sacramentos.

NICETAS STETHATOS

TRÊS CENTÚRIAS
PRÁTICA, FÍSICA E GNÓSTICA

Nicetas Stethatos

Nosso bem-aventurado padre Nicetas, do mosteiro de Studion, viveu ao redor do ano 1030. Ele foi um fiel discípulo de Simeão o Novo Teólogo. Iniciado por este nos numerosos ensinamentos da filosofia espiritual, ele remodelou em si mesmo de tal maneira as virtudes de seu mestre que parece ser uma segunda imagem daquele, com a alma radiante dos reflexos luminosos de seus carismas e de seus ensinamentos. Sem jamais deixar de trabalhar por si mesmo na meditação das Sagradas Escrituras ele colocou por escrito e reuniu um grande número de belos pensamentos. Por meio das Escrituras, não apenas lhe foi concedido tudo aprender, como ainda experimentar todas as coisas, por experiência ou por bem-aventurada paixão. Graças a elas, ele levou seu próprio intelecto a engendrar os frutos sobrenaturais da inteligência divina, em obras de altura e sabedoria imensas. Quem quiser pode julgar sua obra a partir das três centúrias que apresentamos aqui. Se dissermos que elas são uma regra exata da ascese, um guia seguro para o conhecimento, um cumprimento de vida semelhante a Deus, numa palavra, o mais rico tesouro da visão ética e alegórica, teremos dito toda a verdade. Os pensamentos são de tal modo elevados, o fraseado tão sublime e belo, que nos perguntamos de qual das duas, se da inteligência inerente à obra ou se da elegância das palavras, provém tamanha graça nas almas dos leitores.

*

Nos primeiros anos do século XI, Nicetas – apelidado Stethatos, o corajoso – entrou para o mosteiro de Studion em Constantinopla com a idade de quatorze anos. Ali ele passou toda a sua vida, e foi sem dúvida higoumeno na velhice, por volta de 1080, tendo morrido cerca de 1090.

Ele pertence assim a estas gerações de monges que, tendo vivido em grandes comunidades organizadas, e misturando-se aos eventos da história (ele próprio chegou a participar da controvérsia que precedeu os anátemas de 1054) foram, durante séculos a consciência e a profecia da civilização bizantina em Constantinopla. Aqui estamos longe dos Padres do deserto. E, no entanto... A apologia da vida comunitária, em Nicetas, jamais será outra coisa do que uma apologia da interioridade. O deserto consiste finalmente na renúncia à própria vontade. Só uma coisa importa: encontrar o pai espiritual e fazer por ele a vontade do Pai das luzes. O evento crucial da vida de Stethatos foi assim seu breve encontro com Simeão o Novo Teólogo, de quem ele se tornou um jovem discípulo até a morte do santo (em 1022), antes de se tornar mais tarde seu biógrafo e testemunho.

Prolongando, ampliando e refinando os ensinamentos da escola do Sinai, a doutrina de Studion assumiu daí por diante a "gestão" desta herança. Mas doutrina "inspirada", traduzindo sempre e com mais e mais precisão onde se encontrava a única necessária, ela conduziu a tradição monástica pelas profundezas – e os cumes – onde seria preparado o novo hesiquiasmo dos séculos XIII e XIV, antes do final da história do mundo bizantino.

As lentas elaborações dos Padres do primeiro milênio, que irrigaram a obra de Nicetas, desembocavam na certeza (confirmada por Simeão) de que no coração de toda consagração somente conta a vida do Espírito Santo em nós: não vivemos em Deus senão por intermédio dos dons do Espírito Santo. Simeão e Nicetas são aqui como que as duas faces de um mesmo "signo". Se é verdade que à inspiração de Simeão Nicetas faz suceder uma síntese intelectual, o Padre Stanisloae está bem fundamentado ao afirmar que mestre e discípulos são indissociáveis. Um e outro são testemunhos de uma experiência pessoal fundamental (a luz do Tabor, para Simeão, e o encontro do Transfigurado, para Nicetas). E ambos são levados pela mesma necessidade de ensinar e partilhar. Nicetas chega mesmo a colocar em paralelo esta necessidade e a hierarquia celeste de Denis o Areopagita. Assim como as ordens angélicas que se aproximam de Deus recebem e transmitem a luz, também Nicetas transmite o testemunho de Simeão. Entre o Sinai do século VII e o Athos do século XIV, suas obras conjugadas significam um mesmo progresso da tradição filocálica.

As três Centúrias prática, física e teológica são exemplares sob este aspecto. Nicetas as modelou dentro da antiga trilogia evagriana, que apresenta os três graus da vida espiritual: a ascese do corpo (a ação ou prática), a ascese do intelecto (a contemplação natural ou física) e o arrebatamento da inteligência (o conhecimento místico de Deus, ou teologia). Mas a obra não é linear, e a novidade aflora. Os temas dos capítulos estão repartidos livremente pelas três Centúrias. Entre a ascese e o arrebatamento, o movimento é circular. A alma não descobre no alto a luz, não descobre a beleza, senão para mergulhar no mais fundo da ascese, que lhe permite sentir sempre mais alto uma prévia da luz, uma prévia da beleza. Existe aí uma pequena suma daquilo que é a vida monástica, que consiste sempre num duplo retorno: o retorno do arrependimento por meio da ascese e o retorno da transfiguração pelo arrebatamento.

Ao longo de trezentos capítulos Nicetas se dedica a mostrar que os estados não são fechados e que a osmose é contínua. Qualquer que seja o grau de avanço espiritual, as provas e as tentações permanecem sendo a sorte comum. Os graus não existem para definir ou amarrar o ser, mas simbolizam o modo como reagimos às provações. Nada é feito em virtude de uma ordem imanente. Não nos elevamos senão na medida em que nos abaixamos: é o Evangelho. A humildade é fundamental. Os carismas do Espírito Santo não podem ser em nós bens de que possamos nos prevalecer. Nicetas denuncia fortemente todas as dissimulações: as marcas da verdade não estão

“nos rostos, nas formas, nas palavras” ou em qualquer coisa que possa ser mascarada, falsificada, mas “nos corações quebrantados, nos espíritos humilhados, nas almas iluminadas”.

Paradoxalmente, as lições de vida comunitária conduzem sempre Nicetas à espiritualidade dos Padres do deserto, e esta o reenvia à experiência de Simeão, à sua própria experiência. Não que a hesíquia seja deslocada: ela permanece sendo a pedra angular. Mas ela abre para três estados tangíveis, partilhados e transmissíveis da edificação: a dilatação do fervor, a *katanyxis* – a compunção ou a ternura dolorosa – e, enfim, a presença do Consolador, a luz incriada. A deificação se transmite assim de homem para homem desde Cristo, “até que todos, unidos no Um, recolhidos juntos na unidade do amor, se unam infinitamente ao único Deus”. Um milênio de transmissão evangélica encontra aqui a afirmação inicial e última do sentido da vida: “ver ao próprio Deus na glória”.

Mas um testemunho tão extremo – que relembra o Tabor e anuncia Gregório Palamas – nem sempre foi recebido, Nicetas deplora a incredulidade, a inveja, as calúnias. Pois a luz de Deus, o esplendor do Reino dos céus, não são palavras, mas realidades, tão tangíveis quanto o sol. Alguns a viram, outros não. Os que a viram ficaram deslumbrados, mas transmitiram seu testemunho. Os que não a viram e ouviram falar são chamados a crer, a comungar na humildade e no amor. É o que fez Nicetas e o que ele nos convida a fazer. Não é preciso insistir sobre a atualidade de seu ensinamento.

PRIMEIRA CENTÚRIA
CAPÍTULOS PRÁTICOS

1. Existem, penso eu, na tríade perfeita das virtudes[160], quatro causas que levam a quem já ultrapassou a metade do noviciado e que chegou à tríade da teologia mística, a escrever o que é bom. A primeira é a liberdade, ou seja, a impassibilidade da alma que, pelas penas da ação conduz à contemplação natural da criação e daí penetra nas trevas da teologia. A segunda, que provém das lágrimas e da oração, é a pureza do intelecto, da qual nasce a palavra da graça e brotam as ondas dos pensamentos. A terceira é a habitação da Santa Trindade em nós. A partir dela, as efusões luminosas do Espírito se espalham para seu bem em cada um dos purificados, manifestando os mistérios do Reino dos céus e revelando os tesouros de Deus escondidos na alma. A quarta, em todo homem que recebeu o t alento da palavra do conhecimento, é a opressiva necessidade criada pela ameaça de Deus, quando disse: “Servidor mau e preguiçoso, você devia entregar meu dinheiro aos investidores, e no meu retorno eu teria retomado o que é meu com lucro[161]”. É esta necessidade que fez com que Davi dissesse, cheio de temor: “Eu não fecharei meus lábios, Senhor, você bem o sabe. Eu não escondi sua justiça em meu coração. Eu disse a verdade sobre a sua salvação. Eu não escondi seu amor e sua verdade diante da grande assembleia[162]”.

2. O começo da vida conforme a Deus consiste em fugir completamente do mundo. Esta fuga é a renúncia da alma às vontades e a superação dos cuidados terrestres, por meio da qual, apressando-nos em retornar aos cuidados de Deus, de carnais que

---

[160] As virtudes teologais: fé, esperança e caridade.
[161] *Mateus* 25: 27.
[162] *Salmo* 39 (40): 10-11.

somos nos tornamos espirituais. Assim morremos para a carne e para o mundo. Mas nossa alma é conduzida à vida, em Cristo e no Espírito.

3. A verdadeira crença da alma em relação a Deus, a fé interior aliada ao desprezo pelas coisas visíveis, a prática da virtude desembaraçada de todo egoísmo, são os três fios da corda de que fala Salomão[163]. Para rompê-la, os espíritos de malícia precisam de muito tempo.

4. Pela fé esperamos receber as recompensas por nossos esforços. É por isso que suportamos com facilidade as penas das virtudes. Cheios de certezas do Espírito divino, sobre as asas do amor nos elevamos para Deus.

5. Não é a partir do momento em que somos perturbados pelos espíritos impuros que fazemos parte daqueles que fazem o mal. É quando a alma relaxa sua tensão, quando, devido a uma vida irresponsável e desordenada o intelecto se enche de imaginações vis e sombrias, quando, por causa da negligência no estudo e na oração falham os esforços pela virtude, é então, mesmo que não o façamos por mal, que nos fixamos no país daqueles que se espojam nos prazeres.

6. Quando são rompidos os freios dos sentidos mais aptos a nos conduzir, logo as paixões se sublevam e a energia dos sentidos mais servis se põe em movimento. Quando a sua irracionalidade rompe os laços da temperança esta energia costuma se lançar sobre as causas das paixões, pastar de certo modo nestas ervas de morte, e tanto mais quanto mais se prolongar o desleixo. Pois, uma vez que ela não tiver mais freios, não mais suportará ser privada das coisas pelas quais sente um desejo natural.

7. Dentre os sentidos, dois – a vista e a audição – são dotados de razão, e mais aptos do que os demais a nos levar à sabedoria e a nos conduzir. Os outros – o paladar, o olfato e o tato – instintivos e selvagens, estão a serviço dos primeiros. De fato, começamos por ver e ouvir. Depois, levados pela razão, tocamos o que está diante de nós, cheiramos e provamos. Os três últimos estão assim mais próximos do animal do que os primeiros: eles são mais grosseiros e servis. São eles que manifestam em primeiro lugar os mais vorazes e impetuosos animais domésticos e feras. Com efeito, noite e dia, ou jamais estão saciados, ou estão à busca de saciar-se.

8. Quem volta para os sentidos internos a energia dos sentidos externos, que torna a visão para o intelecto contemplando a luz da vida, que vira o ouvido para a compreensão da alma, o paladar para o discernimento da razão, o olfato para a reflexão do intelecto, o tato para a sobriedade e a vigilância do coração, leva uma vida angélica sobre a terra. Este é um homem visível entre os homens, e um anjo inteligível entre os anjos.

9. Através do intelecto que enxerga a luz da vida divina, recebemos o conhecimento dos mistérios ocultos de Deus. Por meio da compreensão da alma, colocamos com todo conhecimento no coração os graus dos raciocínios[164], discernindo o melhor e o pior. Por meio do discernimento da razão, saboreamos as formas dos pensamentos. Alguns nascem de uma raiz amarga: ou nós os transformamos em doce alimento para a alma, ou os rejeitamos totalmente. Outros provêm de uma planta sã e fresca: nós os tomamos, levando todo pensamento cativo à obediência de Cristo[165].

---

[163] Cf. *Eclesiastes* 4: 12.

[164] Cf. *Salmo* 83 (84): 6.

[165] Cf. II *Coríntios* 10: 5.

Por meio da reflexão do intelecto sentimos o perfume espiritual da graça do Espírito, enchemos nossos corações de alegria e bem-aventurança. Por meio do coração sóbrio e vigilante nós percebemos com facilidade o Espírito cobrindo de orvalho do alto a chama de nosso desejo de bens, ou aquecendo nossas forças transidas pelo frio das paixões.

10. Assim como o corpo tem cinco sentidos – a visão, a audição, o paladar, o olfato, o tato – também a alma possui o mesmo número: a inteligência, a razão, o sentido intelectual, o conhecimento e a ciência, os quais se ligam na alma a três energias: ao intelecto, à razão e aos sentidos. Por meio do intelecto, recebemos as ideias; por meio da razão, as explicações; e por meio dos sentidos, as visões da ciência e do conhecimento de Deus.

11. Aquele cujo intelecto discerne bem o sentido dos pensamentos e acolhe com toda pureza os desígnios de Deus; aquele cuja razão explica os movimentos naturais de toda a criação visível, ou seja, que ilumina as razões dos seres; aquele cujo sentido intelectual recebe a ciência da sabedoria e do conhecimento celestes; este, ultrapassando toda sensação do flamejamento do Sol de justiça[166], alcança o que está acima dos sentidos e usufrui das delícias do invisível.

12. O intelecto possui quatro potências fundamentais: a percepção, a perspicácia, a compreensão e a diligência. Quem une a estas quatro potências as virtudes fundamentais da alma, unindo a castidade da alma à percepção do intelecto, a reflexão à perspicácia, a justiça à compreensão e a coragem à diligência, constrói para si um carro de fogo de dupla atrelagem que atravessa o céu para combater os três princípios fundamentais que comandam o exército das paixões: o amor pelo dinheiro, o amor pelos prazeres e o amor à vanglória.

13. Quem se afasta do amor ao dinheiro pela compreensão da justiça que a lei ordena, ou seja, pela compaixão misericordiosa para com o semelhante; quem represa o amor aos prazeres pela castidade lúcida, ou seja, pela temperança total; quem combate o amor à vanglória e descobre a fraqueza subjacente a ela pela perspicácia e a reflexão, ou seja, pelo discernimento transparente das coisas divinas e humanas; quem considera que esta glória está ligada à terra, que ela nada vale, e assim a pisoteia com desenvoltura; este homem venceu os cuidados terrestres da carne, a ponto de transformá-la em lei do Espírito da vida. Que trabalhe então para se libertar da lei da carne tirânica, e que diga: "Graças sejam dadas a Deus. A lei do Espírito da vida me libertou da lei e da escravidão da morte[167]".

14. Quem se arroga a glória dos homens como se ela fosse grande coisa, enquanto ela nada é; quem, por um desejo insaciável da alma, abraça o amor aos prazeres; quem, por avidez, se atira no amor ao dinheiro; este homem se torna demoníaco por presunção e orgulho, ou se torna semelhante aos animais por causa dos prazeres do ventre e do baixo ventre, ou se torna feroz para com seus semelhantes em seu amor ávido e desumano pelo dinheiro. Recebendo a glória dos homens, como diz a Escritura[168], ele perde a fé em Deus. Queimando de desejo insaciável no baixo ventre e cedendo à desordem dos impulsos ele se afasta da castidade e da pureza. Não pensando senão em si próprio e nada dando aos seus próximos que são necessitados, ele se exclui da caridade. Assim é que semelhante monstro cujas múltiplas formas se opõem entre si, ele se proíbe de qualquer reconciliação com Deus, com os homens e com os animais.

---

[166] Cf. *Mateus* 3: 20.

[167] *Romanos* 8: 2.

[168] Cf. *João* 5: 44.

15. Se o ardor, o desejo e a razão do intelecto se mantêm e se movem por si sós segundo a natureza, eles tornam todo o homem divino e semelhante a Deus, caminhando saudavelmente e nunca se desviando de sua caminhada natural. Mas se, indo contra a natureza, eles se afastam daquilo que deve ser o homem, eles se distanciam de sua própria natureza e fazem dele, como dissemos, um ser multiforme, composto de numerosos elementos opostos entre si.

16. O ardor é intermediário entre o desejo e a razão da alma. É uma espécie de arma que cada qual utiliza em seus movimentos, contra ou a favor da natureza. Quando o desejo e a razão se movem segundo a natureza em direção ao divino, o ardor é para cada um uma arma de justiça[169] contra a serpente única que lhes assopra e lhes propõe tomarem parte dos prazeres da carne e de usufruir da glória dos homens. Mas quando eles se desviam de seu movimento natural, quando desnaturalizam sua potência, quando se afastam do estudo das coisas divinas e se dirigem às coisas humanas, o ardor se torna uma arma de injustiça que serve ao pecado. Por meio dele o desejo e a razão combatem e atacam a quem tenta deter seus impulsos e suas concupiscências. Assim, ou bem o homem se mostra no centro da Igreja dos fiéis como ativo, contemplativo e teólogo eminente – se age de acordo com a natureza – ou se transforma num animal feroz e demoníaco, se se desnaturaliza.

17. Para começar, é preciso, por meio das penas do arrependimento e da tensão da ascese, modificar as potências da alma e torná-las tais como Deus no-las concedeu no princípio, quando criou Adão e nele insuflou o sopro da vida[170]. Caso contrário será impossível que conheçamos a nós mesmos e que adquiramos este pensamento que por si só domina as paixões, modesto, sem curiosidade nem malícia, simples, humilde, isento de inveja e de maledicência, e que conduz toda reflexão cativa à obediência de Cristo[171]. Nem poderemos descobrir nossa própria alma abrasada e inflamada pelo amor a Deus, jamais ultrapassando as fronteiras da temperança, contentando-se com o que lhe é dado e buscando o repouso dos santos. Sem adquirir estas coisas tampouco poderemos possuir um coração doce, manso, calmo, afável, descansado, cheio de compaixão e de alegria. A alma se rebelará contra si mesma e, na confusão de suas potências não guardará em si os raios do Espírito.

18. Quem não se reveste da beleza da antiga nobreza e não retoca continuamente os traços da imagem d'Aquele que o criou do alto à sua semelhança[172], como poderá se unir Àquele de quem se separou por causa da dissemelhança dos traços? Como poderá se unir Àquele que é Luz? Ao extinguir a luz, o homem atrai o contrário sobre si. Ora, se ele não está unido Àquele de quem recebeu o princípio da hipóstase, por meio da qual proveio do não-ser, por meio da qual dominava os demais seres, não será ele rejeitado, dividido que se encontra por não ser semelhante ao Criador? Para os que são capazes de ver isto é claro, ainda que eu me cale.

19. Enquanto trouxermos conosco a matéria das paixões, enquanto cultivarmos em nós suas causas, enquanto não estivermos resolvidos a derrubá-las, sua força nos dominará, e será de nós mesmos que a receberão. Mas quando as rejeitamos de nós, quando purificamos o coração por meio das lágrimas do arrependimento, quando desprezamos a ilusão das coisas visíveis, então participamos da descida do Consolador, vemos a Deus na luz eterna e somos vistos por ele.

---

[169] Cf. *Romanos* 6: 13; II *Coríntios* 6: 7.
[170] Cf. *Gênesis* 2: 7.
[171] Cf. II *Coríntios* 10: 5.
[172] Cf. *Gênesis* 1: 26.

20. Aqueles que romperam os laços da sensação de todas as coisas do mundo estão livres da escravidão dos sentidos. Vivendo só para o Espírito, dialogando exclusivamente com ele, dirigidos por ele, graças a ele desenvolvem o costume de se unir apenas ao Pai e ao Verbo consubstanciais, para se tornar um só espírito segundo as palavras de Paulo[173]. Não apenas eles já não se submetem aos demônios, como ainda são temidos por eles. Pois ele comungam do fogo divino e se tornam realmente fogo.

21. O tato não é algo parcial no corpo, tendo sua energia num único local como os demais sentidos. Ele é total e se estende a todo o corpo. Assim, quando tocamos algo sem que seja necessário, apreciando sua maciez, levamos o intelecto a sofrer com a perturbação dos pensamentos passionais. Mas quando renunciamos a toda e qualquer suavidade nas coisas da natureza e ultrapassamos a sensação, perdemos o costume de acariciar os sentidos da alma.

22. Quando o intelecto alcança as coisas sobrenaturais, os sentidos se mantêm conforme a natureza. Eles se abrem para as causas fora de qualquer paixão, e não buscam senão suas razões e suas naturezas, discernindo sem erro suas energias e suas qualidades. Eles não são afetados por elas, nem são levados por elas contra a natureza.

23. Os combates e as penas espirituais engendram a alegria na alma. A paz se sobrepõe às paixões. Tudo o que é difícil aos que estão sob o império das paixões se torna fácil e doce quando a alma pena, quando ela adquire o desejo por Deus a partir de seus santos suores, quando ela é ferida pelo amor do conhecimento divino. Pois para quem está ligado ao conforto do corpo e à fruição dos prazeres, as penas e os combates das virtudes são penosos e parecem muito duros. Eles jamais tentaram dissolver a salmoura dos prazeres com o jorro das lágrimas. Mas as penas e os combates são desejados e abraçados pela alma quando esta rejeitou os prazeres que provocam a dor e quando derrubou toda fruição e todo amor ao corpo por si mesmo. A partir daí somente uma coisa entristece a alma: o relaxamento das penas e a ausência de combates. Aquilo que nos demais homens leva à alegria do corpo se torna causa de tristeza para a alma que aponta seu desejo para o divino. E aquilo que para ela é a fonte da alegria espiritual suscita neles gemidos de dor.

24. A todos os que se engajam nos suores e nos combates espirituais, os esforços parecem em princípio engendrar a dor. Mas aos que se dedicam a progredir na virtude e que alcançaram o meio de sua ascese, os mesmos esforços parecem provocar um certo prazer e uma paradoxal facilidade. E quando os cuidados mortais da carne são engolidos pela vida eterna[174], que traz consigo a chegada do Espírito naqueles que mais e mais tendem verdadeiramente para as virtudes finais através das penas, estes últimos ficam cheios de alegria e de regozijo inefáveis. Neles se abre a fonte pura das lágrimas e cai do alto como chuva a doce água da compunção.

25. Se você pretende avançar até as fronteiras da virtude e encontrar aquele que infalivelmente abre para Deus, não conceda sono aos seus olhos, nem alívio às suas pálpebras, nem repouso às têmporas[175], até que você encontre, depois de muitas penas e lágrimas, um lugar de impassibilidade para sua alma esgotada, até que você penetre no santuário do conhecimento de Deus, até que por sua sabedoria anipostática você veja com toda consciência o fim profundo das coisas humanas, e até que, rejeitando as coisas de baixo, você se lance como os cervos, com grande sede, para as altas

[173] Cf. I *Coríntios* 6: 17.

[174] Cf. II *Coríntios* 5: 4.

[175] Cf. *Salmo* 131 (132): 4.

montanhas[176] da contemplação.

26. Uma maneira rápida de início para adquirir a virtude consiste em manter o silêncio dos lábios, fechar os olhos e tornar surdos os ouvidos. Uma vez que o intelecto encontra este repouso dos sentidos, interditando a entrada a tudo o que vem de fora, ele começa a perceber a si mesmo e a compreender seus próprios movimentos. Logo ele procura conhecer quais reflexões nada no mar inteligível dos pensamentos e quais ideias caem no cadinho de sua meditação, aqueles que provêm do anjo de luz, puras de toda semente amarga, ou as que são enviadas pelos inimigos, misturadas de joio e palha. Ele se instala assim como um rei soberano em meio aos pensamentos, discernindo e separando o melhor e o pior. Aos primeiros, que constituem experiência e cujo movimento os faz entrar, ele os recebe nos celeiros inteligíveis, passados pelo fogo do Espírito e cheios de águas divinas: deles ele se nutre e fica cheio de força e de luz. Aos outros, rejeitando seu amargor, ele os envia para as profundezas do esquecimento. Esta é em espírito a obra de quem descobriu o caminho que leva infalivelmente aos céus e a Deus, de quem se despiu da túnica do luto: a vestimenta das paixões tenebrosas.

27. Logo que a alma se desfizer da malícia e da presunção da maldita arrogância, ela rejeita totalmente o egoísmo, uma vez que ela enriquecer o coração simples e inocente com a presença única do Consolador, logo ela estará com Deus e consigo mesma, persuadida de que aquilo que ela vê e entende é fiel e verdadeiro. Pois ela terá superado os terríveis abismos da descrença e terá sido conduzida para além do inferno da inveja.

28. A fé interior precede todas as virtudes. Quando a alma assume a certeza, ela rejeita totalmente o egoísmo. Pois, pelo seu conhecimento, nada entrava tanto a quem acaba de se despojar para os combates da obra dos mandamentos como este mal imenso que é o egoísmo. É ele que impede o progresso daqueles que buscam a virtude. É ele que lhes inflige as enfermidades e os sofrimentos do corpo tão difíceis de curar. Por meio deles o egoísmo esfria o ardor da alma e a convence a abandonar no meio do caminho sua dura ascese, a fim de reencontrar a vida fácil. O egoísmo é o amor insensato do corpo[177]. Ele leva o monge a amar a si mesmo, a amar sua alma, a amar seu corpo. Ele o afasta de Deus e de seu Reino, conforme diz a palavra: "Quem ama sua alma a perderá[178]".

29. Quem começa a se esforçar para trabalhar nos mandamentos de Deus e, por amor ardente, coloca seu pescoço sob o jugo leve da ascese[179], não economiza a saúde do corpo, não vacila diante do amargor das obras da virtude, não recua diante das penas, não olha a displicência ou a negligência dos demais nos combates. No fervor de seu desejo ele se esforça por traçar a sulco das virtudes e não olha senão para si próprio e para os mandamentos de Deus. A cada dia, entre lágrimas, ele lança as sementes[180] no campo dos vivos[181] até que brote a erva da impassibilidade, que se erga o caule do conhecimento divino, que nasça a espiga carregada de grãos da palavra e que assim surjam os frutos de sua justiça.

30. Nada, penso eu, faz a alma avançar tão depressa e em tão pouco tempo como a simples fé. Não esta fé que temos em Deus e em seu Filho único, mas a fé interior por meio da qual cremos que são verdadeiras as promessas de Cristo (aquilo que ele anunciou e

---

[176] Cf. *Salmo* 103 (104): 18.

[177] Cf. Máximo o Confessor, *Centúria sobre o Amor*, II, 8.
[178] *João* 12: 25.
[179] Cf. *Mateus* 11: 30.
[180] Cf. *Salmo* 125 (126): 5.
[181] Cf. *Salmos* 26 (27): 3; 141 (142): 6.

preparou para os que o amam[182]) e as ameaças e castigos do inferno preparadas pelo diabo e seus operários[183]. Esta fé concede à alma dedicada ao combate a certeza da esperança: obter a condição dos santos, sua bem-aventurada impassibilidade, elevar-se até as alturas de sua santidade, com eles herdar o Reino de Deus. Assim coberta de certeza, sem jamais duvidar, a alma se torna cada vez mais ardente em cumprir os mandamentos, ela imita as penas dos santos e, por meio dos mesmos combates, procura alcançar a sua perfeição.

31. O estado exterior do rosto se modifica normalmente conforme o estado interior da alma. O aspecto do rosto revela aos que o contemplam a maneira pela qual o movimento intelectual se faz na alma. Tudo o que o pensamento suscita o modela e modifica. Quando o coração se regozija com as boas inspirações que sobem a ele provenientes da meditação em Deus, o rosto aparece alegre; quando a loucura dos pensamentos o cobre de amargura ele se torna morno e sombrio. Não é possível que a fonte deste movimento permaneça oculta aos que assumem os sentidos experimentados da alma. Pois, ou a mudança provém da direita do Altíssimo[184], e isto lhes é evidente por que eles o conhecem e o amam e por ele o Espírito os fez renascer do alto e os tornou luz e sal para seus próximos; ou a mudança provém da revolta das potências e da perturbação dos pensamentos, e eles percebem isto claramente, pois rejeitam estas coisas e trazem sobre si mesmos a marca da imagem do Filho de Deus na mais alta luz dos carismas divinos.

32. A obra interior ou bem coroa a alma ou bem lhe traz penas e tormentos. Se ela se dedica às coisas divinas e trabalha nos campos da humildade, ela recebe do alto uma chuva de lágrimas e cultiva o amor a Deus, a fé no Criador e a compaixão para com o próximo. A partir daí a alma reencontra a beleza da imagem de Cristo. Ela se torna luz para os homens. Pela irradiação das virtudes ela atrai para si seus olhares e conduz todos a glorificar a Deus. Mas se ela agita as coisas inferiores, a decadência, se ela remói o pecado, ela recebe de baixo o mau odor e a obscuridade, cultiva o ódio e a aversão ao bem. Retornando assim à imagem terrestre e informe do homem velho, ela se torna também treva para os que se aproximam. Fazendo e dizendo o mal, ela corrompe as almas simples e frágeis e as leva a blasfemar a Deus. A partir de então ela é presa da morte e encontrará o que tem a receber.

33. Quem cultiva maus pensamentos adquire um rosto triste e sombrio. Sua língua é incapaz de dizer os hinos divinos e ele tem dificuldade em responder aos que o abordam. Mas em quem cultiva as plantas do coração, boas e imortais, a alegria ilumina o rosto. Sua língua canta as orações e ele está cheio de doçura quando fala. Logo fica evidente que um é escravo de paixões impuras e dedicado aos cuidados terrestres sob a necessidade da lei, enquanto que o outro, sob a lei do Espírito, é liberto de tal servidão, como disse Salomão em sua sabedoria: "Quando o coração se regozija o semblante é sereno. Quando coração se entristece, o semblante se torna sombrio[185]".

34. As paixões que afetam as ações são curadas pela ação. Da mesma forma como a intemperança, o prazer, a gula, a vida negligente e dissipada criam na alma o estado passional e a conduzem a ações tolas e inconsequentes, a pobreza, a temperança, as penas e os combates do intelecto suscitam nela a impassibilidade, e a conduzem do estado passional ao estado impassível.

---

[182] Cf. I *Coríntios* 2: 9.
[183] Cf. *Mateus* 25: 41.
[184] Cf. *Salmo* 76)77): 11.
[185] *Provérbios* 15: 13.

35. Quando, depois de uma ascese intensa e contínua, alguém recebe grandes dons de Deus por causa de sua humildade, mas depois, atraído para baixo, atirou-se às paixões e aos castigos dos demônios, saiba ele que elevou a si próprio, presunçoso de si, e que assim se revoltou contra os demais. Este homem não encontrará a cura e a libertação das paixões e dos demônios que seguram sua vida senão retornando, pelo arrependimento, ao seu primeiro estado e se ligando a um bom mediador, à humildade e ao conhecimento de suas próprias limitações, por meio das quais todo homem bem estabelecido sobre o fundamento das virtudes se coloca acima de toda a criação.

36. Diante de Deus e dos homens que vivem em Cristo, consiste no mesmo mal ser passional das ações por causa da desordem dos pensamentos ou ser inflado nas virtudes pelo espírito de presunção. Assim como é vergonhoso dizer o que o primeiro faz em segredo[186], também o orgulho do coração do segundo é uma abominação diante de Deus[187]. Assim como um se afasta de Deus por desfrutar da carne que o constitui[188], com forme a Escritura, também o outro está impuro aos olhos do Senhor por ser orgulhoso[189].

37. A paixão não é em si mesma o pecado ativo. Uma coisa é a paixão, outra o pecado. A paixão é aquilo que é elaborado na alma. A ação pecadora se traduz no corpo. Assim, o amor pelos prazeres, pelo dinheiro, pela vanglória são paixões más da alma. Já a prostituição, a cupidez, a injustiça são ações pecadoras do corpo. A concupiscência, a cólera, o orgulho são paixões da alma, suscitadas pelas potências que vão contra a natureza. O adultério, o assassinato, o roubo, a embriaguez e tudo o que se pode fazer com o corpo, constituem ações pecadoras da carne.

38. Três paixões fundamentais engendram todas as demais, e três ordens se engajam contra elas, combatendo-as e derrubando-as. O noviço, o médio e o perfeito enfrentam assim o dragão de três cabeças: o amor pelos prazeres, pelo dinheiro e pela vanglória.

39. Não é um só e mesmo combate que as três ordens sustentam contra os três poderes e as potências do espírito dominador. Cada qual conduz um combate diferente. Pois cada poder faz guerra a quem se dispõe a lutar contra ele e que se arma naturalmente com o justo valor.

40. Quem se despoja para sustentar os combates da piedade, aquele que assesta suas primeiras armas contra as paixões, coloca todo o peso de sua luta contra o espírito do amor pelos prazeres. Fortalecido por todas as penas que encara, é contra este espírito que ele se engaja no combate. Ele esgota a carne por meio do jejum, o sono sobre a terra, as vigílias, as preces noturnas. Ele parte sua alma com a lembrança dos sofrimentos do inferno e a meditação da morte. E, com as lágrimas do arrependimento ele purifica o coração das manchas das uniões e dos consentimentos culpáveis.

41. Quem conduziu sua ação até a metade do caminho dos noviços e enxugou com a esponja da primeira impassibilidade os suores de seu combate contra o espírito do amor aos prazeres, acaba de abrir os olhos. Este começa a ver a natureza dos seres. Ele recebe as lágrimas da fé para combater o espírito do pérfido amor ao dinheiro. Ele eleva seu intelecto pela meditação das coisas divinas. Ele afina sua razão sob as razões da criação. Ele expõe à luz a natureza dos seres. Por meio da fé ele conduz sua alma do visível até as alturas do invisível. Ele está convencido de que o Deus que trouxe tudo do nada para a vida supervisiona suas obras, e coloca assim na vida futura todas as

---

[186] Cf. *Efésios* 5: 12.
[187] Cf. *Provérbios* 16: 5.
[188] Cf. *Gênesis* 6: 3.
[189] Cf. *Provérbios* 16: 5.

suas esperanças.

42. Aquele que por meio da contemplação e da impassibilidade completou mais da metade do caminho e dominou a ilusão da sensação do mundo inteiro, acaba de penetrar nas trevas da teologia, com a razão do conhecimento e a sabedoria[190] anipostática de Deus. Por meio do poder da humildade ele recebe as armas para combater o espírito do amor à vanglória. Nas santas revelações ele penetra a alma de compunção e versa lágrimas fora de toda dor. Ele rebaixa seu pensamento pela lembrança da fraqueza humana e o eleva com as meditações do conhecimento divino.

43. Por meio dos jejuns, das vigílias e das orações, pelo dormir sobre a terra, as penas do corpo e o recolhimento das vontades, na humildade da alma, impedimos a ação do espírito do amor aos prazeres. Submetamo-lo com as lágrimas do arrependimento, levemo-lo à prisão da temperança, imobilizando-o e impedindo-o de agir. Então estaremos no nível dos que se esforçam e combatem.

44. Por meio das lágrimas da fé e do glaivo do Espírito, que é a palavra de Deus[191], cacemos e imolemos o espírito do amor ao dinheiro. Por meio da sabedoria, lancemo-nos imediatamente à contemplação dos seres. Por meio do conhecimento superemos a baixeza das coisas visíveis e, com os tesouros bem-aventurados da esperança em Deus, busquemos o repouso nos domínios da caridade.

45. Sobre as asas da impassibilidade e da humildade vogamos pelo espaço da teologia mística. Com o Espírito divino penetramos nos abismos do alto, o abismo do conhecimento dos mistérios de Deus. Com os raios da doutrina e dos pensamentos divinos, consumimos o espírito do amor pela vanglória. Por meio de chuvas de lágrimas e dos rios da compunção contemplamos o fim das coisas humanas, engolimos os três demônios que nos combatem por meio da presunção, da vanglória e do orgulho.

46. Quem detesta de todo coração a concupiscência da carne e a concupiscência dos olhos, o orgulho da vida[192], este mundo de injustiça[193] que amá-lo nos torna inimigos de Deus[194], quem se desligou dessas coisas crucificou o mundo em si e a si mesmo crucificou para o mundo[195]. Ele rompeu na própria carne a inimizade entre Deus e a alma, fazendo a paz entre eles[196]. Morto para as paixões e despojado de todo cuidado para com a carne, ele está de fato conciliado com Deus. Morrendo para os prazeres através de sua vida crucificada para o mundo, ele destrói o ódio do mundo e abraça o amor de Jesus. Este homem já não é inimigo de Deus por amar o mundo, mas ama a Deus por se ter crucificado para o mundo, e assim ele pode dizer: "O mundo está crucificado em mim, e eu para o mundo[197]".

47. Nos que combatem, todo abandono da parte de Deus procede normalmente da vanglória, da condenação do próximo e da autossuficiência nas virtudes. Se uma destas coisas se aproxima de suas almas, provoca logo o abandono da parte de Deus. Estes não escaparão ao justo julgamento de sua falta, a menos que, rejeitando a causa que precedeu ao abandono, se refugiem nas alturas da humildade.

---

[190] Cf. I *Coríntios* 12: 8.
[191] *Efésios* 6: 17.
[192] Cf. I *João* 2: 16.
[193] Cf. *Tiago* 3: 6.
[194] Cf. *Tiago* 4: 4.
[195] Cf. *Gálatas* 6: 14.
[196] Cf. *Efésios* 2: 15-16.
[197] *Gálatas* 6: 14.

48. A impureza do coração e a sujeira da alma não procedem apenas do fato de não nos termos mantido puros de todo pensamento passional. Elas provêm ainda da autossuficiência à qual nos conduzem tanto as ações direitas, como o orgulho que extraímos das virtudes, a presunção a que somos levados pela sabedoria e o conhecimento de Deus, as reprimendas que fazemos aos irmãos que são negligentes ou irresponsáveis. É o que diz claramente a parábola do Fariseu e do Publicano.

49. Não imagine que você pode se libertar das paixões e escapar da sujeira dos pensamentos passionais que se lhes seguem, se você ainda trouxer em si a arrogância e o ufanismo por causa das virtudes. Pois você não verá a moradia da paz na bondade dos pensamentos nem entrará com alegria no templo do amor com toda simplicidade e serenidade de coração, enquanto confiar em si mesmo e nas suas próprias obras.

50. Se sua alma está afetada até a paixão pelas belas cores dos corpos, se está atormentada por pensamentos passionais que parecem provir daí, não creia que estas belezas sejam a causa da perturbação e do movimento passional que surgiu em você. Pense que a causa está oculta no interior de sua alma, como um ímã que atrai para si, como o ferro, pelo poder do estado passional e pelo mau hábito, aquilo que o leva a se perder quando você contempla os rostos. Pois todas as criaturas de Deus são belas[198] em si mesmas. Não há nelas nada que acuse a criação de Deus.

51. Assim como pessoas que viajam por mar e se encontram doentes não sofrem por causa do mar, mas são afetadas pela natureza da causa que reside nelas – seus humores decompostos – também não é por causa dos rostos, mas do estado do mal onde ele ainda se encontra, que a alma traz em si o tumulto e a perturbação das paixões.

52. A própria natureza das coisas se altera conforme a disposição interior da alma. Quando os sentidos intelectuais estão de acordo com a natureza, quando o intelecto caminha sem erro nas razões das coisas criadas com sua própria razão iluminando suas naturezas e seus movimentos, então as coisas, os rostos, todos os corpos materiais se revelam à alma conformes à natureza, isentos de toda causa oculta de condenação ou de mal. Mas quando estas mesmas potências vão contra a natureza e se revoltam contra si próprias, todas as coisas aparecem à alma como desnaturadas. Elas já não a elevam por sua beleza natural para a compreensão do Criador, mas a fazem descer por seu estado passional até o abismo da perdição.

53. Se você está caído, abandonado, na queda de sua carne, de sua língua e de seu pensamento, se você leva uma existência dolorosa e rude, nada disto deve lhe parecer estranho ou paradoxal. Pois esta queda é sua, e a causa dela está em você. Se você não tivesse primeiro sido presunçoso buscando novidades e cheio de si, se com o coração arrogante você não tivesse se levantado contra um outro, se não o tivesse julgado em sua fraqueza da natureza humana, você não teria sido abandonado ao justo julgamento de Deus por conhecer sua própria fraqueza. Conheça-a agora, para aprender a não mais julgar[199], a não raciocinar mais do que deve[200], a não se levantar contra ninguém[201].

54. Se você caiu no abismo dos vícios, não se desespere por sua conversão, mesmo que você tenha descido até o último grau do

[198] Cf. *Gênesis* 1: 31.

[199] Cf. *Mateus* 7: 1.
[200] Cf. *Romanos* 12: 3.
[201] Cf. I *Coríntios* 4: 6.

inferno do mal. Pois se anteriormente, por meio das virtudes ativas, você edificou com fervor em si mesmo o fundamento da piedade, ainda que a moradia que esta construiu em você com as diferentes pedras da virtude tenha desabado sob o choque até cair sobre a terra passional dos vícios, Deus não esquecerá suas penas e seus suores de antes, desde que na sua queda seu coração se tenha quebrantado[202], que ele se lembre dos dias de então[203] e que, gemendo, ele evoque sua falta diante do Criador. Seu olhar logo se voltará para você que treme às suas palavras[204], ele tocará invisivelmente os olhos do seu coração doloroso, restabelecerá o fundamento da virtude tão penosamente esmagada em você e, no calor do Espírito de fogo, ele lhe concederá um poder mais forte e mais eficaz do que o primeiro, para reconstruir com paciência as obras da virtude derrubadas pela inveja do maligno e refazer com um espírito de humildade sua moradia ainda mais bela do que antes, com vistas ao seu repouso eterno, conforme está escrito.

55. Tudo que nos chega vindo dos homens ou dos demônios e que nos desonra, só nos vem por causa de um justo julgamento de Deus, segundo sua economia, para humilhar o vão ufanismo de nossas almas. Pois para Deus, que dirige nossas vidas, o objetivo é que sejamos sempre humildes, que não raciocinemos além da conta e que tenhamos pensamentos modestos[205]: não sermos presunçosos a nosso respeito, mas voltarmos os olhos para ele e, tanto quanto possível, imitarmos a sua humildade. Pois ele era manso e humilde de coração[206]. É isto que deseja para nós Aquele que por nós sofreu uma morte injusta e infamante. Pois nada é tão caro a ele, nada nos une tanto a ele em virtude, nada nos resgata da névoa das paixões como a mansidão, a humildade e o amor ao próximo. Se não tivermos em nós estas coisas quando trabalhamos pelas virtudes, toda nossa obra será em vão. Todas as penas da ascese serão inúteis, e Deus não nos receberá.

56. Naqueles que dão seus primeiros passos na vida virtuosa o temor do castigo ajuda a cumprir os mandamentos e a fugir dos vícios. Mas naqueles a quem a virtude conduziu à contemplação da glória de Deus, este temor é seguido de outro, ligado ao seu progresso e tanto mais forte na medida em que este provém do amor: este é o temor puro[207]. Este os ajuda a perseverar no amor a Deus evitando as perturbações, tão temerosos ficam de ser rejeitados por ele. Os que se desviam do objetivo que tinham em mãos, mas logo se arrependem e se corrigem, encontram a boa esperança no primeiro temor. Aqueles a quem a inveja do adversário empurrou ao pecado e quem caem das alturas da contemplação de Deus não reencontram logo o segundo temor. Com o primeiro temor, o dos castigos, neles se sucedem brumas e trevas espessas, cheias de desencorajamento, dores e amarguras. Se o Senhor dos Exércitos não lhes abreviasse esses dias de sofrimento insuportável, nenhum dos caídos se salvaria[208].

57. Quando a alma se liberta do tormento espiritual dos pensamentos passionais, quando se extingue a chama tirânica da carne, saiba que neste momento o Espírito Santo virá a nós anunciando o perdão das faltas passadas e nos concedendo a impassibilidade. Mas enquanto sentimos ainda o odor daquelas faltas vindo do tormento contínuo, enquanto o baixo ventre ainda abrasa a carne, saiba que o perdão do Espírito ainda se acha longe, retido pelos laços das paixões e dos sentidos que somo incapazes de desmanchar.

---

[202] Cf. *Salmo* 50 (51): 19.
[203] Cf. *Salmo* 142 (143): 5.
[204] Cf. *Isaías* 66: 2.
[205] Cf. *Romanos* 12: 3.
[206] Cf. *Mateus* 11: 29.
[207] Cf. *Salmo* 18 (19): 10.
[208] Cf. *Mateus* 24: 22.

58. Vi sob o sol, disse o sábio, um homem que pensava tudo saber por si só[209]. Eu o vi durante sua vida mortal confiar em suas próprias obras e se orgulhar da sabedoria humana, terrestre e material[210]. Não apenas, por causa desta sabedoria, ele se insurgia contra os anjos, mas ainda ria e debochava dos eleitos divinos que espalhavam o ensinamento de Cristo, devido ao modo especial como estes se exprimem. Ele os reprovava por não utilizar as firulas do conhecimento profano e por não se aplicarem às cadências rítmicas na composição das palavras na composição de suas obras escritas. Ele ignorava que não é o rebuscamento das palavras nem a harmonia dos sons que Deus prefere e se agrada, mas a clareza das ideias. Eu me lembrei do provérbio: "Mais vale cachorro vivo do que leão morto[211]". E: "Mais vale uma criança pobre e sábio da que um rei velho e insensato que já não consegue estar atento[212]".

59. A paixão da blasfêmia é perigosa e difícil de combater. Ela tem suas raízes no pensamento orgulhoso de Satanás. Ela perturba os que vivem em Deus pela virtude, e em primeiro lugar os que progridem na oração e na contemplação das coisas divinas. É por causa dela que devemos vigiar os sentidos com toda sobriedade e vigilância, reverenciar todos os mistérios terríveis de Deus, todas as imagens e palavras sagradas, evitando a irrupção desse espírito. Ele nos espicaça quando oramos e cantamos e, se não estivermos atentos, vomita sobre nós maldições por nossos lábios e sobre Deus Altíssimo blasfêmias infames que Satanás introduz nos versos dos salmos e nas palavras da prece. Quando ele leva tais coisas aos nossos lábios, quando as semeia em nossos corações, devemos voltar contra ele as palavras de Cristo, dizendo: "Afaste-se de mim, Satanás[213], cheio de mau odor e passível do fogo eterno. Que sua blasfêmia recaia sobre sua cabeça". No cativeiro em que nos encontramos, apliquemos logo nosso intelecto a outra coisa qualquer, divina ou humana, que naquele instante esteja diante de nós, elevando-a entre lágrimas aos céus e a Deus. Assim, com a ajuda de Deus, poderemos nos livrar do fardo da blasfêmia.

60. A tristeza da alma e do corpo é uma paixão que corrompe. Ela penetra até a medula. A tristeza do mundo, a tristeza que vem das coisas passageiras, afunda os homens chegando mesmo a leva-los à morte. Mas a tristeza segundo Deus é salutar e de grande auxílio[214]. Ela suscita a paciência nas penas e nas tentações. A quem combate, a quem tem sede da justiça de Deus[215], ela abre a fonte da compunção. Ela nutre o coração com lágrimas. Nela se cumpre a palavra de Davi: "Você nos deu de comer um pão de lágrimas, e em lágrimas plenas nos deu de beber o vinho da compunção[216]".

61. As partes da alma decaídas pela ação dos vícios são restauradas por meio da tristeza segundo Deus, que as chama de volta à ordem natural. Com efeito, através das lágrimas ela dissipa de tal modo o inverno das paixões e as nuvens do pecado, a tal ponto os afasta do espaço inteligível da alma, que ela logo se torna como um céu claro nos pensamentos de nossa inteligência, como uma calmaria no oceano de nossas reflexões, como uma alegria em nossos corações, como uma mudança na aparência de nosso rosto. Os que percebem esta mudança e fazem repousar sobre si de certo modo sua aparência e seu estado interior, podem repetir o que disse Davi: "Esta é a mudança operada pela destra do Altíssimo[217]".

---

[209] *Provérbios* 26: 12.
[210] Cf. *Tiago* 3: 15.
[211] *Eclesiastes* 9: 4.
[212] *Eclesiastes* 4: 13.
[213] *Lucas* 4: 8.
[214] Cf. II *Coríntios* 7: 10.
[215] Cf. *Mateus* 5: 6.
[216] *Salmo* 79 (80): 6.
[217] Cf. *Salmo* 76 (77): 11.

62. Não receba aqueles cujas insinuações semeiam pensamentos contra o próximo em você: estes são mentirosos que enganam e arruínam, saiba-o. É assim que o demônio tenta empurrar para o abismo da perdição as almas daqueles que já avançaram nas virtudes. Pois eles não conseguem mandar para o abismo da danação e do pecado ativo nenhum dos que combatem, senão lhes fazendo suspeitar maldosamente da conduta exterior e do estado da alma do próximo. Assim, eles os expõem ao julgamento e à queda pelo pecado e os tornam condenados com o mundo, conforme as palavras: "Se não julgarmos, não seremos julgados. Mas, se formos julgados, seremos castigados pelo Senhor, a fim de não sermos condenados com o mundo[218]".

63. Quando, por negligência, damos espaço para os demônios para que murmurem em nosso ouvido suspeitas contra os irmãos, por que manifestamente não vigiamos os movimentos dos nossos olhos, podemos acabar condenando aqueles que são perfeitos em virtudes. De fato, se a alegria de um rosto sorridente e a afabilidade lhe parecem concessões aos prazeres e às paixões, da mesma forma todo rosto sombrio o morno deve significar para você que transpira cólera e que está cheio de orgulho. Mas não devemos prestar atenção aos traços humanos: é perigoso para qualquer um julgar estas coisas. Na verdade, existem nos homens numerosas diferenças de naturezas, de estados, de situações corporais, que só podem ser observadas e julgadas corretamente por aqueles cujo olhar espiritual da alma foi purificado por muita compunção e que trazem em si a luz infinita da vida divina. Somente a este é dado conhecer os mistérios do Reino de Deus[219].

[218] II *Coríntios* 11: 31-32.
[219] Cf. *Mateus* 13: 11.

64. Se nos tornamos como aqueles que cumprem as más obras da carne, servimos ao desejo contra a natureza e o ardor da alma. De um lado, sujamos a carne[220] sob os influxos impuros do pecado e, de outro, cobrimos a alma de trevas sob a amargura do ardor e nos tornamos estranhos ao Filho de Deus. Será preciso então, por meio de um fluxo de lágrimas vindo de todo nosso ser, purificar as manchas do fluxo do ser que sai do corpo. Pelo escoamento natural, o prazer manchou o corpo; pelo escoamento natural das lágrimas, o sofrimento da tristeza deve purifica-lo novamente. Por meio da luz da compunção e da doçura do amor conforme a Deus devemos expulsar as trevas debaixo das quais a amargura do ardor cobrira a alma, e nos unirmos outra vez Àquele de quem havíamos sido separados.

65. Assim como a sujeira que provém do prazer precede o amor satânico no cumprimento do vício, também a purificação que provém da tristeza dolorosa aquece o coração para que o luto e as lágrimas o preencham. Tal é a economia da bondade de Deus para conosco. Rejeitando e purificando as penas do prazer pelas penas da dor e o fluxo vergonhoso da carne pelo fluxo das lágrimas, apagamos do intelecto as imagens dos vícios e da alma as imagens informes. Assim tornamos a alma mais luminosa em sua beleza natural.

66. Assim como aquele que prostitui seu corpo sob a ação do espírito maligno que colhe o prazer da carne – e assim seus vícios culminam na imundície – também aquele que é animado desde o alto pelo Espírito Santo colhe a alegria da alma, e sua beleza culmina na purificação das lágrimas, num novo nascimento, na união que conduz a Deus.

[220] Cf. *Judas*, 8.

67. Os dois fluxos naturais presentes em nós – a semente e as lágrimas – provêm do mesmo ser. Mas com o primeiro sujamos a túnica da alma, com o segundo a purificamos. Devemos lavar a sujeira de nosso ser com as lágrimas, que escorrem deste mesmo ser. É impossível de outro modo obter a purificação do lamaçal da natureza.

68. Toda disposição da alma faltosa, assim que esta é levada pelo vício, destrói seu esforço por um breve prazer. Mas toda alma que se purifica do mau hábito e de sua disposição para o mal acrescenta aos seus esforços um longo prazer de alegria. Este é o milagre. O prazer que impede o prazer torna doce a dor que engendra o prazer.

69. O fluxo das lágrimas se traduz no sentido intelectual do coração, tanto pela amargura e a pena como pela alegria e o regozijo. Quando nos purificamos pelo arrependimento do veneno e da imundície do pecado, as lágrimas abrasadoras como fogo divino nos vêm naturalmente sob o calor do fogo. Nosso pensamento é como que golpeado por rudes marteladas. Nos gemidos que sobem do fundo do coração sentimos em espírito e realmente a amargura e as penas. Mas quando, suficientemente purificados pelas lágrimas, chegamos a nos liberar das paixões, então o Espírito divino nos consola, nosso coração se torna sereno e puro, somos cumulados de prazer e de doçura inefável pelas lágrimas de alegria, as lágrimas da compunção.

70. Umas são as lágrimas do arrependimento, outras as da divina compunção. As primeiras são como um rio que transborda e arrebenta os diques do pecado. As segundas estão na alma como a chuva sobre a erva dos campos, como uma tempestade sobre as plantas[221]: elas nutrem a espiga do conhecimento, fecundam-na e a fazem frutificar.

[221] Cf. *Deuteronômio* 32: 2.

71. As lágrimas e a compunção não são a mesma coisa: entre elas existe uma grande distância. As lágrimas provêm da conversão dos hábitos e da lembrança das antigas faltas da alma: elas são como o fogo e a água fervente que purificam o coração. A compunção vem do alto, do orvalho divino do Espírito: ela consola e alivia a alma que acaba de entrar com fervor no abismo da humildade, que recebeu a contemplação da luz inacessível, e que, como Davi, diz a Deus em sua alegria: "Nós passamos pelo fogo e pela água, e você nos tirou de lá para nos aliviar[222]".

72. Ouvi alguns dizer que não é possível alcançar o estado de virtude sem partir para longe, sem fugir para o deserto. Fiquei espantado de que o ilimitado pareça ter que se limitar a um lugar. Pois se o estado de virtude consiste na restauração das potências da alma em sua nobreza primitiva e na conjunção das virtudes fundamentais reunidas na energia conforme a natureza, isto não vem a nós do exterior como uma coisa estrangeira, mas nos é dado pela criação, segundo um sentido divino e espiritual. Levados por estas potências e com elas é que entramos no Reino dos céus. Ora, este Reino está em nós[223], disse o Senhor. Portanto, o deserto é supérfluo, uma vez que sem ele entramos no Reino por meio do arrependimento e observando totalmente os mandamentos de Deus. O Reino pode estar em qualquer lugar aonde reine o Senhor. É o que disse o divino Davi: "Bendiga minha alma ao Senhor, em todos os lugares de sua soberania[224]".

73. Se alguém em pleno campo real é protegido e cercado por generais e capitães, mas na batalha não consegue manifestar sua

[222] *Salmo* 65 (66): 12.
[223] Cf. *Lucas* 17: 21.
[224] *Salmo* 102 (103): 22.

fúria e seu ardor diante dos adversários, nem colocar nenhum deles em fuga, como combaterá sozinho em meio a tantos inimigos, como conduzirá o combate, ele que é tão ignorante a respeito da guerra? Ora, o que é impossível nas coisas humanas é muito mais impossível nas coisas divinas. Quem, fugindo para o deserto, conhecerá as incursões dos demônios, os ataques secretos ou declarados das paixões? Quem lá irá combatê-los, sem ter antes se exercitado em destruir em si as vontades próprias no meio da assembleia dos irmãos, sob a condução de um padre experiente nessa guerra invisível e espiritual? Se não for assim, é totalmente impossível a tal homem combater por outros ou ensinar aos outros como vencer os inimigos invisíveis.

74. Despoje-se da vergonha da negligência e do reproche dos mandamentos de Deus. Rejeite o egoísmo. Afronte a carne sem dó. Procure as ordens de Deus[225] e os seus testemunhos. Despreze tanto a glória como a desonra. Deteste a concupiscência e os prazeres do corpo. Fuja da saciedade, que inflama o baixo ventre. Abrace a pobreza e a vida rude. Erga-se contra as paixões. Volte seus sentidos para o interior da alma. Incline seu coração para que faça a obra mais alta. Mantenha-se surdo para as coisas humanas. Esgote toda sua força no cumprimento dos mandamentos. Chore, durma sobre o chão duro, jejue, se esforce ao máximo, viva na hesíquia, enfim, ignore o que no rodeia, mas conheça a si mesmo. Eleve-se acima da baixeza das coisas visíveis. Abra para a contemplação de Deus os olhos de seu intelecto. Veja na beleza das criaturas as delícias do Senhor[226]. Depois desça de lá, para contar aos seus irmãos as coisas da vida eterna, os mistérios do Reino de Deus. Esta é a obra da fuga em relação aos homens, por meio de uma ascese extrema, e o cumprimento da vida no deserto.

[225] Cf. *Salmo* 118 (119): 56.
[226] Cf. *Salmo* 26 (27): 4.

75. Se você quiser ver os bens que Deus preparou para aqueles que o amam[227], dirija-se ao deserto da renúncia à sua própria vontade e fuja do mundo. De qual mundo? Da concupiscência dos olhos, da carne[228], da presunção dos pensamentos, da ilusão do visível. Se você fugir deste mundo, logo a luz se levantará sobre você, logo você verá a vida divina, e os remédios de sua alma – as lágrimas – brotarão rapidamente[229]. Você será transformado pela mudança da direita do Altíssimo[230], e a inundação das paixões já não se aproximará de sua tenda[231]. Passando sua vida em pleno mundo e no meio das pessoas, você estará como no deserto e não mais verá os homens. Mas se você não fugir assim deste mundo, a simples fuga do mundo visível não lhe trará nada que o possa levar à perfeição das virtudes e à união com Deus.

76. Tornar-se monge não implica viver fora dos homens e do mundo, mas sim colocar-se fora das vontades da carne e partir para o deserto das paixões. É neste sentido que foi dito a um grande monge: "Fuja dos homens e será salvo[232]". E depois de sua fuga ele permaneceu no meio dos homens e vivia em lugares habitados com seus discípulos. Em sua fuga sensível ele buscara ardentemente a fuga inteligível, e a companhia dos homens não lhe fazia mal algum. Outro grande monge disse a mesma coisa ao sair da assembleia: "Fujam, irmãos". Mas quando lhe perguntaram do que falava, ele apontou a boca[233].

77. Viver junto em comunidades é mais seguro do que a solidão. A

[227] Cf. I *Coríntios* 2: 9.
[228] Cf. I *João* 2: 16.
[229] Cf. *Isaías* 58: 8.
[230] Cf. *Salmo* 76 (77): 11.
[231] Cf. *Salmo* 90 (91): 10.
[232] *Sentenças dos Padres do deserto*. Arsênio 1.
[233] *Idem*, Macário 16.

vida comunitária é necessária. A santa palavra de Jesus nosso Deus testemunha isto: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles[234]". Quanto ao perigo da solidão, disse Salomão: "Infeliz do homem só. Quando ele cai não há ninguém para levantá-lo[235]". Davi chama de bem-aventurados os que celebram no amor e na concórdia, quando diz: "Bem-aventurado o povo que conhece a aclamação[236]". Ele também louva a vida em comum: "Eis que é bom e doce para os irmãos viver juntos[237]". Também os discípulos do Senhor eram uma só alma e um só coração[238]. E a descida de Deus não se fez no deserto, mas numa cidade, no meio de homens pecadores. A concórdia da vida em comum é necessária. A solidão é precária e perigosa.

78. "É preciso que haja escândalo, mas ai daquele por cujas mãos vier o escândalo[239]". Aquele que perdeu a piedade e vive no meio da assembleia dos irmãos sem amar nem temer a Deus é um escândalo para muitos dentre os mais simples, seja por seus atos, sua atitude, sua conduta perversa, seja por suas palavras, sua conversação depravada. Ele corrompe as almas, as disposições boas e virtuosas[240].

79. Quem mantém os mandamentos de Deus jamais se torna pedra de escândalo[241] para os homens, pois não é através dele que vem o escândalo. "Grande é a paz daqueles que amam a lei, neles não existe escândalo[242]". Estes são luz, sal e vida, como disse o Senhor: "Vocês são a luz do mundo e o sal da terra[243]". Eles são luz, pois suas vidas são virtuosas, suas palavras claras e sábia sua inteligência. São sal, pois grande é seu conhecimento divino e poderosa neles é a sabedoria de Deus. São vida, pois através de suas palavras eles reanimam os que estavam mortos nas paixões e os levantam do inferno do desespero. Pela luz das obras de sua justiça, aqueles que guardam os mandamentos brilham diante dos homens e os iluminam. Pela doçura e a precisão de suas palavras, eles os afirmam longe da vaidade e os afastam da podridão das paixões. Tudo o que dizem é tão vivo que eles trazem para a vida as almas mortas sob o pecado.

80. A paixão da vanglória é um tridente – a vanglória, a presunção e o orgulho – passada ao fogo e forjada pelos demônios. Mas os que permanecem sob a proteção do Deus do céu a reconhecem com facilidade e quebram suas pontas. Eles voam acima dela com sua humildade, e repousam sobre a Árvore da vida.

81. Quando este demônio impuro e hábil se atirar sobre você logo que você começar a progredir na virtude, quando ele predisser a altura dos tronos, quando, através de suas insinuações, ele refrescar sua memória e gabar suas obras acima das obras de outros, quando ele o fizer ouvir que você é capaz de conduzir as almas, detenha-o em espírito e não o deixe fugir, se você recebeu do alto o poder de fazê-lo. Conduza-o consigo em imaginação até o pecado que você cometeu outrora, coloque-o a nu diante de si e diga-lhe: "Aqueles que fizeram tais coisas são dignos de se elevar à altura dos primeiros lugares? Parecem-lhe capazes de conduzir as almas e leva-las a salvo até Cristo? Diga o que tem a dizer. Eu me calo". E o demônio não poderá responder-lhe, e se esvairá de vergonha como fumaça. Ele já

[234] *Mateus* 18: 20.
[235] *Eclesiastes* 4: 10.
[236] *Salmo* 88 (89): 16.
[237] *Salmo* 132 (133): 1.
[238] Cf. *Atos* 4: 32.
[239] *Mateus* 18: 7.
[240] Cf. I *Coríntios* 15: 13.
[241] Cf. I *Romanos* 9: 33.
[242] *Salmo* 118 (119): 165.
[243] *Mateus* 5: 13-14.

não terá força para perturbá-lo. E mesmo que você jamais tenha feito ou dito coisa que descaracterize sua vida sobrenatural, compare-se com os mandamentos e os sofrimentos do Senhor. Você descobrirá que está tão distante da perfeição quanto uma bacia d'água está do mar. Pois a justiça dos homens está tão longe da justiça de Deus quanto está do céu a grandeza da terra, ou o mosquito do leão.

82. Naquele que já foi ferido em profundidade pelo amor de Deus, as forças do corpo estão aquém do desejo. Pois seu desejo não se satisfaz com as penas e os suores da ascese. Ele é como quem tem muita sede: o fogo do desejo é insaciável. Dia e noite ele tem sede de penar, mas quanto às forças do corpo ele é vencido. É assim, penso eu, que os mártires de Cristo, investido desta paixão sobrenatural, não sentiam os tormentos nem tinham preguiça de a tudo enfrentar. Eles dominavam a si próprios sob o amor abrasador que sentiam por Deus, e se consideravam sempre aquém do desejo ardente que sentiam por sofrer.

83.Quem, de um modo ou de outro, se compara aos irmãos que praticam a ascese e que com ele vivem, se ilude sem sabê-lo[244]. Ele caminha por um caminho que não é de Deus. Pois ou bem este homem não conhece a si mesmo, ou se desviou do caminho que conduz aos céus, esta via que é seguida por aqueles que, recusando o orgulho, buscam de todo coração, e por meio da qual, superando as armadilhas do inimigo, conquistam o espaço inteligível sobre as asas da impassibilidade, e, vestidos de modéstia, passam sua vida numa primavera nos lugares luminosos.

84. Quem possui um coração inflado e enganado pela presunção não obterá jamais a graça da humildade à luz da compunção, que concede aos corações quebrantados a luz do conhecimento de Deus, conforme está escrito: "Na sua luz vemos a luz[245]". Mas a noite das paixões o encobrirá, ali onde rondam os animais da floresta[246] da natureza humana, onde os leõezinhos, os filhos da presunção – falo do demônio da vanglória e da prostituição – procuram rugindo ao quê devorar e engolir em seu ventre de desespero.

85. Quando alguém vive segundo os homens, quando é levado pelo espírito da presunção, sua conduta e sua vida presente se tornam um oceano de males, submergindo sob as ondas salgadas dos prazeres a reflexão de sua alma, e batendo com as vagas selvagens das paixões, desencadeadas pelos espíritos de malícia, suas três potências. Seu navio e o leme da alma são destruídos pelos prazeres da carne, e o intelecto que os conduz desaparece no abismo do pecado e da morte espiritual. A dura ansiedade de um imenso desencorajamento se estende sobre ele, até que este oceano de males acalme suas ondas e se torne nele um abismo de humildade, uma calmaria, e que a maré salgada dos prazeres transforme suas águas em chuvas de lágrimas e o conduza ao prazer da compunção luminosa.

86. Aquele que se sujeitou até a saciedade aos prazeres e às obras do corpo, que se atire agora até a saciedade às penas da ascese e aos supres da vida dura. Esta saciedade reverterá em você a outra saciedade, a dor reverterá o prazer, as fadigas do corpo reverterão o conforto. Você encontrará o repouso na saciedade da alegria e do regozijo. Assim você desfrutará do bom odor da castidade e da pureza, provará do inefável prazer dos frutos imortais do Espírito. Pois devemos lavar na medida de sua sujeira as vestes que queremos purificar, quando a sujeira se torna tão espessa que elas se ficam inutilizadas.

---

[244] Cf. *Gálatas* 6: 3.

[245] *Salmo* 35 (36): 10.

[246] Cf. *Salmo* 103 (104): 20.

87. As enfermidades são úteis àqueles que dão seus primeiros passos na vida virtuosa. Elas os ajudam a esgotar e humilhar a carne ardente. Elas diminuem o vigor da carne e depuram o sentido terrestre da alma. Eles tornam sua energia mais intensa e mais forte, segundo as palavras do Apóstolo divino: "Quando eu sou fraco, é aí que sou forte[247]". Mas na mesma medida em que são úteis aos noviços, elas são nocivas aos que já avançaram nas penas e nas virtude, aos que já superaram os sentidos e se elevaram até as contemplações celestes. De fato, elas os impedem de se dedicar às coisas de Deus, elas dobram sob as dores e as aflições as reflexões de sua alma, elas a perturbam sob nuvens de desencorajamento, elas esgotam a compunção sob a aridez das penas. Paulo sabia disto, tanto a lei do discernimento o tornara atento a si mesmo, e dizia: "Eu tratei duramente meu corpo e o sujeitei, por medo de que, depois de haver pregado aos outros, eu mesmo seja rejeitado[248]".

88. A maior parte cai doente devido a uma alimentação irregular e desigual, ou então pelo jejum extremo e as penas das virtudes que tentam sem medida nem discernimento aqueles que buscam a Deus. Às vezes o inimigo natural – a gula e a saciedade – os arrastam. Assim, a temperança é necessária aos que se engajam no caminho da virtude, tanto quanto aos que já ultrapassaram o meio da ascese e levam os combates até os mais altos graus da contemplação. Pois a temperança é a mãe da saúde, a amiga da castidade, a boa esposa da humildade.

89. Saiba que a impassibilidade é dupla e que ela vem sobretudo de duas maneiras para os que buscam a Deus. A primeira impassibilidade lhes é concedida quando neles se completa a filosofia ativa. Num combate regular[249], esta progride por meio de numerosos caminhos de penas. Ela começa por destruir as paixões e deter os impulsos da carne. Ela dá às potências da alma seu movimento natural. Ela restabelece o intelecto no estudo consciente das coisas divinas. É então, a partir das primícias da contemplação natural, que a segunda impassibilidade, mais perfeita, se segue com naturalidade. Elevada da hesíquia intelectual dos pensamentos ao estado apaziguado do intelecto, ela a transporta ao mais alto discernimento, à mais alta vidência profética: ao mais alto discernimento das coisas divinas, nas visões do melhor, nas revelações dos mistérios de Deus; à mais alta vidência profética, nas coisas humanas que vêm de longe e que devem acontecer. Em tudo, um só e mesmo Espírito age[250], dominando e retendo na primeira impassibilidade, mas libertando na segunda a liberdade da vida eterna, como disse Paulo[251].

90. Quem se aproxima das fronteiras da impassibilidade, que possui uma visão correta de Deus e da natureza dos seres, que, da beleza das criaturas se eleva na medida de sua pureza até o Criador, este recebe as efusões luminosas do Espírito. Ele possui uma boa opinião a respeito de todos, ele pensa sempre no bem de todos, em todos ele vê a santidade e a pureza, e seu juízo é sempre correto a respeito das coisas, tanto divinas como humanas. Ele não deseja nada do que buscam os homens na matéria do mundo. Com o intelecto despojado da sensação do mundo inteiro, ele se eleva para os céus e para Deus, puro de toda mancha, livre de toda servidão. Ele está inteiramente votado para os bens espirituais de Deus no único Espírito, ele contempla a beleza divina, ama permanecer nos lugares divinos da glória bem-aventurada de Deus, no silêncio e na alegria inefáveis.

---

[247] II *Coríntios* 12: 10.
[248] I *Coríntios* 9: 27.
[249] Cf. II *Timóteo* 2: 5.
[250] Cf. I *Coríntios* 12: 11.
[251] Cf. *Romanos* 8: 21.

Com todos os sentidos transfigurados, como um anjo num corpo de terra, ele conduz os homens a uma vida desembaraçada da matéria.

91. A razão sabe que a ascese possui também cinco sentidos: a vigília, o estudo, a prece, a temperança e a hesíquia. Quem os une a seus próprios sentidos – unindo a vista à vigília, o ouvido ao estudo, o olfato à prece, o paladar à temperança e o tato à hesíquia – purifica rapidamente a inteligência de sua alma, e refinando-a por meio deles, alcança a impassibilidade e o discernimento.

92. O intelecto impassível é aquele que dominou suas paixões e que está acima da tristeza e da alegria. Ele não é mais ensombrecido pelas tristezas advindas das infelicidades, nem relaxa quando o coração está feliz. Ele conduz a alma a se regozijar nas aflições e a ser temperante no regozijo, jamais ultrapassando as medidas.

93. Grande é o furor dos demônios contra os que progridem na contemplação. Noite e dia eles lhe deitam armadilhas. Por meio daqueles que os cercam, eles lhes suscitam duras tentações. Eles os cobrem de ruídos para assustá-los e os atacam durante o sono, por que invejam seu repouso. Eles os afligem de todas as maneiras, embora sejam incapazes de prejudicar aqueles que se consagraram a Deus. Se o Anjo do Senhor que domina o universo não estivesse lá para guarda-los, eles não escapariam aos seus embustes e às armadilhas da morte.

94. Quando você combate para possuir em si a filosofia ativa da virtude, tome muito cuidado com os embustes fatais dos demônios. Quanto mais você se elevar nas altas virtudes, mais crescerá em você durante a oração a luz divina, mais você descobrirá as revelações e as visões inefáveis que o Espírito concede, e mais os demônios, vendo-o subir aos céus, rilharão os dentes e se apressarão a estucar no espaço inteligível as redes retorcidas de sua malícia. Não apenas soprarão sobre você os demônios selvagens do desejo e do ardor que amam a carne, mas também, em sua inveja amarga, se levantarão contra você os demônios da blasfêmia. Depois, manifestos ou ocultos, os demônios que, em seu voo, circulam pelo espaço, as potestades e os poderes, se dirigirão à sua imaginação despojada, assumindo formas estranhas, terríveis, para confundi-lo tanto quanto puderem, Mas, aplicado à obra intelectual da prece sob o olhar vigilante do intelecto, e, exercitando-se nos pensamentos da contemplação natural das criaturas de Deus, você não temerá suas flechas que voam de dia. Pois eles não poderão se aproximar de sua tenda[252], expulsos como as trevas pela luz que existe em você, e consumidos pelo fogo divino.

95. A graça do Espírito divino amedronta os espírito de malícia, sobretudo quando nos é dada em abundância ou quando somos purificados pela meditação e a prece pura. Não ousando se aproximar da moradia dos que são assim iluminados, os espíritos de malícia tentam assustá-los e perturbá-los com imaginações, ruídos terrificantes, vozes confusas, para roubá-los à obra da vigília e da prece. E quando os monges dormem sobre o chão duro, eles não poupam nenhum artifício. Invejando o monge que repousa de suas penas, eles lhe deitam armadilhas, o agitam, roubam o sono de suas pálpebras. Por meio de tais manobras eles tornam sua vida mais difícil e cheia de dor.

96. Os espíritos das trevas se encarnam, ao que parece, de maneira muito sutil, como a experiência permite à razão supor. Ou bem eles criam esta ilusão quando a sensação dissimula, ou foram condenados a isto por causa da queda original. Eles assaltam a alma que combate, quando o corpo que lhe está sujeito se volta para o sono. Disto, penso eu, a alma possui alguma experiência, caso tenha

[252] Cf. *Salmo* 90 (91): 5.

dominado a baixeza do corpo. Seu ardor e sua coragem se revelam pela maneira como ela se opõe àqueles que, em sua cólera e grande furor, a ameaçam com coisas terríveis. A alma, ferida pelo amor de Deus, e armada com as virtudes fundamentais, não apenas opõe a eles uma justa cólera, como ainda os fustiga, se é que neles existe, ao que parece, alguma sensação, a partir do momento em que tornaram inexoravelmente terrestres, decaídos da luz primeira, a luz divina.

97. Antes de agredir e vencer, os demônios perturbam os sentidos da alma e roubam o sono das pálpebras. Mas a alma a quem o Espírito Santo encheu de resolução e coragem considera como nada seus ataques e sua fúria amarga, e, apenas com o sinal da cruz vivificante e a invocação de Jesus Deus, dissipa seus fantasmas e os coloca em fuga.

98. Se você deixar a filosofia ativa para recolher os despojos dos espíritos contrários, olhe ao redor de si e vigie para trazer consigo as armas do Espírito. Pois você conhece aqueles cujas armas se dispõe a buscar. Trata-se de inimigos, mas inteligíveis e incorpóreos, enquanto você permanece sempre num corpo para combater por Deus, pelo Rei dos espíritos. Saiba que são eles que o atacarão primeiro e mais fortemente, e serão numerosos a lhe deitar suas armadilhas. Se você se descuidar ao buscar seus despojos eles se servirão deles para prendê-lo e encherão sua alma de amargura. Ou então o submeterão a vícios e tentações dolorosas que representarão o espinho e o mal em sua carne[253].

99. Uma boa fonte não pode jorrar águas turvas e nauseabundas exalando a matéria do mundo. E um coração fora do Reino dos céus não poderá jamais fazer brotar de si as ondas da vida divina exalando o bom odor da mirra inteligível. Como foi dito, pode uma fonte fazer jorrar da mesma abertura o doce e o amargo? Uma moita de espinhos pode dar azeitonas, e uma oliveira pode dar figos[254]? Assim é que a mesma fonte do coração não pode produzir ao mesmo tempo um mau pensamento e um bom pensamento. Mas o homem bom extrai do bom tesouro de seu coração aquilo que é bom. O homem falso extrai do mau tesouro de seu coração o que é mau[255], disse o Senhor.

100. Assim como sem azeite nem fogo a lâmpada não se acende nem ilumina os que estão na casa[256], sem o Espírito e o fogo divino é impossível à alma exprimir claramente as coisas de Deus e iluminar os homens. Pois todo dom perfeito vem do alto, do Pai das luzes, derramando-se sobre toda alma que ama a Deus. Nele, diz a Escritura, não existe nenhuma mudança, nenhuma sombra de variação[257].

---

[253] Cf. II *Coríntios* 12: 7.

[254] Cf. *Tiago* 3: 11-12.

[255] *Lucas* 6: 45.

[256] Cf. *Mateus* 5: 15.

[257] Cf. *Tiago* 1: 17.

SEGUNDA CENTÚRIA
CAPÍTULOS FÍSICOS

Da purificação do intelecto

1. O começo do amor a Deus consiste no desprezo pelas coisas visíveis e humanas. O meio consiste na purificação do coração e do intelecto. De onde vêm o desvelamento intelectual dos olhos deste intelecto e o conhecimento do Reino dos céus oculto em nós[258]. O fim é a irresistível tensão amorosa que nos leva aos dons de Deus acima da natureza, e o desejo natural da união com Deus para o repouso nele.

2. Onde se encontram o amor a Deus, a obra das coisas inteligíveis e a comunhão com a luz inacessível, lá estão também a paz das potências da alma, a purificação o intelecto e a habitação da Santa Trindade em nós. "Quem me ama, foi dito, guardará minhas palavras e meu Pai o amará e nós viremos até ele, e nele faremos nossa morada[259]".

3. A razão conhece três estado de existência: carnal, psíquico espiritual. A cada um destes estados corresponde um modo de vida que lhe é próprio, que se distingue por si mesmo e difere dos demais.

4. O estado carnal da existência está inteiramente voltado para os prazeres e o desfrute da vida presente. Nele nada há que pertença ao estado psíquico ou ao estado espiritual, e nenhuma vontade de adquirir seja o que for destes estados. O estado psíquico, que é uma fronteira entre o vício e a virtude, cuida do corpo, cuida para torná-lo forte, considera o louvor dos homens. Ele recusa as penas da virtude e também foge das ações da carne. Ele não se liga ao vício, mas, por razões opostas, também não se liga à virtude. À virtude, por causa daquilo que nela existe de rude e penoso. Ao vício, para não perder o louvor dos homens. O estado espiritual da existência escolhe nada saber dos dois primeiros estados para não cair nos seus males. Ele é totalmente livre diante deles. Conduzido pelas asas de prata do amor e da impassibilidade ele voa acima dos outros estados e nada faz do que é proibido, fugindo da inércia dos vícios.

5. Os que vivem para a carne e trazem em si os cuidados com a carne não passam de carne. Não há como agradarem a Deus[260]. Seus pensamentos são tenebrosos. Eles não recebem os raios da luz divina: as nuvens das paixões escondem dele esta luz. Eles têm ao redor de si como que altos muros que detêm a claridade do Espírito. Assim, permanecem na obscuridade. Os sentidos de sua alma estão enfermos. Eles não conseguem erguer os olhos para as belezas inteligíveis de Deus, nem ver a luz da verdadeira vida, nem superar a baixeza das coisas visíveis. Como que transformados em animais e não possuindo senão a sensação do mundo, eles entravam a dignidade da razão com as coisas sensíveis e humanas. Estes homens combatem e lutam entre si apenas para obtê-las, e por nada além delas, pelas quais chegam a perder suas almas, agarrados que estão ao dinheiro, à glória, aos prazeres da carne, pensando que a mera falta destas coisas lhes trará um grande mal. Justamente por sua causa foram ditas por Deus estas palavras proféticas: "Meu Espírito não permanecerá nestes homens, por que eles são carne[261]".

6. Os que vivem psiquicamente – e por isso são chamados psíquicos – são muitas vezes meio loucos. Seus membros estão como que

[258] Cf. *Lucas* 17: 21.
[259] *João* 14: 23.
[260] Cf. *Romanos* 8: 8.
[261] *Gênesis* 6: 3.

paralisados. Eles jamais se decidem a penar por uma virtude ou por um mandamento de Deus. Por causa da glória dos homens eles evitam as ações vergonhosas. Dominados pelo egoísmo, este mal que nutre as paixões funestas, colocam todo empenho na saúde e no desfrute da carne: recusam toda aflição, toda pena, todo esforço duro para conquistar a virtude. Eles confortam além da medida o corpo que nos combate. Tal vida, tal conduta, fazem com que seu intelecto pesado de paixões se torne terrestre. Eles estão completamente fechados para as coisas do intelecto, para as coisas de Deus por meio das quais a alma é retirada da matéria e elevada em direção aos céus inteligíveis. Embora tomados pelo espírito da matéria eles amam suas próprias almas e escolhem fazer suas vontades. Vazios do Espírito Santo, eles se privam também dos seus carismas. A partir daí, é impossível ver-se neles algum fruto divino, nem o amor a Deus e ao próximo, nem a alegria na pobreza e nas aflições, nem a paz da alma, a fé interior, a temperança total, e menos ainda a compunção, as lágrimas, a humildade, a compaixão. Todo seu ser está cheio de orgulho e vaidade. Eles não têm a capacidade de cavar as profundezas do Espírito. Não há neles luz que os guie, que lhes abra a inteligência e os leve a compreender as Escrituras[262]. Mas tampouco eles suportam que estas coisas lhes sejam ditas. O Apóstolo os denunciou com justeza: "O homem psíquico não recebe as coisas do Espírito. Ele as considera como loucura. Ele não sabe que a lei é espiritual e que somos julgados pelo Espírito[263]".

7. Os que caminham segundo o Espírito[264] e assumem totalmente a vida espiritual agradam a Deus. Eles se consagram a Deus como os nazireus[265]. Por meio de suas penas, sempre e sempre, eles purificam suas almas, guardam os mandamentos do Senhor, se esvaziam do próprio sangue por amor a ele. Por meio dos jejuns e das vigílias eles purificam a carne. Com suas lágrimas, afinam a espessura do coração. Mortificam seus membros na vida dura. Por meio da prece e do estudo, eles cumulam o intelecto de luz e o tornam claro. Pela renúncia às vontades, separam suas almas das paixões do corpo, e passam a depender inteiramente apenas do Espírito. Por isso eles não apenas são reconhecidos como espirituais, mas são também assim chamados. Alcançando a impassibilidade e o amor, eles se elevam como que com asas até a contemplação do criado. A partir daí, eles recebem o conhecimento dos seres através da sabedoria oculta em Deus[266], que é dada somente aos que superaram a baixeza do corpo. Como igualmente ele ultrapassaram toda sensação do mundo e foram introduzidos naquilo que está além da sensação por meio do intelecto iluminado, eles iluminam a razão. No centro da Igreja de Deus e na assembleia dos fieis[267] eles proferem palavras benfazejas com o coração puro. Eles se tornam para os homens sal e luz, como disse o Senhor: "Vocês são a luz do mundo e o sal da terra[268]".

8. "Parem e conheçam que eu sou Deus[269]". Aqueles que quiserem sabe o que significa aqui a palavra divina. A quem rejeitou de uma vez por todas as desordens da terrível vacuidade da existência para se tornar daí em diante profundamente atento a si mesmo e viver na hesíquia, o mais importante será considerar cuidadosamente as coisas interiores e buscar conhecer a Deus em si. Pois o Reino de Deus está em nós[270]. Se fizermos isto todo o tempo, poderemos apagar da alma as marcas da malícia e sermos salvos por aquele que restabelece integralmente a beleza original.

---

[262] Cf. *Lucas* 34: 25.
[263] I *Coríntios* 2: 14.
[264] Cf. I Gálatas 5: 25.
[265] Cf. *Números* 6: 2-8; *Juízes* 13: 3.
[266] Cf. I *Coríntios* 2: 7.
[267] Cf. *Salmo* 39 (40): 10-11.
[268] *Mateus* 5: 13-14.
[269] *Salmo* 45 (46): 11.
[270] Cf. *Lucas* 17: 21.

9. A malícia nos enche de veneno. O fogo que nos purifica pelas lágrimas tem forte necessidade do arrependimento e das penas voluntárias da ascese. Pois somos purificados das manchas do pecado, seja pelas penas voluntárias, seja por aquelas que nos chegam malgrado nossa vontade. Se nos adiantamos e assumimos as penas voluntárias, não sofreremos as seguintes. Mas se as primeiras não purificam o interior da taça e do prato[271], serão as outras quem com mais e maior violência, nos restabelecerão no estado original. Assim ordenou o Criador.

10. Brincam com a piedade e são manipulados pelas coisas, aqueles que não levaram até o fim a própria renúncia conforme à razão, que não quiseram buscar mestre nem guia desde o início e preferiram seguir sua própria consciência, acreditando-se sábios aos próprios olhos[272].

11. Ninguém sabe exatamente as causas das doenças que nosso corpo sofre, nem os remédios necessários, se não possuir uma grande experiência médica. E ninguém conhece as causas das enfermidades da alma se se dedicar a uma longa ascese. Se, com efeito, o conhecimento das doenças do corpo, objeto da ciência médica, parece incerta e não se aprende senão pouco a pouco, o conhecimento das enfermidades da alma é ainda mais incerto. Na mesma medida em que a alma é maior do que o corpo são também suas paixões maiores e mais difíceis de conhecer do que as doenças do corpo, que são visíveis aos olhos de todos.

12. As virtudes fundamentais que comandam o resto foram colocadas no homem por natureza. É a partir delas, como que de quatro fontes, que os rios[273] de todas as outras virtudes se enchem de água e irrigam a cidade de Deus[274], que é o coração purificado, consolado pelas lágrimas. Aquele que as guardou firme contra o ataque dos espíritos do mal, ou que as levantou com seus esforços quando elas foram derrubadas, construiu para si uma morada real e um palácio, onde o Rei do universo fará para si uma morada[275] e partilhará, concedendo em abundância, seus mais elevados dons àqueles que para isto tanto se prepararam.

13. Breve é a existência, longo o século futuro, curto o tempo da vida presente. O homem é este vivente grande e ínfimo, tão fraco, pois o tempo presente lhe foi concedido para durar bem pouco. Assim, o tempo é curto e o homem é fraco. Mas grande é o combate proposto para adquirir a recompensa, através de milhares de espinhos e dos riscos de uma vida extremamente breve.

14. Deus não quer que o trabalho dos que o buscam se dê sem esforço, mas que eles passem por grandes provas. Por isso ele envia o fogo das tentações. Há momentos em que ele reduz a graça que lhes envia desde o alto e permite que a serenidade dos pensamentos seja perturbada de tempos em tempos pelos espíritos de malícia, para ver até onde os pode levar o impulso da alma, se na direção de seu criador e benfeitor ou se para a percepção do mundo e a facilidade do prazer. Assim, ou bem ele duplica a graça sobre ele, se progredirem em seu amor, ou os golpeará com tentações e aflições se se ligarem às coisas, até que sintam aversão pela ronda errante das coisas visíveis e apaguem com suas lágrimas a amargura dos prazeres daqui de baixo.

---

[271] Cf. *Mateus* 23: 25.
[272] Cf. *Isaías* 5: 21.
[273] Cf. *Gênesis* 2: 10.
[274] Cf. *Salmo* 45 (46): 5.
[275] Cf. *João* 14: 23.

15. Uma vez que a paz dos pensamentos foi perturbada pelos espíritos de malícia, logo os demônios que amam a carne e que nos perseguem começam a lançar as flechas incendiárias[276] da concupiscência contra o intelecto que corre para as alturas. O intelecto, atingido em sua elevação, cai em movimentos impróprios e confusos, a carne começa a se sublevar contra o espírito, derrubando o intelecto a poder de excitação e febres e procurando enterrá-lo sob um abismo de prazer. Se o Senhor dos Exércitos não abreviasse estes dias e não concedesse aos seus servidores a força da paciência, nenhuma carne se salvaria[277].

16. O demônio fraudador e enganador da prostituição é para alguns queda e poço de lama, para outros chicote e vergasta de justiça, para outros ainda provação e tormento da alma. Queda e poço para os noviços que carregam mole e negligentemente o jugo da ascese. Chicote e vergasta para os que já percorreram a metade do caminho progredindo na virtude, mas que relaxam seu esforço. Provação e tormento para aqueles a quem as asas do intelecto já conduziu até a contemplação e que se lançam daí para a impassibilidade mais perfeita. Em outras palavras, tudo está organizado desde o alto para o bem de cada um.

17. O demônio da prostituição leva à queda e ao poço de lama os que passam a vida solitária e indiferente. Ele queima seus membros na chama da prostituição e da concupiscência. Ele lhes fornece meios perversos para satisfazer a vontade da carne sem se unir a outra carne, coisa que não se pode descrever nem conceber sem vergonha[278]. Estes homens mancham sua carne[279], conforme foi dito, eles comem os frutos de um prazer amargo, enchem seus olhos de trevas e, por sua falta, se afastam do melhor. Mas os que quiserem encontrarão remédio no fervor do arrependimento e na compunção das lágrimas, que suscita a fuga para longe do mal, purifica a alma da sujeira e lhe concede a herança da compaixão de Deus. O sábio Salomão dá isto a entender quando diz que o remédio acalma os grandes pecados[280].

18. Este espírito é justamente chicote a vergasta para aqueles que, por meio da filosofia ativa, atingiram a primeira impassibilidade e que daí por diante progridem para as coisas avançadas e mais perfeitas. Com efeito, quando, por negligência, eles relaxam a tensão de sua ascese, quando se deixam levar, por pouco que seja, a buscar sem reservas a sensação do mundo, assim desejando as coisas humanas, então a extrema bondade de Deus por eles permite que aquele que os agride se lance contra eles e comece a feri-los por meio de pensamentos da concupiscência da carne do homem que pensa no mundo. Se eles não o suportam, se retornam rápida e diligentemente para a cidadela de seu esforço me de sua atenção por meio de uma conduta voltada às penas, eles assumirão com ainda mais resolução as obras de salvação. Pois Deus ama o bem. Ele não deseja que a alma que chegou até aí se volte inteiramente para a sensação do mundo, mas que ela prossiga adiante e se ligue ardentemente às obras mais perfeitas a fim de que o chicote do mal não se aproxime de sua tenda[281].

19. Este mesmo espírito, dentro da economia divina, constitui uma provação, um cardo, um tormento para aqueles a quem a primeira impassibilidade conduziu à segunda, a fim de que, perturbados pela prova, eles se lembrem da sua fraqueza natural e não se orgulhem da eminência das revelações que lhes foram dadas contemplar,

---

[276] Cf. *Efésios* 6: 16.
[277] Cf. *Mateus* 24: 22.
[278] Cf. *Efésios* 5: 12.
[279] Cf. *Judas* 8.
[280] *Eclesiastes* 10: 4.
[281] Cf. *Salmo* 90 (91): 10.

conforme foi dito[282]. Vendo aquele que combate a lei de seu intelecto[283], eles derrubarão a simples lembrança do pecado, por medo de receber dele a sensação de sujeira que ele engendra, e de relaxar a visão das alturas que seu intelecto contempla.

20. Os únicos capazes de guardar o intelecto da perturbação causada pela simples lembrança do pecado são aqueles que foram considerados dignos de receber do alto, por intermédio do Espírito, a morte vivificante do Senhor[284] em seus membros e seus pensamentos. Eles obrigam a carne a morrer para o pecado, mas enriquecem de vida o espírito pela justiça[285] que está em Cristo Jesus. A inteligência de Cristo é concedida por uma palavra de sabedoria[286] àqueles em que se encontra imperturbável a morte vivificante, no conhecimento de Deus.

21. O espírito de concupiscência e de ardor costuma atacar as almas que acabam de se purificar. De que maneira? Fazendo cair os frutos do Espírito Santo com os quais estão carregadas. Pois a alegria da liberdade suscita uma efusão nestas almas. E a sabedoria que ordena tudo para seu bem e que quer sempre por intermédio de seus carismas atrais para si seus pensamentos e guardá-los inquebráveis na humildade para que eles não se elevem acima dos outros por causa de sua grande liberdade ou pela riqueza de seus carismas, ou ainda para que não tenham a presunção de possuir este grande palácio de paz por seu próprio poder e conhecimento, esta sabedoria permite àqueles espíritos assaltá-los, restringindo sua paz. A partir daí, atirados ao medo da quedam eles vigiam por guardar a bem-aventurada humildade. Tendo aprendido que estão ligados à carne e ao sangue, eles agira buscam naturalmente a fortaleza interior na qual possam se guardar sem prejuízo pelo poder do Espírito.

22. Conforme nos domina a doença das paixões, conforme a podridão do pecado se instala em nós, nos assaltam as tentações. Então a mistura que nos derrama a taça de absinto dos juízos de Deus nos parecerá mais amarga ou mais doce. Pois se a matéria do pecado que está em nós – vale dizer, os pensamentos que nos levam ao amor pelo prazer ou ao amor por esta vida – é curável e sara com facilidade, o médico de nossas almas derramará também a compaixão no copo de tentações que nos oferece, pois são doenças humanas que experimentamos, e são coisas humanas que sofremos. Mas se a matéria do pecado é incurável, se está enraizada, se os pensamentos de presunção e de extremo orgulho secretam a podridão que conduz à morte, o copo nos é dado sem mistura, no amargor da cólera, para que a doença, consumida pelo fogo de sucessivas tentações, reduzida pela humilhação, se retire de nossas almas, para que assim apaguemos com lágrimas a amargura dos pensamentos e estejamos puros à luz da humildade na visão do médico de nossas almas.

23. Aqueles que combatem não conseguem escapar das tentações sucessivas senão reconhecendo sua própria fraqueza e considerando a si próprios como afastados de toda justiça, indignos de toda consolação, de toda honra, de todo repouso. O objetivo de Deus, do médico de nossas almas, é que nos tornemos sempre humildes e aflitos, estranhos a todos os homens, e que imitemos seus sofrimentos. Pois ele era manso e humilde de coração[287], e é nesta mansidão e humildade de coração que ele deseja que percorramos o caminho de seus mandamentos.

---

[282] Cf. II *Coríntios* 12: 8.
[283] Cf. *Romanos* 7: 23.
[284] Cf. II *Coríntios* 4: 10.
[285] Cf. *Romanos* 8: 10.
[286] Cf. I *Coríntios* 12: 8.
[287] Cf. *Mateus* 11: 29.

24. Não são as macerações, o cabelo sujo, as vestes descuidadas, grosseiras e rasgadas, estas coisas nas quais muitos encerram toda a virtude, que conduzem à humildade, mas o coração quebrantado e o espírito de rebaixamento, como disse Davi: "A um coração quebrantado e humilhado, Deus não desprezará[288]".

25. Uma coisa é a humildade da linguagem, outra a humildade exterior e outra ainda a humildade do coração. Por todos os sofrimentos que aguentam e pelas penas exteriores que a virtude tem que suportar, os que combatem alcançam a humildade da linguagem e a humildade exterior, que juntas reúnem a obra e a ascese do corpo. Mas muitas vezes sua alma carece de firmeza e quando encontra a tentação fica perturbada. Mas a humildade do coração, que é coisa divina e altíssima, não vem senão àqueles que ultrapassaram a metade da ascese e que receberam em si o Consolador. Vale dizer que estes já percorreram, através de toda a humildade exterior, o duríssimo caminho da virtude.

26. A humildade do coração penetra até as profundezas da alma, caindo sobre ela como uma pesada pedra. Ela a esmaga e pressiona tanto mais quanto mais ela esgota sua força no fluxo irresistível das lágrimas, na medida em que ela purifica o intelecto de toda a sujeira dos pensamentos, na medida em que a alma alcança, como Isaías, a visão de Deus, e exclama: "Infeliz que sou, estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vi com meus olhos o Rei, o Senhor dos Exércitos[289]!".

27. Quando a humildade da linguagem se enraíza em você, então se afastará o falatório orgulhoso. Quando se enraizar a humildade exterior nas profundezas do seu coração, a humildade da linguagem, seja ela superficial ou profunda, será afastada de você. E quando você receber do alto a riqueza da humildade do coração, tanto esta humildade exterior quanto a da linguagem serão apagadas. É o que disse Paulo: "Quando o perfeito chega, o parcial desaparece[290]".

28. Tanto está distante o oriente do ocidente[291] quanto está a verdadeira humildade da linguagem da verdadeira humildade exterior. E tanto maior é o céu do que a terra e a alma do que o corpo, também a humildade de coração concedida aos perfeitos pelo Espírito Santo é maior e mais perfeita do que a humildade exterior.

29. Não creia que é fácil a alguém que fala humildemente e que se reveste das formas da humildade exterior ser humilde de coração, nem que alguém que fala dando-se ares e orgulhosamente, cheio de presunção e vaidade escapará aos tormentos trazidos por estes vícios. Você os reconhecerá por seus frutos[292].

30. Os frutos do Espírito Santo são o amor, a alegria, a paz, a bondade, a paciência, a bem-aventurança, a fé, a mansidão, a temperança[293]. Os frutos do espírito contrário são o ódio, a inquietude do mundo, a inconstância da alma, a perturbação do coração, a malícia, a curiosidade, a negligência, a cólera, a incredulidade, a inveja, a gula, a embriaguez, o ultraje, a condenação, a concupiscência dos olhos[294], a vaidade e a presunção da alma. É por tais frutos que você conhecerá a árvore[295]. E é assim que você poderá saber a qual espírito pertence quem se aproxima de você. A palavra do Senhor lhe fornece os mesmos sinais, e com

---

[288] *Salmo* 50 (51): 19.
[289] *Isaías* 6: 5.
[290] I *Coríntios* 13: 10.
[291] Cf. *Salmo* 102 (103): 12.
[292] Cf. *Mateus* 7: 16.
[293] *Gálatas* 5: 23.
[294] Cf. I *João* 2: 16.
[295] Cf. *Mateus* 12: 33.

maior clareza ainda: “O homem bom extrai do bom tesouro de seu coração aquilo que é bom. O homem mau extrai do mau tesouro do seu coração aquilo que é mau[296]”. Pois o fruto depende da árvore.

31. Assim é que a morada de Deus está naqueles em que vivem e se revelam os dons do Espírito Santo. Estes homens têm em si a fonte pura da palavra cheia de sabedoria e conhecimento, quer os ouçamos falar as coisas mais humildes ou as mais elevadas. E naqueles em que não se revelam os frutos do Espírito Santo, mas os frutos do espírito contrário, nestes estão as trevas da ignorância de Deus, o enxame das paixões, a morada dos adversários, quer falem humildemente e vistam roupas simples, quer digam coisas elevadas e se vistam elegantemente e com todas as aparências da nobreza.

32. Não é nos rostos, nas formas ou nas palavras que reconhecemos as marcas da verdade. Não é aí que Deus repousa. Ele está nos corações quebrantados[297], nos espíritos humilhados[298], nas almas iluminadas pelo conhecimento divino. Às vezes, alguém a quem vemos se rebaixar quando fala, em tudo dizer as coisas mais humildes e em tudo buscando o louvor dos homens, por dentro está cheio de presunção, mentiras, inveja e rancor contra o próximo. E outro a quem vemos combater pela justiça com palavras grandiloquentes, erguer-se contra a mentira e a transgressão das coisas divinas e não considerar senão a pura verdade, por dentro é todo comedido, humilde, cheio de amor ao próximo. Às vezes vemos até alguém que se glorifica no Senhor, como Paulo se glorificava no Senhor quando dizia: “Eu me glorifico nas minhas fraquezas[299]”.

33. Deus não olha a aparência do que dizemos ou fazemos, mas considera apenas a disposição de nossas almas, o objetivo pelo qual cumprimos um ato visível ou expressamos um pensamento. Também aqueles que se distinguem dos demais por sua consciência consideram acima de tudo o poder das palavras e a finalidade das obras, e desta maneira asseguram seus julgamentos. “O homem observa o rosto. Mas Deus vê o coração[300]”.

34. Deus considerou que, geração após geração, seus profetas e seus amigos jamais deixariam de ser preparados pelo Espírito para a edificação de sua Igreja[301]. Pois se o velho dragão nunca deixou de vomitar nos ouvidos dos homens o veneno do pecado que atira a alma para a morte, como aquele que criou cada um de nossos corações[302] não poderia ressuscitar o indigente da terá da humildade ou não resgataria o pobre do braseiro[303] das paixões, trazendo a espada do Espírito[304] que é a palavra de Deus para socorrer a sua herança? Os que começam pela humildade, os que renunciam a si mesmos são aqueles que se elevam às alturas do conhecimento. Do alto a palavra da sabedoria lhes é dada pelo poder de Deus. Pois eles anunciam à sua Igreja a boa nova da salvação[305].

35. Conheça a si mesmo. Tal é a verdadeira humildade, a que ensina a ser humilde internamente, a que quebranta o coração: aquela sobre a qual devemos trabalhar, e que devemos guardar[306]. Se você ainda não se conhece, você tampouco sabe o que é a humildade, você ainda não alcançou o verdadeiro trabalho, a verdadeira guarda. Pois conhecer a si próprio é o fim da obra das virtudes.

---

[296] *Mateus* 12: 35.
[297] Cf. *Salmo* 50 (51): 19.
[298] Cf. *Daniel* 3: 39.
[299] II *Coríntios* 12: 9.
[300] I *Samuel* 16: 7.
[301] Cf. *Efésios* 4: 11-12.
[302] Cf. *Salmo* 32 (33): 15.
[303] Cf. *Salmo* 112 (113): 7.
[304] Cf. *Efésios* 6: 17.
[305] Cf. *Salmo* 67 (68): 12.
[306] Cf. *Gênesis* 2: 15.

36. Aquele que, através da pureza, alcançou o conhecimento dos seres, conhece a si próprio, conforme foi dito: conheça a si mesmo. Mas quem ainda não atingiu o conhecimento das próprias razões da criação, das coisas divinas e humanas, conhece apenas o que está ao seu redor, o que está fora de si, mas não conhece absolutamente a si mesmo.

37. O que eu sou não é o que está em mim; o que está em mim não é o que está ao redor de mim; e o que está ao redor de mim não é o que está fora de mim. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Eu mesmo sou a imagem de Deus, pois fui concebido como uma alma intelectual, imortal, dotada de razão, pois eu possuo a inteligência que engendra a razão e que é indivisível, consubstancial com a alma. O que está em mim, que reina e comanda, é a razão e a liberdade. O que está ao redor de mim é o que eu escolhi ser: lavrador, comerciante, professor ou filósofo. O que está fora de mim diz respeito às ambições da existência e à nobreza terrestre, a riqueza, a glória, a honra, a prosperidade, a dignidade, ou seus contrários, a pobreza, a rejeição, a desonra, a infelicidade.

38. Quem conhece a si mesmo repousa de todos os trabalhos que fez em Deus. Este penetrou no santuário de Deus, na liturgia intelectual do Espírito. Ele alcançou o porto divino da impassibilidade e da humildade. Mas quem ainda não se conhece pela humildade do coração e a ciência, avança sempre através das penas e dos suores desta vida. É o que Davi quis dizer com: "Existe uma pena diante de mim, até que eu penetre no santuário de Deus[307]".

39. Para conhecer a si mesmo é necessário se proteger do exterior, abstrair as coisas do mundo e perscrutar a consciência. Logo uma divina humildade vira subitamente fazer sua morada na alma, mais elevada do que a razão, quebrantando o coração e provocando as lágrimas de uma fervorosa compunção. Que, é arrastado por ela passa a se considerar como terra e cinzas[308], verme e não homem[309], sequer digno da vida animal, tão sublime é este dom de Deus. E se lhe for concedido permanecer nela, ele será cumulado de uma outra embriaguez inefável, a embriaguez da compunção. Ele penetrará nas profundezas da humildade do coração e, fora de si, considerará como nada os alimentos exteriores, mesmo que não ultrapasse a necessidade de beber e cobrir o corpo. Pois ele terá sido transformado pela boa transformação da direita do Altíssimo[310].

40. A humildade é a maior de todas as virtudes de que necessitamos. Naqueles em quem ela se implanta por meio de um arrependimento límpido, tomando por companheiras a oração e a temperança, ela logo liberta da escravidão das paixões, traz paz às suas forças, purifica seu coração com lágrimas e os enche de felicidade na medida em que o Espírito neles faz sua morada. Quando eles alcançam este estado, veem claramente a razão do conhecimento de Deus, chegam à contemplação dos mistérios do Reino dos céus[311] e das próprias razões da criação. Quanto mais eles mergulham nas profundezas do Espírito, mais afundam no abismo da humildade do coração. A partir daí cresce neles a consciência de suas próprias medidas. Eles conhecem a fraqueza da natureza humana e transbordam de amor por Deus e pelo próximo, mas também consideram como uma santificação ser retirados desta única ligação e da presença daqueles dentre os quais vivem.

41. Nada concede tantas asas à alma em seu amor a Deus e sua

[307] *Salmo* 72 (73): 17.

[308] Cf. *Gênesis* 18: 27.
[309] Cf. *Salmo* 21 (22): 7.
[310] Cf. *Salmo* 76 (77): 11.
[311] Cf. *Mateus* 13: 11.

caridade para como os homens como a humildade do coração, a compunção e a prece pura. A primeira quebranta o espírito, o faz encher-se de lágrimas, permite que veja a brevidade da vida humana e ensina a conhecer a fraqueza de nossas medidas. A segunda purifica o intelecto de toda matéria, ilumina o olho do coração e torna a alma inteira luminosa. Enfim, a terceira une todo o homem a Deus, o faz partilhar do alimento dos anjos, lhe dá a provar a doçura dos bens eternos de Deus, lhe concede os tesouros dos grandes mistérios e, queimando de amor, o convence a ousar dar sua própria vida por aqueles a quem ama[312], uma vez que ele tenha ultrapassado os limites da humildade exterior do corpo.

42. Proteja o bom depósito[313] da enriquecedora humildade. Nele se encontram os tesouros ocultos do amor[314] e aí estão também conservadas as pérolas da compunção. Na humildade, o Rei, Cristo Deus repousa como num trono coberto de ouro, partilhando os dons de seu Espírito Santo com aqueles a quem nutre, concedendo-lhes grandes honrarias: a palavra do conhecimento, a sabedoria inefável, a visão das coisas divinas, a visão profética das coisas humanas, a morte vivificante através da impassibilidade, enfim, a união consigo e o reinar consigo no Reino de Deus Pai, como ele próprio pediu por nós quando disse: "Pai, aqueles que você me deu, eu quero que eles estejam aonde eu estou[315]".

43. Quando um homem se esforça para colocar em movimento os mandamentos e subitamente se sente levado a uma alegria inexprimível, inefável, a ponto de ser transportado pela graça de uma transformação estranha que ultrapassa a razão, de ser liberto do peso do corpo, e esquecer alimento, sono e outras necessidades da naturezas, saiba ele que nisto está a chegada de Deus, que concede a morte vivificante aos que combatem e lhes dá mesmo aqui em baixo a condição de anjos. A humildade é quem introduz nesta vida bem-aventurada; a santa compunção é sua ama-de-leite; a contemplação da luz divina, amiga e irmã; a impassibilidade é seu trono; e ao final, a Santa Trindade, que é Deus.

44. Quem conquistou esta acrópole já não pode ser entravado pelos laços das coisas sensíveis. Ele não considera mais nada das delícias desta vida, nem distingue mais o sagrado do profano. Assim como Deus dá a chuva e o sol da mesma forma a justos e injustos, maus e bons[316], também ele faz erguerem-se os raios do amor e os distribui sobre todos; seu coração não é estreito, em seu seio o amor existe para todos. Ele sofre e se atormenta apenas por não poder fazer todo o bem que gostaria. Dele parte, como no Éden[317], uma fonte de compunção, que se divide também em quatro correntes: a humildade, a pureza, a impassibilidade, as alturas da prece ininterrupta. E ela irriga a superfície de toda a criação intelectual de Deus.

45. Aqueles que não provaram da doçura das lágrimas da compunção, que não sabem qual é sua graça e qual a sua energia, pensa que elas não diferem em nada das lágrimas que vertemos pelos mortos. Eles imaginam toda espécie de outras razões vãs e de pensamentos cheios de dúvida; isto é natural. Mas quando o orgulho do intelecto se inclina para a humildade, quando a própria alma fecha seus olhos para a ilusão do visível e a volta exclusivamente para a contemplação da luz primigênia imaterial, quando ela derruba toda sensação do mundo e recebe do alto a consolação do Espírito, logo as lágrimas correm como provindas de uma fonte de água,

[312] Cf. *João* 15: 13.
[313] Cf. I *Timóteo* 6: 20.
[314] Cf. *Colossenses* 2: 3.
[315] *João* 17: 24.
[316] Cf. *Mateus* 5: 45.
[317] Cf. *Gênesis* 2: 10.

cobrindo de doçura seus sentidos e cumulando seus pensamentos de alegria e luz divina. Enfim elas quebrantam o coração e conduzem o humilde intelecto à visão do melhor. Isto é impossível àqueles que se lamentam e se atormentam de outras maneiras.

46. É impossível abrir a fonte das lágrimas sem uma profunda humildade do coração, ou ser humilde sem a compunção que provém do Espírito quando este vem habitar em nós. Pois a humildade engendra a compunção e esta engendra a humildade pelo Espírito Santo. Unidas uma à outra numa mesma e única graça, elas possuem entre si, como uma cadeia, o laço do Espírito que nada pode romper.

47. A luz que o Espírito divino acende na alma normalmente se retira diante da irresponsabilidade, da negligência, do excesso de palavras e de alimentos. O excesso de comida, a moleza da vida, a intemperança da língua, a imprudência dos olhos são, com efeito, de natureza a expulsar da alma a luz e nos tornar tenebrosos. Uma vez que nos tornamos tenebrosos, os animais dos campos[318] do nosso coração e os leõezinhos, os pensamentos passionais, vêm para rugir neles, desejando os alimentos das paixões e procurando como nos roubar[319] o tesouro do Espírito que foi depositado em nós. Mas a temperança verdadeiramente bem-amada e a oração que nos tornam semelhantes aos anjos não apenas impedem que eles consigam cercar a alma como ainda mantêm ao redor do intelecto a luz inextinguível do Espírito, tornando o coração sereno; elas são a fonte pura da compunção divina e abrem a alma ao amor de Deus e, através da alegria e da virgindade elas se unem por completo a Cristo por inteiro.

48. Nada está tão próximo do Verbo como a pureza e a castidade da alma. A mãe delas é a temperança bem-amada que as abraça por inteiro. O pai da temperança é o temor. O temor voltado para o desejo e unido ao apelo das coisas divinas liberta a alma de todo medo, a enche de amor a Deus e a engravida do Verbo divino.

49. Primeiramente o temor unido à alma concebe nela por meio do arrependimento a razão do julgamento. Logo as dores dos tormentos do inferno a cercam[320], o coração se fecha, os gemidos e as penas esgotam a retribuição dos vícios que o futuro reserva. Depois, através de muitas lágrimas e esforços, a alma leva a cabo no seio do intelecto o espírito de salvação que concebera e o engendra sobre a terra de seu coração. Ela está liberta das dores do inferno e das lamentações do julgamento. Em seu lugar ela recebe o desejo e a alegria dos bens futuros, a pureza bem-amada vem ao seu encontro junto com a castidade e por intermédio do amor a une a Deus. Assim unida, a alma sente em si um prazer inefável. Daí por diante ela verte as lágrimas da compunção com prazer e doçura. Ela está fora de qualquer sensação do mundo. Como se estivesse fora de si, ela segue o Esposo e chama inefavelmente: "Eu sigo o odor do seu perfume. Diga-me, você a quem meu coração ama, aonde leva a apascentar seu rebanho? Onde você repousa? No meio-dia da contemplação pura? Que eu jamais seja como aquele que foi expulso do rebanho dos justos! Que junto a você eu descubra a luz dos grandes mistérios[321]". O Esposo fará esta alma penetrar no secreto dos mistérios ocultos e a fará contemplar na sabedoria as razões da criação.

50. Não diga em seu coração: já caí de tantas maneiras na corrupção e na demência do corpo que me será impossível adquirir daqui por diante a pureza virginal. Por que onde são conduzidas as penas do

[318] Cf. *Salmo* 103 (104): 11.
[319] Cf. *Salmo* 103 (104): 21.
[320] Cf. *Salmo* 17 (18): 6.
[321] *Cântico dos Cânticos* 1: 7.

arrependimento na vida rude e no fervor da alma, onde correm os rios de lágrimas da compunção, onde são fustigadas as fortalezas do mal, onde se estingue o incêndio das paixões, onde acontece o novo nascimento que vem do alto com a chegada do Consolador, aí a alma se torna novamente um palácio de pureza e de virgindade. Nela, numa luz e alegria perfeitas, Deus além de toda natureza desce. Ele se coloca no ponto mais alto do seu intelecto como sobre um trono de glória e concede a paz às potências que o cercam, dizendo: "Eu lhes dou a paz que supera as paixões adversas. Eu lhes dou a minha paz, para que vocês ajam segundo a natureza. Eu lhes deixo a minha paz[322] para que vocês alcancem a perfeição acima da natureza". Quando, por meio deste triplo dom da paz, ele curou as três partes da alma, elevando-a à perfeição trinitária e unindo-a a si, ele a funda novamente e a torna inteiramente virgem daí por diante, bela e madura com o bom odor dos perfumes da pureza. E ele lhe diz: "Levante-se, minha linda pomba, venha para junto de mim pela filosofia ativa. Aqui termina o inverno das paixões. A chuva dos pensamentos que se agradam do prazer cessou, foi-se embora sozinha. As flores das virtudes nasceram na terra do seu coração com o perfume dos pensamentos. Levante-se, venha para junto de mim no conhecimento da contemplação natural. Por ela, minha pomba, venha sob a cobertura e nas trevas da teologia mística, sobre o firme rochedo da fé em mim, Deus[323]".

[322] Cf. *João* 17: 24.

[323] Cf. *Cântico dos Cânticos* 2: 10-14. 10 "O meu amado fala, e me diz: Levante-se, minha amada, formosa minha, venha a mim! 11 Veja: o inverno já passou! Olhe: a chuva já se foi! 12 As flores florescem na terra, o tempo da poda vem vindo, e o canto da rola já se ouve em nosso campo. 13 Despontam figos na figueira e a vinha florida exala perfume. Levante-se, minha amada, formosa minha, venha a mim! 14 Pomba minha, que se aninha nos vãos do rochedo, na fenda dos barrancos... Deixe-me ver a sua face, deixe-me ouvir a sua voz, pois a sua face é tão formosa e tão doce a sua voz!".

51. Bem-aventurado é aos meus olhos, na beleza da transformação e da elevação, aquele que, pela filosofia ativa, franqueou os muros do estado passional e, daí, sobre as asas da impassibilidade cobertas da prata[324] do conhecimento, se elevou no espaço inteligível da contemplação dos seres, depois penetrou nas trevas da teologia e repousou de todas as suas obras em Deus, pela beatitude. Pois, tendo alcançado o estado de anjo terrestre e homem celeste, ele glorificou a Deus em si mesmo e Deus o glorificará[325].

52. Uma grande paz cumula aqueles que amam a lei de Deus. Para estes não existe escândalo[326], pois o que agrada aos homens não é o que agrada a Deus: aquilo que não parece bom a eles é naturalmente bom[327] para aquele que conhece as razões dos seres e dos eventos.

53. É bom morrer para o mundo e viver em Cristo. Não existe outro caminho para nascer do alto conforme pede o Senhor. E se não nascemos do alto, não podemos entrar no Reino dos céus[328]. Este nascimento provém naturalmente da submissão aos Pais espirituais. Se não trazemos em nós primeiramente a semente da palavra que nos traz os ensinamentos dos Padres, se não nos tornamos filhos de Deus através deles, não poderemos nascer do alto. Assim nasceram os Doze unicamente de Cristo, e os setenta nasceram dos Doze. Eles se tornaram filhos de Deus Pai, como o Senhor havia dito: "Vocês são filhos de meu Pai que está nos céus[329]". Também Paulo nos diz: "Ainda que vocês tenham milhares de mestres, não têm muitos pais. Fui eu que os engendrei[330]. Sejam meus imitadores[331]".

[324] Cf. *Salmo* 67 (68): 14.

[325] Cf. *João* 13: 31-32.

[326] Cf. *Salmo* 118 (119): 165.

[327] Cf. *Gênesis* 1: 31.

[328] Cf. *João* 3: 3.

[329] *Mateus* 5: 45.

[330] I *Coríntios* 4: 15.

54. Não se submeter a um Pai espiritual à imitação do Filho que se submeteu ao Pai até a morte e à cruz[332] equivale a não nascer do alto. Quem não se torna o filho amado de um Pai bom, que não nasce do alto de palavra e espírito, como será ele próprio Pai de bons filhos, como será ele um bom Pai, como engendrará filhos bons conforme a bondade de seu Pai? Se não for assim, o fruto será necessariamente à imagem da árvore[333].

55. A descrença é um mal, a pior prole da avareza e da inveja. E, se ela é um mal, qual pior não será quem a engendra? E quão pior não será, na medida em que incita os filhos dos homens a preferir o amor pelo ouro ao amor de Cristo, em que coloca o Criador da matéria abaixo da própria matéria, em que persuade aos que servem à criação em lugar de Deus e transformam em mentira a verdade de Deus[334] a adorar a matéria mais do que a Deus. E, se esta doença é tão má que chegou a receber o título de segunda idolatria[335], de quais vícios não transbordará a alma que dela assim se torna enferma?

56. Se você ama ser amigo de Cristo, então você desprezará o ouro e sua concupiscência. Pois ele capta para si o pensamento de quem o ama e o rouba ao dulcíssimo amor de Jesus, amor que, em minha opinião, não se encontra nas palavras, mas no trabalhar seus mandamentos[336]. Se você deseja o ouro, você o ganhará enterrando aquilo que você possui hoje, se é que este amor que você prefere ao de Cristo representa um ganho[337], e não o pior dos prejuízos. Saiba que você então será privado do amor de Cristo, e que este prejuízo o levará a perder a Deus, que é seu fundamento. Sem ele, a vida de salvação é impossível aos homens.

57. Se você ama o ouro você não ama a Cristo. E se você não ama a Cristo, mas o ouro, veja com quê este tirano o irá assemelhar: àquele que foi o discípulo mais infiel, o amigo mais hostil, que ultrajou o mestre de todos, que perdeu miseravelmente a fé e o amor por ele, e por fim tombou no abismo do desespero. Tema seu exemplo, fuja do ouro e do amor pelo ouro, creia-me, a fim de ganhar a Cristo amando a si mesmo. Do contrário, você já sabe onde irá cair.

58. Mesmo que você ache que pode ajudar as almas, jamais se apresse, seja pelo ouro, seja pela reunião das pessoas, seja por que lhe pedem, jamais se apresse em tomar a frente das coisas sem o chamado do alto. Pois você terá diante de si três coisas, e uma delas fatalmente lhe acontecerá. Ou bem, através de todo tipo de agressões e infortúnios, você terá sobre si a indignação e a cólera de Deus e receberá o combate não só dos homens como de toda a criação, transformando sua vida numa grande pena; ou os que são mais fortes do que você o destronarão, e sua vergonha será grande; ou então, retirado da vida presente, você morrerá antes do tempo.

59. Ninguém é capaz de desprezar a glória e a desonra, nem superar tanto a dor como o prazer, se não lhe for dado conhecer o fim das coisas. Com efeito, quando vemos reduzidos a nada – pela morte que os sucede e destrói – todo o prazer, toda a glória, todas as delícias, toda riqueza e todo conforto, percebemos com toda evidência a vaidade das coisas humanas e voltamos nossos sentidos para a finalidade das coisas divinas. Então nos ligamos àquilo que é e que nada é capaz de corromper; uma vez que o temos conosco, superamos a dor e o prazer. A dor, combatendo o amor da alma pelo prazer, a glória e o dinheiro; o prazer, rejeitando a sensação do

---

[331] I *Coríntios* 11: 1.
[332] Cf. *Filipenses* 2: 8.
[333] Cf. *Mateus* 12: 33.
[334] Cf. *Romanos* 1: 25.
[335] Cf. I *Timóteo* 6: 10.
[336] Cf. *João* 14: 15.
[337] Cf. *Filipenses* 3: 8.

mundo. Assim, seja na honra, seja na desonra, permanecemos sempre inalterados. Na dor como no conforto do corpo, em tudo damos graças a Deus e não rompemos o pensamento.

60. O homem que se dedica à virtude deve também descobrir em seus sonhos os movimentos e as disposições da alma e velar por seu estado. Pois os movimentos do corpo e as imaginações do intelecto correspondem à disposição do homem interior e suas necessidades. Se mantivermos na alma o amor pela matéria e o prazer, buscaremos pela imaginação a posse das coisas, o conforto que o dinheiro traz, as formas das mulheres, os abrasamentos passionais, e assim manchamos a túnica[338] e sujamos a carne[339]. Se temos a alma ávida e avara, vemos o ouro em toda parte, exigimo-lo, abusamos do lucro, recolhemo-lo ao tesouro, mas falhamos em nossa compaixão e somos condenados. Se temos a alma colérica e invejosa, somos perseguidos por feras e serpentes venenosas e nos tornamos presas de medo e terror. Se nossa alma é inflada pela vanglória, nos vemos aclamados, cercados de povo, e imaginamos tronos de poder e autoridade. Sempre imaginamos que possuímos aquilo que não temos ainda, ou ao menos que o teremos, e permanecemos sempre acordados vigiando. Se temos a alma orgulhosa e cheia de presunção, nos vemos transportados nas mais vistosas carruagens; podemos mesmo chegar a possuir asas e voar pelo espaço, e todos tremem diante da grandeza de tal poder. Assim, o homem justo e que ama a Deus, que se dedica à obra da virtude nos combates da piedade, que guarda sua alma pura de toda matéria, vê em seus sonhos o cumprimento das coisas futuras e as revelações de visões terríveis. Ao despertar, ele se vê orando como nunca na compunção e num estado aprazível da alma e do corpo, as lágrimas a lhe correr pelo rosto e nos lábios as palavras que ele diz a Deus.

[338] Cf. *Judas* 23.
[339] Cf. *Judas* 8.

61. Dentre as coisas que imaginamos durante o sono, algumas são sonhos, outras visões e outras revelações. Os sonhos, na faculdade imaginativa do intelecto, são aquilo que muda. Eles tornam a imaginação confusa, versátil, passando de uma forma a outra. Mas nenhuma destas formas representa um auxílio. Estas imaginações desaparecem com o despertar, e quem se dedica à virtude deve desdenhá-las. Já as visões não mudam: elas não se transformam umas nas outras, mas permanecem gravadas no intelecto ao longo dos anos e não são esquecidas. Elas mostram o cumprimento das coisas futuras. Por meio da compunção e do espetáculo do terrível elas ajudam a alma. Pela constante e temível contemplação das coisas que elas permitem ver, elas conduzem a quem vê para a meditação e o temor. Os que se dedicam à virtude devem sempre levar em grande conta estas visões. Quanto às revelações, elas escapam aos sentidos e constituem as contemplações da alma iluminada em sua pureza mais intensa. Elas trazem consigo o poder das coisas e dos pensamentos divinos estrangeiros, a iniciação nos mistérios ocultos de Deus, o cumprimento de nossas maiores resoluções e a comum transformação das coisas cósmicas e humanas.

62. Destas coisas que imaginamos durante o sono, algumas são típicas dos homens materiais que amam a carne. Seu Deus é o ventre[340], a saciedade desmedida. Seu intelecto é tenebroso e usado pelas paixões numa vida negligente. Os demônios o cobrem de imaginações e brincam com ele. Outras são próprias dos homens que se dedicam às virtudes purificando os sentidos da alma: através daquilo que veem, eles recebem as benesses que os levam a compreender as coisas divinas e a progredir na elevação. Outras enfim são próprias dos homens perfeitos animados pela energia do

[340] Cf. *Filipenses* 3: 19.

Espírito divino e cuja alma teológica está unida a Deus.

63. As visões que temos durante o sono não são verdadeiras para todos, não ficam gravadas em todos na razão que dirige o intelecto, mas apenas naqueles que purificaram o intelecto, que clarificaram os sentidos da alma e que se voltaram vividamente à contemplação natural. Estes não têm nenhuma preocupação com as coisas da existência nem se inquietam com a vida presente. Os longos jejuns os levaram à temperança, os suores e as penas de sua vida consagrada encontraram no santuário de Deus[341], em seu conhecimento dos seres, um repouso na maior sabedoria. Sua conduta é angélica. Sua vida está agora oculta em Deus[342]. A santa hesíquia lhes permitiu progredir e se elevar sobre o fundamento dos profetas[343] da Igreja de Deus. É deles que Deus falou através de Moisés: "Se um de vocês se tornar profeta, eu me revelarei a ele durante o sono e lhe falarei através de uma visão[344]". E em Joel: "Então eu espalharei meu Espírito sobre toda carne e seus filhos e filhas profetizarão, seus anciãos terão sonhos e seus jovens visões[345]".

64. A hesíquia é o estado imperturbável do intelecto, a calma da liberdade e da alma alegre, o tranquilo e firme fundamento do coração em Deus, a contemplação da luz, o conhecimento dos mistérios de Deus, a palavra de sabedoria que provém da reflexão pura, o abismo dos pensamentos de Deus, o arrebatamento da inteligência, a intimidade divina, o olho vigilante, a prece intelectual, o repouso aprazível no meio de grandes penas, enfim, a união que reúne a alma a Deus.

[341] Cf. *Salmo* 72 (73): 17.
[342] Cf. *Colossenses* 3: 3.
[343] Cf. *Efésios* 2: 20.
[344] *Números* 12: 6.
[345] *Joel* 3: 1.

65. Enquanto a alma se revoltar contra si mesma no movimento desordenado de suas potências, enquanto ele não recolher em si os raios de Deus, enquanto não lhe for dado se libertar da escravidão das preocupações da carne, enquanto ela não desfrutar da paz, enquanto não cessar nela a guerra das paixões desenfreadas, ela terá necessidade de um grande silêncio dos lábios para poder dizer com Davi: "Eu sou como um surdo que não escuta, como um mudo que não abre a boca[346]". É preciso se manter sempre grave e seguir, dolorosamente, o caminho dos mandamentos de Cristo, pois a alma é afligida pelo inimigo e aguarda a chegada do Consolador. Somente quando ela é penetrada pela compunção e lavada pelas lágrimas, estas lhe comunicam a verdadeira liberdade.

66. Quando aquele que seguiu a hesíquia secreta o mel das virtudes, supera a baixeza da carne por meio dos combates da filosofia, quando, tendo derrubado a arrogância, as potências de sua alma atingem o estado conforme a natureza, quando, com o coração purificado pelas lágrimas, ele recolhe em si os raios do Espírito, quando se reveste da incorruptibilidade da morte vivificante em Cristo[347], quando recebe ele também na câmara do andar de cima a hesíquia do Consolador com a língua de fogo[348], então ele traz em seu seio a lei do Espírito[349] e ele deve falar com toda liberdade das maravilhas de Deus[350], anunciar na Igreja a boa nova de sua justiça[351], a fim de não ser atirado ao fogo eterno como o mau servidor que escondeu o dinheiro de seu mestre[352]. É assim que Davi

[346] *Salmo* 37 (38): 14.
[347] Cf. II *Coríntios* 4: 10.
[348] Cf. *Atos* 2: 2-3.
[349] Cf. *João* 7: 38-39.
[350] Cf. *Atos* 2: 11.
[351] Cf. *Salmo* 39 (40): 10.
[352] Cf. *Mateus* 25: 30.

lavou seu pecado por meio do arrependimento e recebeu outra vez o carisma da profecia. Como ele não podia esconder esta benesse, ele disse a Deus: "Eis que já não fecharei meus lábios, Senhor, você o sabe. Não escondo a justiça em meu coração e falo da sua verdade e sua salvação. Não mais escondo sua compaixão e sua verdade diante da grande assembleia[353]".

67. O intelecto purificado de toda lama se torna um céu estrelado na alma pelo esplendor e a mais alta luz dos pensamentos. Nele o sol de justiça brilha e envia para o mundo a claridade dos raios da teologia. A razão extraída do abismo da sabedoria é para ele pura e do fundo desta sabedoria lhe traz, simples e sem misturas, as ideias das coisas e as claras revelações dos mistérios ocultos que lhe permitem ver quais são a profundidade, a altura e a amplitude do conhecimento de Deus[354]. O intelecto recolhe tudo isso em seu seio. Ele revela por meio da razão as profundezas do Espírito a todos os que possuem o Espírito divino dentro de si, ele expões as armadilhas dos demônios e relata os mistérios do Reino dos céus.

68. A temperança, os jejuns, os combates espirituais detêm as concupiscências do corpo e os levantes da carne. A leitura das divinas Escrituras cobre de frescor as inflamações da alma e as feridas do coração, a prece perpétua as atenua e, como o azeite, a compunção as banha em alegria.

69. Nada religa tanto o homem a Deus como a prece pura e imaterial. Ela consegue unir ao Verbo aquele que não cessa de orar com o Espírito, quando sua alma é lavada pelas lágrimas, adoçada pelo sabor da compunção, iluminada pela luz do Espírito.

[353] Cf. *Salmo* 39 (40): 11.
[354] Cf. *Efésios* 3: 18.

70. O grande número de preces salmodiadas é uma coisa excelente, quando em primeiro lugar vêm a constância e a atenção. Mas é a qualidade que fecunda a alma, é ela que permite o fruto. A qualidade da salmódia e da prece consiste em orar com o espírito e o intelecto[355]. A pessoa ora com o intelecto quando, orando e salmodiando, considera a inteligência contida na divina Escritura, e por meio de pensamentos divinos recebe em seu coração os graus[356] dos sentidos bíblicos. Arrebatada em espírito por tais pensamentos, a alma flameja em um espaço de luz. Purificada mais e mais, ela se eleva inteira aos céus e contempla a beleza dos bens reservados aos santos. O desejo por estes bens a queima. Então ela exprime pelos olhos os frutos da oração. Sob a influência da energia do Espírito, esta fonte de luz, as lágrimas correm, e seu gosto é tão doce que às vezes os que as recebem se esquecem até do alimento do corpo. Tal é o fruto da oração, que provém da qualidade da salmódia, nas almas dos que oram.

71. Onde vemos o fruto do Espírito, ali está também a qualidade da oração. E onde se encontra a qualidade, um grande número de preces salmodiadas é coisa excelente. Mas se o fruto não vem, é por que falta qualidade à semente. E se a qualidade seca, o grande número de orações é supérfluo. Pode ser um exercício para o corpo, mas a maior parte dos que o praticam não encontram aí nenhum benefício.

72. Cuidado com as armadilhas quando ora e canta os salmos do Senhor. Pois, apropriando-se dos sentidos da alma, os demônios nos enganam e nos fazem dizer uma coisa pela outra. Eles transformam em blasfêmias os versos dos salmos e nos fazem recitá-los como não se deve. Ou então, ao começarmos um salmo, eles nos fazem saltar para o final e desviam nosso intelecto do meio. Ou nos fazem repetir

[355] Cf. I *Coríntios* 14:15.
[356] Cf. *Salmo* 83 (84): 6.

indefinidamente o mesmo verso e nos mergulham no esquecimento, impedindo-nos de encontrar a sequência das palavras. Ou quando chegamos ao meio do salmo, eles subtraem subitamente do intelecto toda memória do encadeamento dos versos e perdemos a lembrança, a salmódia nos foge à boca e já não encontramos os versos nem conseguimos repeti-los com a língua. Eles também nos lembram de que a hora é tardia para nos lançar na negligência e na acídia e destruir os frutos de nossa prece. Oponha-se a tudo isso fortemente, leia o salmo com mais lentidão, a fim de colher nos salmos, por meio da contemplação, a colheita da prece e enriquecer-se com a iluminação do Espírito Santo, que nasce na alma dos que oram.

73. Se isto lhe acontecer enquanto você salmodia com o intelecto não se deixe, por negligência, cair na acídia. Tampouco prefira o conforto do corpo ao bem da alma, considerando que a hora é tardia. Quando notar que a inteligência está para ser capturada, levante-se. Se lhe acontecer ao final da salmo, volte ao começo com todo o coração. Retome o salmo a partir daí, mesmo que durante uma hora a distração volte a atormentá-lo. Se você fizer isto, os demônios, não suportando mais a paciência de sua perseverança e a tensão de sua resolução, irão para longe de você, cheios de vergonha.

74. Saiba com toda certeza que a prece perpétua é aquela que, dia e noite, jamais abandona a alma. Nem a elevação das mãos, nem a atitude do corpo, nem os sons da língua a denunciam aos olhares circundantes. Mas os que compreendem sabem que, por meio da compunção perseverante, ela está na meditação intelectual da obra do intelecto e da lembrança de Deus.

75. Podemos nos ligar continuamente à prece a partir do momento em que recolhemos os próprios pensamentos sob a condução do intelecto, na paz e com grande piedade, cavando as profundezas de Deus para tentar saborear aí a onda dulcíssima da contemplação. Porém, na falta desta paz, tudo é impossível. É preciso que as potências da alma estejam consagradas pelo conhecimento para que se possa alcançar a prece contínua.

76. Se você estiver entoando sua oração a Deus e um irmão vier bater à porta da sua cela, não prefira a obra da prece à obra do amor, e não negligencie o irmão que bate. Isto não é amar a Deus. Pois ele deseja a compaixão do amor, e não o sacrifício[357] da prece. Então, deixe o dom da oração, acolha o irmão com todo amor, cuide dele. Depois retorne para oferecer ao Pai dos espíritos o dom de sua prece[358], entre lágrimas e com o coração quebrantado[359], e o espírito de direito será renovado em você[360].

77. O mistério da oração não se realiza dentro dos limites de um tempo e um lugar precisos. Se você assinalar aos assuntos da oração horas, momentos e lugares, o tempo que ficar de fora da oração estará votado a outros assuntos, as coisas da vaidade. A prece se define como o movimento perpétuo do intelecto ao redor de Deus; sua obra consiste em voltar a alma para as coisas divinas; sua finalidade é de unir o pensamento a Deus, torna-lo um só espírito com ele, conforme a definição e a palavra do Apóstolo[361].

78. Mesmo que você faça morrer em si os membros da carne, mesmo que o Espírito dê vida à sua alma, mesmo que Deus lhe conceda os carismas sobrenaturais, nunca relaxe a razão de sua alma. Habitue-a a se voltar constantemente para a lembrança de suas faltas passadas e das penas do inferno, e considere em espírito que você está condenado. Se você tensionar desta forma o intelecto e assim

---

[357] Cf. *Oséias* 6: 6, citado em *Mateus* 9: 13; 12: 7.
[358] Cf. *Mateus* 5: 23-24.
[359] Cf. *Salmo* 50 (51): 19.
[360] Cf. *Salmo* 50 (51): 12.
[361] Cf. I *Coríntios* 6: 17.

considerar a si mesmo, você manterá seu espírito quebrantado[362] e trará em si a fonte da compunção que derrama as águas da graça divina: Deus, que o vê e que concede o Espírito para confortar seu coração.

79. O jejum comedido, que tem por companheiras a vigília, a prece e a meditação, conduz rapidamente para além das fronteiras da impassibilidade a quem trabalha nisso, desde que, por meio de um transbordamento de humildade, sua alma se derrame em lágrimas e que ele seja consumido pelo amor a Deus. Então o jejum o leva na paz do Espírito, que ultrapassa toda inteligência[363] livre, e, por intermédio do amor, o une a Deus.

80. Nem um rei tem uma ideia tão elevada sobre sua glória e a de seu reino, nem se felicita tanto de seu poder com maior alegria do que o monge sente pela impassibilidade da alma e as lágrimas da compunção. Por que o primeiro vê seu orgulho consumir-se com seu reino, enquanto que o segundo sente a bem-aventurada impassibilidade partir consigo daqui de baixo e permanecer em felicidade pelos séculos infinitos Como uma roda, ele gira em meio dos homens durante sua vida presente, na qual, pela necessidade da natureza, ele convive na terra e com aqueles que a habitam. Mas, levado como numa espiral pelo espaço inteligível, ele relaciona ao fim o começo que se desenrola nele, e traz gravadas na coroa da humildade as formas dos carismas. Sua mesa abundante é a contemplação dos seres; sua bebida, o cálice da sabedoria; e seu repouso, Deus.

81. Quem de moto próprio se lança às penas da virtude e vai com grande fervor até o fim do caminho da ascese, recebe grandes dons de Deus. A partir daí, e progredindo pela mesma via, ele chegará às revelações e às visões divinas, e se tornará tanto mais luminoso e sábio quanto mais duros forem os combates. Quanto mais ele se elevar às alturas das contemplações, mais suscitará contra si a inveja dos demônios que desejam sua perda. Pois eles não suportam assistir um homem se transformar em natureza de anjo. É por isso que eles aguçam contra ele secretamente a flecha encerada da presunção. Se, percebendo a armadilha, ele se refugia na fortaleza da humildade e condena a si próprio, ele escapa à perdição do orgulho e alcança o porto da salvação. Senão, abandonado desde o alto, ele é entregue aos espíritos justiçadores do castigo que não desejou, porque não foi capaz de corrigir a si mesmo. Estes espíritos, malignos e violentos, são o amor pelos prazeres e o amor pela carne. Eles o humilham duramente com suas agressões, até que ele reconheça sua própria fraqueza, se lamente e se descarregue do tormento, dizendo com Davi: "É para mim um bem ser rebaixado por você, meu Deus, para que aprenda seus julgamentos[364]".

82. Deus não quer nos ver constantemente rebaixados pelas paixões e caçados como coelhos, nem nos dar outro rochedo para nos refugiarmos[365] que não ele próprio. Senão ele não teria dito: "Eu disse que vocês são deuses, que vocês são todos filhos do Deus Altíssimo[366]". Ele quer nos ver correr como cervos sobre as altas montanhas[367] de seus mandamentos, sedentos das águas vivificantes do Espírito. Da mesma forma como estes animais comem as serpentes e, ao calor de suas longas marchas, transformam em almíscar – diz-se – a natureza venenosa destas sem sofrer o menor mal, também nós, transportemos para o ventre da reflexão todo pensamento passional e, sob o ardor do caminho dos mandamentos

[362] Cf. *Salmo* 50 (51): 19.
[363] Cf. Filipenses 4: 7.
[364] *Salmo* 118 (119): 71.
[365] Cf. *Salmo* 103 (104): 18.
[366] Cf. *Salmo* 81 (82): 6.
[367] Cf. *Salmo* 103 (104): 18.

de Deus e o poder do Espírito Santo, agarremo-lo e transformemo-lo em na ação olorosa e salutar da virtude, capturando assim todo pensamento por meio da ação, para obedecer a Cristo[368]. Pois o mundo do alto não deve ser completado por homens terrestres e imperfeitos, mas por homens espirituais e perfeitos elevando-se no homem perfeito ao talhe de Cristo[369].

83. Quem está sempre voltado para a mesma coisa e não consegue ir mais longe se parece com a mula que faz girar sempre a mesma roda. Aquele que combate sempre a carne e não faz senão velar por conduzir duramente seu corpo esqueceu-se, com efeito, da coisa mais importante e acaba por fazer mal a si mesmo. Este não entendeu o objetivo da vontade divina. Os exercícios corporais, disse Paulo, não servem para grande coisa[370] enquanto o cuidado terrestre com a carne não for engolido pelas ondas do arrependimento, enquanto o Espírito não concedeu ao corpo a morte vivificante, enquanto a lei do Espírito não reinar em nossa carne mortal[371]. Ao contrário, a piedade da alma, na qual, por meio do conhecimento dos seres e das plantas imortais – vale dizer, dos pensamentos divinos – podemos ver a Árvore da vida nascer na obra espiritual, essa serve em qualquer parte e para todas as coisas. Pois ela suscita a pureza do coração cujas energias apazigua, bem como a iluminação do intelecto, a castidade do corpo, a modéstia, a esperança em tudo, a humildade, a compunção, o amor, a santificação, o conhecimento celeste, a sabedoria da palavra e a contemplação de Deus. Aquele que, por meio de muitos exercícios, atingiu tal perfeição de humildade, ultrapassou o Mar vermelho das paixões, entrou na terra prometida onde correm o leite e o mel[372] do conhecimento de Deus, o inesgotável alimento dos santos.

84. Aquele que ainda não se resolveu a deixar o que é parcial e de pouca serventia, a fim de se elevar para seu bem até aquilo que é total, continua a comer o pão com o suor do seu rosto[373], como decidiu Deus desde a origem. Sua alma não sente nenhum desejo pelo maná espiritual, nem pelo mel que escorreu da pedra quebrada[374] para alimentar Israel. Mas aquele que ouviu: "Levantem-se, partamos daqui[375]", quem, ao comendo do Mestre, deixou suas penas e se levantou, quem deixou de comer o pão da dor, que rejeitou a sensação e bebeu do cálice da sabedoria de Deus, este sabe que Cristo é o Senhor. Ele cumpriu a lei dos mandamentos servindo o Verbo, subiu à câmara do segundo andar e aguarda a vinda do Consolador[376].

85. Devemos fazer tudo para prosseguir adiante segundo as ordens e os graus da vida votada ao amor à sabedoria, e nos elevar com todo ardor àquilo que nos ultrapassa, como seres em constante movimento em direção a Deus, sem jamais nos detendo em nosso progresso no bem. Devemos assim subir da ascese ativa para a contemplação natural da criação; depois, desta até a teologia mística do Verbo, para aí repousarmos de todas as obras da atividade corporal, pois daí em diante estaremos acima da baixeza do corpo, tendo recebido o conhecimento límpido do verdadeiro discernimento. Mas se ainda não recebemos o conhecimento deste discernimento, e, portanto, não sabemos nem seguir adiante nem tender para o mais perfeito, estamos em pior situação até do que os que vivem no mundo e que não conhecem a condição de progresso que traz sua recompensa, nem o estado de elevação, na medida em

[368] Cf. II *Coríntios* 10: 5.
[369] Cf. II *Efésios* 4: 13.
[370] Cf. I *Timóteo* 4: 8.
[371] Cf. II *Coríntios* 4: 11.
[372] CF. *Êxodo* 3: 8.
[373] Cf. *Gênesis* 3: 19.
[374] Cf. *Deuteronômio* 32: 13; *Salmo* 80 (81): 17.
[375] *João* 14: 31.
[376] Cf. *Atos* 1: 13.

que não são levados para aquilo que ultrapassa as outras honrarias nem repousaram aí do impulso que nos conduz.

86. A alma intensamente purificada no calor a que a levaram as penas da ascese é iluminada pela luz divina e começa a ver pouco a pouco naturalmente a beleza que Deus lhe concedeu desde a origem, e a se dilatar no amor daquele que a criou. Quanto mais a iluminam, purificando-a, os raios do sol de justiça, lhe desvelando e revelando a beleza natural, mais ela multiplica as penas da ascese para se purificar ainda mais, a fim de conhecer com toda a pureza a glória do dom recebido, de assumir a antiga nobreza e de se recobrir da imagem do Criador pura de toda matéria e sem mistura. Assim ela continua a acrescentar penas às suas penas, até que seja purificada de toda mácula e de toda mancha e se torne digna de contemplar a Deus e se entreter com ele.

87. "Abra meus olhos e eu compreenderei as maravilhas de sua lei[377]", grita a Deus aquele que ainda se encontra encoberto pelas brumas dos cuidados terrestres. Pois a ignorância da inteligência terrestre é como uma neblina e uma profunda opacidade que recobre as visões da alma. Ela encerra em trevas e obscuridade a sua compreensão das coisas divinas e humanas. Ela impede de contemplar os esplendores da luz de Deus, ou de usufruir dos bens que o olho não viu, que o ouvido não escutou e que não subiram ao coração do homem[378]. Mas quando a alma recebe desta luz a revelação pelos olhos do arrependimento, ela vê com toda pureza, ouve com todo conhecimento, compreende com a inteligência. Enfim, ela coloca degraus em seu[379] coração para tais pensamentos. A partir daí, saboreando sua doçura, ela os ilumina com o conhecimento. Pela palavra da sabedoria divina ela conta a todos os bens maravilhosos que Deus preparou para aqueles que o amam[380]. Ela os exorta a vir, em meio a numerosos combates e lágrimas, e comungar destes bens.

88. Existem sete carismas do Espírito. A palavra de Deus os enumera começando pelo alto – a sabedoria – e os faz descer até o último: o temor divino do Espírito. São eles: o espírito de sabedoria, o espírito de inteligência, o espírito do conselho, o espírito da força, o espírito do conhecimento, o espírito da piedade, o espírito do temor a Deus[381]. Nós devemos principiar pelo temor que purifica, o temor dos castigos, a fim de que, começando com sucesso a obter a abstenção de todo mal e purificando-nos das manchas do pecado por meio do arrependimento, alcancemos este outro temor do Espírito, e nos encaminhemos para ele, fazendo nele repousar todas as obras da virtude.

89. Quem começou pelo temor do Juízo e progrediu na pureza do coração através das lágrimas do arrependimento logo se enche de sabedoria, conforme está escrito: "O temor é o início da sabedoria[382]". Depois ele recebe simultaneamente o espírito de conselho e o de inteligência, por meio dos quais é conduzido a desejar por si mesmo o que é bom. Sempre progredindo pela prática dos mandamentos, ele chega ao conhecimento dos seres e recebe a mais precisa ciência das coisas divinas e humanas. A partir daí, tendo se tornado inteiro uma morada para a piedade, ele atinge a perfeição alcançando a acrópole do amor, onde imediatamente é tomado pelo temor puro do Espírito[383], que guarda o tesouro do Reino dos céus nele depositado. Este temor é muito salutar. Ele torna atento e leva

[377] *Salmo* 118 (119): 18.
[378] Cf. I *Corintios* 2: 9.
[379] Cf. *Salmo* 83 (84): 6.
[380] Cf. I *Coríntios* 2: 10.
[381] Cf. *Isaías* 11: 2-3.
[382] *Provérbios* 1: 7.
[383] Cf. *Salmo* 18 (19): 10.

ao combate aquele que se eleva ao cimo do amor. Ele o protege de tombar desta altura do amor de Deus e de ser novamente rejeitado ao horror da danação.

90. Uma coisa é a leitura das Escrituras para os que acabam de entrar na vida de piedade, outra para os que progridem a meio caminho e outra ainda para aqueles que tendem à perfeição. Para os primeiros, ela é com efeito o pão da mesa de Deus, que conforta seu coração[384] nos sagrados combates da virtude, que lhes dá força para enfrentar os espíritos que animam as paixões e os enche de coragem para combater os demônios, e para que eles digam: "Você preparou para mim uma mesa diante do rosto daqueles que atormentam[385]". Para os segundos, ela é o vinho do cálice de Deus, que alegra seus corações, os fazem sair de si mesmos pelo poder dos pensamentos, rapta seu intelecto da letra que mata[386], os conduz ao fim de sua busca nas profundezas do Espírito e lhes permite de engendrar inteiramente e descobrir o sentido das palavras, a fim de que eles possam dizer de bom direito: "Delicioso é seu cálice, que me embriaga[387]". Enfim, para os últimos, ela é o azeite do Espírito divino, que unge sua alma, a torna doce e humilde sob a efusão dos flamejamento de Deus e a eleva inteira acima da baixeza do corpo, numa glória na qual ela também pode dizer: "Você ungiu de azeite minha cabeça" e: "Seu amor me seguirá por todos os dias de minha vida[388]".

91. Na medida em que, através da filosofia ativa, nas penas e suores do rosto, nos dirigimos a Deus reduzindo as paixões da carne, o Senhor come conosco na mesa de seus carismas o pão do futuro[389], preparado com o trabalho das virtudes e que restaura o coração dos homens. E quando, pela impassibilidade, seu nome é santificado em nós, quando ele próprio reina em todas as potências de nossa alma, submetendo e pacificando aquilo que estava dividido, ou seja, submetendo os piores pensamentos aos melhores, quando se faz sua vontade em nós como no céu[390], então ele bebe conosco em seu Reino em nós instaurado a bebida nova[391] da sabedoria do Verbo, esta bebida que ultrapassa a razão, misturada com a compunção e o conhecimento dos grandes mistérios. E a partir do momento em que comungamos com o Espírito Santo, em que somos transformados pela boa transformação na renovação de nosso intelecto[392], ele, que é Deus, estará conosco como com deuses, tornando imortal aquilo que ele assumiu.

92. Quando a maré irresistível dos pensamentos passionais do intelecto é detido com a chegada do Espírito Santo, quando o abismo salitrado das ideias e das lembranças infames é represado pela temperança e a meditação da morte, então sopra o espírito divino do arrependimento e se espalham as águas da compunção que Deus o Mestre verte na bacia do arrependimento. Ele lava nossos pés inteligíveis e os torna dignos de caminhar nos domínios de seu Reino.

93. O Verbo de Deus tornado carne[393] tomou para si nossa natureza. Tendo se portado como homem perfeito, sem pecado[394], ele, como Deus perfeito, reformou a natureza humana e a deificou. Ele é o Verbo de Deus, o Verbo da Primeira Inteligência. Ele se uniu à razão de nossa natureza e a fez voar nas alturas para que ela pense e

[384] Cf. *Salmo* 103 (104): 15.
[385] *Salmo* 22 (23): 5.
[386] Cf. II *Coríntios* 3: 6.
[387] *Salmo* 22 (23): 5.
[388] *Ibid*. 5-6.
[389] O pão *ousios* do Pai Nosso.
[390] Cf. *Mateus* 6: 10-11.
[391] Cf. *Marcos* 14: 25.
[392] Cf. *Salmo* 76 (77): 11; *Romanos* 12: 2.
[393] Cf. *João* 1: 14.
[394] Cf. *Hebreus* 4: 14.

considere as coisas de Deus. Mas ele é também fogo. Pelo fogo essencial, pelo fogo divino, ele trancou o ardor da alma às paixões e aos demônios contrários. Enfim, ele é a tensão de toda natureza do razão e o repouso do desejo. Ele dilatou no amor interior o desejo da alma concedendo-lhe que comungue de seus bens da vida eterna. Assim é que ele renovou em si a totalidade do homem. Ele fez do homem velho um novo homem que, recriado, já não tem em si mais nenhuma razão para acusar o Verbo criador.

94. Celebrando em si próprio nossa nova criação, o Verbo sacrificou a si mesmo por nós pela cruz e pela morte e nos entregou para sempre seu corpo puro em sacrifício. A cada dia ele nos convida para o festim que alimenta a alma. Quando o comemos, quando bebemos de seu sangue precioso, por meio desta comunhão nos tornamos, na sensação da alma, melhores do que somos realmente. Comungando de um e outro, transformados pela passagem do mais baixo ao mais alto, somos duplamente unificados pela dupla razão, pelo corpo e a alma espiritual, como que pelo Deus encarnado consubstancial a nós na carne. A partir daí já não pertencemos a nós mesmos, mas àquele que nos uniu a si pela refeição imortal. Pertencemos àquele que nos tornou por adoção aquilo que ele próprio é por natureza.

95. Se então, provados nas penas das virtudes, purificados pelas lágrimas, nos encaminhamos para comer deste pão e beber deste cálice, o Verbo de duas naturezas se une com doçura às nossas duas potências naturais. Ele nos transforma inteiramente em si mesmo, encarnado e consubstancial a nós pela natureza humana, deificando-nos totalmente pela palavra do conhecimento e por si próprio, a partir do momento em que, sendo Deus consubstancial ao Pai, ele nos empresta sua forma e nos torna seus irmãos. Mas se nos manchamos com a matéria das paixões e nos sujamos com a lama do pecado, ele aproxima de nós o fogo natural que consome a malícia, nos abrasa e queima, e corta as coisas de nossa vida, obrigado não por um desejo de sua vontade, mas pelo desprezo de nossa insensibilidade.

96. O Senhor se aproxima secretamente de todos os que, pela filosofia ativa, se colocam no caminho dos mandamentos de Cristo, e caminha com eles, cujo coração é ainda imperfeito e cuja alma hesita diante da razão da virtude. Os olhos de suas almas não podem neste momento reconhecer seu próprio progresso, enquanto o Senhor caminha com eles[395], os ajuda a se libertar das paixões e lhes estende uma mão segura para que alcancem toda a virtude. Mas, se eles avançam nos combates da piedade, se, por sua humildade, eles atingem o estado impassível, o Verbo já não os quer ver adormecidos nas penas das virtudes, mas quer que eles avancem mais longe e se elevem na contemplação. É por isso que, depois de nutri-los com medida e por muito tempo com o pão das lágrimas[396], ele os abençoa com a luz da compunção e abre sua inteligência para que ela compreenda a profundidade das divinas Escrituras[397] e para que depois reconheça as naturezas e as razões dos seres, e em seguida ele se retira para que eles se elevem por si próprios e aprendam a buscar com mais atenção qual o conhecimento dos seres e qual a elevação que provém dele. Os que buscam de todo coração chegam assim ao mais alto serviço do Verbo e pregam a nós sua Ressurreição na ação e na contemplação.

97. O Verbo censura a lentidão daqueles que se atrasam nas penas da ascese ativa e que não querem retornar para, a partir daí, subir para o degrau mais alto da contemplação. Ele lhes diz: “Ó corações sem inteligência, lentos para crer[398] naquele que pode revelar a razão da contemplação natural aos homens que andam pelo caminho

---

[395] Cf. *Lucas* 24: 16.
[396] Cf. *Salmo* 79 (80): 6.
[397] Cf. *Lucas* 24: 25.
[398] *Lucas* 24: 25.

espiritual das profundezas do Espírito!". Não querer passar dos combates iniciais aos últimos combates, e do corpo textual da divina Escritura alcançar a inteligência e a compreensão da palavra, é, com efeito, a marca de uma alma negligente que não saboreia se bem espiritual e recusa perigosamente seu próprio progresso. Esta alma carrega uma lâmpada apagada. Não apenas lhe será dito: "Vá buscar azeite no mercado", mas ainda, quando o lugar das bodas já se achar fechado: "Vá embora; não sei quem você é[399]".

98. Quando o Verbo de Deus penetra na alma decaída como o fez na cidade de Betânia[400], para ressuscitar sua inteligência morta sob o pecado e enterrada debaixo da podridão das paixões, então a consciência e a justiça que estavam mergulhadas na tristeza da morte do intelecto vêm banhadas em pranto ao seu encontro e dizem: "Se tivéssemos velado por você, se o tivéssemos guardado junto a nós, nosso irmão o espírito da inteligência não estaria morto sob o pecado[401]". A partir daí, com muita atenção, por meio do trabalho das virtudes, a justiça se esforça para alimentar o Verbo e empenha toda sua honra em lhe oferecer uma mesa variada e mais todo o esforço que fizer. Quanto à consciência, deixando de lado todas as demais preocupações e penas, escolhe sentar-se diante dos trabalhos e do movimento intelectual do Verbo e se põe a escutar os pensamentos de sua contemplação. O Verbo recebe então a primeira que conduz o bom combate, que o alimenta generosamente à mesa da filosofia múltipla e ativa, mas reprova-lhe o tanto de preocupações a que se entrega, sempre se ocupando com o que não serve para grande coisa[402]. Não se deve buscar senão uma coisa para as necessidades e o serviço do Verbo: submeter o inferior ao pensamento mais alto e transformar os cuidados terrestres em atenção espiritual sob os suores da virtude. É a esta última que ele louva e une naturalmente a si, por que ela escolheu a melhor parte[403] do conhecimento do Espírito, por meio da qual, pairando acima das coisas humanas, ela penetra nas profundezas de Deus, adquire da melhor maneira esta pérola[404] do Verbo, contempla os tesouros ocultos do Espírito e alcança esta alegria inefável que não lhe será tirada[405].

99. O intelecto morto sob as paixões e devolvido à vida com a chegada do Verbo de Deus, liberto da pedra do endurecimento, rompe os laços do pecado e dos pensamentos corruptores com o auxílio dos servidores do Verbo, vale dizer, do temor da danação e as penas das virtudes, e, desfrutando da luz da vida futura, se torna livre pela impassibilidade. A partir daí ele se assenta sobre o trono dos sentidos, celebra com toda pureza o mistério da contemplação e vive com o Verbo. Ele parte com o Verbo da terra em direção aos céus e, com todos os seus desejos atendidos, reina com Cristo no Reino de Deus Pai.

100. O restabelecimento de todas as coisas no além, depois da dissolução do corpo, é claro e se torna evidente pela certeza da energia do Espírito em todos os que se dedicam à virtude, que lutam o justo combate[406], que progridem em direção ao meio e se tornam perfeitos na medida da plenitude de Cristo[407]. A alegria e a beatitude de tal destino habitam para sempre na luz eterna. Uma alegria infinita toma os corações daqueles que lutam o justo combate e o regozijo do Espírito Santo os abraça, regozijo este que, segundo a

[399] *Mateus* 25: 9 e 12.
[400] Cf. *João* 11: 17.
[401] Cf. *João* 11: 33.
[402] Cf. *Timóteo* 4: 8.
[403] Cf. *Lucas* 10: 42.
[404] Cf. *Mateus* 13: 46.
[405] Cf. *Lucas* 10: 42.
[406] Cf. II *Timóteo* 2: 5.
[407] Cf. *Efésios* 4: 13.

palavra, não lhes será tirado[408]. Assim, aquele que foi considerado digno de que em si habite o Consolador, que usufrui de seus frutos por haver cultivado as virtudes, que é rico de seus carismas divinos, que foi cumulado de alegria e de todo amor, que se libertou de todo medo, este, em sua felicidade, está livre dos laços do corpo e nesta felicidade ele se desprende das coisas visíveis, das quais se livra colocando esta alegria acima da sensação. Ele irá repousar na inefável alegria da luz onde habitam todos os que se regozijam, mesmo que, neste ato de libertação e de ruptura da união, o corpo possa experimentar a dor, como acontece nos partos difíceis.

[408] Cf. *Lucas* 10: 42.

TERCEIRA CENTÚRIA
CAPÍTULOS GNÓSTICOS

Do amor e da perfeição da vida

1. Deus é o intelecto impassível além de toda inteligência e de toda impassibilidade. Ele é Luz, e fonte da boa luz[409]. Ele é Sabedoria, Razão e Conhecimento, e dispensador da sabedoria, da razão e do conhecimento. Aqueles aos quais, por sua pureza, foram concedidas estas coisas, em quem as podemos ver em abundância, estes guardam em si a imagem de Deus, com a qual se recobriram, pois a partir daí se tornaram filhos de Deus conduzidos pelo Espírito, conforme foi dito: "Aqueles a quem o Espírito de Deus conduz, estes são de Deus[410]".

2. Todos aqueles que, por meio das penas da ascese, se purificaram das manchas da carne e do espírito[411], se tornaram cálices da natureza imortal pelos carismas do Espírito. Tendo chegado até aí, eles se veem cheios da boa luz. Desde então estão em paz, o coração repleto de calma, e proferem as boas palavras[412], a sabedoria de Deus escorre de seus lábios no conhecimento das coisas divinas e humanas. Nada pode turbar o que dizem quando expõem as profundezas do Espírito. Para estes homens já não existe lei[413]. Eles estão definitivamente unidos a Deus, e a boa transformação os transformou[414].

[409] A Luz original.
[410] *Romanos* 8: 14.
[411] Cf. II *Coríntios* 7: 1.
[412] Cf. *Salmo* 44 (45): 1.
[413] Cf. *Gálatas* 5: 23.
[414] Cf. *Salmo* 76 (77): 11.

3. Aquele que, com seu fervor, tende para o divino sem evitar sua pena, se torna pelas virtudes da alma e do corpo a marca de sua imagem. Por osmose, ele próprio repousa em Deus e Deus repousa nele, de tal modo que, na superabundância dos carismas do Espírito, ele se torna e se mostra agora como a imagem da beatitude divina e Deus por adoção, e Deus é o iniciador de sua perfeição.

4. O homem não foi feito à imagem de Deus pela estrutura orgânica do corpo, como se pode pensar levado pela ignorância. Ele o é pela natureza intelectual da inteligência, que não é limitada pelo corpo que pesa para baixo. Com efeito, assim como a natureza divina não é limitada – pois ela está fora de toda criação, de toda densidade, sendo infinita e incorpórea, além de toda essência e de toda razão, incriada, intangível, fora de qualquer quantidade, invisível, imortal, incompreensível, inteiramente inconcebível por nós – também a natureza intelectual que Deus nos deu não tem limites e está fora de qualquer densidade, sendo incorpórea, invisível, intangível, incompreensível, imagem de sua glória eterna e imortal.

5. Deus é a primeira Inteligência. De fato, ele é o Rei do universo. Ele contém em si o Verbo consubstancial e eterno com o Espírito. Ele jamais esteve fora do Verbo e do Espírito, pois sua natureza é indivisível. E ele não se confunde com eles, pois a distinção das hipóstases nele não permite a confusão. A partir daí ele engendra naturalmente o Verbo a partir de sua essência sem se separar dele, porque continua indivisível. O Verbo eterno com ele tem a mesma natureza sem começo do Espírito, o qual procede do Pai[415] antes de todos os séculos. Também ele não se separa daquele que o engendrou. Pois a natureza de um e de outro é uma e indivisível, ainda que se apresente dividida em pessoas pela distinção das hipóstases. Ela é glorificada na Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E jamais estas Pessoas, que são uma só natureza e um só Deus, podem ser separadas da essência e da natureza em sua única eternidade. Contemple assim o ícone desta natureza única em três Pessoas. Contemple-a no homem que ela formou. Contemple-a no espiritual, mas não no visível, no imortal que é sempre o mesmo, mas não no mortal que se dissolve.

6. Da mesma forma como Deus, que é Inteligência muito além das criaturas por ele formadas na sabedoria, engendra independente de qualquer escoamento ou fluxo o Verbo em sua permanência e envia com seu poder, conforme está escrito[416], o Espírito Santo que está fora e além de tudo, também o homem, que participa de sua natureza divina, que, dentro de sua alma intelectual, incorpórea e imortal, é uma imagem sua em espírito, e cujo intelecto engendra naturalmente e por sua essência a razão por meio da qual todas as potências do corpo estão guardadas, está fora e no interior da matéria e dessas coisas visíveis. E do mesmo modo como aqueles são inseparáveis de suas hipóstases – vale dizer, do Verbo e do Espírito – também ele, em sua alma, não pode ser cortado do intelecto e da razão, da natureza única e da essência que não é limitada pelo corpo.

7. O divino é adorado em três hipóstases no Pai, no Filho e no Espírito Santo. E devemos considerar que a imagem que ele formou – o homem – também está dividida em três partes. Pela alma, o intelecto e a razão o homem adora a Deus que criou tudo a partir do nada. Aquilo que por natureza é eterno com Deus e consubstancial a ele é, assim, da mesma natureza e da mesma substância que sua imagem. É desta forma que a imagem se torna visível em nós. E é assim que eu sou imagem de Deus, mesmo tendo sido feito de uma mistura de argila e imagem.

---

[415] Cf. *João* 15: 26.

[416] Cf. *João* 14: 26.

8. Uma coisa é a imagem de Deus, e outra aquilo que vemos nesta imagem. A imagem de Deus é a alma intelectual, o intelecto e a razão: a natureza única e indivisível. Aquilo que vemos na imagem é a soberania, a realeza, a liberdade. Assim, uma coisa é a glória do intelecto e outra sua dignidade. Uma é a criação "à imagem" e outra a criação "à semelhança"[417]. A glória do intelecto é a elevação, o movimento contínuo para o alto, a sutileza, a pureza, a consciência, a sabedoria, a imortalidade. Sua dignidade é a razão, a realeza, a soberania, a liberdade. A criação à imagem de Deus significa o caráter pessoal, consubstancial, indivisível e inseparável da alma, do intelecto e da razão. O intelecto e a razão estão ligados à alma incorporal, imortal, divina e intelectual. Estas são coisas consubstanciais na mesma eternidade, que não podem ser jamais separadas nem divididas. A semelhança é a justiça, a verdade, a misericórdia, a compaixão, o amor pelos homens. Naqueles que cumprem e guardam estas coisas, a imagem e a semelhança se revelam claramente: elas são evidentemente animadas pela natureza, mas estão acima das outras pela dignidade.

9. A alma dotada de razão se divide em três partes. Mas também podemos distinguir nela duas partes: uma parte racional e outra passional. A parte racional, à imagem daquele que a criou, não é relativa a nada, não pode ser vista nem definida pelos sentidos, estando simultaneamente dentro e fora destes. Por meio da razão, a alma se comunica com as divinas potências intelectuais. Por meio do santo conhecimento dos seres, ela se eleva naturalmente para Deus como para seu modelo e desfruta de sua natureza divina. Mas a parte passional é dividida, submetida aos sentidos, às paixões, ao relaxamento. Por meio da paixão, a alma se comunica com a natureza sensível ligada ao alimento e ao crescimento, e se liga ao ar, ao frio e ao calor, aos alimentos, para assegurar a subsistência, a vida, o crescimento e a saúde. Alterada por estas coisas, a parte passional tanto deseja sem razão, levada pelo movimento natural, quanto se exacerba, levada por um ardor irrefletido, e suscita a fome, a sede, a tristeza, a pena e finalmente a dissolução. Ela se regozija com aquilo que a contenta e é deprimida pelas aflições. É com justiça que a denominamos passional, pois ela é absorvida pelas paixões. Quando esta parte mortal é absorvida pela vida do Verbo[418], quando vence o mais forte, então a vida de Jesus aparece também na nossa carne mortal[419], trazendo para nós a morte vivificante da impassibilidade, e nos concede a herança incorruptível da imortalidade no desejo do Espírito.

10. Assim como o Criador do universo, antes de fazer tudo a partir do nada, continha em si o conhecimento, as naturezas e as razões de todos os seres, sendo ele o rei dos séculos e sabedor de tudo por antecipação, também ele concedeu ao homem formado à sua imagem, para que se tornasse o rei da criação, possuir em si as razões, as naturezas e o conhecimento de todos os seres. Por sua criação o homem possui em si da terra a secura e a frialdade dos tecidos do corpo; do ar e do fogo, o calor e a umidade do sangue; da água, a umidade e o frio dos humores; das plantas, o crescimento; dos seres vivos, o modo de se alimentar; dos animais selvagens, seu estado de paixão; dos anjos, a vida dotada de inteligência e de razão; de Deus, o sopro imaterial, a alma incorpórea e imortal que vemos no intelecto, na razão e no poder do Espírito Santo, que o faz ser e viver.

11. É pela virtude e o conhecimento que nos assemelhamos a Deus que nos formou à sua imagem e semelhança[420]. Pois sua virtude

[417] Cf. *Gênesis* 1: 26.

[418] Cf. II *Coríntios* 5: 4.
[419] Cf. II *Coríntios* 4: 11.
[420] Cf. *Gênesis* 1: 26.

cobre os céus, e a terra está plena de seu conhecimento[421]. A virtude de Deus consiste na justiça, na santidade e na verdade. É o que disse Davi: "Você é justo, Senhor, e sua verdade me envolve[422]". E também: "O Senhor é justo e santo[423]". Também nos assemelhamos a Deus pela retidão e a bondade. "Pois o Senhor é bom e direito[424]". Assemelhamo-nos a ele pela palavra de sabedoria e a palavra de conhecimento. Pois todas estas coisas estão nele, e ele é chamado de Sabedoria e Verbo. Assemelhamo-nos a ele pela santidade e a perfeição, conforme ele próprio disse: "Sejam perfeitos, como seu Pai celeste é perfeito[425]. Sejam santos, como eu sou santo[426]". E nos assemelhamos a ele pela humildade e a doçura, pois ele disse: "Aprendam comigo que sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão a paz em suas almas[427]".

12. Sendo nosso intelecto à imagem de Deus, naturalmente ele possui em si esta imagem, na medida em que ele permanece naquilo que lhe é próprio e não se afasta de sua dignidade e de sua natureza. É por isso que de alguma maneira ele deseja permanecer nas coisas de Deus, que ele busca se unir a ele, de quem ele extrai sua origem, devido a quem ele se move, para quem ele tende por todas as suas qualidades naturais, e por isso também ele deseja imitá-lo em seu amor ao homem e sua simplicidade. Pois ele próprio engendra o Verbo, e recria como se fossem outros céu as almas de seus companheiros. Ele os afirma pela paciência das virtudes ativas. Ele os traz à vida pelo sopro de sua boca[428]. Ele lhes dá a força para combater as paixões destruidoras. Imitando com justiça a seu Deus, ele próprio aparece como autor da criação espiritual e de todo o resto. E ele escuta claramente, vindo do alto: "Aquele que separa o digno do indigno será como minha boca[429]".

13 Quem persevera nos movimentos naturais do intelecto e na dignidade da razão se guarda puro de matéria, se adorna de doçura, de humildade, de amor, de compaixão, e se cobre de luz sob o flamejamento do Espírito Santo. Voltado para as mais altas contemplações, ele penetra no conhecimento dos mistérios ocultos de Deus e se coloca, em seu amor pelo bem, a serviço daqueles que, por sua sabedoria, podem escutar essas coisas. Ele não multiplica o talento[430] apenas para si, mas ele transmite seu usufruto para aqueles que estão próximos de si.

14. Quem se eleva acima da dualidade, que liberta desta dualidade a nobreza do um, encontrou dentre os espíritos imateriais a vida fora da matéria e se tornou um espírito dotado de intelecto, mesmo que o vejamos viver num corpo no meio dos outros homens.

15. Aquele que, pela dignidade e a natureza do um submeteu a dualidade à servidão, submeteu a Deus toda a criação, reuniu no um o que estava separado e pacificou todas as coisas[431].

16. Enquanto a natureza das potências que se encontram em nós não for ordenada, enquanto ela estiver dividida em múltiplos desacordos, não teremos ainda parte nos dons sobrenaturais de Deus. Ora, se não tivermos parte nestes, estaremos ainda longe da hierurgia[432] do altar celeste, que é cumprida pela obra intelectual da inteligência. Mas

[421] CF. *Habacuque* 3: 3.
[422] *Salmo* 88 (89): 9.
[423] *Salmo* 144 (145): 17.
[424] *Salmo* 24 (25): 8.
[425] *Mateus* 5: 48.
[426] *Levítico* 20: 26.
[427] *Mateus* 11: 29.
[428] Cf. *Salmo* 32 (33): 6.
[429] *Jeremias* 15: 19.
[430] Cf. *Mateus* 25: 20.
[431] Cf. *Colossenses* 1: 20.
[432] Ação sagrada: celebração dos mistérios de Deus.

quando, pelo longo esforço dos combates sagrados, nos purificamos da malícia ligada à matéria, quando, pelo poder do Espírito reunimos no um tudo o que nos divide, então teremos parte nos bens secretos de Deus, seremos dignos de oferecer a Deus o Verbo os mistérios divinos da hierurgia mística do intelecto no altar mais que celeste e espiritual de Deus, pois seremos os iniciados e os sacerdotes de seus mistérios imortais.

17. A carne deseja contra o espírito, e o espírito contra a carne[433]. Existe entre os dois uma guerra implacável. Um deve vencer o outro e dominá-lo. Esta divisão presente em nós se denomina sublevação, impulso, jugo, duelo selvagem. Ele divide a alma, no mesmo ponto em que o intelecto dá seu impulso a um ato de paixão humana.

18. Enquanto formos divididos pela inconstância dos pensamentos e a lei da carne nos dominar e perdurar em nós, estaremos dispersos em numerosos pedaços de nós mesmos e seremos rejeitados para longe da unidade divina, pois não nos enriquecemos desta unidade. Mas quando nosso ser mortal é engolido[434] pelo poder unificante e pela ausência sobrenatural de preocupações, quando o intelecto, dominando a si mesmo, se ilumina com os esplendores e os pensamentos que o enchem de sabedoria, a alma, toda enovelada na unidade como Deus, encontra o um ao invés das múltiplas divisões. Recolhida na unidade divina, ela se vê unificada na simplicidade, à imitação de Deus. Tal é o restabelecimento da alma em seu estado ancestral. E esta é a renovação que nos leva ao melhor.

19. A ignorância é uma calamidade e mais do que uma calamidade. Ela é verdadeiramente uma treva palpável[435]. Ela obscurece as almas nas quais se encontra. Ela divide profundamente o pensamento e impede a alma de se unir a Deus. Tudo o que se junta a ela é desordem e ausência de razão. Pois ela torna o homem inteiro irracional e insensível. Mas, do mesmo modo como a ignorância, ao se espalhar e se tornar mais espessa, se torna para a alma que lhe está submetida um abismo infernal onde se encontram todos os tormentos, todas as dores, as tristezas, os gemidos, também o conhecimento de Deus, do qual podemos dizer que é uma fonte radiante e infinita de luz, torna divinamente luminosas as almas nas quais se encontra pela pureza. Ela as enche de paz, de calma, de alegria, de sabedoria inefável e de amor perfeito.

20. A presença da luz divina é simples e una. Ela recolhe em si as almas que a recebem e depois retorna a si mesma. Ela as une à sua unidade. Ela as torna perfeitas com sua perfeição. Ela conduz pelas profundezas de Deus a visão de sua inteligência. Ela lhes permite contemplar os grandes mistérios. Ela as inicia e as torna aptas a iniciar. Assim sendo, procure se purificar a fundo por suas penas, e você verá em si claramente a energia destas palavras, a energia amada por Deus.

21. Os flamejamentos da luz primordial que penetram pelo conhecimento nas almas purificadas não apenas as tornam boas e luminosas, como as conduzem pela contemplação natural aos céus espirituais. Assim os efeitos da energia não permanecem aí dentro das almas, mas se exercem até que, pela sabedoria e o conhecimento dos mistérios inefáveis as almas se unem ao um, e, de múltiplas que eram, se tornam uma com ele.

22. É preciso em primeiro lugar nos desembaraçarmos das misturas e confusões por meio da ordem purificadora, longe do mal que liga à matéria os inteligíveis, para depois termos os olhos do intelecto cheios de luz e sempre claros graças à outra ordem, a ordem

---

[433] Cf. *Gálatas* 5: 17.
[434] Cf. II *Coríntios* 5: 4.
[435] Cf. *Êxodo* 10: 21.

iluminadora que se realiza através da sabedoria mística oculta em Deus; e se elevar assim em direção à ciência dos conhecimentos sagrados que, pela palavra divina, concede o novo e o antigo[436] àqueles que têm ouvidos; enfim, transmitir os sentidos místicos e ocultos desta ciência, comunicando-os aos entendimentos que ninguém profana, afastando-o dos imperfeitos, a fim de não entregar aos cães o que é santo e de não atirar a pérola do Verbo às almas que são como porcos[437] e que a mancharão.

23. Quando alguém percebe que o fervor de sua alma se dilata na fé interior e no amor a Deus, saiba que ele traz em si a Cristo que eleva sua alma da terra e das coisas visíveis e prepara nos céus sua morada. Quando ele vê seu coração se encher de alegria e desejar com compunção dos bens secretos de Deus, saiba que então o Espírito divino age nele. Enfim, quando ele sentir seu intelecto cheio de luz inefável e da mais profunda sabedoria dos pensamentos, saiba que o Consolador está em sua alma e que ele vem visita-lo para lhe revelar os tesouros do Reino dos céus nele ocultos. Então, que ele se guarde cuidadosamente, como um palácio de Deus e uma morada do Espírito.

24. A guarda dos tesouros ocultos do Espírito detém as coisas humanas, o que consiste propriamente naquilo a que chamamos de hesíquia. Esta, pela pureza do coração e a compunção longe de qualquer prazer, ilumina cada vez mais o desejo do amor de Deus, liberta a alma dos laços dos sentidos e a convence a se libertar dos modos habituais de viver. Quando ela traz de volta assim as potências da alma, ela as devolve ao que elas são por natureza, restabelecendo-as em seu estado original para que nenhum mal, proveniente da alteração da imagem e de seu movimento para o pior, venha a se opor ao criador dos bens.

25. É por esta perfeição sagrada, por esta perfeição divina que traz numa luz benfazeja a hesíquia bendita e sacra, que praticamos e buscamos como se deve. Mas se este grau de elevação e de perfeição ainda não foi alcançado, aquele que parece viver em estado de hesíquia ainda não repousa na perfeita hesíquia do intelecto. Na medida em que ele ainda não alcançou esta altura, ele não repousa na hesíquia, longe da tempestade interior das paixões indomáveis. Ele não terá mais que seu corpo rodeado de muros, buracos e cavernas, esgotado por um intelecto desordenado e errante.

26. As almas que alcançaram um grau extremo de pureza e que chegaram a uma grande altura de sabedoria e de conhecimento assemelham-se aos querubins por se aproximarem de maneira, por assim dizer, imediata, por sua ciência, da fonte dos bens. Então elas recebem com toda pureza a revelação da visão direta, da qual apenas as potências dos querubins, diante de tal Tearquia[438], são profunda e imediatamente iluminadas, como foi dito, na mais alta intensidade das contemplações divinas[439].

27. Da mesma forma como as primeiras potências do alto são, umas, as mais ardentes e vívidas envolvendo as coisas de Deus, com seu movimento contínuo que não tem fim, e outras, as mais dotadas de visão, de conhecimento e de sabedoria, cujo estado divino as coloca sempre em movimento ao redor das coisas de Deus, também tais almas são mais ardentes e vívidas em envolver o divino, dotadas de sabedoria, de conhecimento e da maior tensão nas contemplações místicas. Um mesmo poder e um mesmo estado divino as conduzem. Desta forma, seu movimento em torno das coisas de Deus é

[436] Cf. *Mateus* 13: 52.
[437] Cf. *Mateus* 7: 6.

[438] Designa o poder do Reino de Deus.
[439] Cf. Denis o Areopagita, *Hierarquia celeste* VII, 1.

contínuo, seu fundamento e sua morada são firmes. Por outro lado, elas recebem as iluminações, neste estado em que participam do Ser e transmitem às outras almas, abundantemente, pela palavra, as efusões de sua luz e de suas graças.

28. Deus é Inteligência, e causa do movimento contínuo do universo. Todas as inteligências têm nele, a primeira Inteligência, seu ponto fixo e seu movimento infinito. É isto que experimentam todos os que, pelos santos suores, têm neles o movimento, não material e misturado, mas sem mescla e sem confusão. Eles o experimentam no ardor de seu amor divino, comunicando entre si e consigo mesmos os flamejamentos irradiados pela Tearquia que concede o bem e a sabedoria dos mistérios do Deus oculto a eles, transmitindo-os amorosamente aos demais e neles celebrando o amor a Deus que não tem fim.

29. As almas que tornaram em si leve a razão desembaraçada da matéria são móveis e giram ao redor de Deus. Da dualidade que combate a si própria em todas as coisas elas fizeram a dócil rédea que conduz aos céus. Elas gravitam sem fim ao redor de Deus, como que tensionadas para o centro e a causa do movimento circular. E elas são imóveis, estáveis e firmes, mirando o centro sem poder se desligar dos laços que as unem para voltar às sensações a ao erro das coisas humanas lá em baixo. Esta é a finalidade perfeita da hesíquia, para onde são levados os que a vivem verdadeiramente. Arrebatados pelo movimento, eles permanecem imóveis. Estáveis e imóveis, eles giram ao redor do divino. Enquanto não chegarmos a este ponto, apenas parecemos viver na hesíquia, mas é impossível que nosso intelecto saia da matéria e da errância.

30. Quando, com toda atenção e fervor, retornamos à beleza original da razão, quando, com a chegada do Espírito, tomamos parte na sabedoria e no conhecimento que nos são concedidos desde o alto, então se revela a nós, que podemos vê-la claramente, sábia e bela, a fonte primordial, a causa primeira da criação de todos os seres. Ela não traz a nós nada que a acuse, nada proveniente da malícia que nos destrói, quando, contra nossa vontade, nos desvia para o pior. Quando aquilo que é separado transborda, quando escapa da beleza original, quando decai da deificação, a fonte, caída em semelhante divisão, engendra sua forma desprovida de toda razão.

31. O único e primeiro fundamento dos que tendem para o progresso é o conhecimento dos seres que adquirem por meio da filosofia ativa. O segundo é o conhecimento dos mistérios ocultos de Deus no qual são iniciados pela contemplação natural. O terceiro é a aproximação da luz original e a união com ela, onde se encontra o repouso de todo progresso filosófico e de toda contemplação.

32. Todas as inteligências evoluem por si próprias, para si mesmas e para o Ser em si. Elas são conduzidas numa mesma e única forma através destes três modos. Elas iluminam seus próximos, os iniciam nos mistérios de Deus e os conduzem à perfeição por meio da sabedoria do céu, como espíritos purificados, unindo-os a elas e à Unidade.

33. A deificação em vida é a verdadeira hierurgia espiritual e divina por meio da qual é celebrado o Verbo da sabedoria misteriosa e pela qual ele é transmitido àqueles que para tanto se prepararam na medida do possível. Por toda sua bondade Deus a concedeu do alto à natureza racional na unidade da fé. Assim alguns, graças à sua pureza, receberam esta recompensa pelo conhecimento do divino e se tornaram semelhantes a Deus, em conformidade com a imagem de seu Filho[440], por seus altos movimentos intelectuais em redor das coisas divinas, e se tornarão por adoção como deuses em relação aos

---

[440] Cf. *Romanos* 8: 29.

demais homens sobre a terra. Outros, pela purificação, através de sua razão divina e da santa união, perfazem a si mesmos na virtude. Na medida de seu próprio progresso e de sua própria purificação, eles participam da deificação dos primeiros e comungam com eles na união divina, até que todos, unidos no Um, recolhidos todos na unidade do amor, sem fim se unem ao único Deus. E Deus estará no meio de deuses[441], criador das boas obras, Deus por natureza ao meio de deuses por adoção, nada trazendo da criação que o possa acusar.

34.O homem que se devota à virtude não pode se tornar semelhante a Deus – na medida em isto nos é permitido – se não começar por se desfazer, pelo calor das lágrimas, do peso do lodaçal dos vícios que roubam a luz e se não se agarrar à hierurgia dos santos mandamentos de Cristo. Pois de outra forma é impossível participar dos bens secretos de Deus. Aquele que deseja provar em espírito da doçura divina e do prazer das coisas espirituais deve se afastar de toda sensação do mundo e, por seu impulso em direção aos bens reservados aos santos, engajar continuamente sai alma na contemplação dos seres.

35. Manter em si imutável a semelhança divina que nos é dada pela extrema purificação e um grande amor a Deus só é possível numa elevação contínua em direção a Deus e numa tensão do intelecto mais contemplativo, tensão que nasce naturalmente na alma a partir da perseverante hesíquia das virtudes, da prece contínua, imaterial e calma, da temperança em tudo e da leitura assídua das Escrituras.

36. É preciso se esforçar não apenas para atingir a paz das potências que existem em nós, mas para alcançar o desejo do repouso intelectual. Este é capaz de, na calma, fazer repousar sobre o bem todo o impulso dos pensamentos e, por meio do orvalho divino que vem do céu, curar e refrescar o coração ferido no fogo enviado do alto e atiçado pelo Espírito.

37. A alma ferida profundamente pelo ardente amor a Deus, depois de haver provado a doçura de seus dons inteligíveis, já não pode se deter inteiramente sobre si mesma, nem permanecer no lugar sem tender para diante rumo aos degraus que sobem aos céus. Pois quanto mais ela avança pelo Espírito em suas elevações e mais penetra nas profundezas de Deus, mais ela é inflamada pelo fogo do impulso, descobrindo a imensidão de seus mistérios sempre mais profundos, e apressando-se em se aproximar do fogo benfazejo, no qual se detém todo desenvolvimento do intelecto, a fim de conhecer na felicidade do coração o fim de suas próprias carreiras.

38. Quando alguém entra em comunhão com o Espírito Santo, quando descobre em si, por uma energia e um perfume inefáveis, que o Espírito o visitou, este homem já não se resigna daí por diante em permanecer dentro dos limites da natureza. Transformado pela boa transformação da direita do Altíssimo[442], ele esquece alimento e sono, ele despreza as coisas do corpo, já não pensa no descanso corporal e, mesmo que passe o dia em penas e suores ascéticos, não sente nenhuma fadiga, nenhuma necessidade natural, nem fome, nem sede, sem sono, nem qualquer outra necessidade da natureza. Pois o amor de Deus se espalhou invisivelmente com uma alegria inefável em seu coração[443]. Perseverando toda a noite à luz do fogo, ele trabalha na obra do intelecto exercitando seu corpo e desfruta das delícias do festim da eternidade e da imortalidade das plantas do Paraíso inteligível. Foi quando se viu elevado a este Paraíso que

[441] Cf. *Salmo* 81 (82): 1.

[442] Cf. *Salmo* 76 (77): 11.

[443] Cf. *Romanos* 5: 5.

Paulo escutou as palavras inefáveis[444] que o homem afetado pela sensação do visível não consegue ouvir.

39. Uma vez inflamado pelo fogo da ascese e batizado na água das lágrimas o corpo já não se cansa quando pena, mas repousa no suor, pois ele evidentemente está acima dos esforços da ação. Recebendo do interior da alma a calma e o silêncio da paz, ele antes se enche de outro poder, de outra tensão, de outra força do Espírito. Depois de haver assim enriquecido o corpo que mora consigo, e erguido o estado deste acima do exercício corporal, a alma transfere os movimentos naturais para os combates do intelecto e trabalha resolutamente nesta obra. Ela guarda para si própria os frutos das plantas imortais no Paraíso inteligível, donde escorre em rios a fonte dos pensamentos divinos, e onde habita a Árvore do conhecimento de Deus carregada com os frutos da sabedoria, da alegria, da paz, da doçura, da bondade, da paciência e do amor inefável[445]. Trabalhando e guardando[446] com tal fervor, ela emigra do corpo e penetra na treva da teologia. Ela se coloca fora do universo. Nada do que é visível a retém. Unida a Deus, ela repousa de seus suores e de seu desejo.

40. A razão nos diz, a nós que nos devotamos à virtude: de tudo o que está em nós, o que é mais alto, o visível ou o inteligível? Se for o visível, não preferiremos nem amaremos nada tanto quanto as coisas que passam e nossa alma não será mais forte do que nosso corpo. Mas se for o inteligível, Deus é Espírito, e os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade[447]. Assim o exercício corporal é supérfluo[448] quando a obra intelectual da alma é suficientemente forte, tornando leve o que a puxa para baixo e tornando tudo espiritual, unindo tudo ao melhor.

41. Existem três ordens entre aqueles que avançam nos degraus que sobem rumo à perfeição: a ordem da purificação, a ordem da iluminação e a ordem da união mística que leva à perfeição. A primeira é a dos noviços. A segunda, a dos médios. A terceira, a dos perfeitos. Pois, subindo pela ordem estes três degraus, quem se devota à virtude cresce até alcançar o talhe de Cristo, até se tornar um homem perfeito na medida da plenitude de Cristo[449].

42. A ordem da purificação é a dos noviços que se engajam nos combates sagrados. Sua natureza própria consiste na rejeição da forma do homem terrestre, na libertação de toda malícia material: ela nos faz revestirmo-nos do homem novo, renovado pelo Espírito Santo[450]. Sua obra é o desprezo da matéria, o esgotamento da carne, a fuga para longe de tudo o que incita à paixão a nossa porção racional e o arrependimento das faltas passadas. Por outro lado ela nos permite lavar em lágrimas o amargor do pecado, regrar nossa conduta sobre a bondade do Espírito, purificar pela compunção o interior da taça[451], ou seja, do intelecto, de toda sujeira da carne e do espírito[452], para em seguida verter nela o vinho da razão que alegra o coração do homem[453] purificado, e levá-la ao Rei dos espíritos para que ele a experimente, enfim, ela nos permite consumir efetivamente no fogo da ascese e nas penas dos combates, rejeitar todo veneno do pecado, embeber-se adequadamente, mergulhar nas águas da compunção e forjar um glaivo afiado capaz de lutar contra as paixões e os demônios. Quem chega a este estado por meio da ascese de numerosos combates extinguiu o poder do fogo natural e fechou a

[444] Cf. II *Coríntios* 12: 4.
[445] *Gálatas* 5: 22.
[446] Cf. *Gênesis* 2: 15.
[447] Cf. *João* 4: 24.
[448] Cf. I *Timóteo* 4: 8.
[449] Cf. *Efésios* 4: 13.
[450] Cf. *Colossenses* 3: 10.
[451] Cf. *Mateus* 23: 26.
[452] Cf. II *Coríntios* 7: 1.
[453] Cf. *Salmo* 103 (104): 15.

boca dos leões, as paixões selvagens. Ele foi confortado e erguido de sua fraqueza pelo Espírito. Ele se tornou forte como um novo Jó[454], vestiu o troféu da paciência e venceu o tentador.

43. A ordem da iluminação é a ordem dos que progrediram e que a partir dos combates sagrados alcançaram a primeira impassibilidade. Sua natureza própria é conhecimento dos seres, a contemplação das razões da criação e a comunicação do Espírito Santo. Sua obra consiste na purificação do intelecto operada pelo fogo divino, no desvelamento espiritual dos olhos do coração, no nascimento do Verbo nas mais altas meditações do conhecimento; seu fim é a palavra de sabedoria que expõe claramente a natureza dos seres, o conhecimento das coisas divinas e humanas e a revelação dos mistérios do Reino dos céus[455]. Quem alcançou este grau pela obra do intelectual da inteligência é transportado sobre o carro de fogo puxado pela quadriga das virtudes, como um novo Elias[456]. Ele é arrebatado em plena vida ao espaço inteligível e percorre as coisas dos céus, muito acima da baixeza do corpo.

44. A ordem mística, que conduz à perfeição, é a ordem dos que já percorreram tudo e que alcançaram a medida do talhe de Cristo[457]. Sua natureza própria é a de fender o espaço, de dominar o universo, de envolver as ordens dos mais altos céus, de aproximar da luz primigênia e de descobrir as profundezas de Deus pelo Espírito. Sua obra consiste em cumular o intelecto que contempla todas essas razões relativas à providência, à justiça e à verdade, consiste na resolução dos enigmas, das palavras e das parábolas obscuras[458] da divina Escritura, consiste enfim em iniciar aquele que assim realiza em si os mistérios ocultos de Deus para que ele se encha da sabedoria inefável pela comunhão com o Espírito e se revele no meio da grande Igreja de Deus como um sábio teólogo que, com as palavras do conhecimento divino, ilumina os homens. Aquele que, por meio das profundezas da humildade e da compunção, atinge este grau, penetrou no terceiro céu da teologia, como um novo Paulo. Ele escutou as palavras inefáveis[459] que nenhum homem sob o domínio das sensações é capaz de ouvir. Ele experimentou os bens secretos que o olho não viu, que o ouvido não escutou[460]. Ele se tornou ministro dos mistérios divinos[461], a boca de Deus, que serve aos mistérios revelando-os aos homens pela palavra; nisto ele encontra o repouso benfazejo, ele se tornou perfeito no Deus perfeito. Ele está unido com os teólogos às mais altas potências dos Querubins e dos Serafins, que possuem a palavra de sabedoria e de conhecimento.

45. A vida dos homens se divide em duas partes, e o fim desta vida se relaciona a três ordens. Uma parte da vida é comum e transcorre dentro do mundo. A outra não é comum e conduz para além do mundo. O que é comum se divide entre castidade e desejo insaciável. O que não é comum se divide em filosofia, ciência natural e energia sobrenatural. A primeira parte, ou bem vem naturalmente e se liga ao que é justo, ou bem perde o movimento natural, se liga ao que é injusto e conduz à injustiça. A segunda, se for dirigida pela regra, se buscar pelo sentido do fim[462], termina na natureza infinita e atinge a perfeição que está acima da natureza. Mas sem exercida por uma vã ambição, se afastar de sua finalidade, terminará numa inteligência inepta[463], imperfeita e com toda justiça rejeitada pela perfeição.

---

[454] Cf. *Hebreus* 11: 33-34.
[455] Cf. *Lucas* 8: 10.
[456] Cf. II *Reis* 2: 11. A quadriga das virtudes consiste nas quatro virtudes fundamentais que conduzem do corpo carnal ao corpo glorioso.
[457] Cf. *Efésios* 4: 13.
[458] Cf. *Provérbios* 1: 6.
[459] Cf. II *Coríntios* 12: 4.
[460] Cf. I *Coríntios* 2: 9.
[461] Cf. I *Coríntios* 4: 2.
[462] Cf. *Filipenses* 3: 14.
[463] Cf. *Romanos* 1: 28.

46. O Espírito é luz, vida e paz. Quem é iluminado pelo Espírito divino leva assim uma vida serena em paz. O conhecimento dos seres e a sabedoria do Verbo correm nele daí por diante, e a inteligência de Cristo lhe é concedida. Este homem conhece os mistérios do Reino[464], penetra nas profundezas de Deus e, dia após dia, com o coração calmo e luminoso, fala aos homens boas palavras de vida[465]. Pois ele é bom, uma vez que traz em si o Deus bom que anuncia o novo e o antigo[466].

47. Deus é sabedoria. Deificando por meio do conhecimento dos seres aqueles que caminham na razão e na sabedoria, ele os une a si pela luz e os torna deuses por adoção. Do mesmo modo como criou tudo do nada pela sabedoria, que pela sabedoria ele conduz e governa todas as coisas do mundo, que na sabedoria ele realiza sempre a salvação de todos os que se aproximam em retorno a ele, também aquele que, por sua pureza, recebeu partilhar da sabedoria do alto cumpre sempre com toda sabedoria, como uma imagem de Deus, as obras da vontade divina. Ele se recolhe longe das coisas exteriores, tão divididas, e, a cada dia, pelo conhecimento dos segredos, eleva e aponta sua razão para as vidas verdadeiramente angélicas. Unificando sua vida tanto quanto lhe for possível, ele une a si mesmo às potências do alto que giram ao redor de Deus na unidade; ele as segue como a bons guias e por meio delas sobe até a origem primeira e a causa primeira.

48. Aquele que, pela mais alta sabedoria, se uniu às potências do alto, que unido Deus (por que se tornou à semelhança de Deus) pela razão e a comunhão vive com todos no amor à sabedoria, este afasta das coisas exteriores e divididas as faculdades dos que desejam isto, com a ajuda do poder divino. Imitando a Deus, ele os recolhe como a si próprio numa vida unitiva e os eleva por meio da sabedoria, o conhecimento e a iluminação dos segredos, para a contemplação da glória da única e primigênia luz. Unindo-os aos seres e às ordens que gravitam ao redor de Deus, ele os conduz, luminoso e flamejante de Espírito, para a unidade de Deus.

49. Oito virtudes naturais e fundamentais acompanham as quatro virtudes. Cada uma delas, de parte e de outra de si mesmas, suscita duas outras e se torna uma tríade. Assim, da meditação se levantam o conhecimento e a sábia contemplação; da justiça, o discernimento e a compaixão; da coragem, a paciência e a constância; da castidade, a pureza e a virgindade. Deus, que configurou de três em três estas doze virtudes e que nos inicia em seus mistérios, assenta-se acima de tudo na sua sabedoria sobre o trono do intelecto, e envia o Verbo para que este as crie em nós. O Verbo, recebendo dos princípios fundamentais a matéria de cada uma dessas virtudes, cria na alma o mundo inteligível da piedade. Na alma ele desdobra a meditação como se fosse um véu constelado de estrelas que iluminam a vida, e faz brilhar e irradiar sobre ela o conhecimento divino e a contemplação natural, como dois grandes luminares. Como se fosse a terra, ele funda na alma a justiça, como um festim inesgotável. Ele estende a castidade sobre ela como o ar, para cobri-la com o frescor do orvalho da vida sem mistura. Como o mar, ele delimita a coragem na fraqueza da natureza, para derrubar as fortalezas e as torres[467] do adversário. O Verbo, construindo desta maneira o mundo, coloca na alma o Espírito, o poder do movimento perpétuo do intelecto e do recolhimento constante que não se dispersa, como disse Davi: “Sobre a palavra do Senhor os céus foram fundados, e pelo sopro de

[464] Cf. *Lucas* 8: 10.
[465] Cf. *Salmos* 18 (19) 3; 44 (45): 2.
[466] Cf. *Mateus* 13: 52.
[467] Cf. II *Coríntios* 10: 4.

sua boca todo o seu poder[468]".

50. Através das passagens que realizam de uma idade espiritual a outra, nosso Senhor Jesus Cristo cresce naqueles que se dedicam à virtude. Quando ainda são crianças e precisam de leite[469], se diz que bebem o leite das virtudes elementares do exercício do corpo, cuja utilidade diminui[470] na medida em que crescem em virtude e se afastam da infância. Quando chegam à adolescência e comem o alimento sólido da contemplação dos seres, porque se exercitaram nos sentidos da alma[471], diz-se que avançaram em idade e em graça[472], que já se assentam entre os anciãos[473] e que descobrem neles as profundidades ocultas nas trevas[474]. Quando enfim chegam à idade do homem perfeito, na medida da plenitude de Cristo[475], diz-se que pregam a todos a palavra do arrependimento, que ensinam aos povos as coisas do Reino dos céus, e que vão ao encontro dos sofrimentos[476]. Pois este é o fim de todo homem que se aperfeiçoa nas virtudes: depois de haver atravessado todas as idades de Cristo, chegar ao sofrimento das tentações carregando sua cruz.

51. Na medida em que estamos submetidos aos elementos da ascese, evitando tomar alimentos, tocar as coisas, contemplar a beleza, escutar os cantos, sentir perfumes, enquanto estamos sob a orientação de tutores e ecônomos[477], somos ainda crianças, mesmo que sejamos herdeiros e mestres de todas as coisas do Pai. Mas quando o tempo da ascese chega ao seu termo e se realizou na impassibilidade, então da pureza da reflexão nasce em nós o Verbo e sobre nós vem a lei do Espírito, a fim de nos resgatar, a nós que estávamos sob a lei dos cuidados da carne, e de nos conceder a adoção. Isto feito, então o Espírito clama em nossos corações: "Abba, Pai", nos mostrando e nos revelando a filiação e a liberdade diante de Deus Pai. Por intermédio de Cristo ele permanece em nós e nos fala como se fôssemos filhos e herdeiros de Deus[478]. A partir daí, estamos libertos da escravidão dos sentidos.

52. Para aqueles que, juntamente com Pedro, progrediram na fé, que, com Tiago, se elevaram na esperança, que com João se tornaram perfeitos no amor, o Senhor se transfigura depois de haver subido a alta montanha da teologia[479]. Pela manifestação e a marca da ele brilha diante deles como o sol. Pelos pensamentos da sabedoria misteriosa ele flameja como luz. O Verbo se revela neles, no meio da Lei e da Profecia, legislando e ensinando as coisas da Lei, e descobrindo os tesouros profundos e escondidos da sabedoria das coisas da Profecia: então ele prevê e prediz. O Espírito os cobre com sua sombra como uma nuvem luminosa, e desta nuvem a voz da teologia mística desce sobre eles, iniciando-os no mistério da Trindade em três Hipóstases, dizendo-lhes: "Eis aqui meu Bem-Amado, o termo da palavra de perfeição, em quem eu me comprazo[480]: tornem-se para mim filhos perfeitos no Espírito perfeito".

53. A alma que despreza todas as coisas terrestres e que está totalmente ferida pelo amor a Deus vive num êxtase estranho e divino. Pois, depois de haver visto claramente as naturezas e as

[468] *Salmo* 32 (33): 6.
[469] Cf. *Hebreus* 5: 12.
[470] Cf. I *Timóteo* 4: 8.
[471] Cf. *Hebreus* 5: 14.
[472] Cf. *Lucas* 2: 52.
[473] Cf. *Lucas* 2: 46.
[474] Cf. *Jó* 12: 22.
[475] Cf. *Efésios* 4: 13.
[476] Cf. *Lucas* 12: 50.
[477] Cf. *Gálatas* 4: 2.
[478] Cf. *Gálatas* 4: 6-7.
[479] Cf. *Mateus* 17: 1.
[480] Cf. *Mateus* 17: 5.

razões dos seres, depois de ter compreendido o fim das coisas humanas, ela já não suporta permanecer encerrada no universo nem limitada por aquilo que a cerca. Rompendo seus limites e os laços de seus sentidos, ultrapassando a natureza de todas as coisas, ela penetra nas trevas da teologia, no silêncio inefável, compreende a beleza do Ser na luz da inexprimível sabedoria das meditações, na medida da graça recebida. Mergulhando divinamente em sua contemplação naquilo sobre quê medita, ela se delicia com os frutos das plantas imortais e com o temor amoroso, vale dizer, com as meditações dos pensamentos divinos. Ela exprime perfeitamente a grandeza e a glória, porque nunca está crispada sobre si mesma. Estranhamente levada pelo Espírito, ela conhece o sofrimento louvável numa alegria e um silêncio indizíveis. Mas como ela age, ou o que a empurra, ou o que lhe faz ver e misticamente lhe comunica os segredos, estas coisas lhe é impossível explicar.

54. Quem semeia em si próprio com justiça as lágrimas da compunção recolhe o fruto da vida: uma alegria inexprimível. Quem busca e espera o Senhor até que ele venha e produza sua justiça colherá em abundância as espigas do conhecimento de Deus. A luz da sabedoria o iluminará e ele se tornará um candelabro de luz eterna para iluminar todos os homens. Ele não se negará aos que lhe estão próximos, cobrindo-a com o jarro do ciúme, esta luz de sabedoria que lhe foi dada[481]. Ele dirá as boas palavras na Igreja dos fiéis para o benefício de muitos[482]. Ele dirá coisas que permaneceram ocultas desde a origem, tudo aquilo que ele ouviu do alto, deixando ressoar em si o Espírito divino, e se aplicando a tudo o que sabe por meio da contemplação dos seres e daquilo que seus Pais lhe ensinaram[483].

[481] Cf. *Mateus* 5: 15.
[482] Cf. *Salmo* 18 (19): 5.
[483] Cf. *Salmo* 77 (78): 2-3.

55. As montanhas da obra dos mandamentos de Deus serão abertas a todo homem consagrado no dia em que ele atingir a perfeição na virtude. Elas lhe destilarão a doçura da alegria quando ele reinar sobre Sião pela perfeição pura. E as colinas, as palavras de virtude, se derramarão em leite. Elas lhe trarão o alimento quando ele repousar sobre o berço da impassibilidade. Todas as fontes de Judá, vale dizer, sua fé e seu conhecimento, farão correr suas águas: os dogmas, as parábolas e os enigmas das coisas de Deus. E a fonte da sabedoria oculta jorrará de seu coração, como da mansão do Senhor, e irrigará a ravina de juncos[484], ou seja, os homens consumidos pela secura e o calor das paixões. Então ele conhecerá em si o verdadeiro cumprimento das palavras do Senhor, que disse: "Aquele que crê em mim, de seu seio correrão rios de água viva[485]".

56. O sol de justiça, disse Deus, se eleva sobre aqueles que reverenciam, e sua cura está em seus atos. Eles deixarão a prisão das paixões e correrão livremente como bezerros soltos dos laços do pecado. Eles pisotearão os homens iníquos e os demônios como se estes fossem cinzas no dia em que eu os restabelecer, disse o Senhor que domina o universo[486], quando eles se levantarão através de todas as virtudes e se tornarão perfeitos pela sabedoria e o conhecimento na comunhão do Espírito.

57. Se, sobre a montanha que domina a planície[487] deste mundo e a Igreja de Cristo, você erguer o estandarte do novo conhecimento do alto, se você levanta em si a voz da sabedoria de Deus que lhe foi concedida- conforme foi dito – exortando e ensinando pela palavra a seus irmãos, abrindo a eles a inteligência da divina Escritura[488] para

[484] Cf. *Joel* 4: 18.
[485] *João* 7: 38.
[486] Cf. *Malaquias* 4: 2-3.
[487] Cf. *Lucas* 6: 71.
[488] Cf. *Lucas* 24: 32.

que compreendam os dons maravilhosos de Deus, e se você se antecipa a eles na obra de seus mandamentos, não tenha medo dos que invejam o poder de suas palavras e que alteram toda a divina Escritura, homens vazios que varreram a si próprios mas que estão prestes a se tornarem morada do diabo[489]. Pois Deus escreveu no Livro dos vivos[490] as palavras de seus lábios, e estes homens não poderão prejudicá-lo, como não o pode Simão a Pedro. Antes dirá você, juntamente com o profeta, neste dia em que os vir estendendo armadilhas para fazê-lo cair no caminho: "Eis que o Senhor é meu Deus e meu Salvador. Eu me confiei a ele. Ele me salvará e a nada temerei. Pois o Senhor é minha glória e meu louvor, e ele me salvou. Eu não cessarei de anunciar as obras de sua glória sobre a terra[491]".

58. Se você perceber em si que o impulso da energia das paixões está inerte e que brota de seus olhos a compunção que provém da humildade, saiba que o Reino de Deus desceu sobre você e que em você concebeu o Espírito Santo. E se você sentir a ação do Espírito, sacudindo-o e falando em seu interior, e levando-o a proclamar na grande Igreja a salvação e a verdade de Deus, não cerre seus lábios[492] por causa da inveja dos judaizantes. Apenas sente-se e, como disse Isaías[493], escreva num bloco de notas[494] aquilo que lhe diz o Espírito: "Estas coisas acontecerão nos dias do tempo e até a eternidade, como lhe foi dito: os que sentem inveja são um povo indócil, filhos mentirosos que não têm fé". São estes os que não querem acreditar que o Evangelho age ainda e que ele criou os filhos de Deus e os profetas, mas que dizem aos profetas e aos doutores da Igreja: "Não nos anunciem a sabedoria de Deus", e àqueles que enxergam as visões da contemplação natural: "Não nos falem disto, mas reportem-nos e anunciem-nos uma nova ilusão que ame o mundo, retirem de nós a palavra de Israel[495]". Não dê atenção à sua inveja e às suas palavras. Porque até os surdos, no final, escutarão aquilo que do alto ressoa em você para o benefício de muitos outros. E os que estão nas trevas desta vida e com os olhos cegados nas brumas do pecado verão[496] a luz em suas palavras. E os pobres de espírito se regozijarão[497] com elas, os homens desesperados se encherão de alegria[498] e os perdidos em espírito conhecerão a sabedoria de suas palavras. Os que murmuram contra você aprenderão a obedecer às palavras do Espírito. E as línguas que balbuciam aprenderão a dizer a paz[499].

59. Feliz daquele que tem em Sião, na Igreja de Deus, a semente do ensinamento de suas palavras, disse Isaías[500], e que tem seus próprios filhos, os filhos do Espírito, na cidade dos primogênitos, na Jerusalém celeste. Pois este homem, diz-se, esconderá suas palavras por algum tempo e ele mesmo será oculto pelas águas que o levam. No final ele aparecerá em Sião, na Igreja dos fiéis, levado como que por um rio glorioso sobre a terra sedenta das ondas de sua sabedoria. Os que se confiaram a ele já não serão derrubados pelos invejosos, mas seus ouvidos escutarão as suas palavras. O coração dos que sofrem na alma escutará com atenção. E que os servidores da inveja não digam mais: "Silêncio", porque um homem piedoso os aconselhou com inteligência e não lhes disse bobagens como estes tolos que são os sábios do mundo. Seu coração nada pensou de vão, nada existe nele que seja iníquo, nada de falso ele disse diante de

[489] Cf. *Mateus* 12: 44.
[490] Cf. *Apocalipse* 3: 5.
[491] *Salmo* 12: 2-4.
[492] Cf. *Salmo* 39 (40): 10.
[493] Cf. *Isaías* 30: 8-10.
[494] Literalmente: "numa tabuinha".
[495] Cf. *Isaías* 30: 10.
[496] Cf. *Isaías* 29: 18.
[497] Cf. *Mateus* 5: 3.
[498] Cf. *Isaías* 29: 19.
[499] Cf. *Isaías* 29: 24.
[500] Cf. *Isaías* 31: 9.

Deus, para dispersar as almas que tinham fome e tornar vazias as almas que tinham sede[501]. Por isso suas palavras continuam a ser um auxílio para muitos, mesmo que não pareçam sê-lo àqueles que o denigrem.

60. Para quem habita sobre uma rocha dura numa caverna elevada, o pão do conhecimento é dado à saciedade, e o cálice da sabedoria até a embriaguez. Assim sua transparência será fiel. Ele verá o Rei na glória e seus olhos verão de longe a terra[502]. Sua alma meditará a sabedoria e anunciará a todos o lugar eterno, fora de onde nada existe.

61. Assim, se a instrução do Senhor abre os ouvidos de todo homem que o reverencia, lhe acrescenta mais um ouvido para escutar e lhe dá uma língua de discípulo para que ele saiba quando dizer[503] uma palavra, quem mais faria recuar os prudentes e os sábios deste mundo desnudando a loucura de sua sabedoria[504]? Quem mais confirmaria as palavras de seus servidores? Quem mais, senão ele mesmo que realiza coisas novas e maravilhosas para sua glória, que traça no coração deserto e seco um caminho de humildade e doçura, que faz jorrar, na reflexão árida e sem água, rios de sabedoria inefável, para irrigar sua raça eleita, o povo que ele guarda a fim de contar suas virtudes[505]. Pois ele caminha diante dos que o amam e reverenciam, ele aplaina as montanhas das paixões, destrói as portas de bronze da ignorância, abre as portas de seu conhecimento e lhes revela nas trevas os tesouros ocultos e invisíveis, para que eles saibam que é ele mesmo o Senhor Deus que os chama por seu nome: Israel[506].

62. Quem é aquele que vence o oceano de paixões e detém suas vagas? É o Senhor dos Exércitos. Ele liberta aos que o amam do perigo do pecado. Ele transforma em calma a tempestade dos pensamentos, coloca suas próprias palavras em suas bocas[507] e lhes cobre com a sombra de suas mãos, sob a qual ele estendeu o céu e fundou o mar. Ele próprio concede aos que o reverenciam uma língua de discípulo e um ouvido inteligente[508] para ouvir sua voz do alto e para anunciar seis mandamentos na casa de Jacó, à Igreja dos fiéis. Mas nos que não têm olhos para ver os raios do Sol de justiça, nem ouvidos para ouvir as maravilhas da glória de Deus, o fim da ignorância é a obscuridade, e a esperança é vã como as palavras. Nenhum destes diz o que é justo. Neles não existe julgamento de verdade. Eles se confiam a coisas vãs e o que eles dizem é vazio. Eles concebem a invejam e dão a luz à difamação. Seus ouvidos são incircuncisos, eles não conseguem escutar. Por isso a palavra de conhecimento de Deus é para eles uma reprovação e eles não a querem ouvir.

63. Que sabedoria pode haver entre aqueles que invejam seu próximo? “Como, diz Jeremias[509], os maledicentes podem dizer: Nós somos sábios, e: A lei do Senhor está do nosso lado, se eles se consomem de inveja diante daqueles que receberam a graça do Espírito pela sabedoria e o conhecimento de Deus? O falso conhecimento dos escribas e dos sábios deste mundo é vã. Eles perderam o caminho da verdadeira ciência”. É por isso que os sábios decaídos da sabedoria do Consolador foram confundidos ao vê-lo crescer entre os filhos dos pecadores, e então temeram o poder de

[501] Cf. *Isaías* 32: 6. 8.
[502] Cf. *Deuteronômio* 34: 4.
[503] Cf. *Isaías* 50: 4-5.
[504] Cf. *Isaías* 44: 25, citado em I *Coríntios* 1: 20.
[505] Cf. I *Pedro* 2: 9.
[506] Cf. *Isaías* 45: 1-3.
[507] *Jeremias* 8: 8-9.
[508] Cf. *Isaías* 50: 4.
[509] *Jeremias* 8: 8-9.

suas palavras. Eles foram capturados nas redes de seus pensamentos, uma vez que rejeitaram a verdadeira sabedoria e o conhecimento do Senhor.

64. Por que terão sido estes homens consumidos pela inveja contra aqueles a quem a graça do Espírito tornou ricos, contra os que receberam uma língua de fogo como a pena de um escriba alerta[510], quando foram eles próprios que abandonaram a fonte da sabedoria de Deus? Pois se eles tivessem seguido o caminho de Deus eles teriam permanecido para sempre na paz da impassibilidade. Eles teriam aprendido onde está a razão, onde a força, onde a inteligência, onde o conhecimento dos seres, onde a longevidade, e a vida, a luz dos olhos, a sabedoria e a paz[511]. Eles teriam aprendido quem encontra o lugar da sabedoria e quem penetra em seus tesouros. Eles teriam aprendido de que forma Deus, por meio de seu profeta, dá suas ordens aos iniciados em sua palavra, quando diz: "Que o profeta que recebeu num sonho uma revelação conte aquilo que viu em sonho. E quem ouviu minha palavra proclame minha palavra com toda a verdade[512]". E ainda: "Escreva para mim em um livro todas as palavras que eu lhe disse[513]". A partir daí, jamais eles teriam sido consumidos pela inveja diante de tais homens.

65. Se um Etíope pudesse mudar sua pele e uma pantera suas manchas[514], também os maledicentes poderiam dizer e projetar o bem, mesmo pensando o mal. Eles enganam o próximo com suas mentiras porque avançam com truques e se riem de seus amigos. Eles não dizem a verdade, pois sua língua já não sabe falar senão uma linguagem vã e falsa[515]. Compreenda, portanto, você, que pelo conhecimento e a palavra de Deus que estão consigo, é invejado e desdenhado por eles. Ore assiduamente e diga com Jeremias: "Senhor, lembre-se de mim, visite-me, guarde-me destes homens maus que me perseguem. Em sua paciência, depois de me testar por tanto tempo, não me rejeite. Saiba que eu sou o opróbrio dos que rejeitam seu o conhecimento. Consuma-os na sua inveja, e a palavra de seu conhecimento fará o regozijo e a alegria de meu coração. Pois eu jamais me sentei na assembleia dos que se riem de seu conhecimento. Eu me confiei às suas mãos. Sentei-me na solidão, pois sua inveja me enchia de amargura. Você me ouvirá, bem o sei, porque você faz com que os perdidos retornem de seus descaminhos (...) Eu o restabelecerei entre meus amigos. Você estará diante da minha face. Se, daquilo que é indigno você extrai o que é nobre, você será como a minha boca. Eu o livrarei das mãos dos malfeitores que o ultrajam, disse o Senhor Deus de Israel[516]".

66. Que os sábios maledicentes escutem todo o fim do discurso[517]. Por meio de suas penas, os Nazireus[518] de Deus se tornaram mais puros do que a neve. Em suas vidas eles estão mais brancos do que o leite. O brilho de sua sabedoria supera o da safira[519], e a forma de sua palavra a da pérola pura. Os que comeram das delícias do conhecimento deste mundo desapareceram. O Espírito os deixou. Os que se alimentaram do grão de sabedoria dos Gregos foram recobertos pelo fumo da ignorância[520]. Eles lançaram cordas sobre si mesmos e ficaram presos a si próprios. Pois sua língua está colada à sua garganta e eles se tornaram mudos. Eles rejeitaram receber, a

[510] Cf. *Salmo* 44 (45): 2.
[511] Cf. *Baruc* 3: 14.
[512] *Jeremias* 23: 28.
[513] *Jeremias* 36: 2.
[514] Cf. *Jeremias* 13: 23.
[515] Cf. *Jeremias* 9: 4-5.
[516] *Jeremias* 15: 15-21.
[517] Cf. *Eclesiástico* 12: 15.
[518] Trata-se aqui dos monges, homens que se consagraram a Deus.
[519] Cf. *Lamentações* 4: 7-8.
[520] Cf. *Lamentações* 4: 5.

custa de penas, a verdadeira sabedoria e o verdadeiro conhecimento do Espírito divino.

67. Deus, que derruba a árvore que se ergue e levanta a que cai, que seca a árvore verde e faz reflorir a árvore seca[521], ele próprio abre a boca dos seus servidores[522] no meio da assembleia numerosa e concede a palavra a todos os que anunciam poderosamente a boa nova[523]. Pois a ele pertencem a sabedoria, a inteligência e a força. E assim como ele muda os tempos e os anos, ele faz reinar sobre as paixões as almas que o buscam e o desejam. Ele os faz passar da vida para a Vida, concedendo por meio do Espírito a sabedoria aos sábios e a inteligência aos que são capazes de compreender. Ele próprio revela aos que sondam as profundezas de Deus as coisas enterradas e ocultas. Ele lhes dá a conhecer aquilo que está envolto nas trevas dos enigmas. Pois a luz da sabedoria e do conhecimento está com ele[524], e ele a concede a quem ele quiser.

68. Para aquele que cumpre com perseverança os mandamentos relativos ao homem exterior e ao homem interior, para quem não vê senão a glória de Deus, são concedidas a honra do conhecimento do céu, a paz da alma e a incorruptibilidade. Pois este não se contenta apenas com ouvir, ele realiza a obra da lei da graça[525]. Seu conhecimento é atestado pelas obras, e Deus não o despreza, mas, juntamente com ele, glorifica este conhecimento pelas palavras que vêm através dele e que manifestam a luz que sua sabedoria faz brilhar na Igreja dos fiéis. Pois Deus não faz acepção de pessoas[526]. Mas a quem se entrega às brigas, a quem desobedece às palavras dos que trazem o Espírito[527], que se deixa persuadir por seu próprio intelecto e pelas palavras enganadoras daqueles que só se cercam de piedade na aparência[528] e que são levados por um espírito de ambição e de amor ao prazer, a este é dada a aflição e a angústia, a inveja, a concupiscência e a cólera. A partir daí este pagará por seu erro e ao final denunciará os pensamentos que se acusarão mutuamente ou que o justificarão, no dia em que Deus julgar os segredos dos homens e retribuir a cada qual segundo suas obras[529].

69. Não é judeu aquele que apenas parece, como se diz, nem é circuncisão aquela que é visível na carne, mas é judeu aquele que o é secretamente, e é circuncisão aquela feita no coração, que provém do espírito e não da letra[530]. Da mesma forma o homem perfeito no conhecimento e na sabedoria não é aquele que o é apenas por sua eloquência e sua bela linguagem, como não é um asceta realizado aquele que estaciona no exercício corporal e visível das penas, mas aquele que se consagra à obra espiritual secreta. Quem fala com um coração puro e bom é um sábio perfeito em conhecimento pelo Espírito de Deus, e não pela letra. Seu louvor não vem dos homens, mas de Deus[531]. Os homens o ignoram e invejam. Somente Deus e aqueles que são animados pelo mesmo Espírito o amam e conhecem.

70. Se nenhuma carne é justificada perante Deus pelas obras da lei[532], como foi dito, que, apenas pelos combates e as penas da ascese, atingirá a perfeição diante de Deus? Com efeito, pela ação nós nos encaminhamos ao estado de virtude e reprimimos a energia das paixões. Mas não é apenas pela ação que nos tornamos homens

[521] Cf. *Ezequiel* 17: 24.
[522] Cf. *Ezequiel* 29: 21.
[523] Cf. *Salmo* 67 (68): 12.
[524] Cf. *Daniel* 2: 21-22.
[525] Cf. *Tiago* 1: 25.
[526] Cf. *Romanos* 2: 11.
[527] Cf. *Romanos* 8: 14.
[528] Cf. II *Timóteo* 3: 3.
[529] Cf. *Romanos* 2: 6.
[530] Cf. *Romanos* 2: 28-29.
[531] Cf. *Romanos* 2: 29.
[532] Cf. *Gálatas* 2: 16.

perfeitos na plenitude de Cristo. Então, o que nos leva à perfeição? A fé interior em Deus: ela é o fundamento daqueles que esperam[533]. Por causa dela Abel ofereceu a Deus um sacrifício maior do que Caim e foi confirmado como justo[534]. Por ela Abrahão, ao ser chamado, aceitou partir e foi habitar na terra prometida[535]. É ela que conduz os que são verdadeiramente fervorosos e os eleva até as grandes esperanças dos mais altos dons de Deus, e de lá até o conhecimento dos seres. É ela que coloca em seu coração os tesouros inesgotáveis do Espírito, para que estes lhe exprimam os mistérios novos e antigos de Deus[536], e para que ele os dê aos que disto necessitam. O homem que recebeu a graça desta fé se eleva pelo amor até a perfeição do conhecimento de Deus e entra em seu repouso[537]. Ele mesmo repousa das obras realizadas, como Deus repousou das suas próprias[538].

71. Deus fez desde o começo a promessa: os que não forem fiéis não entrarão no repouso. Assim sendo, é pela sua falta de fé que eles não podem entrar[539]. Isto posto, como poderiam alguns, apenas pelo exercício corporal, sem fé, entrar no repouso da impassibilidade e na perfeição do conhecimento, quando vemos tantos homens incapazes de aí entrar e repousar de todas as suas penas? Portanto, cada qual deve investigar se não tem em si um coração pervertido pela incredulidade[540]. Pois é por causa desta última que falta a eles o repouso e a perfeição, embora se entreguem a tantas penas. Por isso eles se afadigam todo o tempo nas obras ativas e comem o pão da dor[541]. Se eles não conhecem a graça do sétimo dia[542], que se esforcem para entrar pela fé no repouso da impassibilidade e na perfeição do conhecimento, a fim de não caírem na expressão original da desobediência[543] e não serem submetidos às mesmas coisas que aqueles que um dia foram infiéis.

72. Dotados de sentidos, mas também de palavra e intelecto, devemos oferecer de nós mesmos um dízimo a Deus. Dotados de sentidos, devemos perceber atentamente as coisas sensíveis e por meio de sua beleza nos elevarmos até o Criador, atribuindo a ele o conhecimento irrepreensível dessas coisas. Dotados de palavra, devemos falar o bem das coisas divinas e humanas. Dotados de intelecto, devemos pensar sem erros em Deus, na vida eterna, no Reino dos céus, nos mistérios do Espírito nele ocultos. Tudo isto para provar que sentimos, falamos e compreendemos sã e irrepreensivelmente segundo Deus. Esta é a verdadeira medida e a santa oferenda a Deus.

73. O dízimo que em primeiro lugar devemos a Deus é a Páscoa da alma, ou seja, a superação de todo estado passional e de toda sensação desprovida de razão. Durante esta Páscoa, o Verbo é oferecido em sacrifício por meio da contemplação dos seres. Ele é comido no pão do conhecimento e seu sangue precioso é bebido no cálice da sabedoria misteriosa. Aquele que comeu e celebrou a Páscoa sacrificou em si mesmo o Cordeiro que tira o pecado do mundo[544], e já não mais morrerá, conforme a palavra do Senhor, mas viverá por toda a eternidade[545].

---

533 Cf. *Hebreus* 11: 1.
534 Cf. *Hebreus* 11: 4.
535 Cf. *Hebreus* 11: 8.
536 Cf. *Mateus* 13: 52.
537 Cf. *Hebreus* 4: 3.
538 Cf. *Hebreus* 4: 10.
539 Cf. *Hebreus* 4: 18-19.
540 Cf. *Hebreus* 3: 12.
541 Cf. *Salmo* 126 (127): 2.
542 Cf. *Hebreus* 4: 9.
543 Cf. *Hebreus* 4: 11.
544 Cf. *João* 1: 29.
545 Cf. *João* 6: 58.

74. Aquele que se levantou de suas obras mortas ressuscita com Cristo. E se ressuscita com Cristo por meio do conhecimento, Cristo já não morre mais nele, a morte da ignorância já não mais o domina. Pois aquilo que um dia morreu devido ao pecado, levado por seu movimento natural, morreu de uma vez por todas. O que agora vive, vive por Deus[546], pela liberdade do Espírito Santo, que o levantou de entre as obras mortas do pecado. Ele próprio já não vive mais para a carne e para o mundo, porque morreu para os membros de seu corpo e para as coisas da existência. Mas Cristo vive nele[547] a partir do momento em que ele está sob a graça do Espírito Santo, que ele não está mais submetido à lei da carne, e que ele oferece a Deus Pai seus membros como armas de justiça[548].

75. Aquele que libertou seus membros da escravidão das paixões e os colocou a serviço da justiça[549] entra na santificação do Espírito Santo, tendo superado a lei da carne. O pecado não mais o dominará. Ele se confiou à liberdade e à lei do Espírito. Pois o fim do serviço da justiça não é como o fim da escravidão das paixões. Esta termina na ruína inteligível da alma. Mas aquela conduz à vida eterna oculta em Jesus Cristo[550] nosso Senhor.

76. Enquanto o homem viver carnalmente, a lei da carne o dominará. Mas se ele perece, se se faz de morto para o mundo, ele se livra desta lei[551]. Não existe outro caminho para se morrer para o mundo senão fazendo morrer os membros do corpo. Nós os levamos à morte quando comungamos do Espírito Santo. E sabemos que comungamos do Espírito Santo quando oferecemos a Deus frutos dignos do Espírito: o amor a Deus com toda nossa alma, o amor ao próximo com todas as nossas forças, a alegria do coração que vem de uma consciência pura, a paz na alma que provém da impassibilidade e do auto rebaixamento, a bondade dos pensamentos do intelecto, a paciência nas aflições e nas tentações, a simplicidade de uma vida modesta, a fé interior em Deus e que não duvida de nada, a doçura na humildade, a compunção e a temperança dos sentidos que abarca tudo. Quando levamos estes frutos a Deus, passamos ao largo da lei da carne. Não existe mais lei que nos castigue por causa dos frutos que nos dera a morte quando ainda vivíamos conforme a carne. Pois fomos libertos desta lei[552] desde que fomos levantados de nossas obras mortas, com Cristo, pela liberdade do Espírito.

77. Os que receberam as primícias do Espírito pelo banho do novo nascimento e que as guardaram com todo vigor, pressionados pela pesandez da carne, gemem por si e, com a chegada do Consolador em sua plenitude, aguardam a filiação[553], a fim de ver seu próprio corpo liberto da escravidão da corrupção. Pois o Espírito vem em socorro de sua fraqueza natural e intercede por eles com gemidos inefáveis[554]. Seus corações estão em Deus e suas esperanças esperam ver em sua carne mortal a revelação do Filho de Deus, a morte vivificante de Jesus[555], a fim de se tornarem também filhos de Deus conduzidos pelo Espírito Santo, a fim de receberem a libertação da escravidão da carne e alcançar a liberdade da glória dos filhos de Deus, por quem tudo concorre para o bem, pois eles amam a Deus[556].

---

[546] Cf. *Romanos* 6: 10-11.
[547] Cf. *Gálatas* 2: 20.
[548] Cf. *Romanos* 6: 13.
[549] Cf. *Romanos* 6: 19.
[550] Cf. *Colossenses* 3: 3.
[551] Cf. *Romanos* 7: 2.
[552] Cf. *Romanos* 7: 4-6.
[553] Cf. *Tito* 3: 5.
[554] Cf. *Romanos* 8: 23.
[555] Cf. *Romanos* 8: 26.
[556] Cf. II *Coríntios* 4: 10.

78. A divina Escritura deve ser interpretada espiritualmente, e é aos espirituais que são revelados pelo Espírito Santo os tesouros que estão contidos nela. O homem psíquico não pode receber tal revelação[557]. Este segue seus próprios pensamentos e recusa ouvir ou compreender o que dizem os outros, porque não traz em si o Espírito de Deus que sonda as profundezas de Deus e que conhece as coisas de Deus[558]. Ele tem em si o espírito material do mundo, cheio de ciúme e inveja, transbordando de querelas e divisões[559]. Por isso buscar o sentido e descobrir a inteligência das palavras lhes parece uma loucura. Pois, ignorando que tudo o que está nas divinas Escrituras, relativamente às coisas divinas e humanas, só pode ser considerado espiritualmente, eles se riem daqueles que as veem assim. Na medida em que, como Demas[560], seu pensamento distorce e inverte os pensamentos divinos e as palavras de tais homens, eles afirmam que estes não são espirituais, que não são conduzidos pelo Espírito de Deus, que não têm método. Mas o espiritual não é assim. A tudo ele julga inspirado pelo Espírito divino. Ele próprio não pode ser julgado por ninguém: porque ele tem em si a inteligência de Cristo, a qual ninguém jamais poderá instruir[561].

79. No fogo da revelação do último dia, que então provará a obra de cada um[562], diz Paulo, caso esta obra seja de essência incorruptível e lhe tenha sido dada para edificação, ela permanecerá intacta no meio do fogo. Não apenas ela não queimará, mas resplandecerá em luz, inteiramente purificada, mesmo da menor mácula. Ao contrário, se a obra de alguém foi dedicada à matéria perecível e se ligou a ela para torná-la ainda mais pesada, ela será consumida[563] e o abandonará vazio no meio do fogo. A obra incorruptível, a que permanece, são as lágrimas do arrependimento, a misericórdia, a compaixão, a prece, a humildade, a fé, a esperança, o amor, e tudo o mais que é feito em vista da piedade: aquilo que, enquanto vive o homem, o edifica como um santo homem de Deus[564] e que, quando ele morre, parte consigo e permanece incorruptível por toda a eternidade. A obra que perece no fogo – é evidente para qualquer um – consiste no amor pelos prazeres, pela vanglória e pelo dinheiro, no ódio, na inveja, no roubo, na embriaguez, no ultraje, na condenação e toda falsidade que se realiza no corpo por concupiscência ou cólera. Estas coisas perecem junto com o homem que as traz em si, quando este é queimado pelo fogo da concupiscência e arrancado de seu corpo. E, ao desaparecer, elas abandonam no meio do fogo o operário eternamente atormentado pelos séculos dos séculos.

80. O conhecimento de Deus significa que é conhecido por Deus aquele que nele se edifica humildemente e com a oração, e que ele recebe de Deus a riqueza do verdadeiro conhecimento de seus mistérios sobrenaturais. Mas se a pessoa fica inchada por isto, ela já não está sendo edificada no conhecimento pela humildade e a prece, mas é levada pelo espírito material deste mundo. Por isso tal homem crê saber essas coisas, mas não conhece as coisas divinas como elas devem ser conhecidas[565]. Ao contrário, aquele que ama a Deus, que considera que nada é preferível ao seu amor e ao amor pelo próximo, este conhece tanto as profundezas de Deus como os mistérios de seu Reino, do modo como deve conhecê-los alguém que é guiado pelo Espírito divino[566]. E, realizando pelo amor a vontade de Deus como um verdadeiro operário do Paraíso de sua Igreja, ele se torna

[557] Cf. I *Coríntios* 2: 14.
[558] Cf. I *Coríntios* 2: 10.
[559] Cf. *Romanos* 1: 29.
[560] Cf. II *Timóteo* 4: 10.
[561] Cf. I *Coríntios* 2: 15-16.
[562] Cf. I *Coríntios* 3: 13.
[563] Cf. I *Coríntios* 3: 14.
[564] Cf. *Efésios* 2: 21-22.
[565] Cf. I *Coríntios* 8: 2.
[566] Cf. *Gálatas* 5: 18.

conhecido de Deus[567]. Pois ele faz com que as almas regressem, torna dignos os indignos[568] pela palavra que lhe é dada pelo Espírito Santo e mantém sua obra intacta pela humildade e a compunção.

81. Todos fomos batizados em Cristo pela água e o Espírito Santo. Todos comemos do mesmo alimento espiritual e bebemos da mesma bebida espiritual. Isto é Cristo. No entanto Deus não se compraz na maior parte de nós[569]. De fato, muitos fiéis e monges oprimiram e esgotaram seus corpos sob o peso de inúmeras penas de ascese e exercícios corporais, mas não tiveram a compunção que provém de um coração quebrantado ligado ao bem, nem a compunção inspirada pelo amor ao próximo e a si mesmo. Por isso eles ficaram vazios, perderam a plenitude do Espírito Santo e se afastaram do conhecimento de Deus. A matriz de seu pensamento permaneceu estéril, e suas palavras não contém sal nem luz.

82. O que o Verbo pede aos Nazireus[570] não consiste apenas em subir pela ação a montanha do Sinai, nem em se purificar antes de subir, nem em lavar suas vestes, nem em se abster de mulher[571], mas em ver a Deus, não por trás[572], mas ele próprio em sua glória, comprazendo-se neles, dando-lhes as tábuas do conhecimento e enviando-os para edificar seu povo[573].

83. Depois de haver revelado seus mistérios ocultos, seus maiores mistérios, o Verbo não tomou consigo todos os seus servidores e discípulos, mas apenas a alguns deles, a quem ele concedeu um ouvido, aos quais abriu os olhos e deu ainda uma língua nova[574]. Tomando-os em separado dos demais, que também eram seus discípulos, ele subiu o monte Tabor da contemplação e se transfigurou diante deles[575]. Ele não os iniciou ainda no Reino dos céus, mas mostrou-lhes a glória e o esplendor da Divindade. Ele concedeu Às suas vidas e às suas palavras que brilhassem por si próprias como o sol no meio da Igreja dos fiéis. Ele transformou seus pensamentos em brancura, em pureza de luz radiante. Neles ele colocou seu intelecto e os enviou a proclamar com suas bocas o novo e o antigo[576], para que edificassem sua Igreja.

84. Muitos colocaram todo seu cuidado em cultivar seus campos, lançando neles uma semente pura, depois de haver cortado as ervas daninhas e queimado os cardos sob o fogo do arrependimento, mas, como Deus não espalhou sobre seus campos a chuva do Espírito Santo que é suscitada pela compunção, estes campos nada produziram e se consumiram na secura. Eles não produziram por si sós as espigas fecundas do conhecimento de Deus. É por isso que, mesmo não tendo passado fome nem sido privados da palavra de Deus, eles não receberam seu conhecimento e permaneceram de mãos vazias, tiveram pouco o que levar para se alimentarem no festim e morreram na alma.

85. Todo homem que pronuncia com sua boca palavras confiáveis para a edificação do próximo as extrai do bom tesouro do seu coração, por ser bom, como disse o Senhor[577]. Ninguém pode se dedicar à teologia e dizer coisas relativas a Deus, se não for no Espírito Santo[578]. E ninguém, se falar pelo Espírito de Deus, pode

[567] Cf. I *Coríntios* 8: 3.
[568] Cf. *Jeremias* 15: 19.
[569] Cf. I *Coríntios* 10: 4-5.
[570] Cf. Nota 518 : Trata-se aqui dos monges, homens que se consagraram a Deus.
[571] Cf. *Êxodo* 19: 15.
[572] Cf. *Êxodo* 33: 23.
[573] Cf. *Êxodo* 19: 23.
[574] Cf. *Isaías* 35: 6.
[575] Cf. *Mateus* 17: 2.
[576] Cf. *Mateus* 13: 52.
[577] Cf. *Lucas* 6: 45.
[578] Cf. I *Coríntios* 12: 3.

dizer coisas contrárias à fé em Cristo. Mas afirmando aquilo que edifica, que conduz a Deus e a seu Reino, ele restabelece a nobreza primordial e une a Deus muitos que se salvam. E, se a revelação do Espírito é dada a cada um para seu benefício[579], aquele que recebeu em abundância a palavra da sabedoria de Deus e que escutou a palavra do conhecimento é conduzido pelo Espírito divino. Ele se torna a morada dos tesouros inesgotáveis de Deus.

86. Todo homem batizado em Cristo e que acreditou jamais será deixado sem a graça do Espírito, desde que não se entregue às energias do espírito contrário, se não manchar a fé com suas obras e se não viver na irresponsabilidade e na negligência. Pois ele terá guardado vivas as primícias do Espírito Santo recebidas por meio do santo batismo. Ou então as terá reacendido com obras de justiça, caso estas se tenham extinguido. É impossível que ele não receba do alto o cumprimento desta justiça. Pois, ou bem ele conduziu o bom combate da palavra da sabedoria de Deus e, pela plenitude do Espírito, se tornou digno de ensinar na Igreja; ou ele recebeu a palavra do conhecimento dos mistérios de Deus e o mesmo Espírito o tornou digno de ver os mistérios do Reino dos céus; ou ele recebeu a fé interior, no mesmo Espírito, e lhe foi concedido crer nas promessas de Deus, como Abrahão; ou ele recebeu o carisma da cura no mesmo Espírito, para curar os enfermos; ou ele recebeu a energia das potências para expulsar os demônios e fazer milagres; ou recebeu o dom das profecias para prever e predizer as coisas por vir; ou o discernimento dos espíritos, para distinguir quem fala e quem não fala no Espírito de Deus; ou a interpretação das diferentes línguas[580], ou a proteção dos aflitos, ou a condução dos rebanhos de Deus[581] e do povo, ou o amor por todos e seus carismas, a paciência, a bondade e tantos outros[582]. Mas se alguém não possui nenhum destes dons, já não posso afirmar que ele seja fiel, nem posso contá-lo dentre os que se revestiram de Cristo pelo batismo divino[583].

87. Aquele que tem amor não é capaz de invejar por ciúme. Ele não fanfarroneia por orgulho e presunção, nem se infla contra ninguém, nem faz o que possa ser inconveniente ao próximo. Ele não busca seus próprios interesses, mas os do próximo. Ele não se irrita prontamente contra aqueles que o afligem, nem investiga se aquilo que lhe acontece é mau. Ele não se regozija com as faltas de seus amigos, mas, juntamente com eles, com a verdade e a justiça. Ele aceita todas as aflições que lhe advêm. Em tudo ele crê, com simplicidade e inocência. Ele espera receber de Deus o fruto de tudo o que ele nos prometeu. Ele suporta tudo o que lhe advém na forma de tentações e não devolve o mal com o mal. O operário do amor jamais abandona o amor ao próximo[584].

88. Dentre aqueles a quem foi concedido receber do alto a graça do Espírito Santo em seus diferentes carismas, alguns ainda são crianças e não atingiram a perfeição à qual os carismas divinos conduzem, enquanto outros são adultos e perfeitos na plenitude destes carismas. Os primeiros, compenetrados no cumprimento dos mandamentos divinos, crescem por meio destes e, cumulados com os maiores dons do Espírito, abandonam os carismas próprios da infância. Os outros, indo além e até o final no amor e no conhecimento de Deus, fazem cessar em si os carismas parciais, quer sejam estes a profecia, como foi dito, ou o discernimento, a inteligência das coisas ou o governo dos homens[585], etc. Pois aquele que penetrou no templo do amor já não conhece apenas parcialmente

[579] Cf. I *Coríntios* 12: 7.
[580] Cf. I *Coríntios* 12: 9-11.
[581] Cf. I *Coríntios* 12: 28-29.
[582] Cf. I *Coríntios* 13: 4-7.
[583] Cf. *Gálatas* 3: 27.
[584] Cf. I *Coríntios* 13: 4-8.
[585] Cf. I *Coríntios* 12: 28-29.

ao Deus Amor, mas, encontrando-o face a face, conhece-o como ele próprio é conhecido por Deus[586].

89. Aquele que, em sua fervorosa busca pelos carismas espirituais, persegue e descobre o amor, já não suporta, pela prece e a leitura, falar apenas para sua própria edificação. Pois quem, por meio da prece e da salmódia, só fala a Deus com sua língua, edifica a si mesmo, como disse Paulo, mas deve também se apressar em profetizar para edificar a Igreja de Deus[587], ou seja, em ensinar aos que lhe são próximos a obra dos mandamentos de Deus e o modo como devem se esforçar para agradar a Deus. Em que poderia servir aos demais aquele que diariamente não fala senão a si próprio e a Deus por meio da prece e da salmódia, se não falar também aos que dependem dele, seja por uma revelação do Espírito Santo, seja pelo conhecimento dos mistérios de Deus, seja pelo carisma da previsão e da profecia, seja pelo ensino[588] da palavra da sabedoria de Deus? Quem dentre seus discípulos irá se preparar para combater[589] as paixões e os demônios se ele não lhes dispensar um ensinamento claro, por escrito ou de viva voz? Na verdade, se o pastor não busca edificar seu rebanho para que este receba em abundância a palavra do ensino e do conhecimento do Espírito, sua busca pelos carismas de Deus carece de fervor. Pois, não fazendo mais do que cantar e orar apenas com sua língua em espírito, ou seja, orando com sua alma, ele edifica a si próprio, mas seu intelecto permanece estéril[590]: ele não profetiza, nada ensina nem edifica a Igreja de Deus. Se Paulo, que, mais do que todos os homens, se uniu a Deus, preferia dizer na Igreja cinco palavras com sua inteligência fecunda para ensinar aos outros, mais do que dizer dez mil palavras de salmódia com a língua[591], isto significa que os que dirigem os homens se desviarão para longe do caminho se abandonarem seu encargo de pastores para se dedicarem apenas à leitura e à salmódia.

90. Aquele que, a partir da matéria e da essência intelectual, nos concedeu o ser, aquele que paradoxalmente uniu e constituiu em um só todos os elementos da natureza que por si só são contrários, também nos deu a arte de bem viver pela palavra de sua sabedoria e a palavra do conhecimento, para que, de um lado, por meio do conhecimento do Espírito vejamos os tesouros do Reino dos céus ocultos junto a ele e que ele nos concedeu e, de outro lado, por meio da sabedoria de sua palavra, possamos dar aos que nos estão próximos a riqueza de sua bondade e os bens da vida eterna, que ele preparou para a delícia daqueles que o amam[592].

91. Quem ultrapassou as ameaças e as promessas das três leis penetrou na vida que já não está sujeita à lei. Este se tornou a própria lei da Igreja e já não está sob o poder da lei. A vida que não está sujeita à lei é livre e está acima de toda necessidade natural e de toda desorientação. Quem nela penetra está livre, como se vivesse fora da carne. Ele se torna como o fogo na comunhão do Espírito, totalmente unido a Cristo, acima de toda natureza. Nele foi abolido tudo o que é parcial[593].

92. Quem chegou ao conhecimento do Intelecto primigênio, que é o começo e o fim do universo, já não tem em si nenhum limite e se encontra simultaneamente dentro e fora de todos os seres; este é capaz de permanecer só e de viver só em meio aos solitários. Ele não perde nada de sua perfeição por estar só, nem perde sua solidão por

[586] Cf. I *Coríntios* 13: 9 e 12.
[587] Cf. I *Coríntios* 14: 2-4.
[588] Cf. I *Coríntios* 14: 6.
[589] Cf. I *Coríntios* 14: 8.
[590] Cf. I *Coríntios* 14: 4.
[591] Cf. I *Coríntios* 14: 19.
[592] Cf. *Romanos* 2, 4 e 9.
[593] Cf. I *Coríntios* 13:9-10.

estar junto de muitos outros. Ele é sempre o mesmo em qualquer parte, e é só em tudo. Ele tem como começo o movimento que o leva à solidão no meio dos demais, e como fim a mais alta perfeição da virtude.

93. A união sem confusão, a conjunção da alma e do corpo, quando de acordo consigo mesma, constitui uma só e mesma obra, seja da matéria, seja da natureza. E se ela não esta em acordo, um combate interior desperta o desejo de vitória. Mas a razão vem e toma o poder, dissipando logo toda inveja e colocando a concórdia à frente. Assim ela entrega a totalidade das obras à natureza e ao Espírito.

94. Dos três seres que nos constituem, um comanda e não é comandado; outro comanda e é comandado; e o terceiro não comanda e é comandado. Assim, quando aquele que comanda se vê dominado pelos que são comandados, aquele que é livre por natureza se vê submetido aos que normalmente são sujeitados. Ele é deslocado de sua própria hegemonia e de sua natureza própria. Assim se estabelece um grave conflito entre eles e, se este conflito existe, não se pode dizer que tudo está submetido à razão[594]. Mas quando o que comanda consegue dominar os outros e conduzi-los sob seu poder e sua soberania, então tudo o que estava separado é reunido no Um e entra em acordo, e o que conduz a Deus traz consigo a paz. Estando tudo sujeito ao Verbo, o Reino é entregue por ele a Deus Pai[595].

95. Quando os cinco sentidos submetidos aos quatro princípios das virtudes fundamentais guardam em si a docilidade, eles dispõem a natureza do corpo, formada por quatro elementos[596] a seguir sem perturbações a roda da vida. Neste movimento da natureza, as potências não se revoltam contra sio mesmas. A parte passional do desejo e do ardor se une à razão. O intelecto, assumindo seu poder natural, faz dos quatro princípios seu carro, dos cinco sentidos submissos seu trono e, combatendo a carne tirânica, arrebatado aos céus, é conduzido pela quadriga[597]. Ele se apresenta ao Rei do universo, recebe a coroa da vitória e repousa nele da longa carreira.

96. Para os que se tornaram perfeitos no tempo da contemplação e que estão fundamentados sobre as colunas do Espírito, o cálice está preparado e o pão já foi trazido para a mesa real. Eles repousam sobre o trono, ricos em prata. Um tesouro de pérolas e pedras preciosas está às suas portas e uma riqueza incontável é colocada em suas mãos. A ação logo faz deles homens clarividentes em suas obras. Ela os prepara a que se dirijam ao Rei e não para os homens preguiçosos.

97. O Reino dos céus é concedido já aqui em baixo a todos os que se consagram a Deus, ou apenas após a dissolução do corpo? Se ele é concedido desde agora, a vitória é invencível, a alegria inefável e nossa elevação ao Paraíso é livre. Pois este se encontra diretamente no oriente divino[598]. Mas se devemos espera-lo após a morte e a dissolução, e se o abandono do mundo é feito sem temor, aprendamos no que consiste o Reino dos céus, o Reino de Deus e o Paraíso, e no que um difere do outro, e qual é o tempo de cada um, e como, quando e depois de quanto tempo nos será dado penetrar num ou noutro. Pois quem viveu no interior do primeiro, ao mesmo tempo em que existia aqui em baixo revestido de sua carne, também não deixou de estar nos outros.

---

[594] Cf. Hebreus 2: 8.
[595] Cf. I *Coríntios* 15: 24.
[596] Água, terra, fogo e ar.
[597] Cf. II *Reis* 2: 11. A quadriga das virtudes consiste nas quatro virtudes fundamentais que conduzem do corpo carnal ao corpo glorioso.
[598] Cf. *Gênesis* 2: 8.

98. O mundo do alto, que ainda não está acabado, aguarda para se realizar recebendo os primogênitos de Israel, que querem a Deus, para seu restabelecimento. Pois o mundo do alto se realiza e termina por meio daqueles que alcançam o conhecimento de Deus. Uma vez acabado, ele põe fim ao mundo de baixo, o mundo dos fiéis e dos infiéis e abre a todos uma passagem para si, dispensando a cada um o mesmo grau e separando de uns e de outros aquilo que não estava em si unido a ele. Ele conduz para si, provindo de si mesmo, a origem e o fim dos seres. Ele lhes assinala os limites, como uma fronteira sem margens. Mas ele próprio não é conduzido por nenhuma outra origem. Nada o transporte e nada o limita. Pois ele é em si o movimento perpétuo, não confinado em si mesmo, mas que ao mesmo tempo não ultrapassa seus próprios limites. Mas ele realiza o sábado dos outros, e é o repouso de toda origem e de todo começo.

99. A unidade das Potências do alto, que canta os louvores, dirige os hinos e conduz o coro, tem uma composição trinitária. Ela está diante da Trindade de modo trinitário, celebrando a Liturgia e oferecendo o louvor temerosamente. Uns se estendem sob a origem e a causa de tudo. Eles procedem desta origem, são os mais próximos e dirigem os hinos: seus nomes são os Tronos, os Querubins e os Serafins. Eles têm como característica a sabedoria inflamada, o conhecimento do celeste, e sua finalidade é o hino divino de El[599], em língua hebraica. Os que estão entre os três primeiros e os três seguintes na ordem, rodeiam a Deus. São os Poderes, as Dominações e as Potências. Eles têm como característica a direção das grandes coisas, a energia dos milagres e os prodígios dos sinais. Sua finalidade é o hino três vezes santo: Santo, Santo, Santo[600]. Os últimos, os mais próximos de nós, estão acima de nós mas abaixo daqueles que cercam a Deus. São os Principados, os Arcanjos e os Anjos. Deles é propriamente o serviço litúrgico e sua finalidade é o hino sagrado do Aleluia[601]. A natureza racional que está nos homens, que leva à perfeição toda virtude e que eleva toda sabedoria e todo conhecimento do Espírito e do fogo divino, se une a essas potências pelos carismas de Deus, atraída que é por todos através da pureza. Ela se une a uns pelo serviço e a liturgia dos mandamentos de Deus; ela se une a outros pela compaixão, pela proteção dos irmãos de raça e ainda pela economia das grandes coisas de Deus e pelas energias do Espírito; enfim, ela comunga dos terceiros pela sabedoria inflamada da palavra e pelo conhecimento das coisas divinas e humanas. Assim completa, e oferecendo, para transmutá-los, os dons da natureza, por meio deles ela se une a Deus pela década[602], oferecendo de si a ele as primícias do dízimo.

100. Deus é Unidade e Trindade. Ele tem sua origem na Unidade e seu fim em si mesmo como num círculo, tal como a década. Ele tem em si a origem e o fim de tudo. Mas ele também está além de tudo, porque está acima do universo. Quem entra em Deus penetra nas razões e no conhecimento dos seres: fora de tudo, permanece no entanto no interior de tudo. Ele conhece a origem e o fim das coisas, pois ele está, em seu Intelecto, unido ao Pai pelo Verbo e perfeito no Espírito. A esta perfeitíssima e indivisível Trindade consubstancial, adorada no Pai, no Filho e no Espírito Santo, glorificada na Natureza única, no único Reino, na Potência única da Divindade, seja dada a honra, o poder e a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

---

[599] Um dos nomes de Deus em hebraico. Cf. Denis o Areopagita, *Hierarquia celeste* XV, 9.

[600] Cf. *Isaías* 6: 3.

[601] Cf. *Apocalipse* 19: 1. Cf. Denis o Areopagita, *Hierarquia celeste* IV, 1.

[602] O cumprimento da liturgia da nove ordens angélicas: Deus em si.

TEOLEPTO DE FILADÉLFIA

SOBRE E PROFISSÃO MONÁSTICA
E OUTROS CAPÍTULOS

Teolepto de Filadélfia

Teolepto, que foi bispo de Filadélfia, viveu no reinado de Andronico II Paleólogo, por volta de 1325. De início ele levou uma vida ascética e anacorética sobre a santa Montanha de Athos. Depois, tendo recebido como encargo a Sé de Filadélfia, ele iniciou na grande beleza de seus ensinamentos a Gregório de Tessalônica. Ele lhe ensinou a santa nepsis *bem como a* noera proseuké *– a prece intelectual – enquanto este ainda era leigo, conforme relatado nos escritos do Patriarca Filoteu sobre a vida do mesmo Gregório.*

O presente tratado, composto por ele, é um excelente testemunho e uma regra exata da meditação oculta em Cristo, como capítulos coesos, muito bem escritos, que unem o pensamento divino à pureza do fraseado. Eles foram inseridos aqui por serem mais confiáveis do que quaisquer outros e dignos de serem estudados por aqueles que se esforçam por recolher na concisão os sábios ensinamentos da filosofia espiritual.

*

A renovação hesiquiasta dos séculos XIII e XIV, no norte da Grécia, oferece muitos aspectos. Acima de tudo ela prolongou, assumiu e realizou um milênio de tradição monástica. Mas também foi um movimento de resistência à vontade declarada de alguns imperadores bizantinos, notadamente Miguel VIII Paleólogo, de contratar a qualquer preço uma aliança política com o Ocidente cristão para tentar conjurar a ameaça turca. Enfim, quando esta aliança foi denunciada, a renovação se tornou naturalmente uma causa comum com texturas hierárquicas, doutrinais, litúrgicas e sacramentais da Igreja ortodoxa que, desde o século IV, pela consagração e a resistência, os Padres fundadores do hesiquiasmo haviam amplamente contribuído para formar.

A vida e a obra de Teolepto de Filadélfia (nascido em Nicéia em 1250, morto por volta de 1320) participa destes três aspectos. Por ter sido um dos que resistiram à estratégia do imperador, Teolepto foi enviado em exílio para uma ilha do mar Egeu juntamente com diversos monges do Monte Athos, inclusive Nicéforo o Solitário, que o iniciaram no hesiquiasmo. Libertado ele foi recebido em Athos e depois se tornou metropolita de Filadélfia após a morte de Miguel VIII, onde procurou concentrar e unificar a Igreja do Oriente sobre o fundamento das origens e da tradição monástica. Ele próprio manteve mosteiros em Constantinopla e foi um dos iniciadores de Gregório Palamas. Sua mediação exemplar foi certamente decisiva.

A Filocalia apresenta dois textos distintos de Teolepto. O primeiro reproduz a essência de uma carta endereçada à princesa Irene, viúva do imperador João Paleólogo, que se tornara monja. Mas o destinatário desta carta – sobre a profissão monástica – é, nesta versão filocálica, um monge anônimo. O segundo texto, mais curto, explicita e precisa em nove capítulos as modalidades da iniciação.

A profissão monástica é incialmente comparada a uma árvore na qual tudo está, das raízes aos frutos, onde tudo contribui para a chegada da vida eterna, desde a renúncia às ligações com o mundo até a aquisição do amor deificante, permitindo ao cristão verificar e confirmar seu batismo, para finalmente se revestir de Cristo. “Esforce-se para transformar o chamado em ação”, diz Teolepto. Assim, a vocação monástica, devotada à imolação e à glória, não é para a Igreja senão a abertura infinita de toda a fé cristã: não mais viver para o mundo senão pelos “sentidos do Espírito”. A exortação é tradicional, toda cerzida de imagens e palavras bíblicas, mas ao mesmo tempo direta, viva, calorosa. Ela não percorre todo o campo de aplicação da vocação senão para atestar aos egressos o exercício permanente do hesiquiasmo: a passagem da inteligência simples para a prece pura, e da prece pura ao amor luminoso consagrado à “beleza de Cristo”, esta passagem que instaura a ordem filocálica no coração crucificado para o mundo.

DISCURSO
QUE EXPLICA O TRABALHO OCULTO
QUE IMPLICA A VIDA EM CRISTO
E QUE MOSTRA O LABOR IMPOSTO
PELA PROFISSÃO MONÁSTICA.

A profissão monástica é como uma grande árvore coberta de folhas e de numerosos frutos. Sua raiz é a superação de todas as coisas do corpo. Seus galhos são a ausência de paixões na alma e a ruptura para com as coisas do mundo das quais fugiu. Seu fruto é o amor deificante, a aquisição das virtudes e o regozijo ininterrupto que deles advém. Com efeito, foi dito que o fruto do Espírito é o amor, a alegria, a paz[603] e assim por diante. A fuga para longe do mundo permite refugiar-se em Cristo. Chamo de "mundo" o amor pelas coisas sensíveis e pela carne. Aquele que por meio do conhecimento da verdade ultrapassa as coisas do mundo se une a Cristo. Ele adquire seu amor, este amor pelo qual ele rejeitou tudo o que vem do mundo, e resgatou a pérola preciosa[604], Cristo. Assim, pelo batismo salutar, você se revestiu de Cristo[605], por intermédio do banho divino você se limpou de toda sujeira, e você reencontrou o esplendor da graça espiritual e a nobreza da criação.

Ora, o que aconteceu? Ou antes, o que sofreu o homem em sua irresolução? Por seu amor ao mundo, ele transformou os signos divinos com os quais fora marcado. Com seu pendor pela carne, ele corrompeu a imagem. A bruma dos pensamentos passionais empanou o espelho da alma, este espelho no qual aparece Cristo, o Sol espiritual. Você fechou a alma ao temor de Deus e conheceu as trevas da deserção do mundo. Você experimentou o quanto o ruído dispersa a inteligência e viu aonde as vãs distrações e a vida agitada levam os homens. E assim você foi ferido pela flecha do amor à hesíquia e buscou a paz dos pensamentos[606]. De fato, você aprendeu: "Busque a paz e a possua[607]". Você desejou o repouso que está além, porque ouviu: "Volte, alma minha, ao seu repouso[608]".

Considere então a nobreza que, pela graça, você recebeu no batismo, e recuse em pensamento ser chamado para o mundo das paixões. Com seu bom senso você se pôs a trabalhar, dirigiu-se ao local sagrado da meditação, revestiu-se do hábito precioso do arrependimento, e com toda sua alma prometeu permanecer no mosteiro até a morte. Daqui por diante você fez uma segunda aliança com Deus. A primeira você fez ao entrar na sua vida presente. E a segunda, você fez quando se apressou em se encaminhar para o fim desta vida. Então você se ligou a Cristo pela piedade e agora, por meio do arrependimento, você se prometeu a ele. Aí você encontrará a graça. Aqui você calculou sua dívida. Até então você era uma criança e não havia sentido a dignidade que lhe fora dada, e mesmo que mais tarde, ao crescer, você tivesse conhecido o dom, ainda trazia o freio na boca. Agora você atingiu a perfeição e reconheceu o poder daquilo que lhe fora prescrito.

Mas cuide para não transgredir sua promessa. Então, como um vaso inteiramente partido, você será rejeitado para as trevas exteriores onde estão o choro e o ranger de dentes[609]. Pois fora do caminho do arrependimento não existe outra via que conduza à salvação. Escute o que disse Davi: "Você fez do Altíssimo seu refúgio[610]". Se você

---

[603] *Gálatas* 5: 22.
[604] *Mateus* 13: 46.
[605] Cf. *Gálatas* 3: 27.
[606] Cf. *Jeremias* 36: 11.
[607] *Salmo* 33 (34): 15.
[608] *Salmo* 114 (115): 7.
[609] *Mateus* 8: 12.
[610] *Salmo* 90 (91): 9.

escolheu seguir a Cristo sobre o caminho estreito da vida[611], o mal que os hábitos do mundo lhe deram em partilha não virá a você[612]. Se você escolheu se arrepender, o amor pelo dinheiro, as delícias e as honras do mundo, as vestes luxuosas, a intemperança dos sentidos não mais o queimarão, os iníquos não se colocarão diante de você[613], o inchaço da reflexão, a alienação do intelecto, a presunção dos sucessivos pensamentos, toda outra alteração, toda outra confusão voluntária, a ligação aos pais, irmãos e próximos, amigos e familiares, nada o alcançará. Com eles você já não terá conversação nem relação intempestiva e inútil.

Se de corpo e alma você ama assim renunciar ao mundo, o chicote da dor não mais tocará sua alma[614], a flecha da tristeza não ferirá seu coração, seu rosto jamais voltará a ser sombrio. Os que se afastam dos hábitos do prazer, os que cessam de pender para tudo de que falamos, amaciam, de fato, as penas da tristeza. Pois Cristo aparece à alma que luta e a cumula de alegria inefável. E nada dentre as delícias ou as infelicidades do mundo pode jamais retirar dela esta alegria espiritual[615]. Com efeito, as boas práticas, as lembranças salutares, os pensamentos divinos, as palavras de sabedoria assistem ao que combate, o protegem por todas as veredas[616] de suas obras dedicadas a Deus. Assim ele caminha sobre todo desejo desprovido de razão e todo ardor fogoso, como sobre a víbora e o basilisco, ele pisoteia a cólera como o leão e o prazer como o dragão[617]. E a causa é a seguinte: separado dos homens e das coisas às quais nos referimos, ele colocou em Deus toda sua esperança, tornou-se rico do conhecimento de Deus a quem em espírito ele chama sempre em seu auxílio. Pois foi dito: "Ele esperou em mim e eu o libertei, e o protegerei porque ele conheceu meu nome. Ele me chamou e eu o escutei. E não apenas eu o libertarei dos que o atormentam, mas o glorificarei[618]".

Vê você os combates daqueles que consagram sua vida a Deus, e a recompensa que recebem? Então, esforce-se por transformar o chamado em ação. Assim como você dedicou seu corpo à solidão e como, rejeitando os pensamentos sobre as coisas, mudou seus hábitos, faça-se estrangeiro, afaste-se das palavras, mesmo daquelas que convêm à sua condição. Pois se você não puser fim em si mesmo ou redemoinho das coisas de fora, você poderá se levantar contra aqueles que, no seu interior, estendem armadilhas. Se você não vencer os que o combatem por meio das coisas visíveis você não poderá derrubar os adversários invisíveis. Mas quando você abolir as distrações de fora, quando apagar os pensamentos interiores, então o intelecto despertará pata as obras e as palavras do Espírito. Em lugar do hábito das coisas que lhe são naturais e familiares, você trabalhará as virtudes. Em lugar das palavras vãs suscitadas pelo comércio com o mundo, o estudo e a explicação das palavras divinas meditadas pelo intelecto esclarecerão e instruirão a alma. Quando são acorrentados os sentidos, a alma descobre a liberdade. O por do sol traz a noite. Então Cristo se retira da alma e as trevas das paixões se apoderam dela, as feras espirituais a atacam. Mas quando se ergue o sol sensível, as feras se reúnem nos seus antros. Cristo se eleva no firmamento do intelecto que ora, e todo costume do mundo se afasta. O amor pela carne passa. Até o entardecer o intelecto parte para realizar seu trabalho[619], que é o estudo das coisas de Deus. Ele não limita no tempo a obra da lei espiritual, nem a mede, mas trabalha

[611] Cf. *Mateus* 7: 14.
[612] *Salmo* 90 (91): 10.
[613] *Salmo* 5: 6.
[614] Cf. *Salmo* 90 (91): 10.
[615] Cf. *João* 16: 22.
[616] Cf. *Salmo* 90 (91): 11.
[617] Cf. *Salmo* 90 (91): 13.
[618] Cf. *Salmo* 90 (91): 15.
[619] *Salmo* 103 (104): 23.

nela num êxodo da alma fora do corpo, até atingir o fim da presente vida.

É o que quis dizer o profeta quando falou: "Eu amo sua obra, Senhor, e a estudo todo o dia[620]". O que ele chama de dia representa, para cada um, o decurso da vida presente. Cesse então todo comércio com as coisas de fora e combata os pensamentos interiores até encontrar o lugar da prece pura e a morada onde habita Cristo, que o iluminará e o cumulará de doçura com seu conhecimento e sua vinda, e o colocará num estado em que você considerará como uma alegria as aflições que você sofre por ele, e no qual você já não se submeterá aos prazeres do mundo que são como o absinto.

Os ventos levantam as ondas do mar e, se a tempestade não cessar, nem as ondas se acalmam, nem o mar se tranquiliza. E os espíritos de malícia levantam na alma do monge negligente a lembrança dos pais, dos irmãos, dos próximos, dos familiares, dos festins, das festas, dos espetáculos e de todas as outras imagens do prazer. Eles dão a entender que a felicidade está no uso dos olhos, da língua e do corpo. A hora presente então se consume na vacuidade. E a hora seguinte, quando você permanece só na cela, passa com a lembrança daquilo que você viu e que lhe disseram. A vida do monge escoa, inútil, nas obras deste mundo, que gravam no intelecto suas lembranças, como os pés de um homem que deixa na neve suas próprias pegadas. Se alimentamos as feras, quando as iremos matar? Se multiplicamos em nossas obras e pensamentos as ligações e os hábitos irracionais, quando faremos morrer o cuidado com a carne? Quando viveremos a vida em Cristo que prometemos viver?

As pegadas dos pés sobre a neve ou derretem sob o sol que brilha ou desmancham sob a chuva que cai. Assim como as lembranças que o amor e a prática dos prazeres cavam no intelecto desaparecem sob Cristo, quando ele se levanta no coração pela prece, e sob a carícia dolorosa da chuva de lágrimas. Então, se o monge não trabalha a razão, quando apagará ele as presunções que encobrem seu intelecto? A obra das virtudes se realizará no corpo se você deixar para trás os hábitos do mundo. As boas lembranças se imprimirão em você e as palavras divinas adorarão permanecer em sua alma se a memória das ações primitivas for sendo apagada por meio de preces contínuas que doce e dolorosamente você realizar em seu intelecto. Pois a luz com a qual a fé em Deus cumula sua memória, aliadas à contrição do coração cortam como uma navalha as más recordações.

Imite a sabedoria das abelhas. Com efeito, quando estas percebem um enxame de vespas voando ao redor, se aquartelam dentro da colmei e assim escapam aos danos das agressões. As vespas aqui representam os eventos do mundo. Fuja deles o mais depressa possível. Permaneça no santuário do templo e, daí, esforce-se para entrar novamente na cidadela interior da alma, que é a morada de Cristo, na qual se revelam a paz, a alegria, a serenidade do Sol espiritual, enquanto Cristo envia seus dons, como raios, e os concede como uma recompensa à alma que o recebe na fé e no amor pela beleza.

Assim, sentado em sua cela, lembre-se de Deus, eleve seu intelecto acima de tudo, volte-se para Deus sem nada dizer, desdobre diante dele o estado de seu coração e se prenda a ele com todo seu amor. Pois a lembrança de Deus é a própria contemplação de Deus, que chama para si a visão e o desejo do intelecto e o cerca com sua luz. Quando ela retorna a Deus cessando de conceber as formas dos seres, o intelecto, com efeito, passa a ver independentemente das formas. Chegando ao mais alto ponto do desconhecimento, ele ilumina sua própria visão com a luz inacessível da glória. Ele já não conhece nada, por que aquele a quem vê é incompreensível. Ele

[620] *Salmo* 118 (119): 97.

apenas conhece através da verdade d'Aquele que verdadeiramente *é* e que é o único que *é* além e acima do ser. Ele alimenta seu desejo de amor com a riqueza da bondade que emana desta fonte e, cumulando de certeza sua própria diligência, ele se torna digno de um repouso bem-aventurado que não tem mais fim.

Estes são os sinais da lembrança exata. A prece é um diálogo do pensamento com o Senhor, um diálogo no qual se realizam as palavras da súplica ao mesmo tempo em que o intelecto tende por completo para Deus. Com efeito, a partir do momento em que o pensamento pronuncia sem cessar o nome do Senhor e que o intelecto está claramente atento à invocação do nome divino, a luz do conhecimento de Deus cobre com sua aura toda a alma como uma nuvem radiante[621]. A lembrança exata de Deus engendra o amor e a alegria. De fato, foi dito: "Eu me lembrei de Deus e me regozijei[622]". E a prece pura engendra o conhecimento e a compunção. Pois foi dito: "No dia em que o chamei soube que você é meu Deus [623]". E ainda: "Meu sacrifício a Deus será um coração quebrantado[624]". Naqueles que, como todo seu intelecto e todo seu pensamento se voltam para Deus por meio da energia da tensão e do calor da prece, a alma, com efeito, se recolhe em ternura. Mas nos que, em seu intelecto, a razão e o espírito se prosternam diante de Deus pela atenção, pela prece, pelo recolhimento e o amor, todo o homem interior serve ao Senhor. Pois foi dito: "Amarás ao seu Senhor de todo seu coração[625]".

Mas eu quero que você saiba. Ao mesmo tempo em que você pensa orar você pode muito bem estar caminhando longe da oração, esforçando-se sem nada ganhar e correndo em vão. Enquanto a boca canta louvores o intelecto vaga por aí, dividido pelas paixões e os afazeres, a ponto de perder toda a consciência da salmódia. O próprio pensamento é tocado. Pois muitas vezes, enquanto ele exprime as palavras da prece o intelecto não o segue nem se volta para Deus a quem é endereçada a oração. Ele permanece desviado em segredo para outros cuidados. O pensamento diz as palavras pela força do hábito, mas o intelecto não entra no conhecimento de Deus. A partir daí, com o intelecto disperso em imaginação e transportado para aquilo que ela dissimula ou para aquilo que ela deseja, a alma perde toda compreensão, toda disposição. Pois se falta o conhecimento que vem através da prece, se quem ora não se volta para Deus para chama-lo, como poderá a alma se encher de doçura? Como se alegrará o coração, se a pessoa finge orar mas não se dedica à verdadeira oração?

Pois "se alegrará o coração daqueles que buscam ao Senhor[626]". E busca o Senhor aquele que, com todo seu pensamento e todo fervor, se prosterna diante de Deus, rejeitando todo cuidado para com o mundo em troca do conhecimento e do amor de Deus que nascem da prece pura e contínua. Mas para que fique bem claro aquilo que vemos quando nos lembramos de Deus no intelecto, e aquilo exatamente que buscamos quando nos dedicamos em pensamento à prece pura, usarei como exemplos as imagens do olho e da língua. Pois aquilo que a pupila é para o olho, aquilo que a expressão da palavra é para a língua, a lembrança é para o intelecto e a prece é para o pensamento. Como efeito, assim como o olho ao perceber o que está diante de si pelo sentido da visão nada diz, mas recebe pela experiência da visão o conhecimento daquilo que viu, também o intelecto quando, em seu desejo de amor, se aproxima de Deus pela lembrança ligando-se a ele com todo o fervor no silêncio da mais

[621] Cf. *Êxodo* 40: 32.
[622] *Salmo* 76 (77): 4.
[623] *Salmo* 55 (56): 10.
[624] *Salmo* 50 (51): 19.
[625] *Deuteronômio* 6: 5.
[626] *Salmo* 104 (105): 3.

simples reflexão, é iluminado pela irradiação divina e recebe os dons do esplendor futuro. A assim como a língua exprime as palavras da razão e revela a quem escuta a vontade oculta no intelecto, também o pensamento, ao repetir com frequência e calor as breves palavras da prece, revela o pedido da alma a Deus que tudo sabe.

É por meio da prece assídua e da contínua contrição do coração que abrimos o coração do Compassivo, o coração de seu amor pelo homem, e assim recebemos a riqueza da salvação. Pois foi dito: "Ao coração contrito e humilhado Deus não desprezará[627]". Ele o conduzirá na prece pura. Sua obra realizada o levará diante de d'Aquele que reina sobre a terra. De fato, é quando você se aproxima do Rei, quando você está diante dele em seu corpo, quando você suplica com a sua língua e volta para ele os seus olhos, é neste momento que você atrai sobre si a benevolência real. Faça portanto assim, quer esteja na assembleia da Igreja, quer na solidão de sua morada. Com efeito, quando você se reunir no Senhor com seus irmãos para estar diante dele em seu corpo e levar até ele o canto de sua língua, faça com que seu intelecto esteja atento às palavras e a Deus, e que ele, o intelecto, saiba com quem está falando e o que está pedindo. Pois se o pensamento se consagra com força e pureza à prece, o coração recebe dela uma alegria inalienável e uma paz indizível. E quando você estiver a sós, sentado em sua cela, agarre-se à prece em pensamento, com o intelecto sóbrio e vigilante e um espírito quebrantado. Pela sobriedade e a vigilância, a contemplação o cobrirá com sua sombra. Pela prece, o conhecimento habitará em você. E pela compunção a sabedoria virá repousa sobre você, expulsando o prazer irracional e abrindo sua morada ao amor de Deus.

Creia-me. O que eu lhe digo é a verdade. Se em toda a sua obra você não se separar da mãe dos bens, a oração, não durma enquanto ela não lhe houver revelado o local das bodas, enquanto ela não o fizer penetrar no interior, enquanto ela não o cumular de glória e de regozijo inefáveis. Pois ela retira todos os obstáculos, aplaina o caminho da virtude e o torna fácil a quem a busca. Considere agora como age a prece espiritual. O diálogo apaga os pensamentos passionais. O olhar do intelecto voltado para Deus põe em fuga os pensamentos do mundo. A doçura da alma expulsa o amor pela carne. À custa de dizer em silêncio o nome de Deus, a prece se torna a harmonia e a união do intelecto com a razão e a alma. Pois foi dito: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome eu estarei no meio deles[628]". Assim, a prece, resgatando as potências da alma da divisão criada pelas paixões e religando entre si as três partes da alma se une ao Deus único em três Pessoas. Em primeiro lugar, pelas vias da virtude ela apaga da alma a vergonha do pecado. A seguir, reproduzindo a beleza dos sinais divinos pelo santo conhecimento que há nela, ela conduz a alma a Deus. E esta imediatamente reconhece seu Criador. Pois foi dito: "No dia em que clamei eu soube que você é meu Deus[629]". E ela é conhecida por ele: "O Senhor conheceu os que pertenciam a ele[630]". Ele conhece pela pureza do ícone. Com efeito, todo ícone se reporta ao seu modelo. E é conhecido pela semelhança que obtém pelas virtudes. Assim ele tem o conhecimento de Deus e é conhecido por Deus.

Quem implora pela benevolência real tem três maneiras de fazê-lo: ou suplicar em alta voz, ou permanecer em silêncio, ou se atirar aos pés daquele que o pode socorrer. E a prece pura, recolhendo em si mesma o intelecto, a razão e o espírito, pela razão invoca o nome, pelo intelecto se volta sem distração para Deus, a quem invoca, e,

---

[627] *Salmo* 50 (51): 19.

[628] *Mateus* 18: 20.

[629] *Salmo* 55 (56): 10.

[630] II *Timóteo* 2: 19.

pelo espírito, manifesta a doçura, a humildade e o amor. Assim ela implora pela Trindade que não tem começo, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, o Deus Uno. Assim como a variedade de alimentos suscita o desejo de consumi-los, também as diferentes formas das virtudes despertam a vivacidade do intelecto. É por isso que, seguindo o caminho do pensamento, recite as palavras da prece. Fale, invoque sempre o Senhor e não se desencoraje[631]. Ore continuamente, imite a tenacidade da viúva que suplicava ao juiz intratável[632]. Então você caminhará em espírito[633] não mais se ligando aos desejos da carne, e os pensamentos do mundo já não virão interromper a continuidade da sua prece. Você terá se tornado o templo de Deus e celebrará a Deus sem descanso. Orando assim em pensamento lhe será concedido passar pela lembrança de Deus, penetrar no santuário do intelecto, ver o invisível nas contemplações místicas e servir apenas ao Deus único no coração de sua solidão, nas efusões comuns ao conhecimento e ao amor.

Quando você perceber que a oração se detém, pegue um livro. Aplicando-se à leitura, receba o conhecimento. Atravesse as palavras sem transgredi-las, retenha-as ligando-as ao seu pensamento, e guarde seu intelecto. Depois medite no que leu, para que seu pensamento seja cumulado de doçura pela compreensão e para que a leitura permaneça inesquecível. Logo se inflamará em você o fervor dos pensamentos divinos. Com efeito, foi dito: "Enquanto eu meditava, um fogo queimava em mim[634]". Pois assim como os alimentos mastigados agradam ao paladar, também as palavras divinas volteadas e reviradas na alma nutrem e alegram o pensamento. Foi dito: "Que suas palavras são doces em minha boca![635]". Aprenda de cor as palavras do Evangelho e os apotegmas dos Padres bem-aventurados, siga as pegadas de suas vidas para poder meditar à noite. Assim você renovará pela leitura e a meditação das palavras divinas o pensamento cansado de orar, e o preparará para retomar a prece no dia seguinte com mais diligência.

Cante a salmódia. Mas faça-o com a voz doce e o intelecto atento. Não permita que fique incompreensível nada do que você diz. Se alguma coisa escapara à sua inteligência, retome o verso tão logo possa, até que ela consiga seguir o que está sendo dito. Pois o intelecto está aí para permitir à boca cantar e para se lembrar de Deus. Aprenda com a experiência natural. Com efeito, assim como a pessoa que encontra alguém fala com ela olhando o interlocutor, também aquele que canta deve, pela memória, manter seus olhos em Deus.

Não negligencie se colocar de joelhos. Ajoelhar-se representa de fato a queda do pecado, que é provocada pela confissão. Levantar-se significa o arrependimento, que lembra a promessa da vida virtuosa. Mas cada prosternação deve ser acompanhada pela invocação espiritual de Cristo, a fim de que, inclinando a alma e o corpo diante do Senhor, nos reconciliemos com o Deus das almas e corpos. Se, de resto, você acrescentar à prece em pensamento o trabalho aprazível das mãos, rejeitando o sono e a preguiça, isto ajudará a sustentar o combate da ascese.

Todas as tarefas que mencionamos, desde que bem executadas e com o auxílio da prece, tornam mais agudo o intelecto, expulsam o desencorajamento, tornam a alma mais jovem e permitem ao espírito ser mais penetrante e mais fervente no trabalho do pensamento.

---

[631] Cf. *Lucas* 18: 1.
[632] Cf. *Lucas* 18: 2-5.
[633] Cf. *Gálatas* 5: 16.
[634] *Salmo* 38 (39): 4.
[635] *Salmo* 118 (119): 103.

Quando ouvir as batidas na madeira[636], saia da cela com os olhos do corpo voltados para o chão e levando o pensamento em Deus. Quando entrar no templo e tomar seu lugar no coro, não converse com o monge que estiver a seu lado nem deixe o intelecto vagar em frivolidades. Mantenha a língua atenta apenas à salmódia e seu pensamento preso à oração. Depois da refeição, retire-se para sua cela e dedique-se à regra que lhe foi assinalada.

Quando estiver à mesa, não olhe para o que os irmãos comem nem deixe sua alma se dividir em maus pensamentos. Olhe e tome o que estiver à sua frente, leve o alimento à boca e escute as leituras com seus ouvidos e dê a prece à sua alma, a fim de que, com o corpo e o espírito alimentados, você possa louvar Àquele que cumula de bens seu desejo[637]. Depois levante-se, retorne reservadamente e em silêncio à sua cela e, como a abelha laboriosa, trabalhe nas virtudes.

Quando executar um serviço com os irmãos, que suas mãos trabalhem, que seus lábios se calem e que seu intelecto se lembre de Deus, E se, por acaso, alguém se puser a tagarelar, para que cesse a desordem, levante-se e faça uma metania.

Rejeite os pensamentos. Não os permita penetrar em seu coração e aí permanecer. A persistência dos pensamentos passionais reanima as paixões e fere o intelecto. Uma vez que o atacarem, apresse-se em expulsá-los do intelecto com a flecha da oração. Porém, se eles continuarem a lhe bater e a confundir sua inteligência, avançando e recuando, saiba que eles estão sendo fortalecidos por uma vontade anterior. Uma vez que eles se sentem com direitos sobre a alma devido a uma falta de resolução, eles a perturbam e oprimem. É preciso dobrá-los por meio da confissão.Com efeito, os pensamentos maus fogem desde que triunfemos sobre eles. Assim como as trevas se retiram quando aparece a luz, também a luz da confissão apaga os pensamentos das paixões, que são como trevas. Pois a frivolidade e o relaxamento produzidos pelos pensamentos foram destruídos pela vergonha que acompanha a confissão e pelo mal que nos impomos para seguir a regra que nos foi ordenada. Encontrando o intelecto livre das paixões daí para frente graças à prece contínua e recolhida, eles fogem em confusão.

Com efeito, quando aquele que combate se esforça por meio da oração para cortar pela raiz os pensamentos que o perturbam, ele os afasta por algum tempo e destrói sua empreitada atacando-os e lutando contra eles, mas não consegue se libertar totalmente, porque ainda ama as causas destes pensamentos opressores: o conforto da carne e a consideração do mundo, coisas que ele não confessou. Assim ele não alcança a paz, porque manteve dentro de si os direitos do adversário. Que, possuindo coisas que não são suas, não será arguido pelos proprietários? E quem se libertará dos que o perseguem, se não se livrar daquilo que lhe é solicitado e que ele mantém erradamente? Mas quando aquele que combate, fortificado pela memória de Deus, cessa de se agarrar à carne e de confortá-la, e confessa irrepreensivelmente seus pensamentos, logo os adversários se afastam, e o intelecto liberto pode se consagrar à prece contínua e à meditação das coisas de Deus.

Afaste inteiramente toda suspeita que você possa eventualmente alimentar em seu coração contra quem quer que seja, pois isto destrói o amor e a paz. E aceite nobremente qualquer infelicidade vinda de fora, porque ela suscita a paciência salutar, esta paciência que permite permanecer e repousar nos céus.

Assim, conduzindo seus dias no bem, você atravessará de bom

---

[636] *Simandron*, placa de madeira que servia de sino. Ela representa tanto a madeira da cruz quanto a materialidade do culto. Na Quinta-Feira Santa, em alguns lugares, ela substitui o sino.

[637] Cf. *Salmo* 102 (103): 5.

coração a vida presente, na alegria das esperanças bem-aventuradas. E na hora do seu êxodo, você deixará com toda confiança as coisas daqui e partirá para os lugares do repouso que o Senhor lhe preparou, para que você reine com ele quando ele recompensá-lo pelos esforços e penas que você suportou aqui em baixo. A ele sejam dadas toda a glória, honra e adoração, assim como a seu Pai que não teve começo e ao seu Espírito Santo, bom e vivificante, agora e sempre pelos séculos dos séculos. Amém.

NOVE CAPÍTULOS.

1. O intelecto, fugindo das coisas exteriores e recolhendo-se nas que são interiores, retorna sobre si mesmo. Deste modo ele faz corpo com a razão que é naturalmente inerente ao pensamento e, por meio desta razão que está ligada ao seu próprio ser, ele se consagra à oração.

Por meio da oração ele se eleva no conhecimento de Deus com todo o poder e as disposições do amor. Então o prazer da carne se vai, todas as sensações de prazer são suspensas e as belezas da terra são deixadas para trás[638]. Pois a alma deixa atrás de si todas as coisas do corpo e todas as coisas que cercam o corpo, e ela própria segue atrás da beleza de Cristo. Ela o segue por meio das obras da modéstia e da pureza intelectual. E assim ela canta: "As virgens serão conduzidas atrás de você[639]". Ela considera a Cristo e, vendo-o de longe, diz: "Eu tenho sempre o Senhor diante de meus olhos, pois ele está à minha direita[640]". Ela se agarra a Cristo com todo seu amor e diz: "Senhor, todo o meu desejo está diante de você[641]". Ela não cessa de mirar a Cristo, dizendo: "Meus olhos estão sempre voltados para o Senhor[642]". Ela conversa com Cristo na prece pura e se regozija em agradá-lo: "Minhas palavras lhe foram agradáveis, eu me regozijarei no Senhor[643]".

Quando ele recebe as palavras da oração, quando é amado, quando é nomeado, quando lhe pedem auxílio, Deus concede à alma que chore

---

638 Cf. *Salmo* 73 (74): 17.
639 *Salmo* 44 (45): 15.
640 *Salmo* 15 (16): 8.
641 *Salmo* 37 (38): 10.
642 *Salmo* 24 (25): 15.
643 *Salmo* 103 (104): 34.

de alegria inefável. Pois, lembrando-se de Deus nas palavras da prece, ela é cumulada de alegria pelo Senhor, e diz, com efeito: "Eu me lembrei de Deus e me alegrei[644]".

2. Fuja das sensações, e você terá detido o prazer das coisas sensíveis. Fuja também das imaginações dos prazeres no intelecto, e você terá detido a preguiça dos pensamentos. Uma vez que o intelecto se veja livre de toda imaginação, não aceitando ser marcado nem selado pelas condutas que buscam o prazer, nem pelos pensamentos submetidos ao prazer, a inteligência se torna simples. Acima das coisas sensíveis e inteligíveis, ele eleva o pensamento para Deus. Ela já não faz outra coisa que repetir o nome do Senhor para tê-lo sempre na memória, como uma criança que chama pelo pai. Pois foi dito: "Diante de você eu invocarei o nome do Senhor[645]". E, assim como Adão, formado a partir da terra pela mão de Deus, se tornou uma alma viva sob o sopro divino[646], também quando a invocação frequente canta o Senhor com toda pureza e fervor, a inteligência modelada pelas virtudes se vê transformada por um chamado divino, é conduzida à vida e deificada, pois agora ela conhece a ama a Deus.

3. Se por meio da prece contínua, a prece pura, você se afastar do desejo das coisas terrestres, se em lugar do sono você se desviar de todo pensamento que vier antes de Deus, se você repousar inteiramente apenas com a lembrança de Deus, em você se edificará, com um grande socorro[647], o amor de Deus. Pois o apelo da oração bem ordenada suscita o amor divino. E o amor divino desperta o intelecto revelando a ele seus segredos. Então o intelecto unido ao amor recolhe o fruto da sabedoria e, por meio da sabedoria, ele anuncia os mistérios. Pois Deus o Verbo chamado e nomeado pelo apelo bem ordenado da oração recebe a reflexão do intelecto e lhe concede o conhecimento como a costela de Adão. Colocando no lugar desta a boa disposição, ele concede a virtude, edifica nele o amor luminoso que conduz ao intelecto extasiado, que então dorme e repousa de todo desejo terrestre. O amor é assim o outro auxílio do intelecto que repousa do pendor irracional pelas coisas sensíveis. Ele desperta o intelecto que se purifica nas palavras da sabedoria. Então o intelecto que o contempla e que dele recebe seu prazer anuncia aos demais, com suas palavras, as secretas disposições das virtudes e as energias invisíveis do conhecimento.

4. Afaste-se de tudo o que diz respeito aos sentidos, abandone a lei da carne e a lei espiritual se inscreverá em seu intelecto. Com efeito, do mesmo modo como aquele que caminha pelo Espírito já não experimenta o desejo da carne[648], segundo o Apóstolo, também aquele que se desembaraça das sensações e do sensível – vale dizer, da carne e do mundo – começa a caminhar com o Espírito e a pensar nas coisas do Espírito. Aprenda isto pensando no que fez Deus a Adão antes da desobediência.

5. Quem combate para guardar os mandamentos, que persevera no paraíso da prece e permanece perto de Deus por sua contínua lembrança, a este Deus separa dos prazeres da carne, de todos os movimentos ligados aos sentidos e de todas as formas que investem contra o pensamento. Ele o faz morrer para as paixões e o pecado, e lhe concede tomar parte da vida divina. Com efeito, assim como quem dorme é semelhante a um morto, embora esteja vivo (ele está como morto quanto à energia do corpo, mas vive pela sinergia da alma), também aquele que habita no Espírito está morto para a carne e o mundo, mas vive pelo sentido do Espírito.

---

644 *Salmo* 76 (77): 4.
645 *Êxodo* 33: 19.
646 Cf. *Gênesis* 2: 7.
647 Cf. *Gênesis* 2: 21-22.
648 Cf. *Gálatas* 5: 16.

6. Se você souber o que está cantando, aprenderá a conhecer. Por meio desta descoberta você irá adquirir a reflexão. E da compreensão germinará a prática das coisas que aprendeu. Com a prática você portará em si o fruto do conhecimento vivido. E aquilo que você conhecer pela experiência suscitará em você a verdadeira contemplação. Desta surgirá a sabedoria que, pelas palavras radiantes da graça, preencherá o espaço do intelecto, iluminando o que está oculto aos olhos de quem está fora.

7. O intelecto começa por buscar, e então ele encontra[649]. Depois ele se une Àquele a quem encontrou. A busca se faz pela razão, mas a união é obra do amor. Aquilo que a razão busca conduz à verdade. A união pelo amor leva ao bem.

8. Aquele que vai além da natureza flutuante das coisas presentes, que supera o prazer daquilo que é passageiro, não vê as coisas de baixo nem é concupiscente para com os encantos da terra[650]. Ele se abre para as visões do alto, contempla as belezas que estão no céu e considera a beatitude daquilo que permanece em estado puro. Com efeito, assim como os céus estão fechados para aqueles que permanecem de boca aberta diante das coisas da terra e que se debruçam sobre os prazeres da carne – pois seus olhos espirituais se encontram nas trevas – também aquele que despreza das coisas de baixo e delas se desvia mantém seu intelecto nas alturas e vê a glória das coisas eternas. Este considera o esplendor que repousa nos santos. Ele recebe sobre si o amor de Deus que desce do alto, torna-se templo do Espírito Santo, deseja a vontade divina, é conduzido pelo Espírito de Deus e se torna digno da adoção: Deus lhe concede sua benevolência e se agrada dele. Pois os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são estes os filhos de Deus[651].

9. Enquanto você respirar, que nenhum estado de fraqueza o faça renunciar à oração, nem por um único dia, se você escutar àquele que disse: "Quando eu sou fraco, é então que sou forte[652]". Você receberá um grande benefício se agir desta maneira. Com a ajuda da graça, a prece o restabelecerá rapidamente. Pois aonde está a consolação do Espírito, a fraqueza e o abatimento não duram.

---

[649] Cf. *Mateus* 7: 8.
[650] Cf. *Salmo* 73 (74): 17.
[651] *Romanos* 8: 14.
[652] II *Coríntios* 12: 10.

NICÉFORO O SOLITÁRIO

SOBRE A SOBRIEDADE, A VIGILÂNCIA E A GUARDA DO CORAÇÃO

Nicéforo o Solitário

Nicéforo, nosso bem-aventurado Pai, que conduziu os combates da ascese sobre a santa Montanha de Athos, viveu ao redor dos anos 1340. Ele foi mestre e iniciador de Gregório de Tessalônica, a quem entregou os mais altos ensinamentos da filosofia ascética, como o atesta o próprio Gregório a seu respeito. Tendo se consagrado na solidão à hesíquia longe de qualquer distração, e por sua união consigo mesmo indizivelmente unido para além do mundo aos cumes do desejável, ele conheceu em toda a beatitude de seu coração a iluminação anipostática da graça. Cumulado em si próprio pela inimitável imagem da deificação e pela riqueza do dom deificante, o bem-aventurado, como um pai, nos transmitiu abundantemente este dom através da presente obra, se é que somos dignos destes velhos monges semelhantes a ele. Ele os reuniu em passagens que contam as biografias de santos Padres consagrados à sobriedade e à vigilância, à atenção e à prece. E ainda acrescentou de sua lavra um método verdadeiramente natural e sábio: a penetração do intelecto no coração e a invocação do Senhor Jesus como uma regra precisa da santa nepsis *e como uma escada de prece pura e sem distração, e dos bens suscitados por esta. Como um novo Betsalel, ele sustentou os que desejam ser salvos, trabalhando assim na obra do arquiteto do Espírito.*

Portanto subam, subam todos vocês que desejam que Cristo venha a habitar em seu coração, que desejam ser transfigurados de glória em glória no ícone que o Espírito Santo fará de vocês, que desejam ser deificados e tornados dignos da parte luminosa dos que se salvam.

*

Nicéforo o Solitário viveu no século XIII. De origem italiana,

trânsfugo do Ocidente cristão, ele se fez monge no Monte Athos, onde tomou o partido da dupla radicalidade da vida hesiquiasta e da tradição ortodoxa. No curto texto que deixou em testemunho e que transmitiu a seus discípulos ele vai diretamente ao coração da experiência monástica: o sentido e o objetivo da vida cristã é a transfiguração. "Queimar de luminosa alegria", diz ele. Uma só coisa é necessária: fugir em pensamento das "trevas do século presente" e buscar "o tesouro que está no interior do coração", exigência e incitação que Nicéforo fundamenta sobre um florilégio de passagens comentadas dos feitos e ditos de alguns Padres que abriram, balizaram e ilustraram a via: Antônio, Teodósio, Sabbas, Agatão, Marcos, João Clímaco, Isaías, Macário, Diádoco, Isaac o Sírio, João de Cárpatos, Simeão o Novo Teólogo. Ao final, ele próprio dá seu testemunho, todo centrado na atenção, na ascese da inteligência, na guarda do coração, na *nepsis* dos Padres, a sobriedade e a vigilância.

Mas esta ascese não se improvisa. Não há outra coisa a fazer, lembra Nicéforo, do que buscar um "guia seguro", capaz de dar testemunho e transmitir. Somente se faltar este exemplo vivo, é proposto um "método": "Faça penetrar o intelecto pela via por onde o sopro penetra no coração". Assim é que o caminhamento natural que, por meio da inspiração, leva o ar – o sopro – aos pulmões, e depois, por intermédio do sangue, o conduz dos pulmões ao coração, se torna simultaneamente a metáfora e a realidade do encaminhamento do intelecto que ora. Nicéforo é aqui o primeiro e o único a haver isolado e formulado o que não é dito da experiência hesiquiasta, mesmo correndo o risco de encerrá-la naquilo que hoje em dia chamaríamos de procedimento psicossomático e de dar a entender que o não-dito possa prevalecer sobre o caráter profundamente bíblico e eclesial da mensagem filocálica. Pois se Nicéforo não faz senão codificar uma prática milenar que remonta ao deserto do Egito e ao Sinai, esta, que os anacoretas chamavam de "meditação secreta", não poderia por si só representar as bases e as finalidades da vida monástica.

Nestas circunstâncias esta codificação teve uma dupla consequência. O "método" serviu, com toda evidência, de fermento para a renovação hesiquiasta dos séculos XIII e XIV. Mas ao dar à prece do coração as aparências de um exercício psicossomático limitado e autossuficiente ele também permitiu os ataques intempestivos dos adversários do hesiquiasmo. Foi então que Gregório Palamas saiu em sua defesa situando-a no coração quebrantado e luminoso da tradição teológica e eclesial da ortodoxia, no abismo da misericórdia, em pleno infinito. Assim se estabeleceu o lugar eminente do testemunho de Nicéforo, tanto em seu tempo como na antologia filocálica.

TRATADO DA SOBRIEDADE
E DA GUARDA DO CORAÇÃO

Vocês que ardem por obter a grandiosa e divina luz de Nosso Salvador Jesus Cristo, vocês que querem captar sensivelmente no coração o fogo mais que celeste, vocês que se esforçam por obter a experiência e sentir a reconciliação com Deus, vocês que deixaram todos os bens deste mundo para descobrir e possuir o tesouro que se esconde[653] nos campos do coração, vocês que desejam partir desta terra e abrasar com a bem-aventurada luz as tochas da alma, e que, para tanto, renunciaram a todas as coisas presentes; vocês que querem conhecer e apoderar-se com um conhecimento experimental do reino de Deus presente no seu interior[654], venham, porque vou expor a ciência, ou melhor o método da vida eterna, ou melhor da vida celeste, que introduz, sem fadiga nem suor, aquele que o pratica no porto da impassibilidade. Ele não teme nem a sedução nem o terror[655] que vêm dos demônios. Este método só perde sua razão de ser quando, por desobediência, marchamos longe da vida que lhes exponho. É o que aconteceu a Adão. Por haver desprezado o preceito divino, por ter se ligado à serpente, confiado nela e se deixado fartar do fruto enganador[656], ele precipitou-se lamentavelmente, e com ele sua descendência, nas goelas da morte, das trevas e da corrupção.

Retornem, portanto – para falar mais exatamente, retornem a si mesmos, meus irmãos, rejeitando com o maior desprezo o conselho da serpente a perdição que nos arrasta ao mais baixo ponto. Pois só existe um meio para se alcançar a reconciliação e a união com Deus: retornar, em primeiro lugar e tanto quanto pudermos, a nós mesmos, ou melhor – por um paradoxo –, penetrar em nós mesmos, nos separando do comércio do mundo e dos desejos vãos, para nos ligarmos indefectivelmente ao Reino dos céus que está dentro de nós[657].

É por isso que a vida monástica recebeu o nome de "ciência das ciências e arte das artes[658]". Pois esta vida santa não nos é estranha e não tem nada em comum com as vantagens corruptíveis daqui embaixo que desviam nosso espírito da melhor parte para nos enterrar sob seus aluviões. Ela nos promete bens maravilhosos e inefáveis, "como o olho jamais viu, o ouvido jamais ouviu, nem o coração do homem imaginou[659]". Da mesma forma, "não devemos lutar contra a carne e o sangue, mas contra as dominações, as potências, os príncipes das trevas deste século[660]". Como o século presente não é feito senão de trevas, fujamos, fujamos dele mesmo em pensamento. Que não haja nada de comum entre nós e o inimigo de Deus, pois "aquele que tornar-se amigo dele tornar-se-á inimigo de Deus[661]". E àquele que se tornou inimigo de Deus, quem poderá ajudar?

Imitemos portanto nossos Padres e, seguindo-os, busquemos o tesouro escondido em nossos corações e, tendo-o descoberto, seguremo-lo com todas as nossas forças para a um tempo guardá-lo e valorizá-lo[662]. É para isto que fomos nós destinados originalmente. Se algum novo Nicodemo quiser zombar a respeito: "Como é

---

653 Cf. *Mateus* 13: 44.
654 Cf. *Lucas* 17: 21.
655 E não "queda", como às vezes se traduz.
656 Cf. *Gênesis* 3: 21s.
657 Cf. *Lucas* 17: 21
658 Esta expressão, empregada por Gregório de Nazianze à direção das almas, foi rapidamente confiscada pela corrente hesiquiasta.
659 I *Coríntios* 2: 9
660 *Efésios* 6: 12.
661 *Tiago* 4: 4.
662 Cf. *Gênesis* 2: 15.

possível entrar no coração para aí viver e trabalhar?[663]", ele terá direito à resposta que o próprio Salvador deu à objeção do primeiro Nicodemos: "O Espírito sopra aonde bem entende[664]". Se por falta de fé duvidarmos das obras da vida ativa, como chegaremos às obras da contemplação? Pois a ação é o caminho que leva à contemplação.

Mas, como é impossível convencer um espírito tão incrédulo sem provas escritas, vou apresentar no presente tratado, para proveito de todos, as vidas dos santos e seus escritos. Convencido, ele rejeitará todas as dúvidas. Começaremos por nosso pai, santo Antônio o Grande, seguindo com sua posteridade, e colheremos, com o melhor de nós, as peças de convencimento contidas nas palavras e na conduta destes santos.

EXTRATO DA VIDA DE NOSSO PAI SANTO ANTÔNIO[665]

"Um dia, dois irmãos puseram-se a caminho para irem ao encontro do santo abade Antônio. Durante o caminho, faltou-lhes água; um morreu, e o outro sentiu que não duraria muito mais tempo; sem forças para prosseguir, ele deitou-se no chão a esperar a morte. Antônio, que estava sentado sobre uma montanha, chamou dois monges que estavam por lá, e apressou-os, dizendo: "Peguem um cantil com água e corram ao caminho que leva ao Egito; dois irmãos vinham por ali, um acaba de morrer e o outro não durará muito, se vocês não forem diligentes; isto me foi manifestado enquanto eu estava em oração." Os monges colocaram-se a caminho, encontraram o morto e o enterraram; eles recuperaram o outro com água e o conduziram ao ancião, pois distavam um dia de marcha.

Podemos nos perguntar por que Antônio não dissera nada antes da morte do primeiro; mas esta questão é deslocada. Não dependia de Antônio decidir sobre aquela morte, mas somente a Deus que resolveu deixar morrer um e revelar-lhe o estado do segundo. O que há de maravilhoso da parte de Antônio é que, sentado sobre a montanha, ele tinha o coração sóbrio e vigilante, tendo Deus lhe revelado acontecimentos distantes.

Vemos com isto que Antônio, graças à sobriedade e vigilância de seu coração, foi gratificado com a visão divina e a vista longínqua. Pois Deus, nos diz João da Escada, "manifesta-se ao espírito no coração, primeiro para purificar aquele que o ama, depois como uma luz que ilumina o intelecto, tornando-o obra de Deus[666]".

DA VIDA DE SANTO TEODÓSIO O CENOBIARCA (séculos V-VI)[667]

São Teodósio foi atingido pela flecha suave da caridade e tornou-se seu prisioneiro a ponto de consumir em suas obras o sublime e divino mandamento: "Amarás ao Senhor teu Deus com todo o coração, com toda sua alma, com todo seu pensamento[668]". Isto só foi possível porque todas as potências naturais de sua alma tendiam unicamente ao amor de seu Criador, à exclusão de todos os objetos aqui de baixo.

Eu falo das atividades intelectuais de sua alma. Ele também

---

[663] *João* 3: 4.
[664] *João* 3: 8.
[665] Cf. Santo Atanásio, *Vida e conduta de nosso Pai santo Antônio* 59.
[666] Cf. São João Clímaco, *A escada santa* XXVIII, 54.
[667] Cf. Teodoro de Petra, *Vida de são Teodósio*, in *Monges do Oriente* III, 3.
[668] *Deuteronômio* 6: 5.

inspirava reverência quando consolava e era por outro lado a própria doçura e afabilidade quando repreendia. Quem teve relações mais úteis a todos, sendo ao mesmo tempo capaz de recolher seus sentidos e dirigi-los para dentro de si mesmo, a ponto de enfrentar a agitação do mundo com a mesma tranquilidade que o deserto? Quem foi mais capaz de permanecer em si tanto na multidão quanto no isolamento? É assim que, recolhendo seu espírito para introduzi-los em si mesmo, nosso grande Teodósio foi atingido pelo amor do Criador[669].

DA VIDA DE SANTO ARSÊNIO[670]

O admirável Arsênio criou para si uma regra de jamais tratar nada por escrito e de jamais escrever sequer uma carta. Não que ele não fosse capaz. Era-lhe mais fácil ser eloquente do que a um outro falar com simplicidade. Não, era unicamente pelo hábito do silêncio e pela repugnância a aparecer. Pela mesma razão, ele tinha o cuidado, após as reuniões da comunidade, em não ver ninguém nem ser visto: ele se colocava atrás de um pilar ou de qualquer obstáculo para esconder-se dos demais assistentes. Ele queria com isto vigiar a si mesmo, recolher seu espírito e assim, elevar-se a Deus com mais facilidade. Um novo exemplo de homem santo, verdadeiro anjo sobre a terra, que recolheu em si o espírito para elevar-se sem penas a Deus.

DA VIDA DE SÃO PAULO DE LATROS (+ 955)[671]

São Paulo quase não deixava as montanhas e os lugares desertos. Os animais selvagens eram seus companheiros e seus convivas. Um dia ele achou bom descer para visitar os irmãos. Ele então os exortou e os ensinou a se mostrarem corajosos, a nunca negligenciar preguiçosamente os trabalhos penosos da virtude mas a se dedicarem com extrema atenção e discrição à vida evangélica e a combater valentemente os espíritos do mal. Ele expôs um método para reconhecer as sugestões da paixão e evitar as sementes clandestinas das paixões.

Vocês viram nosso santo Pai ensinar a seus discípulos ignorantes um método para afastar as sugestões das paixões? Este método não era outro que a guarda do espírito, pois esta é sua obra e de nenhum outro. Vamos em frente.

DA VIDA DE SÃO SABBAS (século VI)[672]

Quando são Sabbas notava um noviço que ainda não havia aprendido bem a regra da vida monástica, e que já era capaz de guardar seu intelecto, de combater contra os pensamentos do inimigo, uma pessoa que havia banido de seu coração a lembrança do mundo, ele lhe reservava uma cela no meio da mosteiro, se ele tivesse a saúde delicada. Se ele fosse robusto, ele permitia que ele construísse sua própria cela.

Vocês veem como são Sabbas exigia de seus discípulos a guarda do espírito, para lhe conceder uma cela e permitir que habitasse nela? Que faremos nós, que vivemos ociosamente na cela, sem sequer sabermos que existe uma guarda do intelecto?

---

[669] Cf. *Cântico dos Cânticos* 2: 5.
[670] Cf. *Sentenças dos Padres do Deserto*, Arsênio 42.
[671] Monge bizantino. O mosteiro de Latros se encontrava na Bitínia, reino da Ásia Menor próximo ao Mar Negro, que teve como capitais Nicomédia e Nicéia.
[672] Cf. Cirilo de Citópolis, *Vida de são Sabbas*, in *Monges do Oriente* III, 2.

DA VIDA DE SÃO ÁGATÃO[673]

Um irmão perguntou ao abade Ágatão: "Abade, diga-me qual dos dois é o melhor: o trabalho corporal ou a guarda do seu interior?" Ágatão respondeu: "O homem é como uma árvore: o trabalho corporal são as folhas, a guarda do espírito é o fruto. Está escrito que toda árvore que não produz fruto será cortada e atirada ao fogo[674]. Segue-se claramente daí que todo nosso esforço deve estar centrado nos frutos, entenda-se: na guarda do espírito. Mas também são necessárias a sombra e o frescor das folhas, ou seja, o trabalho corporal."

Admirem como nosso santo se expressa a respeito daqueles que não possuem a guarda do intelecto. Daqueles que só podem se prevalecer da vida ativa, ele dizia: "toda árvore que não dá fruto", ou seja a guarda do intelecto, e que só tem folhas, ou seja a vida ativa, será cortada e atirada ao fogo. Terrível sentença, meu Pai!

DO ABADE MARCOS A NICOLAU[675]

Meu filho, você quer ter sua própria lâmpada, possuir dentro de você a luz do conhecimento espiritual, a fim de caminhar sem hesitação na noite profunda deste século, que o Senhor dirija seus passos e que você deseje com ardente fé a via do Evangelho[676], ou seja, comungar, pelo desejo e pela prece, com os preceitos evangélicos perfeitos do Senhor? Vou lhe mostrar um método maravilhoso e uma invenção espiritual. Ele não exige nem fadiga nem combate corporais, mas uma fadiga espiritual e uma atenção do espírito apoiada no temor e no amor a Deus e, com este método, você derrotará sem trabalho a falange dos inimigos.

Se portanto você quiser obter a vitória contra as paixões, recolha-se pela oração e a sinergia de Deus, entre em si mesmo, mergulhe nas profundezas do seu coração, siga a pista destes três gigantes poderosos: o esquecimento, a preguiça e a ignorância, que são o ponto de apoio dos estrangeiros inteligíveis. É através deles que as outras paixões más insinuam-se na alma, operam, vivem e prevalecem numa alma ligada aos prazeres. Uma grande atenção e discernimento do intelecto, unido ao impulso do alto, o fará descobrir o que permanece desconhecido à maioria, e você poderá assim, com grande esforço de prece e atenção, libertar-se dos gigantes do mal. Pois, pelo desejo do verdadeiro conhecimento, da memória da palavra de Deus, da boa harmonia, e por meio da graça que age sobre o coração que se esforça por ser firme e se proteger cuidadosamente, desaparecerão o esquecimento, a ignorância e a negligência.

Veem a unanimidade das palavras espirituais, e como elas nos expõem claramente a ciência da atenção? Escutemos os próximos.

SÃO JOÃO DA ESCADA[677]

O hesiquiasta é aquele que, paradoxalmente, esforça-se por circunscrever o incorpóreo em uma moradia carnal. O hesiquiasta é aquele que diz: "Eu durmo, mas meu coração vela[678]". Feche a porta de sua cela ao seu corpo, a porta de sua boca à palavra, e sua porta interior aos espíritos. Sentado no alto observe, se souber, e você verá

---

[673] Cf. *Sentenças dos Padres do Deserto*, Agatão 8.
[674] *Mateus* 3: 10.
[675] Cf. Marcos o Asceta, *Carta ao monge Nicolas*.
[676] Cf. *Salmo* 111 (112): 1.
[677] São João Clímaco, *A escada santa*, XXVII 7, 18,19, 23; XXVI 61; XXVI 34.
[678] Cf. *Cântico dos Cânticos* 5: 2.

a maneira, o momento, a origem, o número e a natureza dos ladrões que querem se introduzir na sua vinha para roubar as uvas. A sentinela está fatigada, ela se levanta para orar, depois ele se senta e se coloca valentemente em sua ocupação. Uma coisa é a guarda dos pensamentos, outra a guarda do intelecto: entre elas existe toda a distância do oriente ao ocidente[679], e a segunda é bem mais difícil. Os ladrões que percebem em algum lugar os exércitos do rei não se aventuram ali; da mesma forma, aquele que uniu a prece ao seu coração praticamente não corre o risco de ser despojado pelos ladrões espirituais.

Vejam a obra admirável que nos revela nosso santo Pai. E dizer que nós caminhamos nas trevas, como em um combate noturno; não ouvimos as preciosas palavras do Espírito e, voluntariamente surdos, passamos ao largo. Prossigamos. Vejamos como outros Padres nos convidam à sobriedade e à vigilância.

DO ABADE ISAÍAS (+ 488)[680]

Aquele que se separa do que está à sua esquerda (o mal), conhece então completamente todos os pecados que cometeu contra Deus, porque não vemos os pecados senão quando nos separamos dolorosamente deles. Quem chega a este grau encontra as lamentações, a prece e a vergonha perante Deus, diante da lembrança de sua má ligação com as paixões. Esforcemo-nos portanto, meus irmãos, tanto quanto pudermos, e Deus trabalhará conosco segundo a abundância de sua misericórdia. Se não guardamos nosso coração a exemplo de nossos pais, ao menos apliquemo-nos, na medida de nossas possibilidades, em guardar nosso corpo sem pecado como Deus nos pede, e tenhamos fé em que, na hora da fome[681], ele nos enviará sua misericórdia como o fez aos seus santos.

Com estas últimas palavras nosso santo consola os fracos: “Ainda que tenhamos guardado nosso coração como fizeram os Padres, guardemos também nosso corpo sem pecados, como pede Deus, que tem compaixão por nós”. Tanta é a misericórdia e a piedade de tão grande santo!

MACÁRIO O GRANDE[682]

A obra mestra do atleta, é de penetrar em seu coração, combater e detestar Satanás e engajar-se numa guerra contra ele atacando seus pensamentos. Aquele que guarda seu corpo visível da corrupção e do adultério mas comete o adultério interiormente ante Deus prostituindo seus pensamentos – de nada lhe servirá um corpo virgem. Porque está escrito: “Aquele que olha para uma mulher para desejá-la já cometeu adultério em seu coração[683]”. Existe um adultério que se consuma no corpo e existe o adultério da alma que se entrega a Satanás.

Nosso Pai parece contradizer as palavras citadas do abade Isaías, mas não é o que acontece. Pois Isaías prescreve “guardar o corpo como Deus nos pede”; ora, Deus não pede apenas a pureza do corpo, mas também a do espírito. Assim, por meio dos mandamentos evangélicos, o abade Isaías dizia a mesma coisa.

---

679 Cf. *Salmo* 102 (103): 12.
680 Isaías o Anacoreta, *Sobre a guarda do intelecto* 17.
681 Cf. *Rute* 1: 8.
682 *Homilias espirituais de são Macário* XXVI, 12 *SO* 40.
683 Mateus, 5:28.

DIÁDOCO DE FOTICÉIA[684]

Aquele que habita sem cessar em seu coração acaba por abandonar os encantos desta vida. Caminhando segundo o espírito, ele não conhece mais os desejos da carne[685]. Como ele vai e vem no castelo das virtudes que são por assim dizer as guardiãs das portas, os planos dos demônios não fazem efeito sobre ele.

Diz bem o santo que os planos do demônio não têm efeito sobre nós quando vivemos nas profundezas de nosso coração, e isto na medida mesma em que aí permaneçamos mais tempo. Mas percebo que vai faltar-me o tempo[686] para consignar, como eu queria, os propósitos de todos os Pais. Mencionarei apenas mais alguns e tentarei concluir a partir daí.

ISAAC O SÍRIO[687]

Aplique-se em entrar na sua câmara interior e você verá o tesouro celeste. Pois tudo é uma só coisa e a mesma porta abre para a contemplação das duas. A escada deste Reino está oculta dentro de você, na sua alma. Mergulhe nela, lave-se do pecado e você descobrirá os degraus nos quais subir.

JOÃO DE CÁRPATOS[688]

É preciso combater muito e se esforçar nas orações para descobrir o estado sereno da reflexão, este segundo coração celeste no qual habita o Cristo. Escutem o apóstolo: "Não sabeis que o Cristo habita em vós? A menos que sejais os reprovados[689]".

SIMEÃO O NOVO TEÓLOGO[690]

O diabo e seus demônios, desde o dia em que a desobediência baniu o homem do paraíso e do contato com Deus, têm licença para agitar espiritualmente a alma do homem, de dia e de noite, seja pouco, seja muito, seja demais. O único meio de se proteger é a lembrança constante de Deus: a lembrança de Deus gravada no coração pela virtude da cruz firma inquebrantavelmente o espírito. Este é o objeto do combate espiritual que o cristão deve levar no estado de fé cristã e para o qual ele revestiu-se da armadura. Senão, ele combate em vão. Este combate é a única razão das várias asceses com as quais maltratamos o corpo por causa de Deus. Trata-se de forçar as entranhas do Deus de Bondade, de recuperar sua dignidade primeira e de imprimir o Cristo, tal qual um selo, na razão, conforme as palavras do apóstolo: "Minhas crianças, eu estou em trabalho de parto desde que o Cristo formou-se em vocês[691]".

Vocês compreendem agora, meus irmãos, que existe uma arte, ou antes um método espiritual, para levar rapidamente quem o emprega à impassibilidade e à visão de Deus. Convençam-se de que a vida ativa vale para Deus tanto quanto as folhas da árvore, que não servirão de nada à alma que não possuir a guarda do espírito, o fruto. Façamos tudo para não morrermos estéreis e não termos que conhecer arrependimentos inúteis.

---

[684] Diádoco de Foticéia, *Capítulos espirituais* 57.
[685] Cf. *Gálatas* 5: 16.
[686] Cf. *Hebreus* 11: 32.
[687] Passagem não identificada.
[688] *Aos monges da Índia* 52.
[689] II *Coríntios* 13: 5.
[690] Passagem não identificada.
[691] *Gálatas* 4: 19.

PERGUNTA E RESPOSTA DE NICÉFORO

Questão: Seu tratado nos ensina a conduta daqueles que agradam ao Senhor; ele nos ensina que existe uma ocupação que liberta prontamente a alma de suas paixões e que ela é necessária a todo cristão que se alistou no exército de Cristo: não duvidamos mais, estamos convencidos. Mas o que é a atenção? Como chegar a ela? É o que queremos saber, pois não temos a respeito a menor ideia.

Resposta: Em nome de nosso senhor Jesus Cristo que disse: "Sem mim vocês nada podem[692]" e depois de ter invocado sua ajuda e seu socorro, tentarei mostrar o melhor que puder o que é a atenção e como, com a graça de Deus, podemos alcançá-la.

DO MESMO NICÉFORO

Alguns santos chamaram a atenção de "guarda do intelecto", outros de "guarda do coração", ou de "sobriedade e vigilância", ou de "hesíquia intelectual", e de outros nomes ainda. Diferentes expressões que querem dizer a mesma coisa, como quem diz pão, filãozinho ou pão francês.

O que é a atenção, quais são suas propriedades? Escutem-me com bem. A atenção é o sinal da penitência cumprida; a atenção é a lembrança da alma, a aversão ao mundo e o retorno a Deus. A atenção, é desvestir-se dos pecados e revestir-se da virtude. A atenção é a certeza indubitável do perdão dos pecados. A atenção é o princípio da contemplação, ou melhor, é sua base permanente. Graças a ela, Deus se inclina sobre o espírito para manifestar-se a ele. A atenção é a serenidade do intelecto, ou melhor, seu estado imóvel, sua fixação à alma pela misericórdia de Deus. A atenção é a purificação dos pensamentos, o templo da lembrança de Deus. Ela guarda como um tesouro a paciência para suportar as provas. A atenção é a auxiliar da fé, da esperança e da caridade. Sem a fé, não suportaríamos as provas que vêm de fora: aquele que não aceita com alegria as provas não pode dizer ao Senhor: "Você é meu socorro e meu refúgio[693]". E, se ele não faz seu refúgio no Altíssimo, ele não possuirá amor no fundo do seu coração[694].

Este efeito sublime chega à maioria, para não dizer a todos, pelo canal do ensinamento. É muito raro recebê-lo de Deus, dispensando um mestre, apenas com o vigor da ação e o fervor da fé. Ora, exceções não fazem leis. É importante assim buscar um mestre infalível: suas lições nos mostrarão nossos desvios, à esquerda e à direita, e também nossos excessos aos quais nos conduz o maligno; este guia nos iluminará com sua experiência pessoal nestas provas[695], nos esclarecerá a respeito e nos mostrará, sem dúvidas, o caminho espiritual que então poderemos percorrer sem dificuldade. Se você não tem um mestre, procure um a qualquer custo. Se você não o encontrar, invoque a Deus com espírito contrito e em lágrimas, suplique-lhe com todo o despojamento e faça o que eu vou lhe dizer.

Você sabe que nosso sopro, o ar de nossa inspiração, nós só o respiramos por causa do coração. Pois é o coração que é o princípio da vida e o calor do corpo. O coração atrai o sopro a fim de expelir seu próprio calor para fora pela expiração, assegurando assim para si uma temperatura ideal. O autor desta organização, ou melhor seu instrumento, é o pulmão. Fabricado pelo Criador com um tecido fino

---

692 *João* 15: 5.

693 *Salmo* 3: 4.

694 Esta anexação de toda vida espiritual pela atenção é um dos traços característicos do hesiquiasmo sinaíta (cf. Hesíquio)

695 Cf. *Hebreus* 2: 18.

e poroso, sem parar ele introduz e expele o ar à maneira de um fole. Desta forma o coração, por um lado atraindo o ar fresco pela inspiração e expelindo o calor pela expiração, conserva inviolável a função que lhe foi assinalada no equilíbrio geral do ser vivo. Quanto a você, como eu disse, sente-se, recolha seu intelecto, introduza-o – o intelecto – nas suas narinas; é o caminho que o ar toma para chegar ao coração. Empurre-o, faça-o descer até seu coração junto com o ar inspirado. Quando ele chegar lá, você verá a alegria que irá se seguir; você não tem nada a temer. Assim como o homem que volta para casa depois de uma ausência não retém sua alegria de poder reencontrar sua esposa e filhos, também o intelecto, quando está unido à alma, transborda de uma felicidade e experimenta delícias inefáveis.

Meu irmão, acostume então seu intelecto a não se apressar em sair do coração. No início faltará zelo, é o mínimo que podemos dizer, para esta reclusão e este encerramento interiores. Mas, uma vez adquirido o hábito, ele não experimentará mais prazer alguns nos circuitos exteriores. Pois o reino e Deus está dentro de nós[696] e a quem voltar para ele seu olhar e o buscar com uma prece pura, todo o mundo exterior se tornará vil e desprezível.

Se, logo no começo, você penetrar pelo intelecto no lugar do coração que eu lhe mostrei, graças a Deus! Glorifique-o, exulte e agarre-se unicamente a este exercício. Ele lhe ensinará o que você ignora. Saiba a seguir que, enquanto seu intelecto se acha lá, você não deve nem se deter nem permanecer ocioso; dê a ele como tarefa e exercício contínuo a prece: "Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim". Sem trégua, por preço algum! Esta prática, mantendo seu espírito ao abrigo das divagações, o torna impenetrável e inacessível às sugestões do inimigo e, a cada dia, ele crescerá no amor e no desejo por Deus.

Mas se, meu irmão, apesar de todos os seus esforços, você não conseguir penetrar nas partes do coração indicadas por mim, faça como eu lhe disse, e, com a ajuda de Deus, você alcançará seus objetivos. Saiba que a razão de todo homem está no coração. Pois é no coração, quando nossos lábios se calam, que falamos, deliberamos, colocamos nossas orações, os salmos e muitas outras coisas. Quando você tiver despojado sua razão de todo pensamento – e você pode, é só querer – dê-lhe o "Senhor Jesus Cristo, tem piedade de mim" e obrigue-o a clamar interiormente, à exclusão de qualquer outro pensamento, estas palavras. Quando, com o tempo, você se tornar mestre nesta prática ela lhe abrirá a entrada do coração, assim como eu lhe disse, indubitavelmente. Eu mesmo fiz esta experiência. Com alegria da tão desejada atenção você verá chegarem-lhe todos os coros das virtudes, do amor, da felicidade, da paz e do resto[697]. Graças a elas, todas as sua demandas serão atendidas por Nosso Senhor Jesus Cristo.

A ele, assim como ao Pai e ao Espírito Santo, a honra, o poder, a glória e a adoração agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém.

---

[696] Cf. *Lucas* 17: 21.

[697] Cf. *Gálatas* 5: 12.

GREGÓRIO O SINAÍTA

137 SENTENÇAS DIVERSAS

Gregório o Sinaíta

Nosso Pai entre os Santos, Gregório, que se tornou monge no Monte Sinai – e por isso é chamado de Sinaíta – viveu sob o reinado de Andronico Paleólogo, ao redor do ano 1330. Chegando ao Monte Athos e após visitar muitos mosteiros e eremitérios, ele viu que muitos eram locais de encontro onde a vida transcorria nobremente, mas unicamente dedicados à prática. Os monges eram aí pouco iniciados na guarda do intelecto, no rigor da hesíquia e mesmo na contemplação, a qual sequer conheciam de nome. Ele encontrou apenas três, chamados Isaías, Cornélio e Macário, na sketa *de Magoula, situada diante do mosteiro de Filoteu, que se dedicavam um pouco à via contemplativa. Inflamado pelo zelo divino, ele ensinou a* nepsis*, a guarda do intelecto e a* noéra proseuké *– a prece intelectual – não apenas àqueles que era propriamente hesiquiasta, mas a todos os que viviam nas comunidades. Assim fundou ele três grandes mosteiros nas fronteiras da Macedônia. Percorrendo o país e as províncias, ele exortava a todos que encontrava, pedindo-lhes que trabalhassem na prece contínua do intelecto. Por meio dela ele converteu um grande número de pecadores. De indignos que eram, tornou-os dignos, e contribuiu para que muitos tomassem lugar dentre os salvos.*

Calixto, o santo Patriarca, que foi seu discípulo, redigiu sua biografia. Com efeito, assim como em sua vida ele foi reconhecido como o mestre da santa nepsis*, após sua morte ele continuou conduzindo a muitos para esta mesma* nepsis *através dos seus escritos. Com efeito, ele inicia de forma bela e perfeita ao modo prático da prece do intelecto no coração. Ele ensina o que são as virtudes éticas e as paixões. E ele explica quais são os sinais do erro e quais os da graça. Assim, esta obra auxilia mais do que todas, a muitos noviços, médios e perfeitos. Quaisquer que sejam suas idades e suas qualidades, quem ler com atenção encontrará nestes textos a*

riqueza oculta do Espírito. E aquilo que ele encontrar o encherá de alegria verdadeiramente indizível.

*

A vida de Gregório o Sinaíta cobre o final do século XIII e a primeira metade do século XIV. Originário de Clazomena, do lado ocidental da Ásia Menor, ele foi levado cativo pelos Turcos a Laodicéia. Resgatado por cristãos ele partiu para Chipre e depois para o Sinai, onde se tornou monge. Na sequência, ele foi do Sinai para Athos, passando por Jerusalém e Creta: uma peregrinação às raízes. Em Athos ele se estabeleceu na *sketa* de Magoula, nas proximidades do mosteiro de Filoteu, mas não permaneceu aí. Ele conheceu também Tessalônica e Constantinopla e terminou sua vida na Macedônia, onde fundou três mosteiros sobre uma montanha, às portas da Romênia e do mundo eslavo.

Gregório o Sinaíta aparece como o iniciador e o pedagogo da renovação hesiquiasta dos séculos XIII e XIV. Ele é o homem chave que abre para o futuro absoluto os dois polos do périplo milenar que o movimento monástico realizou ao redor do Mediterrâneo oriental: estas duas montanhas, o Sinai e o Athos, onde ficaram representados na teofania luminosa o começo e o fim históricos. E ele os reuniu numa só convicção: o monaquismo é chamado para libertar o sentido último, afinando o destino do homem, do corpo ao intelecto, deste ao coração e do coração ao êxtase.

A Filocalia fornece dele cinco coletâneas de textos de comprimento desigual. A primeira conta 137 capítulos, enquanto as quatro seguintes, bem mais curtas, possuem respectivamente 7, 10, 15 e 8 capítulos. A renovação hesiquiasta se fundamenta aqui sobre a lembrança constante daquilo que foram, durante um milênio, o discernimento e o combate espiritual dos monges. A repetição está em toda parte, mas o tom é bastante pessoal. Gregório fala menos como um anacoreta que destila sua reflexão do que como um Pai espiritual responsável por numerosos monges a quem prodigaliza os conselhos da experiência e as marcas da compaixão. Tudo nele é pedagogia da via monástica, até nos menores detalhes, da ascese do corpo e do intelecto até o amor extático, passando pela memória da origem, pela lembrança de Deus e a busca do lugar do coração. Mas tudo está enraizado na mensagem bíblica e na observância dos mandamentos. “Busque o Senhor no caminho, ou seja, no coração, através de seus mandamentos”. Lembrança constante: a ascese não tem outra causa nem outra finalidade do que o amor de Cristo e a identificação com Cristo. No fundo Gregório o Sinaíta não retoma os caminhos da ascese senão para melhor representar o último, e o último que vem no atual: “Tornar-se o Cordeiro tal como ele é no século futuro”.

Assim é que ele carrega a renovação como se fosse uma gestação. Pois ele viveu o hesiquiasmo do interior, assim como a experiência e a transmissão da ascese. Ele não assume sua defesa e ilustração teológicas, como fará Gregório Palamas. Do Sinai ao Athos, e depois sobre esta montanha da Macedônia onde fundou seus últimos mosteiros, ele se tornou certamente o testemunho, o profeta e o missionário da extensão da via, para além da catástrofe histórica. Ele representa bem a recapitulação e a abertura.

DE NOSSO PAI ENTRE OS SANTOS
GREGÓRIO O SINAÍTA
SENTENÇAS DIVERSAS SOBRE OS MANDAMENTOS,
OS DOGMAS, AS AMEAÇAS E AS PROMESSAS,
SOBRE OS PENSAMENTOS, AS PAIXÕES E AS VIRTUDES,
SOBRE A HESÍQUIA E A PRECE.

1. É impossível que um ser racional seja ou se torne segundo a natureza aquilo que possuía antes da pureza e da incorruptibilidade. Pois uma foi investida pela faculdade de sentir sem a razão, e a outra pelo estado de corruptibilidade da carne.

2. Os seres racionais segundo a natureza não se revelam santos senão através da pureza. Pois ninguém possuiu a razão em estado puro dentre os que são sábios pela palavra e que alteraram com os pensamentos a razão do alto. O espírito material e tagarela da sabedoria do mundo, levando as palavras aos sujeitos mais sabidos e os pensamentos aos objetos mais grosseiros, os faz permanecer juntos, privando-os da sabedoria anipostática, da contemplação e do conhecimento único e indivisível.

3. Considere que o conhecimento da verdade é antes de tudo a sensação da graça. Todos os outros conhecimentos devem ser chamados de expressão de ideias e demonstração de coisas.

4. Os que perdem a graça o fazem por infidelidade e negligência. E os que a encontram é pela fé e o esforço, graças aos quais se avança sempre. Quanto aos contrários, os obrigam a recuar.

5. Tornar-se insensível equivale a morrer. Ser cego em espírito é como não ver corporalmente. O primeiro está privado da faculdade de ver e de agir; o segundo, que não vê, está privado da luz divina, que permite ver e ser visto.

6. Poucos são os que recebem de Deus tanto o poder como a sabedoria. Com efeito, um participa dos bens divinos, enquanto a outra os revela. Ora, partilhar e comunicar é em verdade próprio de Deus. Isto ultrapassa o homem.

7. O coração sem pensamentos no qual age o Espírito é como um verdadeiro santuário antes mesmo da vida futura. Pois tudo o que nele se diz e se faz é obra do Espírito. Quem ainda não adquiriu isto é uma pedra para as demais virtudes: pode servir para edificar o templo de Deus, mas não é o próprio templo, nem a hierurgia do Espírito.

8. O homem foi criado incorruptível, sem os humores do corpo, e é assim que ele ressuscitará. Ele não era imutável, mas então será. A faculdade volitiva lhe deu o poder de mudar ou não. Mas não é a vontade que, por natureza, realiza a perfeita imutabilidade: esta é o prêmio da imutável deificação futura.

9. Pois a origem da carne é a corrupção. Comer, evacuar, pavonear-se e dormir são coisas naturais próprias das feras e dos animais. Tornados semelhantes aos animais[698] por causa da desobediência, decaímos dos bens concedidos por Deus e que nos eram próprios. De seres racionais que éramos nos tornamos como animais. De seres divinos nos tornamos feras.

10. O Paraíso é duplo, tanto sensível como inteligível. Existe o Paraíso enquanto Éden e o Paraíso da graça. O lugar do Éden é muito elevado, o terceiro antes do céu, como dizem os que o

[698] Cf. *Salmo* 48 (49): 21.

descreveram. Ele está semeado por Deus[699] com todas as espécies de plantas olorosas. Ele nem é totalmente incorruptível nem totalmente corruptível: ele foi criado como um intermediário entre o corruptível e o incorruptível. Ele está sempre coberto de frutos e não cessa de se carregar de flores que se abrem e de frutos verdes e frutos maduros. As árvores mortas e os frutos maduros caem sobre a terra e se transformam num solo perfumado, e não sofrem a corrupção como as plantas de nosso mundo. Pois a superabundância e a santificação da graça transbordam todo o tempo neste lugar. O rio oceano que o atravessa e que recebeu ordem de irriga-lo continuamente, ao sair deste lugar se divide em quatro rios menores, corre para levar aos Indianos e aos Etíopes o solo e as folhas caídas. O Fison e o Geon[700] reunidos inundam seus campos até se separarem novamente, um irrigando a Líbia e outro o Egito.

11. Foi dito que a criação que passa, portanto a criação corruptível, não foi a primeira a ser estabelecida. Foi apenas na sequência, segundo a Escritura, que a criação foi corrompida e submetida à vaidade, vale dizer ao homem, não por si mesma, mas involuntariamente, por causa daquele que a submeteu, e assim ela permanece na esperança[701] da renovação do Adão corrompido. E foi apenas quando ele renovou e santificou a Adão, trazendo em si mesmo um corpo corruptível nesta vida que passa, que ele renovou também a criação, mas ainda sem livrá-la da corrupção. Esta libertação da criação para longe de toda corrupção, uns dizem que se trata da mudança que nos levará ao melhor, outros que se trata de uma total transposição do sensível. O normal na Escritura, a respeito de assunto tão difícil no momento, é de afirmar pura e simplesmente.

[699] Cf. *Gênesis* 2: 8s.
[700] Cf. *Gênesis* 2: 11-13.
[701] Cf. *Romanos* 8: 20.

12. Os que recebem a graça são como os que são fecundados em espírito antes de conceber. Mas eles rejeitam a semente divina seja por causa de suas quedas, seja porque se provam de Deus por se ligarem ao inimigo que vive neles. A rejeição da graça provém da energia das paixões; mas a privação total provém da ação dos pecados. Pois a alma que ama as paixões e os pecados, privada da graça que rejeitou, se torna uma moradia para as paixões, para não dizer dos demônios, tanto agora como no século futuro.

13. Nada torna o coração tão alegre e doce como a coragem e a compaixão. A primeira esmaga os inimigos de fora, a outra os de dentro, como as torres que fortificam as cidades.

14. Muitos dos que cumprem os mandamentos parecem estar no caminho. Mas eles ainda não alcançaram a cidade, permanecendo do lado de fora. Por desatenção, eles passam os limites dos caminhos reais e avançam de maneira insensata tangenciando os vícios que fazem fronteira com as virtudes. Pois os mandamentos não buscam nem a falta nem o excesso, mas apenas o objetivo que agrada a Deus, a vontade divina. Senão todo esforço é inútil: não se consegue tornar retos, conforme as Escrituras, os caminhos de Deus[702]. Em toda obra devemos buscar o objetivo pelo qual ela é feita.

15. Busque o Senhor no caminho, ou seja, no coração, por intermédio dos mandamentos. Quando ouvir o chamado de João prescrevendo a todos para prepararem os caminhos e endireitar as veredas[703] considere que se trata dos mandamentos, dos corações e dos atos. Com efeito, é impossível endireitar o caminho dos mandamentos e agir com inocência se o próprio coração não for direito.

[702] Cf. *Isaías* 40: 3.
[703] Cf. *Mateus* 3: 3.

16. Quando você ouvir falar da vara e do bastão nas Escrituras, considere que, na ordem profética, se trata do juízo e da providência; e, na ordem ética, da salmódia e da oração. Com efeito, quando somos julgados pelo Senhor, a vara da instrução nos castiga com vistas à conversão. Mas quando avara da salmódia viril castiga os que se rebelam contra nós, então nos tornamos firmes por meio da oração. Portanto, quando temos em mãos a vara e o bastão do exercício do intelecto, deixamos de castigar e sermos castigados até nos tornarmos totalmente assumidos pela providência, escapando tanto ao julgamento presente como ao futuro.

17. É típico dos mandamentos preferir sempre aquele que abarca todos os demais, ou seja, a lembrança de Deus: lembre-se continuamente do Senhor seu Deus. Pois é por intermédio deste mandamento que todos os demais podem ser perdidos ou guardados. De fato, o esquecimento, desde o início, perdeu a lembrança de Deus apagando os mandamentos, e assim despojou o homem de todos os seus bens.

18. Por meio dos dois mandamentos da obediência e do jejum aqueles que combatem retornam à dignidade original. Pois foi por intermédio dos seus contrários que todo o mal penetrou nos homens. Os que guardam os mandamentos pela obediência retornam a Deus mais rapidamente. E os que os guardam pelo jejum e a prece, mais lentamente. A obediência convém aos que começam e o jejum e a prece aos que já estão bem engajados no caminho do conhecimento e da coragem. Manter intacta a obediência a Deus através dos mandamentos não é dado senão a poucos e, mesmo para os mais corajosos, não se faz sem esforço.

19. A lei do Espírito da vida, segundo o Apóstolo, age e fala no coração, assim como a lei da letra opera na carne. Pois a primeira liberta o intelecto do pecado e da morte[704]. A outra faz secretamente uma obra farisaica, não cumprindo nem concebendo a lei senão para o corpo, e trabalhando os mandamentos apenas em aparência[705].

20. Foi dito que o homem, perfeito ou imperfeito de acordo com seu progresso, é a síntese coordenada e coerente em espírito de todos os mandamentos[706]. Os mandamentos são o corpo. As virtudes – as qualidades adquiridas – são os ossos. E a graça é a alma vivificante que move e conduz como se fossem seu corpo as energias dos mandamentos. Pois conforme a negligência ou o esforço em vista a atingir o talhe de Cristo fica evidente se se trata de uma criança ou de um perfeito, tanto agora como no século futuro.

21. Quem quer fazer crescer o corpo dos mandamentos deve se apressar em desejar o leite da graça materna, cheio de razão e de inocência[707]. Com efeito, é deste leite que se nutre todo aquele que busca crescer em Cristo e que deseja este crescimento. De seu próprio seio a sabedoria dá o calor e o leite com vistas ao crescimento. Mas aos perfeitos ela dá sua própria alegria, o mel, como alimento visando a purificação. Foi dito: "O mel e o leite estão sob sua língua[708]". Salomão dizia que o leite é a faculdade que o Espírito possui de nutrir e fazer crescer, enquanto o mel é sua faculdade de purificar. E o grande Apóstolo, fazendo alusão a estas energias diferentes, dizia: "Eu lhes dei leite para beber como se dá às crianças, e não alimento sólido[709]".

22. Aquele que, sem praticar os mandamentos, procura as razões dos

---

[704] Cf. *Romanos* 8: 2.
[705] Cf. *Mateus* 23: 5.
[706] Cf. *Efésios* 4: 16.
[707] Cf. I *Pedro* 2: 2.
[708] *Cântico dos Cânticos* 4: 11.
[709] I *Coríntios* 3: 2.

mandamentos e deseja encontrá-las apenas lendo e estudando, assemelha-se a alguém que toma a sombra pela verdade. Pois não é possível participar das razões da verdade sem comungar com a verdade. Os que não comungam nem são iniciados na verdade, ao buscar suas razões, não encontram senão aquelas da sabedoria tola[710]. O Apóstolo os chama "psíquicos". Porque eles não possuem o Espírito[711], mesmo que se glorifiquem da verdade.

23. Da mesma forma como o olho sensível vê as letras e recebe a leitura dos sinais sensíveis, também o intelecto, quando se purifica e retorna à dignidade original, contempla a Deus e dele recebe os sinais divinos. Ele tem o Espírito por livro e o pensamento e a língua como pena. "Minha língua, foi dito, é um cálamo[712]", e sua tinta é a luz. Ele mergulha os pensamentos na luz e, tomando da luz, escreve as palavras em espírito nos corações puros dos que compreendem. Então ele conhece o que foi dito: o modo como os fiéis serão ensinados por Deus e como Deus ensina o homem, segundo a profecia, o conhecimento em espírito[713].

24. Considere que a lei dos mandamentos é a fé que age imediatamente no coração. É por meio dela, efetivamente, que todo mandamento se torna a fonte e a energia da iluminação das almas. Nas almas, os frutos da verdadeira fé ativa são a temperança e o amor e, finalmente, a humildade – este dom de Deus – que é o começo e a força do amor.

25. A glória dos seres que não mentem é o verdadeiro conhecimento da que é visível e invisível. O conhecimento do visível é a glória dos seres sensíveis. E o conhecimento do invisível é a glória dos seres dotados de inteligência e de razão, dos seres espirituais e divinos.

26. A definição de ortodoxia consiste em ver com toda pureza e em conhecer em si os dois dogmas da fé, ou seja, a Trindade e a dualidade. Contemplar e conhecer de uma parte a Trindade na Unidade sem confusão nem divisão; e, de outra parte, reconhecer a dualidade das naturezas de Cristo em uma só Pessoa, ou seja, confessar e conhecer em duas naturezas, antes e depois da encarnação, um único Filho glorificado em duas vontades, divina e humana, que não se confundem jamais.

27. Devemos confessar piedosamente as três propriedades imutáveis e inalienáveis da Santíssima Trindade: ter nascido, não ter sido gerada e proceder. O Pai não é gerado e não tem começo. O Filho é nascido e, como o Pai, não tem começo. O Espírito Santo procede do Pai, por intermédio do Filho (como diz Damasceno), e é eterno juntamente com eles.

28. Somente é necessária a fé vivida na graça, agindo pelo Espírito através dos mandamentos, contanto que a guardemos. Não devemos preferir a fé morta e inerte à fé viva e ativa em Cristo. Basta ao fiel, com efeito, a forma e a vida da fé ativa em Cristo. Pois é a ignorância que ensina aos devotos a fé em palavras, inerte e insensível, e não a fé vivida na graça.

29. A Trindade é Unidade simples, porque não é criada nem composta. A Trindade está contida na Unidade. Pois Deus é em três Pessoas que estão enoveladas sem no entanto se confundirem.

30. Em tudo, é na Trindade que Deus pode ser conhecido e chamado. Pois ele não tem limites. Ele contém e prevê tudo, pelo Filho, no Espírito Santo. E nenhuma das Pessoas, qualquer que seja o nome que lhe dermos, pode ser chamada ou concebida independentemente

---

[710] Cf. I *Coríntios* 1: 20.
[711] Cf. *Judas* 19.
[712] *Salmo* 44 (45): 2.
[713] Cf. *Isaías* 54: 13; *João* 6: 45.

das outras, ou sem as outras.

31. No homem existe o intelecto, a palavra e o espírito. O intelecto não existe sem a palavra nem a palavra sem o espírito. Eles se relacionam uns com os outros e existem por si mesmos. Pois o intelecto se exprime pela palavra e a palavra é manifestada pelo espírito. Assim o homem traz em si um obscuro ícone da Trindade imutável e original. Ele é a criação à imagem[714], até o momento, e ele a revela.

32. Os Pais que trazem a Deus em si ensinam a partir de modelos que o intelecto é o Pai, a palavra o Filho e que o espírito é em verdade o Espírito Santo. Eles revelam a doutrina da Trindade supra-essencial e sobrenatural, o Deus único em três Pessoas. Eles nos legaram a verdadeira fé e a âncora da esperança[715]. Pois conhecer o Deus único é, segundo a Escritura, a raiz da imortalidade[716]. E conhecer o poder da unidade das três Pessoas é toda a justiça. Ou ainda, é assim que se deve compreender o que é dito no Evangelho: "A vida eterna consiste em que eles o conheçam, o único Deus verdadeiro, e aquele que você enviou[717]", Jesus Cristo, em duas naturezas e duas vontades.

33. Os castigos são tão variados quanto as recompensas dos bens. Eles estão no inferno, diz a Escritura, na terra obscura e sombria, na terra das trevas eternas[718] para onde vão os pecadores. Eles aí permanecerão até o julgamento, e a sentença poderá enviá-los de volta. Que os pecadores voltem para o inferno[719] e que a morte os leve a pastar[720], que é isto senão o Juízo último e a condenação eterna?

34. O fogo, as trevas, o verme e o tártaro são o deboche geral, a universal ignorância das trevas, a excitação do luxo em todos, o medo, o odor infecto do pecado. Garantias e primícias dos castigos, eles agem desde agora nas almas dos pecadores, e são manifestados pelo estado em que estes se encontram.

35. Os estados aos quais nos conduzem as paixões são a garantia dos castigos, assim como as energias das virtudes são as garantias do Reino. Mas devemos compreender e lembrar que os mandamentos são energias e que as virtudes são estados, assim como os vícios são igualmente estados.

36. Os castigos são repartidos como as recompensas, mesmo que para muitos as partes não pareçam iguais. Com efeito, a justiça divina concede a uns a vida eterna, a outros o castigo eterno. Uns e outros atravessaram bem ou mal o século presente, e serão retribuídos segundo suas obras. A quantidade e a qualidade da parte que receberem depende do estado e da energia das paixões ou das virtudes.

37. As almas debochadas são como pântanos de fogo[721]. Nelas o odor das paixões, como um lodo nauseabundo, alimenta o verme insaciável da desordem, a intemperança das concupiscências da carne, e também a serpente, os caranguejos, as sanguessugas dos maus desejos, a maldição e o veneno dos pensamentos e dos demônios. Uma condição como esta é desde já garantia de castigos no além.

---

[714] Cf. *Gênesis* 1: 26-27.
[715] Cf. *Hebreus* 6: 19.
[716] Cf. *Sabedoria* 15: 3.
[717] *João* 17: 3.
[718] Cf. *Jó* 10: 21-22.
[719] *Salmo* 9: 18.
[720] *Salmo* 48 (49): 15.
[721] Cf. *Apocalipse* 19: 20.

38. Do mesmo modo como as primícias dos castigos estão escondidos nas almas dos pecadores, também as garantias dos bens agem pelo Espírito e são recebidas nos corações dos justos. Pois o Reino dos céus é o retorno que provém das virtudes, assim como o castigo é o estado das paixões.

39. A noite que se aproxima, segundo a palavra do Senhor[722], é a total inércia das trevas futuras. Vista de outro modo, ela é o Anticristo, que é a noite e as trevas e que assim é chamado. Na ordem moral, ela é a negligência cotidiana que, como a obscuridade, destrói a alma no sono da insensibilidade. Com efeito, assim como a noite leva a dormir todos os seres, como uma imagem da morte que nos aniquila, também a noite das trevas futuras, sob a embriaguez das penas, dá aos pecadores a morte e a insensibilidade.

40. O julgamento deste mundo, segundo a palavra do Evangelho[723], é a descrença dos ímpios: "Aquele que não crê já está julgado[724]". São também as sentenças da providência em vista da supressão ou do retorno, e os impulsos que nos conduzem ao bem ou ao mal, segundo a energia que existe em nós: "Desde o seio os pecadores se extraviam[725]". É então que, por nossa infidelidade, nossa experiência e nossa conduta, aparece o justo juízo de Deus castigando a uns, tendo piedade de outros, dando a alguns a coroa e a outros o castigo. Pois aqueles são totalmente ímpios e estes são fiéis mas negligentes: eles serão castigados com todo o amor que Deus tem pelos homens. Mas os que se tornaram perfeitos nas virtudes ou nos vícios decadentes receberão o que lhes é devido.

[722] Cf. *João* 9: 4.
[723] Cf. *João* 12: 31.
[724] *João* 3: 18.
[725] *Salmo* 57 (58): 4.

41. Se a natureza não é mantida intacta ou purificada pelo Espírito, como foi dito, é impossível que ela se torne um só corpo e um só Espírito em Cristo, tanto agora como na harmonia futura. Pois o poder englobante e unificador do Espírito não recupera as velhas vestimentas das paixões para delas fazer a nova túnica da graça[726].

42. Aquele que recebeu gratuitamente e guardou a renovação do Espírito e que agora conhece inefavelmente a deificação sobrenatural será a própria imagem e a figura de Cristo. Porque será um com Cristo. A outra possibilidade é não sermos membros de Cristo por não participarmos desde já da graça e por não termos em nós, segundo o Apóstolo, a imagem da verdade e do conhecimento[727].

43. Segundo a lei de Moisés, o Reino dos céus é semelhante a uma tenda construída por Deus e dividida em duas partes pelo véu[728] do século futuro. Na primeira metade da tenda, todos os que são sacerdotes da graça entrarão. Mas na segunda – a tenda espiritual – somente entrarão aqueles que, desde já, nas trevas da teologia, vivem à perfeição a liturgia hierárquica e trinitária, aqueles para quem Jesus, celebrando os mistérios, é o primeiro hierarca diante da Trindade. Eles entram na tenda que ele fundou e brilham visivelmente com seu próprio esplendor.

44. O Salvador disse que existem numerosas moradas[729], que são os diferentes graus, os diferentes progressos da condição do além. O Reino é único, mas contém em si muitas e diversas moradas, assim como existem seres celestes e seres terrestres, segundo a virtude e o conhecimento, segundo o grau de deificação. Com efeito, uma coisa

[726] Cf. *Mateus* 9: 16.
[727] Cf. *Romanos* 2: 20.
[728] Cf. *Êxodo* 25: 8s.
[729] Cf. *João* 14: 2.

é a luz do sol, outra a da lua, outra a das estrelas, e ainda uma estrela difere em brilho de outra[730], como diz o Apóstolo, mesmo que todas brilhem no firmamento único de Deus.

45. Passa a viver com os anjos aquele que purifica com lágrimas seu intelecto e se torna pouco a pouco incorpóreo e incorruptível, aquele que, pelo Espírito, desde já resgata sua alma e que, da carne, da estátua de argila que é por natureza, faz, pela palavra de Deus, uma figura de luz e fogo, uma imagem da beleza divina, dado que os corpos se tornarão incorruptíveis e que desaparecerão os humores e a densidade.

46. O corpo terrestre está destinado à incorruptibilidade, sem humores nem densidade. Como ele é ao mesmo tempo material e celeste, de corpo material ele será inefavelmente transformado pela sutilização da imagem divina em corpo espiritual. Pois ele ressuscitará tal como foi criado no princípio, a fim de se conformar à imagem[731] do Filho do homem, na comunhão total da deificação.

47. A terra dos mansos[732] é o Reino dos céus, ou a natureza divina e humana do Filho, na qual nós entramos e na qual avançamos, nós que recebemos pela adoção filial o nascimento na graça e a renovação que provém da ressurreição. Ou ainda: a terra santa é a natureza deificada, a terra purificada para os terrestres que dela forem dignos; ou, num outro sentido, a terra herdada[733] pelos verdadeiros santos é a calma serenidade divina da paz que ultrapassa a inteligência[734] e onde habitará a geração de corações retos[735], quando nada mais vier zumbir ao redor de seus ouvidos para perturbá-los.

48. A terra prometida é a impassibilidade. Nela correm o leite e o mel[736] da alegria do Espírito.

49. Os santos falam entre si no século futuro a língua dos mistérios, a linguagem interior que é expressa no Espírito Santo.

50. Se não reconhecermos quem Deus nos fez, não reconheceremos quem o pecado nos faz.

51. Os que receberam desde já a plenitude da perfeição de Cristo são por esta dimensão iguais em espírito.

52. Quantas e quais são as penas de uns, as recompensas de outros, e qual a sua medida, descobriremos participando da ordem e da condição do além.

53. Foi dito que os santos, os filhos da ressurreição[737] de Cristo, pela incorruptibilidade e a deificação, se tornarão inteligências, portanto semelhantes aos anjos.

54. Foi dito que, no século futuro, os anjos e os santos não cessarão jamais de progredir no crescimento das graças, nem lhes faltarão os bens que desejam. No século futuro, de fato, nenhum mal virá relaxar ou diminuir a virtude.

55. Considere que o homem que recebeu como um dom a

[730] Cf. I *Coríntios* 15: 41.
[731] Cf. *Filipenses* 3: 21.
[732] Cf. *Salmo* 36 (37): 11; *Mateus* 5: 5.
[733] Cf. *Números* 34: 13.
[734] Cf. *Filipenses* 4: 7.
[735] Cf. *Salmo* 111 (112): 3.
[736] Cf. *Êxodo* 13: 5.
[737] Cf. *Lucas* 20: 36.

semelhança que o faz crescer até a dimensão de Cristo[738] é perfeito agora. Mas o homem perfeito no século futuro será revelado pela potência da deificação.

56. Aquele que desde já é perfeito em virtude a ponto de alcançar a idade do Espírito, é também tão digno e deificado quanto aqueles que, no século futuro, trazem em si a semelhança.

57. Foi dito que a verdadeira glória consiste no conhecimento ou na contemplação do Espírito, que a busca da fé verdadeira consiste no discernimento preciso dos dogmas.

58. O deslumbramento é a total elevação das potências da alma para reconhecer a glória imensa e se unir a ela. Ou ainda, é a pura e total elevação voltada para o poder infinito que reside na luz. Mas o êxtase não consiste apenas no arrebatamento das potências da alma para o céu: ele nos despoja totalmente desta sensação. E o amor – o *eros* – é tanto uma coisa como outra: ele é a embriaguez do Espírito que tensiona o desejo.

59. Dois amores em espírito são verdadeiramente extáticos: o que reside no coração e o que faz ficar fora de si. O primeiro se encontra naqueles que ainda estão sob a luz de um ensinamento; o segundo, naqueles que se realizam na caridade. Ambos separam dos sentidos o intelecto que põem a trabalhar, na medida em que o amor – o *eros* – divino consiste na embriaguez do Espírito que conduz à superação do pensamento natural e por meio da qual também os sentidos são subtraídos das relações.

60. O início e a causa dos pensamentos é a transgressão do homem, que divide a memória única e simples e a faz perder a lembrança de Deus. De simples, a memória se torna composta. De única, se torna diversificada. E suas próprias forças a fazem perecer.

61. O retorno à simplicidade primordial cura a memória original da memória ruim dos pensamentos, que conduz à perdição. Pois o órgão da malícia, a desobediência, não apenas está na origem da memória simples voltada para o bem, como ainda corrompe suas próprias forças, apagando o desejo natural da virtude. Mas a lembrança de Deus, constante, enraizada na oração, cura cirurgicamente a memória, quando o espírito, falando das coisas da natureza, se une ao sobrenatural.

62. Os atos do pecado provocam as paixões; as paixões provocam os pensamentos; e os pensamentos, as imaginações. A memória é causa das reflexões; o esquecimento, da memória. A ignorância gera o esquecimento; e a negligência, a ignorância. A concupiscência gera a negligência. O movimento que altera é a mãe dos desejos, e a energia do ato é a mãe do movimento. O ato é o impulso irracional do mal que nos faz dispor do sensível e dos sentidos.

63. Os pensamentos agem e se desenvolvem na razão; as paixões brutais, no ardor; a memória do apetite selvagem, no desejo; as formações imaginárias, no intelecto; e as ideias, na reflexão.

64. A irrupção dos maus pensamentos é um rio que corre. A sugestão que reside neles e a conivência com o pecado que reside nesta sugestão, se tornam as ondas de uma inundação que cobre o coração.

65. O lodo profundo[739] significa o suor do desfrute, ou a lama da prostituição, ou o peso das coisas materiais, que tornam pesado o intelecto apaixonado, que, por causa dos pensamentos, mergulha no

[738] Cf. *Efésios* 4: 13.

[739] Cf. *Salmo* 68 (69): 3.

abismo do desespero.

66. A Escritura muitas vezes chamou as razões das coisas de pensamentos, assim como, para ela, as razões significavam o sentido das coisas, e, reciprocamente, o sentido das coisas representava suas razões. De fato, o movimento das razões é em si imaterial, mas através das coisas ele penetra numa imagem e se transforma. É assim que pode ser conhecido e denominado aquilo que se projeta em toda aparição.

67. Os pensamentos são as razões dos demônios e os precursores das paixões. O mesmo acontece com as razões e os sentidos das coisas. É impossível, de fato, fazer o bem ou o mal sem que antes isto não tenha sido sugerido em pensamento, dado que o pensamento é o movimento informal da sugestão de todas as coisas possíveis.

68. A matéria das coisas engendra os pensamentos simples, mas a sugestão demoníaca trama os pensamentos de malícia. Porém, quando os comparamos, as razões e os pensamentos naturais não diferem das razões e dos pensamentos contra a natureza e dos sobrenaturais.

69. A partir do momento em que mudam, os pensamentos naturais e os pensamentos segundo a natureza agem da mesma forma, mas os pensamentos se voltam para os pensamentos contra a natureza e os pensamentos segundo a natureza se voltam para os pensamentos sobrenaturais. Todos passam uns pelos outros e nascem uns dos outros. Os pensamentos demoníacos têm como causa os pensamentos provenientes da matéria. Os pensamentos materiais têm como causa os pensamentos que provêm da sugestão. Os pensamentos divinos provêm dos pensamentos naturais, que geram os pensamentos sobrenaturais. Cada pensamento traz em si sua própria transformação, que o leva ao que lhe é próprio, e que se divide em quatro vias: ele possui uma causa, e ele gera.

70. Devemos notar que as causas provêm dos pensamentos; que os pensamentos provêm das imaginações; as imaginações provêm das paixões e as paixões, dos demônios. Existe, de uma maneira pérfida, como que uma ligação e uma ordem entre os espíritos desordenados. Cada um depende de outro ao qual está ligado. Nenhum age por si mesmo, mas é levado pelos demônios. A imaginação não cria imagens e a paixão não age se não for pelo poder demoníaco oculto em segredo. Pois, se Satanás caiu e foi despedaçado, nem por isso nossa negligência o torna menos forte, e ele se orgulha às nossas custas.

71. Os demônios configuram nossa inteligência, ou melhor, eles tomam uma forma semelhante a nós mesmos e se projetam sobre nós segundo o estado de paixão que domina e age sobre a alma. Pois eles portam em si o estado de paixão que provoca a formação das imagens. Durante a vigília e o sono ele fazem surgir em nós toda a diversidade de numerosas formas de imaginação. Os demônios do desejo, ou melhor, do deboche, se transformam seja em porcos, em asnos, em cavalos lúbricos e inflamados, seja em hebreus. Os demônios da cólera se mostram como pagãos ou leões. Os demônios da preguiça se fazem Israelitas, e os do deboche Edomitas. Os demônios da embriaguez e da intemperança se tornam Agáricos. Os demônios da avidez se transformam em lobos e panteras, e os da malícia em serpentes, víboras e raposas. Os demônios da impudência se fazem de cachorros, e os da acídia de gatos. Enfim, os demônios da prostituição se tornam serpentes, corvos e gaios, e os demônios psíquicos, ou aéreos, se transformam em pássaros. A imaginação tem três tipos de causas, que mudam as formas dos espíritos conforme as três partes da alma. Assim é que a tripla imaginação se encontra nos pássaros, nas feras e nas bestas de carga, que correspondem às potências da alma: o desejo, o ardor e a razão. Pois os três príncipes

das paixões se armam sempre segundo estes três modos. Quando a alma secreta a paixão, então, conforme nos parecemos a eles, os demônios vêm fazer caretas em nós.

72. Os demônios do desfrute aparecem muitas vezes como fogo e brasas. Espíritos de desfrute, eles queimam o desejo e entenebrecem em confusões a reflexão da alma. Pois o desfrute das paixões é em si causa de queimação, de perturbação e de trevas.

73. A noite das paixões corresponde às trevas da ignorância. Ou ainda, a noite é o império que engendra as paixões. Nela reina o mestre das trevas, onde os animais dos campos, os pássaros do céu e as serpentes da terra, que figuradamente são chamados de "espíritos que rugem", tentam nos devorar[740].

74. Temporalmente, os pensamentos precedem ou se seguem às energias das paixões. Os pensamentos precedem as imaginações, e as paixões as seguem. As paixões precedem os demônios e os demônios seguem as paixões.

75. O princípio e a causa das paixões é o abuso. A causa do abuso é a mudança, e a causa da mudança é o impulso da vontade. O instrumento da vontade é a sugestão. E o instrumento da sugestão são dos demônios, que são tolerados pela providência para mostrar qual é o nosso livre arbítrio.

76. O veneno do aguilhão do pecado que conduz à morte[741] é o estado passional da alma. Aquele que por sua própria vontade se atirou às paixões não consegue nem fazer avançar, nem alterar sua conduta.

[740] Cf. *Salmo* 103 (104): 21; I *Pedro* 5: 8.
[741] Cf. I *Coríntios* 15: 56.

77. As paixões têm muitos nomes. Elas se dividem em paixões corpóreas e psíquicas. As paixões corpóreas se dividem em paixões da dor e do pecado. As paixões da dor se dividem em paixões de doença e de castigo. Da mesma forma, as paixões psíquicas se dividem em paixões do ardor, do desejo e da razão. As paixões da razão se dividem em paixões da imaginação e da reflexão. Umas são voluntárias, por excesso. Outras, involuntárias, por necessidade: diz-se que estas são paixões às quais não está ligada reprovação, e os Padres as chamam de consequências e caracteres naturais.

78. Umas são as paixões do corpo, outras as da alma. Umas são as paixões do desejo, outras as do ardor. Outras ainda da razão, e outras as do intelecto e da reflexão. Todas comunicam entre si e trabalham umas com as outras. As paixões do corpo levam às do desejo; as paixões da alma conduzem às do ardor; às da razão levam às do intelecto e estas às da reflexão e da memória.

79. As paixões do ardor são a cólera, a amargura, a gritaria, a agressividade, a impudência, a vaidade, a vanglória, etc. As paixões do desejo são a avidez, o deboche, a intemperança, a concupiscência insaciável, o desfrute, a avareza, o egoísmo – este, de todas as paixões, a mais baixa. As paixões da carne são a prostituição, o adultério, a impureza, a libertinagem, a injustiça, a gula, a acídia, a frivolidade, o amor aos enfeites, a ligação a esta vida, etc. As paixões da razão são a descrença, a blasfêmia, a malícia, a trapaça, a curiosidade, a irresolução, a injúria, a bisbilhotice, a condenação, o desprezo, a palhaçada, a hipocrisia, a mentira, a grosseirice, a tolice, a falsidade, a ironia, a vaidade, o respeito puramente humano, a gabolice, os falsos juramentos, os discursos vãos, etc. As paixões do intelecto são a presunção, a insolência, a exaltação, a disputa, a inveja, a suficiência, a contradição, a ignorância, a imaginação, as invencionices, a exibição, a ambição, o orgulho – este, o primeiro e o

último de todos os males. As paixões da reflexão são as inquietudes, as exaltações, os enclausuramentos, a vertigem, a cegueira, os desvios, as sugestões, as submissões, os pendores, as alterações, as agitações e tudo o que se lhes assemelha. Como se vê por sua definição, todos os males que são contra a natureza estão misturados às três potências da alma. Da mesma forma, todos os bens que se encontram na natureza se encontram nela.

80. Oh, quanto Davi louvou e temeu a Deus quando, maravilhado, disse: "Seu conhecimento está além de mim. Eu não posso chegar até ele[742]", tão grande e inacessível, acima de meu fraco conhecimento e do poder que está em mim. Como esta carne, cuja complexa formação é impossível conhecer, pode ter em cada uma de suas formas a harmonia trinitária e única de seus próprios membros e de suas partes, honrada pelos números sete e dois (números que, segundo os sábios, manifestam o tempo e a natureza)? Existe aí um órgão revelador da glória de Deus, e fisicamente de acordo com a grandeza da Trindade, segundo as leis ativas da natureza.

81. As leis da natureza consistem em tal ou qual composição dos membros em estado de agir, que a razão pode considerar diferentes como se fossem numerosas partes com propriedades idênticas. Ou ainda, a lei natural é a energia em potência de cada forma e de cada membro. O que Deus fez por toda a criação a alma faz pelos membros do corpo. Ela coloca em ação e em movimento cada um deles por meio da mesma energia. Podemos nos perguntar por que razão os homens teóforos afirmam tanto que o ardor e o desejo são potências da carne, quanto dizem que são potências da alma. Quanto a nós, afirmamos que estas palavras dos santos, para aqueles que as conhecem exatamente, não se contradizem. Uns e outros testemunham a verdade e cruzam com sabedoria estas apelações, assim como seu nascimento inefável dos dois ao ser, segundo o modo de sua existência em comum, uma vez que a alma é perfeita desde já, mas o corpo é imperfeito, por causa do crescimento que está implicado na alimentação. Pois a alma também possui por si própria uma potência voltada para o desejo, um ardor que a leva à energia do amor, desde a sua formação, que faz dela uma criatura dotada de razão e inteligência. Com efeito, não se trata de um ardor sem razão e de um desejo sem inteligência que foram criados com ela. Nada está primeiramente na carne. Mas o que foi formado era incorruptível, sem os humores de onde saíram o desejo e o ardor brutal. Foi depois da transgressão que, por necessidade, o ardor e o desejo se inclinaram sobre aquele que tombara na corrupção e na densidade dos serem desprovidos de razão. É por isso que, por intermédio do ardor e do desejo, quando o mortal é quem domina, ele se opõe à vontade da alma. Mas quando ele é submetido à razão, ele segue a alma em direção à energia dos bens. Com efeito, quando aquilo que havia sido importado da carne se mistura desordenadamente às propriedades da alma, o homem se torna semelhante aos animais[743]. Pela necessidade da natureza, ele se inclina sob a lei do pecado. De ser racional ele se torna animal. De homem ele se faz fera.

82. Do mesmo modo como a alma, cuja razão foi criada pelo sopro e cujo intelecto pela inspiração vivificante, Deus não criou o ardor e desejo bestial, mas a potência voltada ao impulso e, além desta, a energia amorosa do encantamento, também no corpo, quando foi este formado no princípio, ele não colocou o ardor e o desejo irracionais. Foi apenas depois da transgressão que ele acrescentou tudo aquilo que é mortal, corruptível e bestial, tornando-o semelhante a isto. Pois o corpo, dizem os teólogos, foi criado incorruptível e, ainda que esteja sujeito à corrupção, ele ressuscitará,

[742] *Salmo* 138 (139): 6.

[743] Cf. *Salmo* 48 (49): 21.

assim como a alma que foi criada impassível. Ambos – a alma e o corpo – foram corrompidos e misturados pela lei natural da pericorese[744] e da permuta. A alma foi marcada pelas paixões, ou melhor, pelos demônios. O corpo, tornado semelhante aos animais irracionais, foi marcado com a energia de seu estado e pelo império da corrupção. E as potências de ambos, por não constituírem senão uma única coisa, constituíram um animal único que, pelo ardor e o desejo, perdeu a razão e a inteligência. E assim, segundo a Escritura, ele foi assimilado aos animais e tornado semelhantes a eles de todas as maneiras[745].

83. O princípio e a gênese das virtudes consiste em avançar para o que é bom – isto é o impulso para o bem – assim como Deus é a causa e a fonte de todo bem. O princípio do bem é a fé, ou antes Cristo, a pedra da fé, que é para nós o princípio e o fundamentos de todas as virtudes. Sobre ela nós somos. E nele edificamos todo bem[746]. Ele é a pedra angular[747] que nos une a si. Ele é a pérola preciosa[748] que o monge busca quando penetra na profundeza da hesíquia e, a fim de adquiri-la desde já, vende todas as vontades que possui, obedecendo aos mandamentos.

84. As virtudes são iguais entre si e convergem todas para uma única. Todas contribuem para definir e conformar a mesma virtude. Existem virtudes que são maiores do que outras, que abarcam e contêm a maior parte das outras – senão todas – como o amor divino, a humildade e a paciência divina. Desta disse o Senhor: "Por sua paciência vocês salvarão suas almas[749]". Ele não disse: com seu jejum, com sua vigilância. E eu repito: a paciência que vem de Deus é a rainha das virtudes e o fundamento das ações fortes. É ela que dá paz nos combates, a calma nas tempestades, a imutável permanência daquilo que adquirimos. Nem as lágrimas, nem os exércitos em marcha, sequer a agressão dos demônios e a falange tenebrosa dos adversários poderão prejudicar aquele que a possui em Jesus Cristo.

85. As virtudes, embora engendrem umas às outras, têm sua gênese nas três potências da alma, salvo as divinas. Pois a causa e o princípio das quatro virtudes cardinais dentre as virtudes naturais – a prudência, a coragem, a temperança e a justiça – e das virtudes divinas, das quais e nas quais se formam todas, é a sabedoria divina dos teólogos, animada pelo Espírito e movida de quatro maneiros, seguindo o intelecto. Esta não age sobre todas as virtudes ao mesmo tempo, mas sobre cada qual, a seu bel-prazer e em seu tempo. Sobre uma, ela age como luz; sobre outra, como força penetrante e uma inspiração sempre em movimento; sobre outra, como uma potência que santifica e purifica; sobre outra ainda como um orvalho de pureza cheio de encanto e frescor, cobrindo a queimação das paixões. Ela age sobre cada qual e por cada qual, sobre a perfeição por meio do que é perfeito, como foi dito, e lhe permite operar seguindo seu modo.

86. O exercício das virtudes por seu próprio cuidado não concede à alma uma força perfeita se estas virtudes não forem assistidas pela graça. Com efeito, cada uma delas possui um carisma que lhe é próprio, uma energia que lhe pertence, de sorte que ela pode atrair mesmo aqueles que não querem, para fazê-los comungar com ela, por meio do estado e da natureza do bem. E quando a obtemos, ela permanece desde então imutável e imóvel. Pois as virtudes possuem em seus membros, como uma alma viva, a graça do Espírito que as faz agir. Sem a graça, todo o conjunto das virtudes é morto. Para os que pensam possuí-las ou adquiri-las perfeitamente, as virtudes por

---

[744] Pericorese: inter-habitação das Pessoas Divinas umas nas outras.
[745] Cf. *Salmo* 48 (49): 21.
[746] Cf. I *Coríntios* 3: 11.
[747] Cf. *Efésios* 2: 20-21.
[748] Cf. *Mateus* 13: 45-46.
[749] *Lucas* 21: 19.

si sós não passam de sombras e imagens do bem, mas não são a própria imitação da verdade.

87. Existem quatro virtudes universais: a coragem, a prudência, a temperança e a justiça, e outras oito que as seguem de perto, por excesso ou carência, que consideramos como males, mas que os que estão no mundo chamam de virtudes e as concebem como tais. Elas são, para a coragem, a audácia e a timidez; para a prudência, a malícia e a ignorância; para a temperança, a licenciosidade e a indolência; para a justiça, a dominação e a sujeição. Com efeito, as virtudes médias são não apenas virtudes universais e naturais, superiores a todo excesso e toda falta, mas ainda são virtudes ativas, podendo agir a partir de uma resolução guiada pela retidão do pensamento, ou pela alteração e a presunção. Que estas virtudes médias sejam virtudes do direito, é testemunha o provérbio que diz: "Você tomará os caminhos do bem[750]". Todas as virtudes se formam nas três potências da alma, onde elas nascem e se edificam. Elas têm como fundamento de sua edificação as quatro virtudes cardinais – ou antes: Cristo – a fim de que as virtudes naturais sejam purificadas pelas virtudes ativas e que as virtudes divinas sobrenaturais sejam concedidas pela bondade do Espírito.

88. Dentre as virtudes, algumas são ativas, outras naturais, e outras divinas, sendo estas as virtudes do Espírito. As virtudes ativas são as virtudes da resolução, as virtudes naturais as da formação e as divinas as da graça.

89. Assim como nossa alma traz em si a gênese das virtudes, ela traz também a das paixões. Mas ela gera as primeiras segundo a natureza e as outras contra a natureza. A causa da gênese do bem e do mal na alma é o impulso da vontade. Ela é como que o ponto central de onde partem as linhas, ou como o fiel da balança que pende para o lado de onde recebe um impulso. O que fundamenta as duas energias do bem e do mal é a intenção, porque este fundamento chama para si uma ou outra, uma pela gênese, a outra pelo livre impulso da vontade.

90. A Escritura chama de "donzelas" as virtudes[751] por causa da conexão que as liga à alma e as faz se considerarem como um só corpo e um só espírito com ela. A beleza da donzela é com efeito um símbolo do amor e a forma das virgens sagradas é um testemunho de pureza e de purificação. De fato é da ordem da graça transpor para os gestos aquilo que é divino, e de dar forma, àqueles que disto são capazes, àquilo que sem erro se parece com a origem.

91. Existem oito paixões principais, das quais três são as maiores: a gula, a avareza e a vanglória. As cinco que se seguem são: a prostituição, a cólera, a tristeza, a acídia e o orgulho. Três virtudes englobantes correspondem às três primeiras paixões: a pobreza, a temperança e a humildade. E com elas seguem-se as virtudes: a pureza e a doçura, a alegria, a coragem, o desprezo por si e toda a série de outras virtudes. Mas aprenda e conheça o poder, a ação, o odor de cada virtude ou de cada vício que não são dados a quem os quer, mas a quem age e prova por seus atos e suas palavras, e que recebe do Espírito Santo os carismas da ciência e do discernimento.

92. Dentre as virtudes umas são ativas e outras passivas. As primeiras agem e permanecem em nós quando é preciso, cada vez que é preciso, tanto e como elas quiserem. Nós as trabalhamos na medida da resolução e do estado moral que nos é próprio. Mas as virtudes, elas, agem realmente, enquanto que nós agimos por imitação, porque somos imitadores por nosso modo de vida, pois a

[750] *Provérbios* 2: 9.

[751] Cf. *Cântico dos Cânticos* 1: 3.

imitação é o modo de tudo o que fazemos para atingir os modelos originais, ou arquétipos, do além. Pois são poucos os que comungam real e verdadeiramente com o intelecto, antes da felicidade incorruptível do século futuro. Por enquanto o que temos são o esforço e as imagens, não exatamente as virtudes, e é isto que recebemos e colocamos a trabalhar.

93. Segundo Paulo, quem comunga com a iluminação de Cristo e que pode transmiti-la aos demais por meio de sua energia, este celebra o mistério do Evangelho[752]. Este lança a palavra como uma semente divina nos campos das almas dos que o escutam. "Que sua palavra, disse ele, seja revestida da graça e da bondade divina, a fim de que ela leve a graça aos que a escutarem com fé[753]". E quando ele chama aos que ensinam e aos que são ensinados de cultivadores e de campo[754], ele indica com sabedoria que os primeiros são como operários e semeadores da palavra divina enquanto que os últimos são como a terra das virtudes, argilosa, fértil e fecunda. Com efeito, uma celebração realmente verdadeira do mistério é não somente a energia do que é divino, como também a participação dos bens e sua transmissão.

94. A palavra que é expressa com vistas ao ensinamento é diversa e, quaisquer que sejam seus numerosos modos, provém de quatro formas: do estudo, da leitura, da ação ou da graça. Assim como a água é uma por natureza, mas conforme os diferentes elementos da matéria terrestre que entram nela se renova e se transforma numa qualidade que lhe é própria e que é perceptível ao paladar (sendo amarga, doce, salgada, ácida), também no que tange ao estado moral de cada um, a palavra que dele provém muda, e será conhecida por sua energia e dada à sua assistência.

95. Sendo a palavra dada para o usufruto para razões de toda natureza, como diferentes alimentos, a alma que recebe este desfrute sente seu prazer diferentemente. Com efeito, a palavra que provém da ciência a marca ensinando-lhe uma arte de viver. A que vem da leitura a alimenta como uma água calma[755]. A palavra que vem da ação é fértil como as verdes pastagens[756]. A palavra que vem da graça embriaga como um cálice[757] e a encanta[758]. E esta alegria é inefável. Como o azeite, ela alegra e ilumina o rosto[759].

96. Não apenas a alma adquire verdadeiramente estas coisas em si, como sua vida, mas ela as sente nos outros quando os ouve ensinar, pois o amor e a fé precedem estes dois modos. Um escuta pela fé enquanto o outro ensina pelo amor, falando das virtudes sem vaidade nem glória. A palavra que vem da instrução é recebida por ele como um pedagogo; a palavra que vem da leitura, como um provedor que alimenta os demais; a palavra que vem da ação, ele a recebe como uma linguagem interior, como a mais doce vestimenta de bodas; e a palavra radiante do Espírito é como a palavra nupcial que unifica e alegra. Pois são palavras que saem da boca de Deus[760], aquelas que, por intermédio do Espírito, vêm da boca dos santos. Trata-se, em sua energia, do sopro dulcíssimo do Espírito, do qual não usufruem todos, mas apenas os que dele são dignos. Aqui, os que se regozijam visivelmente das coisas do Espírito são bem poucos. A maior parte não conhece, de memória, senão as imagens das palavras espirituais, e só participa destas. Eles ainda não comungam da palavra como de

[752] Cf. *Romanos* 15: 16.
[753] *Colossenses* 4: 6.
[754] Cf. I *Coríntios* 3: 9.

[755] Cf. *Salmo* 22 (23): 2.
[756] Cf. *Salmo* 22 (23): 2.
[757] Cf. *Salmo* 22 (23): 5.
[758] Cf. *Salmo* 103 (104): 15.
[759] Cf. *Salmo* 103 (104): 15.
[760] Cf. *Deuteronômio* 8: 3; *Mateus* 4: 4.

um verdadeiro pão do século futuro na sensação de Deus. Pois somente este está além, concedido para o justo regozijo dos que dele são dignos. Ele nunca é consumido, nem, esgotado, nem sacrificado.

97. Sem o sentido espiritual é impossível provar a sensação de alegria daquilo que é divino. Como alguém que abafou seus próprios sentidos, privando-os da energia diante das coisas – ele não pode ver, ouvir, sentir, está inerte, quase morto – também aquele que destruiu por meio das paixões as potências naturais da alma as torna insensíveis à energia e à comunicação dos mistérios do Espírito. Pois quem não vê, não ouve, não sente em espírito, está morto. Cristo não está vivo nele. Nem seus atos, nem seus movimentos estão em Cristo.

98. Os sentidos voltados para as potências da alma possuem a mesma energia, igual em todos, para não dizer única, sobretudo quando se trata de santos. Com efeito, é por meio destes sentidos que as potências vivem e agem, e o Espírito de vida se une a eles. A verdadeira fraqueza do homem está em ser inteiramente tomado pela doença das paixões, de estar todo o tempo deitado na enfermaria da negligência. Dentre os sentidos, alguns vigiam claramente o que é sensível, outros o que é inteligível, sobretudo quando não há neles nenhum combate satânico oposto à lei do intelecto e do Espírito[761]. E quando, pelo Espírito, ele se unem em um e se tornam uma única forma, então eles conhecem imediata e fundamentalmente em sua natureza o que é divino e o que é humano. Eles contemplam claramente as razões das coisas e se iniciam puramente, na medida do possível, a respeito da causa de tudo, a Trindade.

99. Quem busca a hesíquia deve ter por fundamento primeiramente estas cinco virtudes sobre as quais se edificará a obra: o silêncio, a temperança, a vigília, a humildade e a paciência. Depois, estas três obras que agradam a Deus: a salmódia, a prece e a leitura – e também o trabalho manual, quando se é fraco. Pois as virtudes que mencionamos não apenas contêm todas as demais, como as unem umas às outras. Na primeira hora, desde a aurora, deve-se consagrar à lembrança de Deus por meio da prece e da hesíquia do coração e orar continuamente; na segunda hora, ler; na terceira, salmodiar;. Na quarta, orar; na quinta, ler; na sexta salmodiar; na sétima, orar; na oitava, ler; na nona, salmodiar; na décima, comer; na décima primeira, dormir, se for necessário; na décima segunda, salmodiar as vésperas. Passas assim a jornada cotidiana agrada a Deus.

100. De todas as virtudes, é preciso, com a abelha, recolher as mais úteis e, recebendo de todas um pouco, fazer assim uma grande mistura da obra das virtudes. É delas que provém o mel da sabedoria, para a alegria das almas.

101. É fácil, para quem quiser, passar também a noite desta maneira. Escute. A vigília noturna tem três modos: dos noviços, dos médios e dos perfeitos. O primeiro modo é o seguinte: Dormir metade da noite e velar a outra metade; ou então do entardecer até a meia noite, ou da meia noite até a aurora. O segundo modo é: velar uma hora ou duas depois do entardecer, depois dormir quatro horas e se levantar para as matinas, salmodiar e orar por seis horas até a aurora. Salmodiar durante a primeira hora e se dedicar à hesíquia conforme foi dito. E, ou bem observar durante as horas a regra do trabalho, ou bem manter firme a continuidade da oração, que concede seu estado a que leva esta vida. O terceiro modo consiste em permanecer em pé e velar a noite inteira.

102. Falemos também da alimentação. Quinhentas gramas de pão bastam a qualquer um que queira conduzir o combate pela hesíquia. Beber dois copos de vinho puro e três de água, nutrir-se com os

[761] Cf. *Romanos* 7: 23.

alimentos que estiverem à mão – não os que a natureza nos manda buscar pelo desejo – e utilizar com sobriedade tudo o que nos envia a providência. Trata-se de uma ciência excelente e concisa para os que desejam levar com rigor suas vidas: observar as três obras que contêm as virtudes – o jejum, a vigília e a prece – e que asseguram a todos o sustento mais sólido.

103. A hesíquia está antes de tudo ligada à fé, à paciência, ao amor e à esperança, esta coisas que devemos viver com todo o coração, toda a força e todo o nosso possível[762]. Porque aquele que crê, ainda que aqui em baixo tenha perdido o que busca – por negligência ou por qualquer outro motivo – quando deixar este mundo, é impossível que não seja cumulado pelo fruto da fé e do combate e q1ue não veja a liberdade, que é Jesus Cristo, a redenção e a salvação das almas, o Verbo divino e humano. Quanto ao que não crê, este será julgado quando deixar este mundo. Mas ele já foi julgado, disse o Senhor[763]. Com efeito, foi dito, quem se dedica ao desfrute, "buscando a glória que vem dos homens e não a que vem de Deus, este não crê[764]", mesmo que pareça crer por palavras. Este homem engana a si próprio sem saber. Pois ele irá escutar: "Porque você não me recebeu em seu coração, mas me rejeitou deixando-me para trás, também eu o rejeitarei[765]". É preciso que o fiel tenha esperança, que ele creia verdadeiramente em Deus, de quem todas as Escrituras dão testemunho, e que ele confesse sua própria fraqueza, a fim de não incorrer no duplo julgamento inelutável.

104. Nada quebranta tanto o coração e humilha a alma como a vida retirada, baseada no conhecimento e no silêncio longe de tudo. E nada devasta tanto o estado de hesíquia e a potência divina que o

[762] Cf. *Deuteronômio* 6: 5.
[763] *João* 3: 18.
[764] *João* 5: 44.
[765] *Ezequiel* 5: 11.

despoja de tudo o que o cerca, como as seis paixões maiores: a liberdade de linguagem, a gula, a tagarelice, a distração, a vaidade e a paixão fundamental, a presunção. Quem se deixa levar por estes costumes, ao atingir o fundo das trevas, tornar-se-á totalmente insensível. Porém, se ele se corrigir, se recomeçar com fé e fervor, ele encontrará novamente o que buscava, principalmente se procurar com humildade. Mas se a negligência fizer com que reine uma das paixões de que falamos, então toda a sequência de males o virá assaltar, juntamente com uma descrença funesta, devastando sua alma. Entre a perturbação e o tumulto dos demônios[766], ele se tornará uma nova Babilônia, de sorte que sua última condição será pior do que a primeira[767]. O inimigo se torna irascível acusa os que buscam a hesíquia e afia sua língua contra eles como uma espada cortante de dois gumes.

105. As águas das paixões, cujo mar tempestuoso se mistura à hesíquia e inunda a alma, não podem ser atravessadas senão sobre a barca vazia e leve da pobreza total e da temperança. Com efeito, quando, por causa da intemperança e do amor à matéria, as torrentes das paixões cobrem a terra do coração, misturando a ela toda a lama e o lodo dos pensamentos, elas levam a confusão ao espírito, a perturbação ao intelecto, a pesandez ao corpo, tornando o coração e a alma negligentes, tenebrosos, obesos, e expulsam de sua morada os estados e as sensações naturais.

106. Nada como o egoísmo que alimenta as paixões torna tão vaidosa, negligente e irrefletida a alma dos que se agitam. Pois a cada vez que ela prefere as facilidades do corpo à busca penosa das virtudes e acredita que o conhecimento ajuda a não sofrer nas obras voluntariamente – em especial nos pequenos esforços fáceis dos

[766] Cf. *Isaías* 13: 21.
[767] Cf. *Mateus* 12: 45.

mandamentos – nela se produz um esgotamento em relação ao estado de hesíquia, e isto torna forte e irremediável o relaxamento nas obras.

107. Para aqueles que fraquejam diante dos mandamentos e preferem vomitar a perturbação que os cega, não há remédio melhor nem mais rápido do que a obediência em tudo, indivisível e fiel. Pois este é um remédio que contém numerosas virtudes e que dá a vida aos que o tomam. É uma espada que purifica de um só golpe as cicatrizes dos ferimentos. Aquele que, com fé e simplicidade, o preferiu a qualquer outra atividade, cortou ao mesmo tempo e com um só talho todas as paixões. Este não apenas atinge a hesíquia como ainda a conserva em si por meio da própria obediência. Este encontrou a Cristo, tendo se tornado seu imitador e servidor.

108. Se não nos dedicarmos ao luto nem vivermos em tristeza será impossível resistir ao calor ardente da hesíquia. Pois quem chora e medita nas infelicidades que precedem e se seguem à morte, antes que elas cheguem por si mesmas, terá a paciência e a humildade, os dois fundamentos da hesíquia. Mas quem vive a hesíquia sem isto terá sempre por companhia a presunção e a negligência. Daí provém os isolamentos e as inquietudes que nos levam à vaidade. Pois a filha da negligência, a intemperança, amolece e relaxa o corpo, escurece e endurece o intelecto. Neste momento Jesus se oculta[768] e uma multidão de ideias e de pensamentos ocupam o lugar da reflexão.

109. É impossível a todos experimentar na sensação o tormento da consciência, seja a de agora, seja a do século futuro. Pois isto só é dado àqueles que, seja agora, seja no além, carecem da glória e do amor. Este tormento é como um carrasco temível que castiga os culpados de todas as maneiras. Ele aparece sempre como uma espada afiada que priva do zelo e da justificação. Se a consciência é concedida, este zelo, ou o ardor natural, se volta de fato de três modos contra os adversários, contra a natureza e contra a alma. É a ele que devemos afiar como um glaivo cortante contra os inimigos. Se formos vencedores, se os outros dois se submeterem ao primeiro, o limite da coragem, agora transformada, se voltará para Deus. Mas se a alma for submetida aos dois – ao pecado e à carne – o final no além será um tormento impiedoso, porque ela se submeteu aos adversários por sua própria vontade, fazendo aqui em baixo as coisas mais inapropriadas, perdendo o estado de virtude e caindo, separada de Deus.

110. Dentre todas as paixões, duas são especialmente duras e graves. Trata-se da prostituição e da acídia, que oprimem e esgotam a alma infeliz. Elas possuem uma reciprocidade comum e se unem uma à outra. São difíceis de combater, e nos é impossível desfazê-las e vencê-las. A primeira transborda no desejo. Ela contém a matéria que, por natureza e de maneira indefinida, pertence à alma e ao corpo. Seu prazer impregna inteiramente todos os membros. A segunda, que submete a razão que nos conduz, envolve totalmente a alma e a carne como uma trepadeira, e torna a natureza preguiçosa, inerte e inconsequente. Elas são expulsas, mas não inteiramente desfeitas, antes da bem-aventurada impassibilidade, quando a alma se regozija ao receber o poder do Espírito Santo através da oração, o qual, com a hesíquia, lhe concede o repouso, a força e uma paz profunda no coração. A primeira paixão, a prostituição, comanda, reina, domina. Ela é o prazer que abarca os prazeres. E sua companhia, a inconsequência, que conduz os príncipes ao Faraó[769], é o carro invencível. É por meio delas que penetra em nós, os infelizes, tudo o que causa as paixões da vida.

---

[768] Cf. *João* 5: 13.

[769] Cf. *Êxodo* 14: 7.

111. O início da prece intelectual é a energia, ou seja, o poder purificador do Espírito, e a celebração mística do intelecto. Da mesma forma, o início da hesíquia é o estudo. O meio é o poder iluminante e a contemplação, e o fim é o êxtase e o arrebatamento do intelecto para Deus.

112. A energia intelectual do intelecto é um santuário do Espírito antes que venha o regozijo futuro que ultrapassa o entendimento. Ela celebra misticamente o sacrifício do Cordeiro com os dons de Deus sobre o altar da alma, e dele participa. Mas comer o Cordeiro de Deus sobre o altar espiritual da alma não é apenas conceber e participar, é também se tornar tal e qual como é o Cordeiro no século futuro. Pois aqui em baixo esperamos desfrutar das palavras, mas, no além, das realidades dos mistérios.

113. A oração, nos noviços, é como um fogo de alegria que sobe ao coração. Mas entre os perfeitos ela é como uma luz ativa e olorosa. Ou ainda, a prece é a predicação dos apóstolos, a energia da fé, ou antes, a fé imediata, o fundamento daquilo que se espera[770], o amor ativo, o movimento angélico, o poder dos incorpóreos, sua obra e seu usufruto, o Evangelho de Deus, a plenitude do coração, a esperança da salvação, o signo da pureza, o símbolo da santidade, o conhecimento de Deus, a manifestação do batismo, a purificação do banho, as armas do Espírito Santo, a exultação de Jesus, a alegria da alma, a piedade de Deus, o signo da reconciliação, o selo de Cristo, o raio do sol espiritual, a estrela matinal dos corações, a certeza do cristianismo, o signo da absolvição divina, a graça de Deus, a sabedoria de Deus, ou antes, o começo da sabedoria em si, a manifestação de Deus, a obra dos monges, a vida dos que se consagram à hesíquia, a origem da hesíquia, o testemunho da vida angélica. Que dizer mais? Deus, que realiza tudo em todos[771], é oração. Pois é uma e a mesma a energia do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que realiza tudo em Jesus Cristo.

114. Se Moisés não tivesse recebido de Deus a vara do poder, ele não teria se tornado Deus para o Faraó[772], e nem este nem o Egito teriam sido batidos. Da mesma forma, se o intelecto não toma em mãos o poder da prece, lhe é impossível destruir os pecados e as potências contrárias.

115. Quem diz ou faz seja lá o que for, sem humildade, é como alguém que constrói no inverno ou sem argamassa. Mas os que encontram e conhecem a humildade por experiência e ciência são pouco numerosos. Pois os que falam dela são como quem mede um abismo. Ora, nós, os cegos, que, como crianças, imaginamos algo desta grande luz, dizemos: a humildade não fala de si mesma, nem se forma por si mesma. O humilde não se violenta por pensar com humildade, e também não se condena. Embora tenha causas e formas, que são como modos diversos, a humildade é antes de tudo uma graça e um dom do alto. Os Padres dizem que existem duas formas de humildade: colocar a si próprio abaixo de todos, e remeter a Deus suas ações. A primeira forma é o começo, a segunda é o fim. Os que buscam a humildade passam a conhecer, e consideram em si mesmos, três coisas: que são mais pecadores do que todos, que são mais vis do que todas as criaturas (como se fossem seres contra a natureza) e que são mais miseráveis do que os demônios, como se fossem servidores dos demônios. É preciso dizê-lo: o que sei eu exatamente dos pecados dos homens? Quais são eles, quantos são? Ultrapassam ou igualam meus próprios pecados? Por ignorância, ó minh'alma, somos mais baixos do que todos os homens, somos terra

[770] Cf. *Hebreus* 11: 1.

[771] Cf. I *Coríntios* 12: 6.

[772] Cf. *Êxodo* 7: 1.

e cinzas[773]. Estamos sob seus pés. Como não serei eu mais vil do que todas as criaturas, que existem segundo a natureza tal como foram feitas, enquanto que eu, por causa de minhas inumeráveis injustiças, sou contra a natureza? Pois na verdade mesmo as feras e os animais são mais puros do que eu, o pecador. É por isso que estou abaixo de todos, como se tivesse descido aos infernos onde permaneço jacente antes mesmo da morte. Quem pode ignorá-lo, desde que sentiu isto, o ser pecador, pior do que os demônios, por ser seu servidor e seu objeto, e, desde aqui em baixo, encerrado com eles na prisão das trevas? Verdadeiramente, aquele que permanece sob o domínio dos demônios é pior do que eles. E é por isso, infeliz, que você herdou o abismo junto com eles. Você que habita a terra, o inferno e o abismo antes mesmo da morte, você que, por suas más obras, está sujo, pecador e demônio, como pode você ser tão abusado, a ponto de se dizer justo? Ah, você vive na superstição de sua fraude e de seu erro, cão impuro. É por isso que você será enviado ao fogo e às trevas.

116. A sabedoria movida pelo Espírito é, segundo os teólogos, o poder da prece intelectual, pura e angélica, cujo signo está no intelecto que, ao orar, contempla além de toda forma e não vê a si mesmo nem nada que possua extensão. Mesmo os sons muitas vezes são envolvidos por esta luz. Pois o intelecto, então, se torna imaterial e luminoso. Ele se liga inefavelmente a Deus em um só Espírito[774].

117. Sete diferentes modos conduzem e dirigem na direção desta humildade dada por Deus. Ele são: o silêncio, o coração humilde, a linguagem humilde, o comportamento humilde, a autocondenação, a contrição e a vida em condições extremas. O silêncio com conhecimento engendra o coração humilde, do qual nascem três modos de rebaixamento: falar humildemente, comportar-se simples e modestamente e sempre condenar a si próprio. Estes três modos engendram a contrição, que provém do recuo das tentações. Nós a chamamos de instrução providencial, e humildade que provém dos demônios. A contrição ativa coloca facilmente a alma abaixo de todos, fazendo dela a última dentre todos, como se fosse dominada por todos. Estes dois modos promovem o perfeito rebaixamento, que é um dom de Deus, e ao qual chamamos de potência, uma perfeição de todas as virtudes. Ele atribui a Deus todas as ações. A primeira de todas é, portanto, o silêncio, do qual nasce a humildade, a qual engendra os três modos de rebaixamento. E os três engendram o modo único da contrição. E o modo da contrição gera o sétimo modo do primeiro rebaixamento abaixo de todos, que chamamos de rebaixamento providencial. O rebaixamento providencial traz o verdadeiro rebaixamento, que é um dom de Deus, que é perfeito e que não tem forma. O primeiro rebaixamento começa sempre da seguinte maneira: se o homem não é abandonado e vencido, sujeitado, e se não é dominado por toda paixão e todo pensamento, abatido em seu espírito, sem encontrar socorro nas obras ou em Deus, ou em seja o que for, de sorte que, rebaixado de todas as maneiras, falta pouco para que caia em desespero, então ele já não pode ser ferido, por já se encontrar abaixo de todos, como último e servidor de todos, pior do que os próprios demônios, tiranizado e vencido por eles. Esta é a humildade providencial, por meio da qual a segunda humildade, a humildade suprema, e concedida por Deus. Esta consiste no poder divino que age em tudo e que criou tudo. Por meio dela podemos nos ver continuamente como o instrumento de Deus e cumpridores de suas maravilhas.

118. Uma contemplação espiritual pessoal da luz, um intelecto sóbrio e estável, uma verdadeira energia da prece jorrando sempre do findo do coração, uma ressurreição, uma tensão da alma em direção ao alto, um maravilhamento divino e uma sublimação deste universo, um êxtase total da reflexão no Espírito, fora dos sentidos,

[773] Cf. *Gênesis* 18: 27.
[774] Cf. I *Coríntios* 6: 17.

um arrebatamento do intelecto para além de suas próprias faculdades, um movimento angélico da alma conduzida por Deus para o infinito e levado até o cume – tudo isto é impossível de ser encontrado em nossa geração, quando em nós ainda reina a tirania das paixões através da multidão das tentações. É comum acontecer, com efeito, sobretudo entre os mais levianos, imaginar possuir estas coisas antes do tempo, de tal modo que, perdendo o pequeno estado que lhe fora concedido por Deus, eles morrem longe de tudo. Assim, é preciso que, com muito discernimento, não busquemos as coisas antes do tempo, nem rejeitemos as coisas que estão em nossas mãos, imaginando outras. De fato, por natureza, diante do que foi dito, é fácil ao intelecto imaginar e reformar aquilo que nele ainda não foi alcançado. Por isso é de temer que tal homem se veja privado do que lhe foi dado e, engando, perca o espírito, tornando-se imaginativo e não hesiquiasta.

119. Não apenas a fé é uma graça, mas também a prece ativa. Pois a prece que age pelo amor no Espírito mostra a verdadeira fé, a que traz em si a revelação da vida de Jesus. Assim, àquele em quem não lhe apraz agir, a fé é contrária, morta, sem vida. Não devemos chamar de fiel a quem não crê senão em palavras, e cuja fé não trabalha pelos mandamentos ou pelo Espírito. É preciso demonstrá-la pelo progresso nas obras, ou trazê-la radiante, realizada na luz pelas obras. Como disse o Apóstolo divino: "Mostre-me sua fé pelas obras, e eu lhe mostrarei minhas obras por minha fé[775]", querendo com isto dizer que pelas obras dos mandamentos é manifestada a fé da graça, assim como são cumpridos e brilham os mandamentos pela fé vivida na graça. Pois a raiz dos mandamentos é a fé, ou antes, ela é a fonte que os rega para fazê-los crescer, e de divide em duas, a confissão e a graça, ainda que permaneça indivisível por natureza.

[775] *Tiago* 2: 18.

120. A escada curta dos discípulos, a um tempo pequena e grande, tem cinco degraus que levam à perfeição: a renúncia, a submissão, a obediência, a humildade e o amor, que abre para Deus. A renúncia retira do inferno a quem estava deitado, destaca da matéria aquele que estava sujeitado. A submissão encontrou a Cristo e o serve, como ele próprio disse: "Aquele que me serve me segue. E onde eu estiver, aí estará meu servidor[776]". Mas onde está Cristo? Ele está sentado à direita do Pai[777]. É onde está Aquele a quem ele serve, aí deve também estar seu servidor, erguendo o pé para subir e, a fim de alcançar a altura através dos diversos modos, elevar-se e subir com Cristo. A obediência ativa aos mandamentos constrói a escada a partir das diferentes virtudes e as dispõe como degraus na alma[778]. A humildade que eleva recebe então o servidor e, levando-o para o alto até o céu, o entrega ao amor, a rainha das virtudes, que o conduz a Cristo e o coloca junto a ele. Assim, pela escada curta, aquele que está submisso à verdade sobe facilmente até o céu.

121. A via mais curta para o Reino do alto por meio da pequena escada das virtudes não é outra senão a rejeição das cinco paixões que se opõem à obediência, ou seja, a desobediência, a controvérsia, a autossuficiência, a justificação e a funesta presunção. Elas são partes e membros do demônio rebelde, que engole os que não obedecem verdadeiramente, e os envia ao dragão no abismo. A desobediência é a boca do inferno e a controvérsia é sua língua, como uma espada cortante. A autossuficiência são os dentes agudos. A justificação é a couraça e a presunção que leva ao inferno é o odor de seu ventre voraz. Aquele que o vence por meio da obediência, vê tudo desaparecer ao seu redor e sobe aos céus na fina ponta de um único degrau. Isto é verdadeiramente um milagre indizível e

[776] *João* 12: 26.
[777] Cf. *Romanos* 3: 34.
[778] Cf. *Salmo* 83 (84): 6.

inacessível. Mas é o q eu faz nosso Senhor que ama os homens, por meio de uma só virtude, ou antes, por uma única ordem, subindo aos céus fora do tempo, da mesma forma como, por uma única desobediência, descemos nós ao inferno e aí fomos engolidos.

122. O homem é duplo, como um outro mundo. E ele é chamado de "novo", segundo o Apóstolo divino que disse: "Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura[779]". Com efeito, o homem se torna o céu e a terra e tudo o que há no mundo, e ainda traz nele seu nome. Toda palavra e todo mistério se refere a ele, como disse o Teólogo. Com efeito, uma vez que não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas contra as dominações, contra os poderes das trevas neste século, contra as energias espirituais da malícia do príncipe dos ares nos céus[780], conforme as palavras do Apóstolo, aqueles que se opõem a nós devem estar como que em outro mundo e ser tão grandes quanto a natureza das potências de nossa alma. De fato, os três príncipes que se opõem aos que combatem lutam contra as três partes da alma, e cada um, segundo seu progresso e sua obra, é combatido por elas. O dragão, o príncipe do abismo, assalta os que estão atentos no coração. Ele tem sua força nos rins e no umbigo, onde se assenta o desejo. Através do monstro do esquecimento, que mora no coração do desfrute, ele espeta neles os poderes incendiários das flechas de fogo. Ele mantém o desejo como um abismo, como uma espécie de mar que ele faz agitar-se e ferver, mergulhando, erguendo-se, espumando. Ele queima o desejo nas uniões, cobrindo-o sob torrentes de desfrute, sem nunca saciar, por que ele é insaciável. O príncipe deste mundo[781] se opõe aos que buscam a virtude ativa. Ele combate com o mesmo ardor. Por meio do monstro da irresponsabilidade, ele combate em espírito com todos os sortilégios das paixões, como se estivesse em outro mundo, num teatro ou num estádio. Vencedor, ou vencido pelos que o combatem sempre e com coragem, ele lhes apresenta diante dos anjos com coroas ou cheios de confusão. Para nos combater, ele arma sem parar suas ordens contra nós. Quanto ao príncipe do ar, ele vem àqueles que, pelo intelecto, buscam a contemplação. Ele penetra na imaginação. Com os espíritos da malícia do ar, ele se insinua na razão e no intelecto. Pelo monstro da ignorância, ele derruba e perturba o intelecto que estava voltado para o céu espiritual. Como trovões, relâmpagos, rajadas e troares, ele traz de modo enganador as formações imaginárias e brumosas dos espíritos, e conduz ao desleixo. Assim, os três príncipes se opõem às três partes da alma, cada um contra cada uma. Mas onde acontece a guerra, é lá também que se vence o combate.

123. Aqueles que foram também inteligências outrora decaíram de sua leveza e de sua natureza imaterial. Cada qual possui agora uma certa extensão, encarnado num corpo segundo a ordem ou a energia de que é feita a sua ação. E uma vez que eles, à maneira dos homens, perderam a alegria de serem anjos e foram privados das delícias divinas, sofrem agora por se alimentar da terra como nós, tendo também se tornado materiais devido aos estados passionais da matéria. Não devemos nos espantar que nossa alma criada à imagem de Deus[782], dotada de razão e intelecto, tenha se tornado bestial, insensível e quase desprovida de inteligência devido ao desfrute das coisas materiais e à ignorância de Deus. Com efeito, o estado transforma a natureza e muda o sentido da energia segundo a escolha que fazemos. Assim, dentre os espíritos, existem alguns que são materiais, pesados, desenfreados, irascíveis, agressivos, como as feras carnívoras que escancaram a boca para o desfrute das delícias materiais. Como cães que se alimentam de sangue, eles devoram a

[779] II *Coríntios* 5: 17.
[780] Cf. *Efésios* 2: 2; 6: 12.
[781] Cf. *João* 12: 31.
[782] Cf. *Gênesis* 1: 26-27.

podridão sua amiga como se estivessem possuídos. Eles imaginam ter como delícias e morada as carnes pesadas e materiais. Outros, desenfreados e úmidos, habitam o desejo como as sanguessugas, caranguejos e serpentes habitam o mangue, às vezes se transformando em peixes, derrapando no prazer salobre do deboche. Eles encontram seu prazer e nadam num oceano de embriaguez. Sua natureza é mole e escorregadia. Eles se regozijam na umidade dos prazeres irracionais e levantam na alma ondas, tempestades e ventanias de pensamentos e sujeiras. Outros ainda são vazios e leves, como espíritos aéreos. Eles assopram para agitar a natureza contemplativa da alma e suscitam ventanias violentas e imaginações. Eles se tornam pássaros e, transformados em anjos, enganam a alma. Eles dão forma às lembranças de certos conhecimentos, transformando e invertendo toda contemplação espiritual, sobretudo nos que ainda combatem pela pureza e o discernimento de espírito. Pois nada existe de espiritual em quê eles não possam se transformar secretamente pela imaginação. Também eles se armam segundo o estado da alma e a medida de seu progresso. Trazendo o erro no lugar da verdade e a imaginação no lugar da contemplação, eles vêm habitar em nós. A Escritura dá testemunho de todos estes quando fala dos animais do campo, dos pássaros do céu e das serpentes da terra[783]. Ela se referia aos espíritos de malícia.

124. A revolta das paixões e a guerra que a carne faz à alma estão baseadas em cinco modos. Tanto a carne abusa dos seres, como busca agir contra a natureza fingindo agir segundo a natureza. Ou ela é armada pelos demônios contra a alma, unindo-se a eles quando se entrega de bom grado à desordem, presa das paixões. Ela também declara uma guerra em todas as frentes, por causa da inveja dos demônios; mas aqueles que nos fazem oposição cedem diante da humildade quando, apesar de tudo o que foi dito, falham em seu objetivo.

125. Existem três causas principais da guerra, que nos vêm de toda parte e por todos os meios: o modo de ser, o desprezo dos seres e a inveja e o combate dos demônios quando cedem. A revolta ou o desejo da carne contra a alma, ou da alma contra a carne, as paixões da carne contra a alma e as ações da alma contra a carne[784] têm o mesmo modo conforme o estado e conforme a energia. E neste momento que, inconsideradamente e sem causa, em sua impudência e audácia, aquele que nos guerreia nos combate. Portanto, amigo, não permita que a sanguessuga sanguinária torne exangue suas artérias. Que ela jamais possa vomitar o sangue. Não dê terra para saciar a serpente e o dragão, e assim você vencerá facilmente o rugido do leão e do dragão[785]. Gema até se ver despojado e se revestir da morada do alto[786] e da figura daquele que o criou à sua imagem[787], Jesus Cristo.

126. Aqueles que não passam de carne e que abraçam o egoísmo são sempre escravos do prazer e da vanglória e neles a inveja deita raízes. Consumidos pela desonestidade, vendo a felicidade do próximo com azedume, eles transformam em mal tudo o que é bom. Eles são frutos do erro. Não recebem nem creem nas coisas do Espírito. Em sua pouca fé não podem ver nem conhecer a Deus. Por causa de sua cegueira e desta pouca fé, com toda razão, eles ouvirão no além: "Eu não os conheço[788]". Com efeito, é preciso que o fiel que pede, ou creia naquilo que ouve mas não sabe, ou que aprenda aquilo em que crê, ou que ensine o que conhece e multiplique o talento naqueles que o recebem com fé. Mas se ele não crê no que

[783] Cf. *Oséias* 2: 14.

[784] Cf. *Gálatas* 5: 17.
[785] Cf. *Salmo* 90 (91): 13.
[786] Cf. II *Coríntios* 5: 2.
[787] Cf. *Colossenses* 3: 10.
[788] *Mateus* 25: 12.

sabe, se nega o que não conhece, e se ensina o que não aprendeu, blasfemando contra os que ensinam ativamente estas coisas, ele será castigado. Sua parte será com aqueles que têm a bílis do azedume[789].

127. O orador, segundo aqueles que são verdadeiramente sábios nas palavras, é aquele que, por meio da ciência geral, contém os seres na concisão, dividindo-os e religando-os num corpo único, mostrando que eles participam de uma mesma potência, conforme a alteridade e a identidade. Estes são chamados de "os que demonstram segundo a verdade". Ou ainda, o orador verdadeiramente espiritual é aquele que divide e religa as cinco propriedades gerais, distintas e universais dos seres, que o Verbo que se encarnou no homem reuniu em si. E ele o fez pela palavra que a tudo engloba e com uma voz tal que, enquanto orador, abarcou a tudo. Não foi por meio de uma simples demonstração, como fazem os que estão do lado de fora, que ele revelou a todos estas coisas, mas a partir das coisas que lhe apareceram no espírito ele esclareceu os contemplativos e todos os demais. O verdadeiro filósofo é, assim, aquele que, a partir dos seres, conhece a causa dos seres, ou aquele que, a partir da causa, conhece os seres segundo a união que ultrapassa o intelecto e também segundo a fé direta. Não apenas ele aprende, mas ele experimenta o que é divino. Ou ainda, o verdadeiro filósofo é o espírito ativo e contemplativo que vive na cidade. Um espírito filosófico perfeito é o que se dedica alegremente à filosofia moral, natural e teológica, ou antes, ao amor divino, encontrando na filosofia moral as ações, na filosofia natural as razões, e na filosofia teológica a contemplação, ensina que a exatidão dos dogmas é coisa de Deus. Ou ainda, o orador divino nas coisas de Deus é aquele que, dentre o que é e o que não é, distingue aquilo que é verdadeiramente. Ele demonstra as razões das primeiras falando das segundas. E partindo das razões de umas, sob inspiração divina, ele vê as das outras. Ele define o inteligível e o invisível a partir do sensível e do visível, e o mundo sensível e visível a partir do invisível e inteligível, um como a imagem visível do invisível, o outro como o arquétipo invisível do visível. E ele afirma que as figuras e as formas são suscitadas pelo que não possui nem figura nem forma. O modo pelo qual aquelas aparecem nestas e estas naquelas, ele vê clara e espiritualmente, as primeiras nas segundas e as segundas nas primeiras, e as torna visíveis pela palavra da verdade. Não é por meio de palavras anagógicas ou alegóricas que ele forma o conhecimento flamejante da verdade, esta verdade que é como o sol, mas, pela ciência e o poder espiritual ele revela as razões da verdade de ambos, e demonstra claramente que um é nosso pedagogo e que o outro é a moradia eterna de Deus, que nos foi dada visivelmente. O filósofo divino é aquele que está diretamente unido a Deus pela ação e a contemplação. Ele se torna seu amigo, e assim é chamado. Por que, acima de todo amor, de qualquer outra sabedoria, de qualquer conhecimento, ele se apaixonou e amou a sabedoria primigênia, criadora e verdadeira. Ele ama o Verbo mais do que a sabedoria (embora a glória que toma o nome de sabedoria permaneça oculta, como disse Gregório o Grande), ele é o que ama e sonda a sabedoria da criação de Deus na sua última expressão, mas sem exercer com ostentação esta filosofia por um louvor e uma glória humanos, a fim de não se tornar uma amante da matéria, nem um filósofo da sabedoria natural de Deus. E é um escriba instruído no Reino de Deus, aquele que por meio da ação se dedica à contemplação de Deus e que persevera na hesíquia, e que extrai do tesouro de seu coração o novo e o antigo[790], ou seja, o que é evangélico e o que é profético, ou o que provém do novo Testamento e o que provém do antigo, ou o que diz respeito ao ensinamento e o que se refere à ação, ou o que vem da Lei e o que vem dos Apóstolos. Estes são os mistérios novos e antigos que o escriba ativo extrai de seu tesouro,

[789] Cf. *Atos* 8: 23.

[790] Cf. *Mateus* 13: 52.

que lhe foi ensinado pela vida agradável a Deus. O escriba ativo é aquele que, permanecendo em seu corpo, se oferece à ação. O orador divino é o que esta naturalmente em meio aos conhecimentos e as razões dos seres e que demonstra tudo em espírito pelo poder analítico da razão. E o verdadeiro filósofo é o que traz em si mesmo, pela via do conhecimento e pela via imediata, a união sobrenatural com Deus.

128. Os que falam e escrevem sem o Espírito e pretendem edificar a Igreja são psíquicos: como diz o Apóstolo, eles não possuem o Espírito[791]. Pois estes homens estão submetidos à maldição, que diz: "Infelizes os que são inteligentes para si e sábios aos seus próprios olhos[792]". Pois estes falam a partir de si próprios. Não é o Espírito de Deus que fala por eles[793], segundo a palavra do Senhor. Os que falam a partir de seus próprios pensamentos sem que estejam purificados se perdem no espírito de presunção. A este respeito, diz o provérbio: "Eu vi um homem que se julgava sábio, mas o tolo tem mais esperanças do que ele[794]". E: "Não se tornem sábios aos seus próprios olhos[795]". A sabedoria no-lo ordena. E o próprio Apóstolo divino, cheio do Espírito, disse: "Não somos capazes por nós mesmos, mas nossa capacidade vem de Deus[796]". E: "Diante de Deus, como vindo de Deus, falamos em Cristo[797]". As palavras destes homens são assim odiosas e desprovidas de luz. Ele falam sem comungar da fonte viva do Espírito, mas se alimentam no mangue de um coração cheio de lama onde nadam as sanguessugas, as serpentes e os caranguejos dos desejos, do orgulho e da intemperança. A água de seu conhecimento é malcheirosa, perturbada e morna. Os que dela bebem são derrubados e transformados pelo langor, o desgosto e a náusea.

129. "Somos o corpo de Cristo, disse o Apóstolo divino, e cada qual é um de seus membros[798]". E também: "Vocês são um só corpo e um só Espírito, conforme foram chamados[799]". Pois, assim como o corpo está morto e insensível sem o Espírito[800], também aquele que, por haver negligenciado os mandamentos depois do batismo e ter sido levado à morte pelas paixões, se torna inerte, privado da luz do Espírito Santo e da graça de Cristo. Pela fé e o novo nascimento, ele possuía o Espírito, mas pela morte da alma se tornou inerte e imóvel. Pois se existem muitos membros num corpo, existe uma só alma. Esta mantém, anima e move tudo o que recebe vida. Quando sobrevém uma enfermidade que resfria os membros e os torna como mortos e inertes, a alma os carrega consigo, ainda que eles estejam sem vida e insensíveis. Assim o Espírito de Cristo está por inteiro, sem se misturar, em todos os membros de Cristo. Ele age e carrega a vida nos que podem participar da vida. Mas em seu amor pelo homem ele domina também como se fossem seus os membros enfermos que não podem participar. Todo fiel participa assim pela fé da filiação do Espírito, mas a negligência e a descrença o tornam inerte e tenebroso, privado da luz e da vida de Jesus. Da mesma forma, todo fiel é membro de Cristo e possui o Espírito de Cristo, mas se se tornar inerte e imóvel, não é admitido a participar da graça.

130. Dentre as oito contemplações maiores, dissemos que a primeira pe a contemplação em Deus sem forma, sem começo, incriada e

[791] Cf. *Judas* 19.
[792] *Isaías* 5: 21.
[793] Cf. *Mateus* 10: 20.
[794] *Provérbios* 26: 12.
[795] *Provérbios* 3: 7.
[796] II *Coríntios* 3: 5.
[797] II *Coríntios* 2: 17.
[798] I *Coríntios* 12: 27.
[799] *Efésios* 4: 4-5.
[800] Cf. *Tiago* 2: 26.

causa do universo, a Divindade trinitária, uma e supra-essencial. A segunda é a da ordem e do estado das potências. A terceira é a da constituição dos seres. A quarta é a da descida do Verbo entre nós, em sua economia. A quinta é a da ressurreição universal. A sexta é a da terrível segunda vinda de Cristo. A sétima é a do castigo eterno. A oitava é a do Reino dos céus. Quatro contemplações se debruçam sobre o que é passado e que já aconteceu, e quatro sobre o que está para vir e que ainda não se manifestou. Todas estas contemplações são claramente distintas e se encontram naqueles que, pela graça, adquiriram uma grande pureza de inteligência. Mas quem se dirige para aí sem a luz, saiba que imagina, mas não contempla. O espírito de ilusão faz com que ele imagine, e ele imagina.

131. Também é preciso falar do erro, na medida do possível, pois para muitos ele é difícil de ser conhecido e é quase inapreensível, por causa de seus múltiplos truques muito inventivos. Diz-se que o erro aparece, ou antes, sobrevém e assalta, sob duas formas, pela imaginação e pela ação – embora sempre extraia seu princípio e sua causa de uma única fonte, o orgulho. A primeira forma é o princípio da segunda, e esta é o princípio de uma terceira, que desorienta o espírito. O princípio da visão imaginária é a presunção, que nos faz imaginar o divino sob uma forma. É por meio dela que, pela imaginação que conduz à ilusão, nos chega o erro, do qual nasce a blasfêmia. E o erro ligado à imaginação engendra o terror diante dos fantasmas estranhos, seja no estado de vigília ou durante o sono, que é o que chamamos de terror e estremecimento da alma. De fato, o erro provém do orgulho; do erro provém a blasfêmia; dela, a negligência; daí, o medo e dele a desorientação dos sentimentos naturais. Este é o primeiro modo do erro, o que nasce da imaginação. O segundo modo provém da ação. Ele tem seu princípio no desfrute, que nasce do desejo dito natural. Com efeito, do prazer nasce o deboche das impurezas que não é lícito mencionar. Depois, estas, aquecendo toda a natureza e perturbando a razão com uma mistura de imagens, leva o intelecto a se perder. Ela o imbeciliza por meio da embriaguez da energia abrasadora. Ela o faz dizer falsas profecias e interpretar as supostas visões de certos santos e suas palavras como se tivessem sido reveladas por ele, bêbadas com a vertigem da paixão. A conduta se altera e se torna demoníaca. Os que são levados pelo mundo pela ilusão do erro atraem as pequenas almas destes homens para os lugares consagrados a determinados santos. Estes supostamente os inspiram, agindo sobre eles e os atormentando. Eles anunciam aos homens aquilo que recebem dos santos. Mas devemos antes chama-los de possuídos pelo demônio, sujeitos às ilusões e escravos do erro, e não de profetas que anunciam o presente e o futuro. Pois o próprio demônio do deboche, ferindo sua inteligência na fogueira do prazer, os leva à desorientação do coração, fazendo-os imaginar os santos e lhes mostrando conversas e visões com eles. Estes mesmos demônios os confundem para torna-los frouxos. Pois, prendendo-os ao jugo do diabo, o demônio do deboche os empurra ao erro por suas ações, a fim de torná-los cativos e servis até a morte, enviando-os ao castigo.

132. Devemos saber que o erro tem três causas universais, por meio das quais ele penetra nos homens. Ele provém do orgulho, da inveja dos demônios e da recusa em se corrigir. Estas, por sua vez, têm as suas causas. A causa do orgulho é a leviandade. A da inveja é o progresso. A da recusa em se corrigir é a vida no pecado. O erro que provém apenas da inveja e da presunção pode ser rapidamente curado, sobretudo quando nos humilhamos. Mas Deus concede a absolvição do castigo ao qual nos atira Satanás, até o momento da morte. Quando os inocentes são atormentados, ele lhes concede a sua salvação. Convém saber que o demônio da presunção chega primeiro naqueles que não estão estritamente atentos ao coração.

133. Os sacerdotes e os reis e todos os que se dedicam à piedade são consagrados pela verdade à renovação, como dantes os antigos o

eram figuradamente. Aqueles eram, de fato, as imagens de nossa verdade. Não alguns, mas todos deram seu testemunho a nós. Embora sejam os mesmos símbolos, nossa realeza e nosso sacerdócio não possuem o mesmo modo nem a mesma forma como eram para eles. Para nós a natureza – ou a graça e o chamado à consagração – não estão divididos a ponto de que aquele que se consagra seja diferente. Temos um único e mesmo chamado, a mesma fé, a mesma forma. Isto significa e demonstra, conforme a palavra de verdade, que podemos ser puros, impassíveis, e ao mesmo tempo inteiramente consagrados a Deus, agora e no século futuro.

134. Quem alcança este estado, proclama a sabedoria por sua boca e a inteligência pela meditação de seu coração[801], fazendo surgir claramente, a partir dos seres, o Deus Verbo, a sabedoria anipostática de Deus Pai[802], por trazer em si as razões dos modelos que deixam suas marcas nos seres. Pela palavra viva que proclama, sua boca diz a sabedoria a partir da sabedoria. Com o coração iluminado pelo poder da inteligência renovadora meditada em espírito, ele pode criar e esclarecer por meio desta inteligência aqueles que o escutam com fé.

135. Um grande erro se opõe à verdade e conduz hoje em dia os homens à perdição. Por meio dele a ignorância das trevas reina nas almas negligentes, tornando-as estranhas a Deus. Os que sabem que existe um Deus que nos recriou e nos iluminou, ou bem não creem nele e só o conhecem em palavras e não em obras, ou pensam que ele só apareceu aos antigos em não a nós. Eles ligam a outros, ou aos que lhes disseram, os testemunhos da Escritura a respeito de Deus, e, quando eles falam de Deus, blasfemam a glória[803], negando a devoção que nasce do conhecimento. Eles leem as Escrituras apenas no nível dos corpos, para não dizer à maneira dos judeus, negando a subida desde baixo pela ressurreição da alma, e desejam permanecer sem conhecimento, nos seus túmulos. Este grande erro constitui-se das três paixões: a descrença, a malícia e a negligência, que se engendram e contêm-se mutuamente. A descrença chama a malícia, a malícia é companheira da negligência, cujo sinal é a preguiça. OU então, reciprocamente, a negligência gera a malícia, como disse o Senhor: "Servidor mau e preguiçoso[804]". E a malícia é a mãe da descrença. De fato, todo ser mau é também descrente: não crê, não teme a Deus. Daí nasce a negligência, a mãe do desdém, por cuja causa todo bem é desleixado e se cumpre todo mal.

136. O pensamento verdadeiro a respeito de Deus e o conhecimento verídico constituem a perfeita ortodoxia dos dogmas. Por esta razão, o ortodoxo deve glorificar assim: "Glória a ti, Cristo nosso Deus, glória a ti; por nós te fizestes homem, Deus Verbo acima do ser; grande é o mistério de tua economia, nosso Salvador, glória a ti".

137. Dentre as palavras escritas, segundo o grande Máximo, existem três modos distintos que não podemos julgar nem condenar. O primeiro é o que escrevemos para nós; o segundo, o que escrevemos para o bem dos outros; o terceiro, o que escrevemos por obediência. É aí que se situa a maior parte dos escritos, para aqueles que buscam humildemente a palavra. Mas aquele que escreve sobre as virtudes por complacência, pela glória ou para ser visto, dele se diz que já recebeu seu salário[805]. Isto não tem utilidade alguma aqui em baixo nem recompensa no século futuro. Por tentar agradar os homens, este se iludiu e traficou a palavra de Deus[806]; ele será condenado.

---

[801] *Salmo* 48 (49): 4.
[802] Cf. I *Coríntios* 1: 24.
[803] Cf. *Judas* 8.
[804] *Mateus* 25: 26.
[805] Cf. *Mateus* 6: 16.
[806] Cf. II *Coríntios* 2: 17.

OUTROS CAPÍTULOS

1. Todos os que foram batizados em Cristo devem passar por todos os estágios da vida de Cristo. Por que receberam seu poder. E, por meio dos mandamentos, eles podem descobri-lo e aprende-lo. A concepção é a garantia do Espírito. O nascimento é a energia da alegria. O batismo é o poder purificador do fogo do Espírito. A transfiguração é a contemplação da luz divina. A crucificação é a morte para o mundo. O enterro é a guarda do amor divino no coração. A ressurreição é o despertar vivificante da alma. A ascensão é o êxtase em direção a Deus e o arrebatamento do intelecto. Quem não descobriu nem sentiu a passagem por estes estados ainda é uma criança em seu corpo e em seu espírito, ainda que diante de todos pareça um homem entrado em anos e cheio de ações.

2. A paixão de Cristo traz em si uma morte que dá a vida, por aqueles que sofrem apesar de todos, uma vez que sofremos com ele para sermos glorificados com ele[807]. Mas as paixões e os prazeres arrastam os que por eles se entregam a uma morte que traz a morte. Sofrer voluntariamente os sofrimentos de Cristo consiste, de fato, em crucificar a crucificação e em fazer morrer a própria morte.

3. Sofrer por Cristo consiste em suportar o que acontece. Pois a instrução do Senhor, que é um ardor ciumento pelo bem dos inocentes, nos denuncia para que retornemos, abrindo os ouvidos, a nós que somos culpados. É por isso que o Senhor prometeu a coroa da eternidade àqueles que suportam. Glória ao nosso Deus, glória a ti, Trindade santa, por tudo, glória a ti.

[807] Cf. *Romanos* 8: 17.

Da transformação passional

4. A acídia, paixão difícil de combater, afrouxa o corpo. E quando o corpo está relaxado, também a alma fica frouxa. Esgotados um e outra, a compleição do corpo é alterada pela preguiça. Esta suscita o desejo; o desejo, o calor; o calor, a rebeldia; a rebeldia suscita a memória; a memória, a imaginação; a imaginação, a sugestão; a sugestão, a associação; a associação, o consentimento; e o consentimento cria o ato, seja por meio do corpo, seja por meio de outras aberrações. Assim o homem é vencido e tomba.

Da boa transformação

5. A paciência em todas as obras engendra a coragem; a coragem, a resolução; a resolução, a constância; a constância, a tensão; a tensão do trabalho, ou a superação, acalma a intemperança do corpo e domina o relaxamento do desejo; o desejo suscita a aspiração; esta, o amor; o amor suscita o ardor; o ardor, o calor; o calor, o despertar; o despertar, o esforço; o esforço, a prece; a prece, a hesíquia; a hesíquia engendra a contemplação, e esta o conhecimento; o conhecimento engendra a inteligência dos mistérios; o fim dos mistérios é a teologia; o fruto da teologia é a perfeita caridade; o fruto da caridade é a humildade; o fruto da humildade é a impassibilidade; o fruto da impassibilidade é a vidência, a profecia, a previsão. Pois aqui em baixo ninguém é perfeito em virtudes, nem absorve de uma vez por todas todos os vícios. Mas quando a virtude cresce pouco a pouco, o vício retorna insensivelmente para o nada.

Das tentações durante o sono

6. *Questão*: quando a polução noturna é pecado, e quando não?
Resposta: a polução é pecado em três situações: a prostituição, a frouxidão e o consentimento dos pensamentos. Mas em sete casos

ela não é pecado: quando o fluxo provém da urina, dos alimentos materiais, dos alimentos purgativos, da água fria, do relaxamento do corpo, da fadiga extrema e das diversas imaginações demoníacas. Dentre os ativos, depois da velhice, o fluxo ocorre no mais das vezes por cinco dos modos mencionados. Mas entre os impassíveis, a matéria do humor não vem senão com a urina. As numerosas penas e a energia divina que purifica e santifica sutilizaram as passagens secretas. Ademais, eles receberam os carismas da temperança. O último modo – o fluxo que provém dos fantasmas durante o sono – é o dos passionais e dos enfermos. Mas também este, na medida em que é involuntário, não é um pecado. É o que disseram os Padres.

No impassível, o movimento que não é pecado e que a providência suscita de tempos em tempos, é consumido pelo fogo divino como o resto da matéria. No ativo, a necessidade é múltipla, e nada do que sai do corpo é condenável. No passional, o fluxo é duplo. Ele pode ser mau ou não. Ele pode ser provocado durante o sono pelos fantasmas, ou na vigília pelo consentimento. O primeiro modo não é condenável; mas o segundo é pecado, e a ele esta ligada uma pena.

Nos impassíveis, o fluxo e o alívio do corpo são a mesma coisa. O humor se vai com a urina, segundo os caminhos da providência. A urina se espalha como um resíduo e o humor se perde, consumido pelo fogo divino. É o que se diz. Nos ativos e nos médios, diz-se que o corpo se purifica e se libera do humor corruptível e daquilo que é natural e necessário, por seis modos gerais e irrepreensíveis do fluxo: os alimentos materiais, os alimentos purgativos, a água fria, o relaxamento da natureza, o esgotamento pelo trabalho e por fim a natureza afetada por si mesma sob a influência da inveja dos demônios. Entre os doentes e os noviços, os modos passionais são também em número de seis: a gula, o falatório, o excesso, a vanglória, o duplo consentimento da imaginação e a inveja agressiva dos demônios. Mas este é o objetivo da providência: purificar a natureza da corrupção, dos acréscimos estrangeiros e dos desejos selvagens que penetram nela, e, por meio da atenção, ensinar àquele que combate a humildade e a temperança em tudo[808] e longe de tudo.

7. Aquele que vive só e que come o que lhe é dado por caridade, deve receber a esmola de sete maneiras: a primeira, pedir quando necessário; a segunda, receber quando necessário; a terceira, receber o que vem como se fosse dado por Deus; a quarta, ter confiança em Deus, crer que é ele quem retribui; a quinta, ser um operário dos mandamentos; a sexta, não transgredir nenhum deles; a sétima, não ser avaro, mas generoso e compassivo. Quem age assim se alegra: este é conduzido por Deus, não pelos homens.

---

[808] Cf. I *Coríntios* 9: 25.

DA HESÍQUIA E DA PRECE

Dos sinais da graça e da ilusão. Qual é a diferença entre calor e energia. Como é fácil, sem um guia, cometer o erro do sincretismo.

1. Seria preciso falar como o grande Doutor e não ter necessidade do auxílio das Escrituras[809], nem de outros Padres, ó Longino, você que traz o sinal, mas sim sermos ensinados por Deus – pois foi dito: "Todos serão ensinados por Deus[810]" - a fim de receber dele e por ele o conhecimento e de aprender o que é bom. Não foi apenas a nós, mas a cada fiel, que foi dado, como a lei do Espírito sobre as tábuas de nossos corações[811], trazer escrito ao mesmo tempo aqui e com os Querubins, o extraordinário, e de nos entretermos com Jesus por intermédio da prece pura.

Mas, se recebemos a nova criação[812] ainda crianças, não concebemos a graça nem percebemos toda a renovação, mas antes desconhecemos a transbordante imensidão da honra e da glória da qual participamos. E não sabemos que através dos mandamentos devemos crescer em nossa alma e nosso espírito, e ver com o intelecto aquilo que recebemos. A maior parte dentre nós, pela negligência e o estado passional, cai na insensibilidade e na cegueira. Não sabemos nem se Deus existe, nem o que somos, nem aquilo que nos tornamos ao nos tornarmos filhos de Deus, filhos da luz, filhos e membros de Cristo.

E se somos batizados na idade adulta, não percebemos senão a água, não sentimos o Espírito. Mesmo renovados no Espírito, não cremos senão com uma fé morta e inerte, não afirmamos plenamente aquilo que nos tornamos. Somos assim carne e vivemos e caminhamos segundo a carne. Se nos arrependemos, não observamos nem conhecemos os mandamentos senão de modo corpóreo, não espiritual. Se, depois de muitas penas, a alguns dentre nós é dado ver aparecer a graça em seu amor pelo homem, nós a vemos como uma ilusão. E quando ouvimos dizer que esta graça age em outros, ficamos com inveja e a vemos como um erro. Assim, permanecemos mortos até o último dia, e não vivemos nem agimos em Cristo. Como diz a Escritura, aquilo que temos nos será tirado[813] no momento do êxodo e do Juízo, por nossa descrença ou nossa desesperança. Nunca compreendemos que é preciso que os filhos sejam à imagem do Pai: deuses, pois eles vêm de Deus; espirituais, porque vêm do Espírito. Diz-se que aquilo que é nascido do Espírito é espírito[814]. Mas nós somos carne e, embora tenhamos recebido a fé e tenhamos nos tornado celestes, o Espírito de Deus não permanece em nós[815]. Se o Senhor permitiu a angústia e o cativeiro e deixou que se multiplicassem as carnificinas, é talvez porque quis nos corrigir com remédios mais fortes, ou nos separar, ou nos livrar da malícia.

2. Direi, antes de tudo, uma vez que Deus dá voz aos que anunciam tais bens[816], como podemos encontrar o Cristo que possuímos, ou que recebemos pelo batismo no Espírito, ou melhor, como podemos ser encontrados por ele. São as palavras do Apóstolo Paulo: "Não sabem que Jesus Cristo mora em seus corações?[817]". Depois direi como avançar – possa isto ser assim – e como conservar o que foi conseguido.

---

[809] Cf. I *Tessalonicenses* 4: 9.
[810] *Isaías* 54: 13*; João* 6: 45.
[811] Cf. II *Coríntios* 3: 3.
[812] O batismo
[813] Cf. *Mateus* 25: 29.
[814] *João* 3: 6.
[815] Cf. *Gênesis* 6: 3.
[816] Cf. *Salmo* 67 (68): 12.
[817] II *Coríntios* 13: 5.

A melhor maneira, e a mais curta, é expor brevemente os extremos e o meio, pois a coisa é muito vasta. É por isso que muitos levaram o combate só até achar o que buscavam, e aí detiveram seu impulso. Eles não foram mais longe e não se preocuparam com isto, contentando-se com o começo que encontraram. Quando encontraram um obstáculo e deixaram secretamente a via, eles imaginaram continuar no bom caminho, e marcharam para longe dele sem nenhum ganho. Outros, que chegaram até a metade do caminho da iluminação, pararam antes do fim. Foram negligentes, ou voltaram atrás vivendo na indiferença, e tornaram-se novamente noviços. Outros chegaram a tocar a perfeição, mas não foram suficientemente atentos. A presunção os fez cair, voltaram atrás e se viram outra vez trabalhando com os médios e os noviços. Ora, os noviços, os médios e os perfeitos têm cada qual sua própria via, uns a energia, outros a iluminação e outros a purificação ou a ressurreição da carne.

Como encontrar a energia

3. A energia do Espírito, que recebemos misteriosamente no batismo, encontra-se segundo dois modos. Em primeiro lugar, de modo geral, por obra dos mandamentos, através de muitas penas e tempo, é que, segundo são Marcos[818], se revela o dom que, na medida em que cumprimos os mandamentos, nos ilumina mais e mais com sua própria irradiação. Em segundo lugar, o dom se manifesta na submissão, pela invocação aplicada e contínua do Senhor Jesus, ou seja, pela lembrança de Deus.

Seguimos mais lentamente a primeira via, e mais depressa a segunda, se aprendermos com esforço como cavar pacientemente a terra para encontrar ouro. Se quisermos encontrar e conhecer a verdade sem cairmos em erro, busquemos unicamente a energia do coração, sem imagens ou qualquer tipo de forma. Não tentemos nem ver em imaginação a forma ou a figura dos supostos santos, nem contemplar luzes, pois, com tais imaginações falsas, o erro vem bater no intelecto daqueles que não possuem experiência. Não nos liguemos senão na energia da oração que age no coração, que aquece e alegra o intelecto e inflama a alma com o inefável amor a Deus e aos homens. Veremos então uma grande humildade e uma grande contrição virem por intermédio da prece, uma vez que ela é, para um noviço, uma energia do Espírito Santo, espiritual e sempre em movimento, De início, ela é como que um fogo de alegria que sobe do coração. No final, ela é como uma luz ativa que espalha perfumes.

4. Estes são os sinais do começo, para aqueles que procuram realmente, mas que não tentam, como diz a palavra de sabedoria que afirma que ela é encontrada pelos que não tentam e se manifesta aos que não lhe são infiéis[819]. Em alguns ela se manifesta como a luz da aurora. Em outros, é uma exultação trêmula. Em outros, uma felicidade. Em outros, uma alegria mesclada de temor. Em outros, ela é tremor e alegria. Em alguns, às vezes, ela consiste em lágrimas e temor. A alma se regozija com a visita e a compaixão de Deus. Mas ela teme e treme em sua presença, pois é culpada de numerosos pecados. Outros, de início, ficam numa indizível contrição, numa pena inefável da alma, dolorosa como a da mulher que sofre no parto[820], conforme a Escritura. Pois a palavra viva e ativa – vale dizer: Jesus –, penetra nas juntas e na medula do corpo[821], como diz

[818] Marcos o Asceta – *Tratados espirituais e teológicos*, IV, *O batismo* 15.

[819] Cf. *Sabedoria* 1: 2.
[820] Cf. *Apocalipse* 12: 2.
[821] Cf. *Hebreus* 4: 12.

o Apóstolo, até a divisão entre a alma do corpo, para consumir pela força o que existe de passional em todas as suas partes. Em outros ainda, trata-se de um amor e de uma paz irresistíveis, que se revelam diante de nós. Em outros, é uma exultação que os Padres muitas vezes chamaram de sobressalto, uma potência do Espírito, um movimento do coração vivo. Podemos chamá-la também de pulsação e suspiro do Espírito intercedendo inefavelmente por nós junto a Deus[822]. Isaías a chama de "onda da justiça de Deus[823]". O grande Efrém a chama de "picada". O Senhor a chamou de "fonte de água que jorra na vida eterna[824]" (pois por "água" ele entendia "Espírito"), saltando no coração e transbordando de ardor e de poder.

5. É preciso saber que o sobressalto, ou a exultação, apresenta duas formas diferentes: a forma serena (a que chamamos pulsação, suspiro e intercessão do Espírito) e a grande alegria do coração (a que chamamos sobressalto e batimento, e que consiste num salto, um voo do coração vivo em direção ao céu e a Deus). Pois, ao receber do Espírito divino as asas do desejo amoroso e livre dos laços da paixão, a alma se esforça por voar para o alto antes mesmo de seu êxodo; ela tenta se livrar da pesandez. Aí acontece o fremir do espírito, que chamamos de ardor transbordante e movimento da alma, conforme diz o Evangelho: "Jesus tremeu em espírito e ficou comovido, e disse: Aonde vocês o colocaram?[825]".

O divino Davi explicou a diferença entre o grande e o pequeno sobressalto quando disse que as montanhas saltam como carneiros e as colinas como cordeiros[826]. Ele está falando dos perfeitos e dos noviços. Que as montanhas e as colinas sensíveis que ele evoca, e que não são vivas, possam saltar, isto é coisa que, para ele, ultrapassa a natureza.

6. É preciso saber que o temor a Deus não está ligado ao tremor (não me refiro ao tremor que vem da alegria, mas daquele que provém da cólera, ou seja, do castigo e do abandono). Com efeito, nasce da prece uma exultação trêmula no fogo do temor a Deus. Mas este temor não é aquele trêmulo temor da cólera e do castigo. Ele é o temor da sabedoria, do qual se diz ser o começo da sabedoria[827]. Existem três espécies de temor (embora os Padres só mencionem dois): o temor elementar e o temor perfeito, e ainda o temor da cólera, que devemos chamar propriamente de tremor: este é o que derruba e fere.

7. O tremor possui muitas formas diferentes. Um é o tremor da cólera, outro o da alegria, outro o do ardor (quando se diz que o sangue ferve em torno do coração), outro o da velhice, outro o do pecado, ou seja, do erro, outro ainda o da maldição que, por intermédio de Caim[828], foi imposta à raça dos homens. De início, o tremor que provém da alegria e o que provém do pecado combatem contra aquele que luta, mas isto não acontece com todos. Cada um dos dois é reconhecível. Um é a exultação trêmula, a graça que chama a alma para uma grande alegria e para as lágrimas. Outro é um calor inconstante, um torpor, uma dureza do coração, que queimam a alma, inflamam os membros que desejam se juntar e que, buscando na imaginação interior a união dos corpos e o amor, consentem e permitem o ultraje.

8. Nos noviços a energia é dupla. Ela age no coração de duas maneiras que não podem se misturar. Uma vem da graça, outra do

[822] Cf. *Romanos* 8: 26.
[823] *Isaías* 48: 18.
[824] *João* 4: 14.
[825] *João* 11: 34.
[826] Cf. *Salmo* 113 (114): 6.
[827] Cf. *Provérbios* 1: 7; *Salmo* 110 (111): 10.
[828] Cf. *Gênesis* 4: 10-12.

erro. Isto é atestado pelo grande Marcos o Asceta: ele diz que existe uma energia espiritual e uma energia satânica[829], ignorada pela criança. E ainda, que o calor da energia que queima nos homens é tripla: uma vem da graça, outra do erro ou do pecado, e a outra da superabundância de sangue, a que Talassius o Africano chamava de compleição[830], e que pode ser amansada e apaziguada pela temperança.

9. A energia da graça é o poder do fogo do Espírito, suscitada no fundo do coração na alegria e no regozijo, firmando, aquecendo e purificando a alma. Ela faz imediatamente cessar os pensamentos e por um tempo paralisa os movimentos do corpo. Estes são seus sinais, e os frutos que manifestam a verdade: as lágrimas, a contrição, a humildade, a temperança, o silêncio, a paciência, o retiro, e tudo o que se lhes assemelha, tudo aquilo que nos faz ter uma certeza indubitável.

10. A energia do erro é a inflamação do pecado que esquenta a alma pelo prazer, suscitando no movimento do corpo o desejo furioso da cópula. Ela não possui nem consistência nem ordem, segundo são Diádoco. Ela é feita de uma alegria sem razão, de presunção, de confusão, de felicidade sem gosto e a que falta alimento. Num regozijo tépido, ela é feita sobretudo para satisfazer ao desejo. Imaginando uma matéria que inflama, ela opera com os prazeres e o ventre insaciável. Ela penetra e queima, com efeito, a compleição da carne, a fim de que o homem, dedicado ao usufruto do prazer por seu estado, expulse pouco a pouco de si a graça.

[829] Marcos o Asceta - *Dos que pensam ser justificados pelas obras*, 28.
[830] Thalassius o Africano – *Sobre o amor, a temperança e a conduta do intelecto* III, 35.

DA HESÍQUIA E DOS DOIS MODOS DA PRECE

1. Existem dois modos de união, ou antes, duas entradas que levam à prece do intelecto, que age no coração por meio do Espírito. Através destes dois modos, ou bem o intelecto que adere ao Senhor[831] em conformidade com a Escritura recebe em primeiro lugar a prece no coração, ou bem a energia, despertando paulatinamente no fogo da alegria, faz com que a prece atraia o intelecto e o incite a invocar o Senhor Jesus e unir-se a ele.

Pois se o Espírito age em cada um como quer[832], como diz o Apóstolo, pode acontecer que, em alguns, uma das formas de que falamos preceda a outra. Pode ser que a energia chegue ao coração ao diminuírem as paixões e manifeste o calor divino, pela invocação contínua de Jesus Cristo, pois, como diz a Escritura, nosso Deus é um fogo que consome[833] as paixões. Pode ser que o Espírito atraia o intelecto para si, encerrando-o nas profundezas do coração e impedindo seu movimento habitual. O intelecto então já não é um cativo levado aos Assírios fora de Jerusalém, mas é levado de Babilônia para Sião numa mudança bem melhor, e assim ele pode dizer com o Profeta: "É a você, Deus, que são endereçados os hinos em Sião, e a você é dirigida a prece em Jerusalém[834]". E também: "Quando o Senhor trouxer de Sião os que eram cativos[835]". E: "Jacó exultará e Israel se regozijará[836]", ou seja, o intelecto ativo e contemplativo que, pela ação e com a ajuda de Deus vence as paixões e, pela contemplação, vê o próprio Deus, na medida em que

[831] Cf. I *Coríntios* 6: 17.
[832] Cf. I *Coríntios* 12: 11.
[833] Cf. *Deuteronômio* 4: 24.
[834] *Salmo* 64 (65): 2.
[835] *Salmo* 125 (126): 1
[836] *Salmo* 52 (53): 7.

isto é possível. É então que o intelecto, convidado para uma mesa abundante e cheia das delícias divinas, canta: "Você preparou para mim uma mesa, na cara dos demônios e das paixões que me atormentavam[837]".

Como orar

2. Pela manhã, diz Salomão, semeie sua semente, ou seja, a prece, e que à tarde sua mão não descanse[838], a fim de não interromper no tempo a continuidade da prece e de não faltar no momento em que ela se esgotar. Pois, diz ele, você não sabe qual se realizará, se um ou outro[839].

Logo pela manhã, sentado num banquinho, faça o intelecto sair da razão, encerre-o no coração e guarde-o lá. Dolorosamente encurvado, com uma viva dor no peito, nas espáduas e na nuca, diga perseverantemente em seu intelecto ou em sua alma: "Senhor Jesus Cristo, tenha piedade de mim". A seguir, por causa do suplício e da pena, e talvez também pela pesada continuidade (não devido ao único e contínuo alimento do triplo nome, pois "aqueles que no comem, foi dito, terão ainda mais fome[840]"), transporte o intelecto para a outra metade, e diga: "Filho de Deus, tenha piedade de mim". Repita esta metade de muitas formas. Mas não mude frequentemente, por negligência. As plantas que são constantemente podadas não se enraízam. Retenha a subida do sopro, a fim de não respirar facilmente. Pois o movimento dos sopros provenientes do coração obscurece o intelecto e agitam o pensamento; ele o faz desviar-se ou o deixa cativo do esquecimento, ou fá-lo ocupar-se de uma coisa atrás da outra, e o intelecto termina por se encontrar insensivelmente aonde não deveria estar.

Se você perceber a aproximação das impurezas dos maus espíritos ou dos pensamentos, ou se eles tomarem forma em seu intelecto, não se perturbe. E se lhe ocorrerem bons pensamentos sobre as coisas, tampouco deixe sua atenção ligar para eles. Na medida do possível, retenha a respiração, encerre seu intelecto no coração e invoque continuamente, com perseverança, o Senhor Jesus. Você queimará e afastará rapidamente todas essas distrações, flagelando-as invisivelmente com o nome divino. Com efeito, disse João Clímaco: "Flagele com o nome de Jesus aqueles que o combatem. Não existe arma mais forte no céu ou sobre a terra[841]".

Da respiração

3. Isaias o Anacoreta é testemunha da necessidade de reter a respiração, assim como muitos outros. Um disse: "Domine o intelecto desenfreado, ou seja, puxado e dissipado pela potência contrária que a negligência permite retornar à alma despreocupada, após o batismo, com outros espíritos ainda piores, como disse o Senhor. E sua última condição se torna ainda pior do que a primeira[842]". Outro afirma que o monge deve ter a lembrança de Deus como respiração. Outro, que o amor a Deus antecede a expiração. E o Novo Teólogo disse: "Segure a respiração que vem do nariz, a fim de não respirar facilmente". E João Clímaco: "Que a lembrança de Jesus se uma à sua respiração, e você então conhecerá o benefício da hesíquia[843]". E o Apóstolo: "Já não sou eu quem vive,

---

[837] Salmo 22 (23): 5.
[838] Cf. *Eclesiastes* 11: 6.
[839] *Idem.*
[840] *Eclesiástico* 24: 20.
[841] João Clímaco, *A escada santa* XX, 7.
[842] Cf. *Mateus* 12: 45.
[843] João Clímaco, *A escada santa* XXVIII, 62.

mas é Cristo que vive em mim[844]", operando e inspirando a vida divina.

"O Espírito sopra aonde bem quer[845]", diz o Senhor, tomando como exemplo o sopro do vento sensível. Quando nos tornamos puros, é porque recebemos a garantia do Espírito[846] e a palavra implantou-se[847] em nós como uma semente, segundo Tiago, o irmão de Deus. Aquele que transborda de bondade é então plantado em nós e nos conforma consigo permitindo-nos receber aquilo que não se partilha. Sem confusão, sem diminuição, ele nos faz cumprir a obra divina. Mas nós negligenciamos os mandamentos que mantêm a graça e, por nossa indolência, caímos novamente ante as paixões. E no lugar da respiração do Espírito Santo, nós nos enchemos dos sopros dos maus espíritos. É certamente daí que provêm os bocejos e o espreguiçamento, como dizem os Padres. Aquele que adquiriu o Espírito e dele recebeu a purificação é, com efeito, aquecido por ele e respira a vida divina, proclama-a, concebe e desenvolve, conforme a palavra do Senhor: "Não serão vocês a falar, mas o Espírito de meu Pai que falará por vocês[848]". Mas aquele que carrega em si o contrário e que é dominado por ele, age e fala o oposto.

Como salmodiar

4. "Quem é preguiçoso, diz João Clímaco, deverá se levantar para orar. Depois sentar-se-á novamente e retomará corajosamente seu primeiro trabalho[849]". Ele fala do que o intelecto deve fazer depois que atingiu a guarda do coração. Mas é claro que ele também está falando da salmódia. Diz-se que o grande Barsanulfo foi um dia interrogado sobre a salmódia e o modo de salmodiar, e o ancião respondeu: "As Horas e as odes são tradições da Igreja, e é bom que elas nos tenham sido transmitidas para a vida comum. Mas os monges de Sceta não cantam as Horas nem possuem odes. Eles têm um trabalho manual, uma meditação solitária e uma prece intermitente. Quando você se levantar para orar, diga o *Trisagion*[850] e o Pai Nosso. Peça a Deus que o liberte do homem velho. E não se demore: pois seu intelecto está em oração o dia todo[851]". O ancião queria demonstrar que a meditação solitária é a prece do coração, e que a oração intermitente é o momento da salmódia. Também o grande João Clímaco diz claramente: "A obra da hesíquia é a ausência de preocupações em tudo, depois a prece ativa e, em terceiro lugar, a obra indefectível do coração[852]". Este é o lugar da prece, portanto o lugar da hesíquia.

Das diferentes salmódias

5. Alguns ensinam que se deve salmodiar muito; outros, que se deve salmodiar pouco; outros, que não se deve salmodiar, mas apenas orar e fatigar-se, trabalhar com suas mãos, ou arrepender-se, ou dedicar-se a algum outro trabalho difícil. Qual é a diferença?

A resposta é: aqueles que, depois de muitos anos e muitas penas, encontraram a graça na vida ativa, ensinam aos demais conforme aprenderam, e não podem admitir que outros possam aí chegar em pouco tempo pelo estudo, a misericórdia de Deus e uma prece

---

[844] *Gálatas* 2: 20.
[845] *João* 3: 8.
[846] Cf. II *Coríntios* 1: 22.
[847] Cf. *Tiago* 1: 21.
[848] *Mateus* 10: 20.
[849] João Clímaco, *A escada santa* XXVII, 24.
[850] "Santo Deus, Santo poderoso, Santo imortal, tem piedade de mim".
[851] Barsanulfo e João de Gaza, *Correspondência*, carta 143.
[852] João Clímaco, *A escada santa* XXVII, 47.

ardente, como diz o santo Isaac. Enganados pela ignorância e a presunção, eles os condenam, e afirmam que agir de outra forma é uma ilusão e não uma energia da graça. Eles não sabem que aos olhos do Senhor, segundo a Escritura, é fácil proporcionar rapidamente a riqueza ao pobre[853], e que "o começo da sabedoria é adquirir a sabedoria[854]", a graça, como diz o Provérbio. Também o Apóstolo repreende seus discípulos que ignoram a graça, quando diz: "Não sabem vocês que Jesus Cristo mora em vocês? A não ser que sejam reprovados[855]", ou seja, incapazes de progredir devido à sua negligência. Em sua incredulidade e sua autossuficiência, eles não admitiam as obras extraordinárias próprias da oração, que o Espírito cumpre em alguns singularmente.

6. ***Objeção***. Diga-me: jejuar, abster-se, velar, permanecer em pé, fazer as metanias[856], chorar, ser pobre, estas coisas não são ações? Como pode você dizer, colocando apenas a salmódia, que sem a vida ativa é impossível manter a prece? Estas coisas não são ações?

Resposta. Se a boca ora e o intelecto se agita, qual é a vantagem? "Um edifica e o outro destrói; cansamo-nos à toa[857]". Mas o intelecto deve trabalhar como o corpo. Caso contrário, seremos justos de corpo, mas com o coração cheio de toda acídia e impurezas. O Apóstolo confirma-o: "Se eu rezo com a língua, ou seja, com a boca, meu espírito está em oração, mas é apenas minha voz, e meu intelecto permanece estéril. Eu rezo apenas com a boca. Mas é preciso rezar também com a inteligência[858]". E: "Eu prefiro dizer cinco palavras, etc.[859]". João Clímaco o testemunha, ao dizer: "Prefiro dizer cinco palavras com minha inteligência, etc.".

Existem muitas obras, mas elas são parciais. A grande obra que a tudo engloba, a fonte das virtudes segundo João Clímaco, é a prece do coração, por meio da qual se descobre todos os bens[860]. "Não há nada mais terrível, diz são Máximo, do que o pensamento da morte, e nada maior do que a lembrança de Deus[861]". Aqui ele mostra a transcendência da obra. Porém muitos, cegos por sua extrema insensibilidade e por sua ignorância, têm pouca fé e se recusam a entender que existe uma graça no tempo atual.

7. Penso que os que salmodiam pouco fazem bem. Eles observam a proporção mais justa – segundo os sábios, toda medida é excelente – e não esgotam toda a potência da oração na vida ativa. Assim, o intelecto, não se mostrando negligente à oração, não relaxa diante dela. Mas, se eles salmodiam apenas em parte, eles se desdobram o mais possível na oração. Há, entretanto, momentos em que, sufocado por seu apelo contínuo e pela constante repetição, o intelecto pode dar-se um repouso, deixando a estreiteza apertada da hesíquia pelas extensões da salmódia. Este é o melhor conselho e o ensinamento dos homens mais sábios.

8. Aqueles que nunca salmodiam fazem bem, se estiverem suficientemente avançados. Eles não precisam de salmos, mas de silêncio, de prece contínua e de contemplação, se lhes foi dado receber a luz. Eles estão unidos a Deus e não têm necessidade de separar dele seu intelecto para lança-lo na confusão. A vontade própria faz tombar o obediente, diz João Clímaco[862]. E a interrupção

[853] Cf. *Eclesiástico* 11: 21.
[854] *Provérbios* 4: 7.
[855] II *Coríntios* 13: 5.
[856] Ato de contrição e arrependimento (gr. *Metanoia*)
[857] *Eclesiástico* 34: 23.
[858] I *Coríntios* 14: 15.
[859] I *Coríntios* 14: 19.
[860] João Clímaco, *A escada santa* XXVIII, 22.
[861] João Clímaco, *A escada santa* XXVIII, 1.
[862] João Clímaco, *A escada santa* XXVII, 63.

da prece faz cair o hesiquiasta. Quando ele se separa da lembrança de Deus como de seu esposo, seu intelecto se torna adúltero: ele se toma de amor pelas menores coisas.

Nem sempre é possível ensinar aos demais este tipo de prece. Aos simples e aos iletrados que vivem na obediência, sim: pois a obediência, pela humildade, participa de todas as virtudes. Mas aos que não obedecem, sejam eles simples ou sábios, não se pode ensinar, para que não sejam levados a se perder. Quem não segue senão a si mesmo, com efeito, não pode escapar à presunção, que acompanha naturalmente o erro, diz o santo Isaac[863].

Alguns, que não veem o perigo das consequências, não ensinam senão este tipo de oração aos que encontram, para que seu intelecto, dizem eles, adquira a prática e o amor à lembrança de Deus. Mas isto é inadmissível, sobretudo com os monges independentes. Pois seu intelecto ainda se encontra impuro, por causa da negligência e da autossuficiência. Ele não foi purificado pelas lágrimas, e reflete mais as más imagens dos pensamentos do que a oração, quando os espíritos impuros que estão no seu coração, perturbados pelo som terrível, grunhem e tentam destruir aquilo que os flagela. Se o monge independente escuta, se recebe o ensinamento relativo a esta obra e tenta mantê-lo, ele cairá em um destes dois males: ou se desvirtuará, e, iludindo-se, não será curado, ou será negligente, e não fará nenhum progresso durante toda a sua vida.

9. Direi eu, na medida em que conheço um pouco o assunto por experiência própria: quando você permanecer na hesíquia, dia e noite, orando a Deus constantemente, sem pensamentos, humildemente, e seu intelecto esteja esgotado de chamar, seu corpo esteja dolorido e o coração não sinta mais nem calor nem alegria, demasiado concentrado pela invocação de Jesus, que dá a resolução e a paciência àquele que combate, então levante-se, salmodie, sozinho ou com seu discípulo, ou ocupe-se em meditar sobre uma palavra, pense na lembrança da morte, trabalhe com suas mãos ou com os outros membros. Ou aplique-se à leitura, de preferência em pé, para que o corpo mantenha a pena.

Quando você estiver em pé, salmodiando só, diga o *Trisagion*, depois a oração do Senhor, com sua alma ou em espírito, e com o intelecto atento ao coração. Se a acídia o pressionar, diga ainda dois ou três salmos e dois tropários[864] penitenciais, sem cantar. Estes tropários não são cantados, diz João Clímaco[865]. A pena do coração, devotado à piedade, basta para levar-lhe a alegria, como diz são Marcos[866], e o calor do Espírito lhe é dado, com a graça e o regozijo. Durante o salmo, diga também a oração em espírito ou com sua alma, sem distração, e o Aleluia. Esta é as ordem dos santos Padres,

---

[863] Isaac o Sírio, *Obras espirituais*, og. 211.

[864] Tropário: Esta palavra de origem grega designa uma maneira de canto com semelhanças a hino, a Salmo Responsorial e a ladainha, e que se emprega, sobretudo, nos ritos orientais, acompanhando as procissões. Muitos deles são marianos. O tropário é como que uma antífona mais prolongada. Costuma ser formado por uma estrofe cantada pelo coro, um estribilho respondido pela comunidade, um versículo cantado por um solista, de novo o estribilho da comunidade (isto pode repetir-se várias vezes), e, no final, de novo a estrofe, às vezes cantada também em parte pela comunidade. Esta estrofe é mais longa que uma antífona, mais de tipo hímnico e lírico, enquanto que os versículos estão pensados à maneira de «tropos», cantados por um solista, com resposta mais breve da comunidade. É um género de canto, portanto, que conjuga bem os três protagonistas: a assembleia, o coro e o solista. Às vezes, os tropários têm formas parecidas aos responsórios do ofício de Leitura ou aos responsórios breves das outras Horas. Servem, sobretudo, como cânticos de entrada na celebração, como também depois das leituras e da homilia, à maneira de resumo e assimilação do escutado. São como comentários e desenvolvimentos poéticos das ideias da festa.

[865] João Clímaco, *A escada santa* VII, 57.

[866] Marcos o Asceta - *Dos que pensam ser justificados pelas obras*, 131.

de Barsanulfo, de Diádoco e de muitos outros. Como diz o divino Basílio[867], é preciso variar o salmo a cada dia, para estimular a resolução, e para que o intelecto não fique cansado de cantar todos os dias os mesmos salmos. Ao contrário, é preciso deixa-lo livre, e ele será fortalecido em sua resolução. Mas se você salmodia em companhia de um discípulo fiel, que seja ele a dizer os salmos. Você se guarde, secretamente atento e orando em seu coração. Com a ajuda da oração, despreze todos os pensamentos que sobem ao coração, venham eles dos sentidos ou do intelecto. Com efeito, a hesíquia consiste no despojamento momentâneo dos pensamentos que não vêm do Espírito, afim de que você não perca o melhor, prestando atenção ao que há de bom neles.

Da ilusão

10. Você que ama a Deus, fique especialmente atento ao conhecimento. Quando, trabalhando na obra, você enxergar uma luz ou um fogo fora de você, ou uma suposta figura de Cristo, ou de um anjo, ou de um santo, não a receba para não ser prejudicado. Vigie sempre para não permitir que seu intelecto imagine tais figuras. Tudo o que se forma assim a contratempo do exterior não faz senão perder-se a alma. O verdadeiro princípio da prece é o calor do coração que queima as paixões, leva o bom humor e a alegria à alma, confirma o coração num desejo seguro e numa indubitável plenitude.

Os Padres dizem que tudo de sensível ou de intelectual que chega à alma, e que o coração põe em dúvida ou não aceita, não vem de Deus, mas é enviado pelo adversário. Quando você perceber o intelecto atraído para fora ou para cima por qualquer potência invisível, não creia nela, não permita que ela se entranhe, mas tranque-a o mais depressa possível em sua obra. “As coisas de Deus, diz o santo Isaac, vêm por si sós, e você não sabe o momento”. O inimigo natural que reside nos rins transforma como quer pela imaginação as coisas do Espírito, substituindo umas pelas outras. Em lugar do calor, ele coloca a desordem de seu próprio fogo, até tornar a alma pesada com esta ilusão. Em lugar do regozijo, ele suscita uma alegria selvagem e o suor do prazer, de onde vêm a presunção e a cegueira. Ele se esconde dos noviços, e os faz tomar suas maquinações por uma graça operante. Mas o tempo, a experiência e a percepção o revelam aos que não ignoram sua malícia. “A garganta, diz a Escritura, distingue os alimentos[868]”; vale dizer, que o paladar espiritual descobre infalivelmente o que são todas essas coisas.

Da leitura

11. “Você é um operário, diz João Clímaco. Aquilo que você lê deve visar à ação. Esta obra torna supérflua qualquer outra leitura[869]”. Não cesse de ler os livros sobre a hesíquia e a prece, tais como a Escada, santo Isaac, os escritos de são Máximo, do Novo Teólogo, de seu discípulo Stéthatos, de Hesíquio, de Filioteu o Sinaíta, além de tudo o que for deste gênero Deixe os outros escritos até que chegue o momento; não que seja necessário rejeitá-los, mas eles não têm o mesmo objetivo. Eles dirigem o intelecto para aquilo que buscam, e o desviam da oração.

Que sua leitura seja solitária, dita numa voz sem ênfase, se eloquência estudada, sem elegância de linguagem ou de modulação, sem sair de você de modo passional e inconsciente, ausente de onde

[867] São Basílio, *Grande Regra* 37.

[868] *Eclesiástico* 36: 19.

[869] João Clímaco, *A escada santa* XXVII, 94.

você está, para agradar a alguns, mas também sem ser insaciável, porque toda medida é excelente. Leia sem rudeza, nem lentidão, nem negligência, mas modestamente, mansamente, pausadamente, de maneira compreensível e harmoniosa, com sua inteligência, sua alma e sua razão. O intelecto sentir-se-á reconfortado. Ele receberá em sai a força de orar intensamente. Mas nas condições contrárias a essas, ele não encontrará senão a obscuridade, o relaxamento e a confusão. A razão acaba por fazer mal à cabeça, e se esgota para a oração.

12. Esteja atento em examinar precisamente e a toda hora para onde o está levando sua resolução, se ela conduz conforme a Deus a este bem que é a hesíquia para benefício da alma, ou à salmódia, ou à leitura, ou à prece, ou à obra de virtudes semelhantes, a fim de não ser devastado sem o saber, por ser um operário apenas na forma, querendo, em seu modo de vida e seus pensamentos, agradar aos homens, e não a Deus[870].

Pois as armadilhas do maligno são numerosas. No mais profundo segredo, ignorado pela maioria, ele vê a tendência da resolução e não cessa de tentar devastar a obra sem que nos demos conta, a fim de que o realizado não se faça conforme a Deus. Mesmo que ele chegue a sustentar contra você um combate inflexível e sobrevenha o enfrentamento, você, estando certo de sua resolução diante de Deus, não se deixe devastar, mesmo que o impulso de sua vontade, forçada pelo maligno, o leve a perder-se em delírios contra sua vontade. É possível que, agravado pela moléstia, sejamos vencidos sem o querer. Mas somos logo perdoados e encorajados por Aquele que conhece as resoluções e os corações.

Esta paixão – a vanglória – não deixa o monge avançar na virtude, mas ele permanece com suas penas, e chega à velhice sem dar frutos. Ela sempre pode alcançar os três – noviço, médio e perfeito – e despojá-los da obra das virtudes.

13. Eu afirmo, por haver aprendido, que o monge jamais poderá progredir sem estas virtudes: o jejum, a temperança, a vigília, a paciência, a coragem, a hesíquia, a prece, o silêncio, o luto, a humildade. Pois elas engendram-se mutuamente e guardam umas às outras. O desejo consumido pelo jejum constante gera a temperança. A temperança gera a vigília. A vigília, a paciência. A paciência, a coragem. A coragem, a hesíquia. A hesíquia, a prece. A prece, o silêncio. O silêncio, o luto. O luto, a humildade. Reciprocamente, a humildade gera o luto. Retornando em sentido inverso, você descobrira como os filhos, por seu turno, geram as mães. Dentre as virtudes, nenhuma é maior do que esta geração recíproca. Pois todas desejam claramente suas contrárias.

14. É preciso situar aqui as penas e as fadigas da obra, e expor claramente como se deve conduzir cada obra, para que alguém que nos ouça não caminhe sem assumir suas penas e, não produzindo frutos, não nos acuse, a nós e a outros, de que as coisas não se passam como dissemos.

Com efeito, somente as penas do coração e a fadiga do corpo podem cumprir a obra da verdade. Elas revelam a energia do Espírito Santo que, pelo batismo, lhe foi dada, a você e a todo fiel que afundou nas paixões por negligenciar os mandamentos, este mesmo Espírito Santo que, por sua inefável misericórdia, aguarda nosso arrependimento, para que não ouçamos ao final, por causa de nossa esterilidade: "Tirem dele o talento, e deem ao que tem dez. Porque, a todo aquele que tem, será dado mais, e terá em abundância. Mas daquele que não tem, até o que tem lhe será tirado[871]", e para que

[870] Cf. *Gálatas* 1: 10.

[871] *Mateus* 25: 28-29.

não sejamos atirados ao castigo, para sofrermos eternamente na Geena. Nenhuma obra do espírito ou do corpo feita sem pena e sem fadiga jamais dará fruto a quem a faz, pois "o Reino dos céus sofre violência, diz o Senhor, e são os violentos que o tomam[872]". A violência de que se trata consiste em sentir as penas do corpo em todas as coisas.

Muitos, por terem trabalhado por longos anos e ainda trabalharem sem fadiga para não penar duramente sob a quente resolução do coração, por recusarem o amargor das penas, esvaziaram-se de toda pureza, e não comungaram com o Espírito Santo. Os que trabalham na preguiça e na negligência talvez acreditem ter muitas penas. Mas, por não sofrerem e por serem, no fundo, insensíveis, eles jamais colherão frutos. Testemunha disto é aquele que disse: "Ainda que as obras de nossa vida sejam grandes, se nosso coração não estiver dolorido, elas não passarão de bastardas e sem conteúdo". Toda vez que caminhamos sem penas, levados pela acídia às distrações vãs e acreditando nelas encontrar repouso – o que não acontece nunca – estamos sem dúvida em meio às trevas. Atados invisivelmente por correias indefectíveis, não podemos nos mover, tornamo-nos inertes em toda obra, transbordamos de vaidade – sobretudo os noviços. Pois, para os perfeitos, tudo o que faz com medida é bom. É o que atesta o grande Efrém, quando diz: "Pene uma pena terrível, para escapar às penas das penas inúteis". Senão, segundo o profeta, nossos rins não poderão ser libertados pelo sofrimento do jejum[873]. No doloroso aperto do coração, somos concebidos entre dores como o recém-nascido daquela que dá à luz, mas não geramos um espírito de salvação sobre a terra do coração[874]. Não estamos senão no tempo, no deserto inútil, no relaxamento e na hesíquia, pensam alguns, e se gloriam. Mas no momento do êxodo, todos seremos indubitavelmente conhecidos por nossos frutos.

15. Não cabe a ninguém aprender por si só a ciência das virtudes, mesmo que alguns tenham se servido da experiência a título de mestre. Com efeito, há presunção em pretender agir por si próprio, e não a partir do conselho dos que precederam. Ademais, cada um deve ser gerado, "parido". Se, de fato, o Filho não faz nada por si próprio, mas faz o que lhe foi ensinado pelo Pai[875], e se o Espírito não fala por si só[876], quem poderá ter alcançado tamanha altura que não tenha necessidade de outro para inicia-lo? Estará enganado aquele que pensa ter mais loucura do que virtude? É preciso obedecer àqueles que conhecem as penas da virtude ativa, segui-los no jejum e na fome, na temperança que afasta os prazeres, na vigília constante, na dura genuflexão, na dolorosa posição imóvel, na prece perseverante, na humildade autêntica, na contrição e no contínuo gemido do coração, no silêncio que traz a palavra e que é temperado de sal[877], na paciência em tudo. Não se deve viver sempre em repouso, nem se manter todo o tempo num só lugar antes da velhice e da doença. Pois, diz a Escritura, você se alimentará das penas das virtudes e o Reino dos céus pertence aos violentos[878].

Quem se dá a pena de cumprir a cada dia as obras de que falamos, com a ajuda de Deus, colherá os frutos no seu tempo.

---

[872] *Mateus* 11: 12.
[873] Cf. *Isaías* 21: 3.
[874] Cf. *Isaías* 26: 17-18.
[875] Cf. *João* 5: 19.
[876] Cf. *João* 16: 13.
[877] Cf. *Colossenses* 4: 6.
[878] Cf. *Mateus* 11: 2.

DE COMO O HESIQUIASTA DEVE SE MANTER SENTADO EM ORAÇÃO E NÃO TER PRESSA EM LEVANTAR-SE

Tanto, na maior parte do tempo – porque é penoso – você pode permanecer sentado sobre um banco, tanto, raramente, por um momento e para relaxar, você pode alongar-se sobre seu leito. Você deve permanecer sentado com paciência, por causa daquele que disse: "Persevere na oração[879]", e não ter pressa em se levantar por negligência, quando o apelo espiritual do intelecto e a longa imobilidade o fizerem sofrer. "Eis, diz o profeta, que fui tomado de dores, como quem está para parir[880]". Curvado para frente, reunindo o intelecto no coração, se ele se abrir, peça ajuda ao Senhor Jesus. Você terá dores nas espáduas, e muitas vezes a cabeça ficará dolorida. Mas persevere na pena e no amor, procurando o Senhor dentro do coração. Pois o Reino dos céus é dos violentos e são os violentos que dele irão se apoderar[881]. O Senhor mostrou em verdade como devemos assumir tais penas. A paciência e a perseverança em tudo parem as penas do corpo e da alma.

Como dizer a oração

Dentre os Padres, uns ordenam dizer toda a oração – "Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim" – enquanto outros recomendam dizer a metade – "Jesus, Filho de Deus, tenha piedade de mim" – o que é mais fácil devido à fraqueza do intelecto. Pois ninguém só e por si só, pode dizer no mistério "Senhor Jesus", pura e perfeitamente, se não for por meio do Espírito Santo[882]. Como a criança que ainda balbucia, ele é incapaz de articular plenamente. Não se deve alternar frequentemente as invocações, por negligência, mas fazê-lo raramente, pela perseverança.

Da mesma forma, alguns ensinam a dizer a prece com a boca, outros com o intelecto. Penso que se deve fazer com ambos. De fato, tanto o intelecto como a boca podem ser presas da acídia e não conseguir falar. Devemos assim orar com os dois, a boca e o intelecto. Mas devemos chamar igualmente com calma e sem perturbação, para que a voz não ferva e entrave a percepção e a atenção do intelecto, até que este, pronto para o trabalho, tenha progredido e recebido do Espírito o poder de orar total e intensamente. Então não haverá mais necessidade de falar com a boca, mesmo porque será impossível. Basta o intelecto para realizar a obra inteiramente.

Como manter o intelecto desperto

Saiba que ninguém consegue por si só dominar o intelecto, se antes não tiver sido dominado pelo Espírito. Não que, em seu movimento natural, ele seja desenfreado por natureza, mas sim, arrastado ao turbilhão pela negligência, ele aí se estabeleceu desde a origem. Pois, pela transgressão dos mandamentos de Deus que nos regeneraram, nós nos separamos de Deus, perdemos a percepção de Deus pelo sentido intelectual, e perdemos a união com Deus. Em seguida, o intelecto, perdido, separado de Deus, foi levado por toda parte como um cativo. Já não lhe é mais possível permanecer em repouso a não ser submetendo-se a Deus, permanecendo junto a ele e unindo-se a ele na alegria, orando a ele continuamente e com perseverança, e confiando em espírito a ele nossas quedas de todo dia, pois ele a tudo perdoa imediatamente àqueles que, com humildade e contrição, oram e invocam sempre seu santo nome. "Confessem o Senhor, foi dito, e invoquem seu santo nome[883]".

---

[879] *Colossenses* 4: 2.
[880] *Isaías* 21: 3.
[881] Cf. *Mateus* 11: 12.
[882] Cf. I *Coríntios* 12: 3.
[883] Salmo 104 (105): 1.

A retenção do sopro, a boca fechada, estas coisas detêm o intelecto em parte, e este logo volta a se dispersar. Quando chega a energia da prece, é ela que o mantém junto a si, o alegra e livra-o do cativeiro. Mas quando o intelecto está em oração, imóvel no coração, pode também acontecer que o pensamento de perca, ocupado com outras coisas. Este não está submetido a ninguém, senão aos perfeitos do Espírito Santo, que atingiram a imobilidade em Jesus Cristo.

Como expulsar os pensamentos

Jamais um noviço expulsará um pensamento que Deus já não tenha expulsado. Cabe aos fortes combater e expulsar os pensamentos. E mesmo eles não os expulsam por si sós. É com Deus, e revestidos de sua armadura, que eles conduzem o combate contra os pensamentos. Quando estes chegarem, apele para o Senhor, muitas vezes e com perseverança, e eles fugirão. Pois eles são suportam o calor que vem da prece para o coração, e fogem como se queimados pelo fogo. "Fustigue os que o combatem, diz João Clímaco, com o nome de Jesus[884]". Pois nosso Deus é um fogo que consome[885] a perversidade. O Senhor apressa-se a auxiliar, e logo faz justiça aos que, com toda alma, o chamam dia e noite[886].

Mas os que não possuem a energia da prece podem derrubar os pensamentos de outra maneira, imitando Moisés[887]. Se permanecer em pé, com as mãos e os olhos voltados para o céu, Deus fará fugir os pensamentos. Depois poderá se sentar e se dedicar à oração com perseverança. Isto é o que deve fazer aquele que ainda não adquiriu a força da oração. E mesmo aquele que tem esta energia, todas as vezes que enfrentar as paixões do corpo, a acídia e a prostituição, as mais duras e mais pesadas dentre as paixões, deve também estender as mãos para chamar o socorro contra elas. Mas para não cair na ilusão, ele não deve fazer isto por muito tempo e deve sentar-se novamente para que o inimigo não venha pela imaginação enganá-lo do alto, mostrando-lhe uma pretensa forma da verdade. Pois possuir um intelecto infalível em cima e embaixo, no coração e em todos os lugares, e mantê-lo a salvo, é coisa que só podem os puros e os perfeitos.

Como salmodiar

Uns dizem que se deve salmodiar de tempos em tempos, outros, com muita frequência, outros nunca. Não salmodie muito, para não ficar confuso. Nem nunca, por causa do relaxamento e da negligência que advirão. Imite aqueles que salmodiam de tempos em tempos: toda medida é excelente, segundo os sábios que são os loucos de Deus.

A salmódia frequente é própria dos ativos, por causa de sua ignorância e porque ela traz a pena. Mas ela não convém aos hesiquiasta, aos quais basta orar a Deus apenas no coração e se afastar dos pensamentos. A hesíquia, segundo João Clímaco, consiste de fato na rejeição de todo e qualquer pensamento que venham dos sentidos e do intelecto[888]. Se esgotar toda sua força na salmódia frequente, o intelecto ficará fraco para orar com intensidade e perseverança.

"Durante a noite, diz João Clímaco, dedique muito tempo à prece e pouco à salmódia[889]". É o que você deve fazer. Quando, estando sentado, você perceber a oração agir e não cessar de se mover no

[884] João Clímaco, *A escada santa* XX, 7.
[885] Cf. *Deuteronômio* 4: 24.
[886] Cf. *Lucas* 18: 7.
[887] Cf. *Êxodo* 17: 11s.
[888] João Clímaco, *A escada santa* XXVII, 52.
[889] João Clímaco, *A escada santa* XXVII, 92.

coração, não a deixe para se levantar e salmodiar, a menos que ela o deixe por si só. Abandonando a Deus dentro de si, você se levantará para falar ao exterior, desviar-se-á do que é elevado para dirigir-se ao que está abaixo e criará uma confusão. Você perturbará o intelecto, tirando-o de sua calma. Pois é assim que o hesiquiasta guarda também a ação, mantendo-a na paz e na serenidade, como o indica seu próprio nome. Deus é paz[890], para além da confusão e do barulho. Nosso louvor, assim como nossa maneira de viver, deve ser angélica e não carnal. Salmodiar em plena voz não passa de um símbolo do apelo do intelecto. A salmódia nos foi dada devido à nossa negligência e nossa rusticidade, para nos orientar àquilo que é verdadeiro. Aqueles que não conhecem a prece que é, segundo João Clímaco, a fonte das virtudes que rega as plantas[891] – as potências da alma – devem salmodiar muito, sem medida, sempre com grande diversidade, jamais cessando, até que esta longa e penosa ação os conduza à contemplação e eles possam descobrir a prece intelectual ativa em seu interior. Pois uma coisa é o ato do hesiquiasta, outra a vida comum. Cada um, se perseverar sobre o caminho para o qual foi chamado[892], será salvo. Assim, quando eu o vejo regressar para o meio deles, receio não estar escrevendo senão para os fracos.

Todos os que tentam viver a prece a partir daquilo que ouviram ou aprenderam não fazem mais do que se perder, se não tiverem quem os guie. Quem já provou da graça deve, segundo os Padres, salmodiar com medida e se dedicar sobretudo à prece. Mas nos momentos de despreocupação, ele deve salmodiar ou ler os livros dos Padres. O navio não precisa de remos quando o vento infla as velas e lhe traz uma brisa favorável para vagar pela superfície do mar salgado das paixões. Mas quando ele se detém, ele é empurrado pelos remos ou puxado por outro barco. Se alguns, que gostam de discussões, afirmam que os santos Padres, ou outros hoje em dia, permanecem em pé toda a noite e salmodiam continuamente, nós lhes responderemos com a Escritura que nada é perfeito em todos, que o ardor e a força podem faltar, e que o que é pequeno não necessariamente é pequeno para os grandes, nem o que é grande é necessariamente perfeito para os pequenos[893].

Qualquer ação é fácil para os perfeitos. É por isso que nem todos o são, e que nem todos foram ativos. Nem todos seguiram a mesma via, nem a guardaram até o fim. Muitos passaram da vida ativa à contemplação e repousaram de tudo o mais, e penetraram no sábado conforme a lei espiritual[894]. Eles se alegraram apenas em Deus, saciados com as delícias divinas e, pela graça, ficaram incapazes de salmodiar ou de meditar qualquer outra coisa. Eles foram arrebatados por um tempo para fora de si mesmos, e atingiram parcialmente, como em garantia, o cimo daquilo a que aspiravam. Outros, na vida ativa até o fim, dormiram e foram salvos, e receberam sua recompensa no século futuro. Outros, que se embalsamaram após a morte como sinal de sua salvação, foram na morte cumulados de certeza, tendo tido durante sua vida toda esta graça do batismo, com a qual, por causa do aprisionamento ou da ignorância de seu intelecto, não puderam comungar. Outros se comprouveram em ambas as coisas, na prece e na salmódia, e assim obtiveram sucesso, transbordando de graça sempre ativa, sem jamais encontrar obstáculos. Outros conservaram até o fim a hesíquia, homens simples a quem bastou a simples oração, o que é muito bom, e viveram unidas a Deus, sós diante de Deus apenas. Os perfeitos, como dissemos, tudo podem em Cristo que lhes dá a força[895]. A ele a

[890] Cf. *Efésios* 2: 14.
[891] João Clímaco, *A escada santa* XXVIII, 1.
[892] Cf. I *Coríntios* 7: 24
[893] João Clímaco, *A escada santa* XXVI, 75.
[894] Cf. *Êxodo* 20: 10-11.
[895] Cf. *Filipenses* 4: 13.

glória por todos os séculos dos éculos. Amém.

Que dizer do ventre, que reina entre as paixões? Se você conseguir detê-lo de deixá-lo meio morto, não relaxe. Ele me dominou, bem-amado, e eu o servi como um escravo, como alguém que capitulou. Ele trabalha com os demônios, é a moradia das paixões. Por ele chegou-nos a queda, e por meio dele, se temperante, vemos a ressurreição. Por sua causa decaímos tanto da primeira como da segunda dignidade divina. Uma vez corrompida a dignidade original, havíamos sido renovados em Cristo, mas negligenciamos os mandamentos que conservam e aumentam a graça assegurando nosso progresso, e caímos agora para longe de Deus, mesmo se, em nossa ignorância, nos coloquemos acreditando estar com Deus.

Os corpos se nutrem de maneiras bem diversas, como dizem os Padres. Um precisa de pouco, outro de muito, para sustentar sua força natural. Cada um, segundo sua força e seu estado, provê aquilo que lhe é necessário. Mas o hesiquiasta deve estar sempre desprovido, jamais saciado. Quando o peso do estômago vem perturbar o intelecto, é impossível orar com intensidade e pureza. A ingestão de numerosos alimentos leva o homem ao sono: ele quer dormir o mais depressa possível, e, no sono, inúmeras imaginações assaltam o intelecto. Quem quer encontrar a salvação e se esforça por viver na hesíquia para o Senhor, deve, em minha opinião, satisfazer-se a cada dia com uma fatia de pão e três ou quatro copos de água e de vinho, e, dentre os alimentos que se apresentarem, tomar um pouco de cada um a seu tempo, evitando a saciedade a fim de, ao mesmo tempo em que se alimenta sabiamente, escapar ao torpor que nos invade quando comemos de tudo; e ainda não deve desprezar as criaturas de Deus, que são excelentes[896], dando sempre graças por tudo. Este é o discernimento dos sábios. Quanto aos que são fracos na fé e na alma, é melhor para eles absterem-se de alimentos. Eles não creem que Deus os guarda, e o Apóstolo lhes ordena que não comam senão legumes[897].

Que posso dizer-lhe? Você é velho. A regra que você busca é uma carga pesada. Os mais jovens não podem permanecer no lugar e na medida. Como você irá se manter? Pois quando você come, você deve permanecer livre nem tudo. Se você for vencido, arrependa-se e retorne ao trabalho. Nunca deixe de fazer assim, caindo e levantando, condenando a si mesmo e não aos outros, e assim você obterá o repouso[898] e vencerá sabiamente por meio das quedas. Como diz a Escritura. Basta que você não ultrapasse o limite que colocamos. Porque nada fortifica tanto o corpo como o pão e a água. Já dizia o Profeta, menosprezando os demais alimentos: "Filho do homem, coma seu pão e beba sua água com moderação[899]".

O alimento tem três limites: a temperança, o contentamento e a saciedade. A temperança consiste em ter fome após tomar a refeição; o contentamento, em não ter fome mas não se sentir pesado; a saciedade, em sentir-se pesado. Mas comer após estar saciado é a porta da gulodice, pela qual entra a prostituição. Se você possuir este conhecimento preciso, escolha o melhor, na medida em que lhe for possível, e não ultrapasse os limites. É próprio dos perfeitos, para o Apóstolo, sentir fome e ser saciados[900], e ser fortes em tudo.

Do erro, e de outros aspectos

Compreenda, eu quero que você tenha um conhecimento preciso do erro, e que você saiba se proteger dele, para não ser ferido

[896] Cf. *Gênesis* 1: 31.

[897] Cf. *Romanos* 14: 2.
[898] Cf. *Eclesiástico* 21: 1.
[899] *Ezequiel* 4: 16.
[900] Cf. *Filipenses* 4: 12.

profundamente por ignorância e perder sua alma. A ignorância inclina facilmente o livre arbítrio do homem a se associar aos inimigos e sobretudo aos que os seguem. Os demônios se aproximam e cercam os noviços e os monges independentes, colocando-lhes armadilhas de pensamentos, fossos que os farão cair, e o chicote dos fantasmas. Sua cidadela está em poder dos bárbaros. E não devemos estranhar que alguns se tenham desorientado, que tenham perdido o espírito, que tenham admitido ou que admitam o erro, que vejam coisas estranhas à verdade, ou, por inexperiência ou ignorância, digam incongruências. É coisa comum que os simples, querendo falar da verdade e dizendo sem o saber uma coisa por outra, não conseguiram se expressar corretamente, perturbando muitas almas e, por sua desinteligência, lançaram sobre os hesiquiasta a vergonha e o ridículo. Nada há de espantoso, de fato, em que um noviço se engane, mesmo depois de numerosas penas. Isto aconteceu a muitos dos que buscaram e buscam a Deus, tanto antigamente como hoje em dia.

Quem pretende ir a Deus e confessá-lo com toda pureza, e que se esforça por tê-lo em si, de forma impudente e temerária, é facilmente destruído pelos demônios e abandonado a si mesmo. Procurando com presunção e audácia coisas que ultrapassam sua própria condição, ele se esforça por chegar antes do tempo e se vangloria. Mas muitas vezes, movido pela compaixão, vendo em nós esta audácia para com as coisas elevadas, o Senhor não permite que sejamos tentados por muito tempo, a fim de que cada um, conhecendo sua própria presunção, retorne a si, antes de se tornar o opróbio dos demônios e de provocar nos homens risos ou lamentações, sobretudo aquele que deve buscar esta obra maravilhosa com paciência e humildade, e mais ainda com submissão, interrogando aos que têm experiência, para não colher contra sua vontade espinhos ao invés do trigo, e a perdição em lugar da salvação. Cabe aos fortes e aos perfeitos combater sempre a sós os demônios, levantando continuamente contra eles o glaivo do Espírito, que é a palavra de Deus[901]. Mas os fracos e os noviços devem escapar da morte fazendo de sua fuga sua cidadela, com temor e piedade: eles devem evitar o combate e toda audácia prematura.

Quanto a você, se você estiver bem na hesíquia, esperando estar com Deus, quando você perceber uma imagem sensível ou intelectual, exterior ou interior, seja a própria figura de Cristo, ou a pretensa forma de um anjo ou de um santo, ou uma luz, desenhando-se e modelando-se em seu intelecto, não o aceite jamais. Pois o intelecto tem por si só, em sua natureza, a faculdade de imaginar. Ele pode facilmente dar forma àquilo que ele deseja, naqueles que ainda não estão completamente atentos. Ele prejudica a si mesmo. A lembrança daquilo que é bom e daquilo que é mau acaba por deixar totalmente sua marca na percepção do intelecto, levando-o à imaginação. Desta forma tornamo-nos imaginativos e não hesiquiastas. Por isso, vigie para não conceder sua fé e seu assentimento – mesmo se a coisa parecer boa – sem antes interrogar aqueles que têm experiência, e sem examinar longamente o assunto, a fim de não se prejudicar. Permaneça atento a esta coisa, e mantenha seu intelecto incolor e vazio de qualquer figura ou forma. Pois aquilo que Deus envia como prova para coroá-los, muitas vezes fez tombar os homens.

Nosso Senhor quer testar as tendências de nossa liberdade. Aquele que, na reflexão ou nos sentidos, viu alguma coisa, mesmo vinda de Deus, e a recebeu sem referi-la aos que têm experiência, engana-se facilmente ou se enganará, pois se compraz aceitando a coisa. O noviço deve se agarrar à energia do coração, que não engana, e não admitir nada mais, até apaziguar as paixões. Deus não reprova aquele que, para não se enganar, permanece estritamente atento a si

---

[901] Cf. *Efésios* 6: 17.

mesmo, mesmo que não receba o que vem dele sem antes interrogar e examinar longamente. Ele louva acima de tudo a sabedoria, mesmo que ele tenha às vezes censurado alguns.

Não devemos fazer perguntas a todos, mas apenas a um a quem, pelo brilho de sua vida, foi confiada a conduta dos demais, o homem pobre que enriquece os outros[902], conforme a Escritura. Pois muitos que não tinham experiência prejudicaram inúmeros que não possuíam inteligência, e receberão seu julgamento após a morte. Nem todos podem conduzir os outros, mas apenas aqueles a quem, segundo o Apóstolo, foi dado o discernimento divino, o discernimento dos espíritos[903], que separa o melhor do pior com a espada da palavra. Cada um pode ter um conhecimento próprio, um discernimento natural, prático ou matemático, mas nem todos possuem o discernimento do espírito. Dizia o sábio Eclesiastes: "Os que vivem em paz com você são muitos. Mas somente um em mil pode aconselhá-lo[904]". Não é pequena a batalha para encontrar um guia seguro nas obras, palavras e pensamentos.

Podemos distinguir aquele que é seguro e que não se engana porque seus atos e seu julgamento são atestados pela divina Escritura, e que ele está certo naquilo que precisa ter em espírito. É uma grande força, com efeito, alcançar a evidência da verdade e ser purificado de tudo o que é contrário à graça. O diabo costuma dar aos seus erros (principalmente entre os noviços) a aparência de verdades, transformando seus vícios em virtudes espirituais. Quem se esforça por adquirir a prece pura deve assim caminhar na hesíquia com um grande temor, em luto, sob a condução daqueles que têm experiência e interrogando-os sempre. Ele deve chorar seus pecados todo o tempo, aflito e temendo a danação e a separação de Deus agora ou no século futuro. Quando o diabo vê alguém que vive aflito ele não permanece, temendo a humildade que provém do luto. Mas se alguém imagina presunçosamente atingir as coisas elevadas, seu desejo não é verdadeiro, mas satânico. O diabo o apanha facilmente em sua rede e o transforma em seu servidor.

A arma suprema é a constância na oração e no luto, a fim de não tombar da alegria da prece na presunção, mas, tomando sobre si a pena que alegra o coração, permanecer a salvo. A prece infalível é o calor que acompanha a prece de Jesus que veio despejar fogo sobre a terra[905] de nossos corações. Ela queima as paixões como espinhos e dá à alma o regozijo e a alegria. Ela não vem nem da direita, nem da esquerda, nem do alto, mas jorra no coração como uma fonte de água que brota do Espírito que dá a vida. Não deseje encontrar ou possuir senão a ela em seu coração, guardando seu intelecto sempre livre de imagens, despojado de reflexões e de pensamentos, e não tema nada. Pois aquele que disse: "Coragem, sou eu, nada temam[906]", está conosco. É a ele que pedimos que nos proteja. E quando invocamos a Deus, não devemos nem temer, nem gemer. Se alguns se perderam e perderam o espírito, considere que eles chegaram aí por sua independência e seu orgulho. Pois quem busca a Deus na submissão e na humildade, interrogando, jamais fará mal a si próprio, pela graça de Cristo que quer salvar a todos os homens[907]. A tentação, quando chega, é sempre uma prova e uma coroa. Pois Deus, pelos meios que só ele conhece, oferece sua ajuda. Àquele que se conduz corretamente e leva uma vida sem mácula, evitando o desejo de agradar aos homens e o orgulho, ainda que toda a falange dos demônios suscite contra ele miríades de tentações, nenhum mal

[902] Cf. I *Coríntios* 6: 10.
[903] Cf. I *Coríntios* 12: 10.
[904] *Eclesiástico* 6: 6.
[905] Cf. *Lucas* 12: 49.
[906] *Mateus* 14: 27.
[907] Cf. I *Timóteo* 2: 4.

será feito, dizem os Padres. Mas os que caminham com presunção e por sua própria vontade prejudicam a si mesmos facilmente.

O hesiquiasta deve sempre conservar a via real. O excesso em tudo causa facilmente a autossuficiência, à qual segue-se depressa o erro.

Retenha a expiração do intelecto, fechando um pouco a boca durante a prece, mas não a expiração das narinas como fazem os ignorantes, a fim de não se prejudicar inflando o orgulho.

Existem três virtudes da hesíquia, que devem ser estritamente observadas, examinando sempre se vivemos sempre com elas ou se, enganados pelo esquecimento, não estamos caminhando à deriva. Estas são a temperança, o silêncio e a autocondenação, ou seja, a humildade. Elas contêm e protegem umas às outras, e delas a prece nasce e cresce continuamente.

O início da graça na oração não vem para todos da mesma maneira. E o dom natural do Espírito, diz o Apóstolo, se revela e é conhecido de muitos modos, segundo sua vontade[908]. Ele se manifesta em nós como a Elias o Tesbita[909]. Em alguns, um espírito de temor, fendendo as montanhas das paixões e rompendo os rochedos, os corações duros, vem paralisar a carne de pavor e a deixa como morta. Em outros, um tremor, ou uma exultação imaterial e essencial, pois o que não possui ser nem substância não existe (é o que os Padres denominam com mais clareza "balanço"), estremece o coração. Em outros, enfim, sobretudo nos que progrediram na oração, Deus provoca uma brisa leve e pacífica de luz, Cristo se estabelece no coração, segundo o Apóstolo[910], e se revela misticamente em espírito. É por isso que Deus disse a Elias sobre o monte Horeb que o Senhor não estava nem num lugar nem noutro, nas ações parciais dos noviços, mas que o Senhor estava na leve brisa[911] de luz, e lhe mostrou a perfeição da prece.

Que fazer quando o demônio se transforma em anjo de luz[912] *e engana o homem?*

O homem necessita de muito discernimento para reconhecer a diferença entre o bem e o mal. Não se apresse em se livrar sozinho daquilo que lhe aparece, mas permaneça grave. Não guarde o bem senão depois de testá-lo longamente. E rejeite a malícia[913]. Primeiro você deve testar e discernir, e só depois crer. Saiba que existem obras evidentes da graça que o demônio não pode fazer, mesmo que se transforme. Ele não pode dar a doçura, a mansidão, a bondade, a humildade, o desprezo pelo mundo, nem deter os prazeres e as paixões: estas são ações da graça. A energia do demônio não passa de torpor, orgulho, preguiça e todas as formas de malícia.

Do modo como agir em você, você saberá se a luz que brilha em sua alma é de Deus ou de Satanás. A alface parece com uma salada amarga; o vinagre aparentemente é como o vinho. Mas ao paladar, a boca conhece e discerne a diferença. O mesmo acontece com a alma: se ela tiver discernimento, ela conhecerá pelo sentido intelectual os carismas do Espírito Santo e os fantasmas de Satanás.

---

908 *Hebreus* 2: 4.
909 Cf. I *Reis* 19: 11-12.
910 Cf. *Efésios* 3: 17.
911 Cf. I *Reis* 19: 12.
912 Cf. II *Coríntios* 11: 14.
913 Cf. I *Tessalonicenses* 5: 21.